

UNIVERSIDADE DE SOROCABA

PRÓ-REITORIA ACADEMICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

Helbert Roger Almeida

**NARRATIVAS MUDIÁTICAS TELEVISIVAS EVANGÉLICAS:
O PROGRAMA *180 GRAUS O PONTO DA VIRADA* DA TV NOVO
TEMPO**

Sorocaba/SP

2018

Helbert Roger Almeida

**NARRATIVAS MUDIÁTICAS TELEVISIVAS EVANGÉLICAS:
O PROGRAMA *180 GRAUS O PONTO DA VIRADA* DA TV NOVO
TEMPO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Monica Martinez

Sorocaba/SP

2018

Ficha Catalográfica

Almeida, Helbert Roger

A447n Narrativas midiáticas televisivas evangélicas : o programa 180 Graus
O Ponto da Virada da TV Novo Tempo / Helbert Roger Almeida. -- 2018.
234 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Monica Martinez

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade
de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2018.

1. Comunicação de massa em religião. 2. Comunicação – Aspectos
religiosos. 3. Televisão na religião. 4. Religião. I. Martinez, Monica, orient. II.
Universidade de Sorocaba. III. Título.

Helbert Roger Almeida

**NARRATIVAS MUDIÁTICAS TELEVISIVAS EVANGÉLICAS:
O PROGRAMA 180 GRAUS O PONTO DA VIRADA DA TV NOVO
TEMPO**

Dissertação aprovada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre no Programa
de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura
da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Monica Martinez
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Jorge Miklos
Universidade Paulista

Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva
Universidade de Sorocaba

Dedico este trabalho a Deus, a quem sirvo, para quem vivo e cujo propósito busco cumprir plenamente em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, doador da vida e responsável por minha existência, o *Herói* da minha vida.

A minha querida esposa, Lucijane, companheira de jornada, amiga de todas as horas e que conhece todos os meus sonhos.

Aos meus filhos, Helbert Igor e Victor Hugo, a quem anseio deixar meu exemplo e legado, que me ensinam todos os dias a buscar o crescimento em todos os aspectos da minha vida.

Aos meus pais, Vicente Agostinho (em memória) e Maria da Piedade, que contribuíram para minha formação cultural, moral e religiosa, pavimentando o caminho, em muitos momentos tão tênue, deixando-o mais fácil de ser trilhado. Meus pais foram os meus mentores na jornada. Foram eles que me ensinaram os primeiros passos. São mestres da sabedoria, título raramente alcançado com sucesso hoje em dia.

A minha orientadora, Professora Dra. Monica Martinez, que acreditou neste projeto e sempre me incentivou a narrar aquilo que estava dentro de mim e que deveria revelar aos outros. Pelo seu respeito e sensibilidade nos momentos de orientação e qualificação, deixando-me à vontade para expor o que pensava. Sua humanidade me surpreendeu. Obrigado por me mostrar caminhos que facilitaram minha caminhada em todo o processo. Tenho a honra de tê-la como minha mentora no universo acadêmico. Seu trabalho não será em vão. Altamente competente, geradora de novas ideias na mente de seus discípulos, estimuladora de novas criações e incentivadora de novos ingressantes na jornada dos heróis.

A Professora Dra. Miriam Cristina Carlos Silva, pela arte de inspirar e por sua cortesia. Por permitir-me ter acesso aos seus conhecimentos. Sua prestatividade e acessibilidade são encantadoras.

Ao Professor Dr. Jorge Miklos, referência não só na academia, demonstrado por sua capacidade intelectual e conhecimento no campo da mídia e religião, mas por sua natureza religiosa que o permite ser um condutor do Sagrado, tanto em palavras como em atos. Sinto-me honrado por tê-lo como parte de minha história.

Ao Professor Dr. Paulo Celso da Silva, que apresentou as teorias, permitindo-me perceber espaços de comunicabilidade no campo das mídias.

Ao Professor Felipe Tavares Paes Lopes, por me orientar no planejamento de pesquisa.

Às secretárias, Daniela Rosa e Claudia Neris, pelo apoio e assistência quando precisei.

Finalmente, mas não menos importante, aos meus colegas do Mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade de Sorocaba. Pela companhia e amizade formadas em sala de aula, foram momentos de grande aprendizado, especialmente, por nossas diferenças. Levo comigo um pouco da experiência de cada um. Ter compartilhado com vocês minha experiência de vida e receber a reciprocidade de vocês foi um precioso tesouro, incalculável.

RESUMO

ALMEIDA, H. R. **Narrativas midiáticas televisivas evangélicas**: o programa 180 Graus O Ponto da Virada da TV Novo Tempo. 234f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Sorocaba: 2018.

Esta pesquisa inscreve-se no território da Comunicação, na interface entre mídia e religião. Interessa-nos como objeto de estudo, as narrativas produzidas no programa de entrevistas *180 Graus O Ponto da Virada*, da TV Novo Tempo. O objetivo geral consiste em verificar o que as narrativas dizem; o que elas reproduzem? São objetivos específicos descobrir se o programa recebe influência da midiatização da religião, se as narrativas reproduzem um substrato ideológico e doutrinário, se há correlação entre o sagrado/profano e mídia/religião, além de investigar se há uma relação entre a Jornada do Herói, de Campbell, e a conversão cristã, na busca pelo ponto central e o momento crucial nas histórias de vida do novo converso. Esta pesquisa se torna relevante porque cada vez mais percebemos as interferências midiáticas no cenário religioso. Não é mais possível estudar comunicação no Brasil sem considerar os processos comunicacionais da religião e como ela interage com a mídia. Metodologicamente, dois caminhos são trilhados: O primeiro, trilhou por teorias, pertinentes ao tema na busca de compreensão do cenário religioso atual e as implicações da midiatização da religião. Ancorados na esteira de teóricos que abordam a questão do sagrado-profano e do impacto da modernidade na religião, pudemos adentrar na outra faceta do trabalho de pesquisa exploratória: a compreensão da estrutura narrativa mítica da Jornada do Herói e o monomito campbelliano. O segundo caminho construído na pesquisa, foi a análise de conteúdo com foco em um estudo subjetivo e qualitativo. Procurou-se analisar seis programas levados ao ar entre os anos 2012 e 2017, no canal do programa no *YouTube*, além de entrevista realizada com Crieriane Lima apresentadora do referido programa.

Palavras-chave: Mídia e Religião. Midiatização da Religião. Jornada do Herói. TV Novo Tempo. Programa 180 Graus O Ponto da Virada.

ABSTRACT

ALMEIDA, H. R. **Evangelical television media narratives**: the program '180 Degrees The Turning' point of TV Novo Tempo. 234f. Dissertation (Master in Communication and Culture). Postgraduate Program in Communication and Culture of the University of Sorocaba. Sorocaba: 2018.

This research is inscribed in territory of communication, at the interface between media and religion. We are interested in study of the narratives produced in the program of interviews 180 Graus O Ponto da Virada, of the TV Novo Tempo. The overall goal is to check what the narratives say, what do they reproduce? The specific objectives are to find out if the program is influenced by the mediatization of religion, if the narratives reproduce an ideological and doctrinal substratum, if there is a correlation between the sacred and the profane, between media and religion, besides investigating if there is a relation between the Campbell's Hero's journey and and Christian conversion, in search of the central point and the turning point in the new convert's life stories. This research becomes relevant because we more and more perceive the media interference in the religious scenario. It is no longer possible to study communication in Brazil without considering the communicational processes of religion and how it interacts with the media. Methodologically, two paths are traced: The first one was guided by theories pertinent to the theme in the search for an understanding of the religious scenario nowadays and the implications of the mediatization of religion. Anchored in the wake of theorists who approach the question of the sacred / profane and the impact of modernity on religion, we were able to enter into the other facet of the exploratory research work: the understanding of the mythical narrative structure of the hero's journey and the Campbellian monomyth. The second path built in the research was content analysis focused on a subjective and qualitative study. We tried to analyze six programs taken to air between 2012 and 2017, in the channel of the program on YouTube, in addition to an interview with Creiane Lima presenter of mentioned program.

Keywords: Media and Religion. Mediatization of Religion. Hero's Journey. New Time TV. Program 180 Degrees The Turning Point.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 AS IMBRICAÇÕES ENTRE MÍDIA, RELIGIÃO E SOCIEDADE	21
2.1 Mídia e seus efeitos	21
2.2 <i>Religare</i> : aspectos sociais e antropológicos em comunicação	24
2.3 Mídia e Religião: campo híbrido	26
2.4 Impacto da modernidade	29
2.5 Trânsitos religiosos e a imagem	34
2.6 Fome de mídia e sede de visibilidade	39
2.7 A TV Novo Tempo	43
3 NARRATIVAS, MITOS E HISTÓRIAS DE VIDA	52
3.1 Narrativas da TV	52
3.2 Narrativas: mito e realidade	54
3.3 Estrutura narrativa mítica: Jornada do Herói	59
3.4 <i>Sagrado e profano</i> : codificação binária na TV	68
3.5 Narrativas midiáticas	69
3.6 Narrativas e interatividade social	72
3.7 Cultura <i>Gospel</i>	74
3.8 Narrativas religiosas na TV	80
3.9 Produção de sentidos	87
3.10 Histórias de vida: narrativas humanizadas	91
4 PROGRAMA 180 GRAUS O PONTO DA VIRADA	97
4.1 O histórico do programa	97
4.2 Estrutura, formato e gravações	98
4.3 Introdução do programa	101
4.4 Vinheta	101
4.5 Entrevista no ar	103
4.6 Propagandas e anúncios	103
4.7 Disponibilidade e alcance	104
5 ANÁLISE DO PROGRAMA: O QUE DIZEM AS NARRATIVAS?	106
5.1 Mídia e seus efeitos: De Frente com Creiane	109
5.2 Substrato ideológico e doutrinário do adventismo	117
5.3 Correlação sagrado/profano e mídia/religião	130
5.4 <i>Jornada do Herói</i> e a conversão cristã	145
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
REFERÊNCIAS	166

APÊNDICE A - Entrevista 1 – Programa 2, Ano 1 - Renato Groger	170
APÊNDICE B - Entrevista 2 – Programa 17, Ano 2 - Zezinho Djú	181
APÊNDICE C - Entrevista 3 – Programa 69, Ano 3 - Marquinhos Maraial	192
APÊNDICE D - Entrevista 4 – Programa 108, Ano 4 - Joseph Skaf	201
APÊNDICE E - Entrevista 5 - Programa 139, Ano 5 – Helbert Roger	211
APÊNDICE F - Entrevista 6 - Programa 182, Ano 6 – Hugo Santana	221
APÊNDICE G - Entrevista - <i>Creiane Lima</i>	231

1 INTRODUÇÃO

Em face ao grande avanço e expansão do movimento evangélico brasileiro e os estudos no âmbito midiático contemporâneo, percebe-se um fenômeno religioso importante de utilização das mídias pelas religiões no Brasil, especialmente a televisão, com finalidade evangelística. Esse fenômeno tem início a partir de 1980, um momento fortemente marcado por transformações no campo sócio-político-econômico-cultural-religioso, relacionado com o capitalismo globalizado e consolidado com a cultura midiática e urbana na modernidade (CUNHA, 2007).

Como reflexo da explosão cultural do fenômeno *gospel*, com atuações em diferentes segmentos do cenário evangélico, foi alterada a ação das igrejas, de acordo com a lógica da mídia e do mercado de consumo na modernidade. As narrativas midiáticas evangélicas encontraram espaço importante no cenário brasileiro tornando-se relativamente bem representadas na grade horária da televisão brasileira (SOUZA, 2004). “Os objetivos de cada emissora variam de acordo com a cultura do telespectador, seus costumes e expectativas” (SOUZA, 2004, p. 58). Devido ao considerável aumento do uso da mídia (especialmente a televisiva) houve uma migração de membros da religião hegemônica brasileira (a Igreja Católica) para igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais, gerando uma reação da Igreja Católica. Decorrente desse movimento, ampliou-se o espaço televisivo para a manifestação daquelas igrejas, ávidas por evangelização e proselitismo.

O estudioso Alberto Klein (2006, p. 17) afirma que “ao longo do século XX, firmou-se um sólido casamento entre a mídia e diversas denominações religiosas”, sendo que, concomitante à evolução técnica, intensificou-se “a presença religiosa na mídia especialmente no rádio e na televisão”.

As narrativas religiosas têm conquistado espaço significativo nas telas da TV e conseqüentemente na vida das pessoas. Por isso, tem havido uma valorização do tema na academia, especialmente em estudos da área de comunicação, abordando a interface entre mídia e religião.

Um fenômeno curioso na contemporaneidade é o surgimento de várias expressões de religiosidade contrapondo-se à fidelização da religião. Houve abertura para muitas vozes independentes, especialmente com o advento da internet.

Sendo pastor há 23 anos, tenho ministrado a igrejas em vários estados do Brasil, percebendo, empiricamente e por estudos, o crescente investimento das igrejas evangélicas brasileiras nos espaços midiáticos a partir da década de 1990. Essa observação fez despertar a curiosidade de investigar as narrativas evangélicas. Trazemos como problematização a seguinte questão: O que comunicam as narrativas dos programas evangélicos? Esse tema merece a atenção de dissertações e teses pelo Brasil e o mundo.

Este estudo traz como recorte o programa da TV Novo Tempo, denominado 180 Graus O Ponto da Virada.

Suscitamos quatro (sub) perguntas ligadas àquela principal:

- 1) Em que aspectos a midiatização tem influenciado as narrativas do programa evangélico *180 Graus O Ponto da Virada*?
- 2) Há um substrato ideológico doutrinário nessas narrativas?
- 3) Existe uma correlação entre os conceitos de sagrado/profano e mídia/religião nas narrativas do programa?
- 4) Há uma relação entre as histórias de conversão cristãs e a Jornada do Herói, em suas etapas caverna profunda e provação suprema do monomito campbelliano?

As igrejas usam os programas de TV com a intenção de fazer proselitismo seguindo a lógica da mídia. Consideramos a possibilidade de o programa *180 Graus O Ponto da Virada* estar também seguindo essa lógica. Se, de fato, esse é o alvo das igrejas evangélicas, sendo esse um programa da Igreja Adventista do Sétimo Dia, consideramos que possa haver nele, a reprodução de um substrato ideológico doutrinário do adventismo.

É provável que uma rede imaginária proporcionada pelas narrativas midiáticas evangélicas possa contribuir para solidificar uma orientação religiosa,

estabelecendo relações sociais recíprocas e, ao mesmo tempo, reproduzir um *substrato ideológico doutrinário* em torno de um seguimento religioso.

Outra questão, é o fato de a mídia estar cada vez mais ligada à religião no cenário brasileiro. Pode haver uma correlação entre sagrado/profano e mídia/religião. O importante é saber se essa parceria tem sido benéfica para ambos. O desafio é compreender a relevância desse casamento.

Em pregações e palestras, as *histórias de vida* têm sido um recurso para o fortalecimento da fé na ajuda a pessoas. Tenho também compartilhado minha própria história de vida com objetivo de auxiliar os fiéis nos desafios cotidianos.

Suponho que o compartilhamento de *histórias de vida* na mídia televisiva evangélica possa ampliar o poder da influência sobre os telespectadores.

Ao utilizar nesta pesquisa o *monomito (estrutura narrativa mítica)*, idealizada por Joseph Campbell) e os conceitos teóricos de Monica Martinez (2008), que usa a mesma estrutura na construção de histórias de vida em jornalismo, busquei identificar uma relação entre a *Jornada do Herói* de Campbell e a conversão cristã.

O conceito de Hjarvard (2014) sobre midiatização ressalta que a mídia se tornou uma instituição *semi-independente*. A mídia tornou-se distinta de outras instituições, como família, política e religião. Essas instituições passaram a obedecer a lógica da mídia, sendo tremendamente influenciadas por ela. Minha intenção não é esgotar o tema da midiatização da cultura e da sociedade, o que, de qualquer modo, seria impossível. A midiatização envolve instituições familiares, de ensino, econômicas, políticas, de lazer, religiosas e outras. Minha concentração temática encontra-se em narrativas midiáticas televisivas evangélicas e nos aspectos da *midiatização da religião*.

O programa religioso evangélico da Rede Novo Tempo de Comunicação: *180 Graus O Ponto da Virada* apresenta *histórias de vida* conjuminando narrativas de cunho moral e religioso, com ênfase em histórias de conversão.

Desde que o ser humano se percebeu mortal, a noção de sagrado passou a ter uma posição de destaque em sua cultura e sociedades. Por meio dos símbolos e rituais, o ser humano fica mais próximo daquilo que lhe é real. Na visão judaico-cristã, a existência sacralizada teocêntrica vigora há mais de 6.000 anos e a

modernidade trouxe uma nova visão para o homem outrora sacralizado, (ALVES, 1984) que passou a ser seduzido pela revolução da técnica.

Na antiguidade surgiram duas maneiras de viver, conforme conceito posto por Eliade (2001) – o sagrado e o profano. Esses dois modos vêm sendo vivenciados desde os tempos primevos até os dias modernos. Essas duas concepções são inseridas no contexto cultural religioso, influenciando as narrativas midiáticas televisivas evangélicas.

Por meio de teóricos, como Martino (2016), Miklos (2013) Cunha (2007) e Klein (2006), depreendemos que a religião torna-se parte da essência de nossa cultura brasileira e que mídia, religião e sociedade estão cada vez mais imbricadas em nossa cultura pela intersecção entre si. Em Jorge Miklos (2010) encontramos aplicação no argumento da construção de vínculos religiosos na cibercultura através da ciberreligião. Esta pesquisa se apropria de sua abordagem sobre o *religare*, sob o aspecto espiritual e, sobretudo, sob os aspectos sociais e antropológicos.

O estudo atual utiliza-se de conceitos do mitólogo Joseph Campbell (1992), do roteirista de cinema Christopher Vogler (2015) e da pesquisadora Monica Martinez (2008), usando a estrutura narrativa mítica da *Jornada do Herói (monomito)* na análise das narrativas e *histórias de vida*.

Ainda, como espécie de um invólucro, está a teoria da midiatização (HJARVARD, 2014) que ao mesmo tempo, permeia esses conceitos, revelando toda a influência que a mídia exerce sobre as instituições (família, ensino, política, lazer, religiosas e outras) na contemporaneidade, transformando a própria cultura.

Notadamente, é indiscutível a influência que as mídias exercem sobre as instituições na contemporaneidade. A midiatização penetra em todos os ambientes e espaços da cultura e da sociedade. Percebem-se alterações, mudanças e transformações significativas no comportamento das pessoas em tempos de modernidade tardia ou pós-modernidade.

Segundo o site *Conceito.de* (2014) a palavra coesão vem do latim *cohaesum*, que significa ação e efeito de aderir ou reunir as coisas entre si. Coesão social se caracteriza pelo sentido de pertença a um grupo comum ou o grau de consenso dos

integrantes ou membros de uma comunidade. A coesão depende da interação social no seio do grupo.

A pertinência desse tema é que ele envolve fatores reguladores de uma sociedade. Morais argumenta:

O imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Trata-se de uma produção coletiva, já que é o depositário da memória que a família e os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. Nessa dimensão, identificamos as diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, ou seja, como eles se visualizam como partes de uma coletividade (MORAIS, 2002, online).

Bronislaw Baczko (1985) assinala que é por meio do imaginário que se pode atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social expressa-se por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Tais elementos plasmam visões de mundo e modelam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudança.

Como indica Baczko:

A imaginação social, além de fator regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas (BACZKO, 1985, p.403 apud MORAIS, 2002, online).

A argumentação de Baczko é enfatizada por Denis Morais que expressa a eficácia dos símbolos e imagens no intercâmbio com as instituições:

A rede imaginária possibilita-nos observar a vitalidade histórica das criações dos sujeitos — isto é, o uso social das representações e das ideias. Os símbolos revelam o que está por trás da organização da sociedade e da própria compreensão da história humana. A sua eficácia política vai depender da existência daquilo que Baczko chama de *comunidade de imaginação* ou *comunidade de sentido*.

As significações imaginárias despertadas por imagens determinam referências simbólicas que definem, para os indivíduos de uma mesma comunidade, os meios inteligíveis de seus intercâmbios com as instituições. Em outras palavras: a imaginação é um dos modos pelos quais a consciência apreende a vida e a elabora. A consciência obriga o homem a sair de si mesmo, a buscar satisfações que ainda não encontrou [...]. Como ativadora do campo do imaginário, a imaginação não pode prescindir de um código operacional de comunicação, ao qual compete perfilar vozes que simulam harmonias no conjunto. Quando o significado não é reconhecido no processo de decodificação, o símbolo cai no vazio, não se efetiva a troca imaginária. Mas os símbolos não são neutros, uma vez que os indivíduos atribuem sentidos à linguagem, embora a liberdade de fazê-lo seja limitada pelas normas sociais (MORAIS, 2002, online).

Barros (2017), fala a respeito das telas do sagrado e o imaginário religioso da televisão. “[...] a imagem, em geral, constitui uma representação mental ou material que duplica o real, tornando possível sua reprodução no tempo e no espaço, até sua simulação, a imagem televisual constitui uma forma acabada de imagem” (BARROS, 2017, p. 23-24). Percebe-se a importância deste estudo, uma vez que as narrativas midiáticas televisivas evangélicas estão ligadas às instituições como família e religião e que são diretamente influenciadas pela lógica da mídia no processo de midiaticização. Torna-se, portanto, relevante o estudo deste tema em função do papel comunicacional que a religião tem na sociedade brasileira.

Em pesquisa realizada sobre gêneros e formatos, no Brasil, a classificação dos programas de TV brasileiros não tem um padrão:

[...] não acompanha um padrão internacional e é flexível, conforme os interesses de cada rede – o que leva a concluir que a definição dada pelas emissoras tem como objetivo principal atrair o telespectador, em vez de se restringir à essência do gênero.” (SOUZA, 2004, p. 36)

Em um estudo feito por Souza (2004), um dado curioso e surpreendente é o fato de que na década de 1990 as narrativas religiosas já ocupavam espaço significativo nas redes de televisão brasileiras. Um dos motivos pode ter sido a compra de canais de TV e/ou compra de espaços nas grades horárias das TVs brasileiras com finalidade proselitista. Surgem várias igrejas *pentecostais* e igrejas do segmento *neopentecostal* já inseridas nesses ambientes midiáticos no fim da

década de 1990.

Há um nicho que se interessa por narrativas de cunho moral e religioso, mas também há um interesse mercadológico que despertou a atenção das emissoras, que viram nessa demanda, uma oportunidade de negócio para benefício mútuo. Esse interesse fez com que as emissoras de TV brasileiras observassem e pensassem em como atender a essa demanda.

Com a “explosão gospel” (CUNHA, 2007), surgiu uma subcultura que ganhou força pelo uso significativo das mídias nas últimas décadas do século XX. Cunha (p.9) diz que essa explosão gospel, com muitas transformações, está “estritamente relacionada ao avanço do capitalismo globalizado e à consolidação das culturas midiáticas e urbana, filhas da modernidade”.

O capitalismo, a globalização, a urbanização e a cultura midiática têm contribuído para uma transformação no comportamento das pessoas. Mas por trás de cada indivíduo há um ser com interesses e desejos de consumo. Alguém que tem suas preferências e gostos.

Com a explosão *gospel* nas últimas décadas do século XX, o número de evangélicos cresceu de forma bastante importante (CUNHA, 2007) a partir desse marco seminal da cultura gospel brasileira. As narrativas televisivas evangélicas que surgem nos ambientes midiáticos encontram sua estratégia de crescimento por meio da literatura, rádio, televisão e vendas de produtos atrelados à cultura gospel. Dentre esses produtos estão os programas evangélicos de televisão.

Talvez, por meio das narrativas inseridas nos meios de comunicação de massa, igrejas podem nutrir sua audiência por meio de símbolos linguísticos e a produção de sentidos.

Se a linguagem das narrativas através de imagens visuais e auditivas podem produzir a realidade por meio do imaginário, as narrativas evangélicas, paralelamente, podem transmitir preciosas informações. Por outro lado, o suporte da narrativa mítica da *Jornada do Herói* talvez possa nos revelar elementos importantes da vida cotidiana.

Na expectativa de uma troca por bens simbólicos os meios de comunicação medeiam o diálogo entre as igrejas e a sociedade.

A pesquisa encontra suas bases teóricas em estudos que se encaixam numa perspectiva dialógica que a fundamentam. Entende-se que o mito é a mídia mais arcaica de que temos conhecimento até hoje e por isso a pesquisa utilizou-se de conceitos sobre mito e realidade (ELIADE, 2016) e noções de sagrado e profano (ELIADE, 2001). Há um entendimento, nesta pesquisa, de que é apropriada a noção dos aspectos da midiatização da cultura e da sociedade (HJARVARD, 2014), considerando um recorte no tema sob um olhar mais interessado nas narrativas televisivas do programa *180 Graus O Ponto da Virada*.

Essa noção sobre midiatização da religião é analisada de forma fronteiriça aos estudos da explosão *gospel* (CUNHA, 2007), que lança um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico brasileiro. As imbricações entre mídia, religião e sociedade (MARTINO, 2016) colocam em intersecção esses temas sob os holofotes da comunicação. A noção de religião (ALVES, 1984) e de sagrado e profano (ELIADE, 2001) ajuda a entender as linguagens da religião evangélica estabelecida como discurso narrativo midiático televisivo. Reforçado pela compreensão do *religare* e abordagem midiática em Miklos (2013), encontramos base sólida para fundamentar e analisar os processos e produtos midiáticos a respeito da presença das narrativas religiosas na televisão brasileira (SOUZA, 2004).

Outro aspecto importante da pesquisa é a abordagem fenomênica (KLEIN, 2006) da mídia e religião no novo cenário religioso, trazendo a história da comunicação televisiva brasileira e aspectos de relevância sob conceitos de Harry Pross. Sobre “Mídia Primária, Mídia Secundária e Mídia Terciária”, Pross nos dá a noção de corpo e mídia, e sua influência nas narrativas televisivas.

Com o objetivo de colocar um olhar mais atento ao nosso objeto de pesquisa, investigou-se historicamente o surgimento da TV Novo Tempo, da Igreja Adventista do Sétimo Dia (CONCEIÇÃO, 2014).

A pesquisa recebe o respaldo de pesquisadores como Campbell (1992), Vogler (2015) e Martinez (2008), sendo esta última uma referência nesta pesquisa e responsável por uma tese doutoral que aborda a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida.

Usou-se como parte da metodologia a história oral. Foram feitas análises a partir das narrativas de histórias de vida, apoiadas em métodos e conceitos de Meihy (2015). Como método de análise foi considerada a história oral temática, isto é, aquela que se tem um tema central, e as entrevistas se endereçam ao desenvolvimento deste tema. Também foi ventilada a construção de significados e produção de sentidos em conceitos obtidos a partir de Sena (2013) e Cunha (2007) respectivamente.

A metodologia aplicada nesta pesquisa baseou-se em levantamento bibliográfico/exploratório das teorias sobre midiatização da religião na intersecção entre mídia, religião e sociedade. Através de um referencial teórico procurou-se obter embasamento para os argumentos expostos por todo o caminho percorrido na pesquisa. Outro aporte do referencial teórico foi a história de vida como:

[...] instância metódico-técnica de pesquisa em Comunicação. Focaliza as origens da prática, estabelecendo seus vínculos com o campo [...]. Remete sobre o uso da história de vida em outras áreas do conhecimento, em particular a Sociologia e a História Oral (MARTINEZ, 2015).

Fica evidente através de argumentação que “embora seja mais comumente empregado o termo no singular, *história de vida*, é importante ressaltar que este instrumento de pesquisa”, “privilegia a coleta de informações contidas na vida pessoal de um ou vários informantes” (SEVERINO, 2007, p. 125 apud MARTINEZ, 2015, p. 79). Como parte da metodologia, foi realizada uma análise de conteúdo que consistiu da observação, investigação e análise de programas de entrevistas que continham histórias de vida gravadas em estúdio, do programa religioso evangélico da *TV Novo Tempo: 180 Graus O Ponto da Virada*. Incluiu uma análise de natureza empírica e qualitativa das narrativas de não-ficção, baseadas em histórias de conversão.

Segundo método de Laurence Bardin (2016), “a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade” (p.15). Por ser um método baseado na dedução, utilizou-se da inferência no esforço de interpretação hermenêutica. O *corpus* da pesquisa consistiu de entrevistas de fiéis convertidos contidas em 6 programas gravados e publicados no canal do

programa no *YouTube* (*180 Graus o Ponto da Virada, Entrevista com Renato Groger – ano 2012; Zezinho Djú – ano 2013; Marquinhos Maraial – ano 2014; Joseph Skaf – ano 2015; Helbert Roger – ano 2016 e Hugo Santana – ano 2017*).

A entrevista realizada com *Creriane Lima*, apresentadora do programa, também foi considerada para a análise dentro desse *corpus*.

Como ponto de partida para definição da análise, levou-se em consideração a história de vida de Renato Groger, que deu início a gestação do programa em formato televisivo, numa parceria inicial entre UNASP (Centro Universitário Adventista de São Paulo) e a TV Novo Tempo. Consequentemente, por ter sido o segundo programa publicado do canal no *Youtube*, considerou-se analisar todos os demais programas que foram publicados como segundo programa de entrevistas nos anos subsequentes, que vão de 2012 a 2017 respectivamente (*180 O PONTO DA VIRADA, 2012*).

Foi feito download de cada programa, usando-se o software *aTube Catcher*. Cada programa recebeu um nome de arquivo com o respectivo ano de publicação (Renato Groger - 2012; Zezinho Djú – 2013; Marquinhos Maraial – 2014; Joseph Skaf – 2015; Helbert Roger – 2016 e Hugo Santana – 2017). Uma cópia de segurança foi enviada para um arquivo do *google drive* especialmente criado para essa finalidade.²

Do ponto de vista da realização das entrevistas, após assistir os programas, partiu-se da hipótese de que não eram previamente estruturadas. Após conversarmos com a apresentadora, soube-se que se tratava de um método de produção semiestruturado.

Devido ao foco do trabalho, envolvendo histórias de conversão, além da análise de extratos das falas dos entrevistados e da entrevistadora, procurou-se cruzar algumas informações com a análise, por meio da perspectiva do *monomito campbelliano* em duas etapas: a “caverna profunda” (VOGLER, 2015; MARTINEZ, 2008) e “provação suprema”.

O objetivo da análise das entrevistas gravadas em estúdio foi a possibilidade

² Os respectivos arquivos encontram-se disponíveis no pen drive que acompanha esta dissertação.

de observar a espontaneidade e liberdade de expressão por parte dos entrevistados (180 O PONTO DA VIRADA, 2012). Eles também não sabiam que a gravação do programa seria alvo de pesquisa no futuro, o que corrobora com a seriedade e imparcialidade da pesquisa.

Uma influência marcante neste trabalho foi da pesquisadora Martinez (2008) que usa um método de estruturação de narrativas míticas na construção de histórias de vida em jornalismo. Aplicou-se essa estrutura como suporte de análise das entrevistas, a fim de aferir significados das narrativas. Entende-se que talvez seja possível, por meio de conceitos apresentados por pesquisadores, encontrar na estrutura narrativa mítica, uma relação com a experiência dos conversos cristãos. Em função disso, utilizou-se a própria estrutura mítica de teóricos no campo da religião comparada, cinema e comunicação (CAMPBELL, 1992; VOGLER, 2015; MARTINEZ, 2008).

2 AS IMBRICAÇÕES ENTRE MÍDIA, RELIGIÃO E SOCIEDADE

As narrativas midiáticas televisivas evangélicas passaram a ter muita visibilidade a partir da década de 1980. Desde então, a televisão vem sendo amplamente utilizada pelas igrejas no Brasil pelos católicos, protestantes (tradicionais, pentecostais e neopentecostais), espíritas e outros movimentos religiosos. Com a midiatização instalada no tecido da cultura, impulsionada pela esteira da modernidade, a sociedade tem sido sacudida pela mídia. Diante da constatação dessa realidade surgem as perguntas: Até que ponto a religião tem resgatado o seu espaço sagrado no ambiente midiático televisivo? Tem recebido destaque nas pesquisas da academia?

Nosso recorte contempla a inserção midiática televisiva evangélica no Brasil a partir de 1960 até os dias atuais. Este estudo não visa fazer juízo de valores e crenças, e sim conhecer o contexto histórico de fenômenos que estamos vivenciando, a fim de compreender melhor o comportamento sócio-religioso de uma sociedade multicultural.

2.1 Midiatização e seus efeitos

A midiatização leva instituições como família, trabalho, política e religião a se comportarem de acordo com as diretrizes midiáticas. A religião está interligada à vida social. Hjarvard (2014), sustenta a teoria de que a mídia tem influência na cultura e sociedade; agindo diretamente nas *instituições* que se apresentam na contemporaneidade. As instituições, tentam “adaptação à lógica da mídia” (MARTINO, 2015, p. 240).

Klein (2006), diz que nós assistimos em um século à “proliferação de mídias visuais, o espetáculo do sagrado, sempre presente nos ícones religiosos” e segundo ele “parece ter como destino a tela de TV” (p. 17). A questão abordada por Klein é: Que “efeitos são produzidos quando a experiência religiosa migra para as mídias eletrônicas”? (p. 17). Surge, portanto, um novo cenário religioso.

As narrativas midiáticas televisivas evangélicas demonstram essa realidade. E já se pode perceber no novo cenário que esse fenômeno alcança até mesmo

Líderes religiosos:

Vemos surgir nas igrejas pastores e padres mais vaidosos e preocupados em cuidar de sua própria imagem, assim como fazem os astros e celebridades da TV e do cinema. O cuidar da imagem está além do zelo em relação a sua reputação religiosa e social. É literal. Significa maquiar-se, posicionar-se e movimentar-se com destreza sobre o palco, tomar cuidados com a iluminação do espaço para que seu corpo se destaque e não deixar que elementos do palco como o púlpito ou o altar o escondam [...]. Cria-se distanciamento e, conseqüentemente, uma nova relação entre o sacerdote e o fiel, a de ídolo e fã. A performance do líder religioso não deverá se esgotar na capacidade de pregar, mas buscará igualmente a eloquência e a dramatização de seus gestos, a correção do movimento de seu corpo sobre o palco. (KLEIN, 2006, p. 22).

Esse é um processo que “transformou a mídia numa instituição quase independente ou semi-independente na sociedade, onde as instituições precisam se adaptar” (HJARVARD, 2012, p. 53). A teoria mostra que a mídia se integrou às rotinas dessas instituições. Segundo Hjarvard (2012, p. 53), “há uma virtualização da interação social, moldando novos padrões de interação”. Miklos (2013) passa a ser um interlocutor com Hjarvard (2012) e Klein (2006) ao afirmar:

Sob a justificativa oficial da conversão, as religiões passam a usar os meios eletrônicos de comunicação. Meios de comunicação eletrônicos e religião passam a formar um conglomerado complexo – uno e diverso – em uma relação de interdependência (MIKLOS, 2013 p. 7).

Essa nova condição social é rotulada de midiatização da cultura e da sociedade. Não há como separar a mídia das instituições. A mídia passa a ter um significado de caráter dual: um desses significados indica ela sendo parte do tecido da sociedade e outro significado como sendo totalmente independente coordenando a interação mútua entre instituições se interpondo entre elas.

Essa teoria caracteriza-se pela influência que a mídia exerce sobre uma série de fenômenos. Hjarvard diz que “a adaptação à lógica da mídia”, no entanto, “não significa que as instituições ou os indivíduos percam suas características próprias” (HJARVARD apud MARTINO, 2014 p. 272). Baitello Junior, na apresentação do livro de Malena S. Contrera, *O mito na mídia*, cita suas “hipóteses de 93, de que a

mídia dita qual é o tempo de uma sociedade, e que é, portanto, um instrumento de sincronização social e cultural” (BAITELLO JUNIOR, 1996, p. 12 e 13).

Alguns pesquisadores antes de Hjarvard buscaram desenvolver um conceito mais próximo de midiatização como um processo social e cultural, desenvolvido e influenciado pelo pesquisador sueco da comunicação Kent Asp, “o primeiro a falar sobre midiatização na vida política” (HJARVARD, 2012, p. 55). “Asp, teve contato com a expressão: ‘sociedade sacudida pela mídia’, do sociólogo norueguês Gudmund Hernes” (HERNES apud HJARVARD, 2012, p. 55). Mas a perspectiva de Hernes era mais abrangente. A ideia é basicamente a mesma concernente à midiatização. Para Hernes “a mídia altera tanto o funcionamento interno de outras entidades sociais quanto suas relações mútuas” (HERNES apud HJARVARD, 2012, p. 56).

É neste sentido que a teoria da midiatização embasa nossa pesquisa neste capítulo sobre as imbricações entre mídia, religião e sociedade. Supõe-se que, atualmente, a mídia tem influenciado diretamente as ações religiosas por meio da televisão. Hoje, através de todos os meios eletrônicos interativos de comunicação e de rede percebe-se a manifestação da midiatização.

Embora existam diferentes instituições onde a mídia exerça sua influência, a exemplo da política, família, trabalho e outros; o nosso interesse é mostrar que há uma midiatização da religião e ao mesmo tempo a sacralização da mídia (MIKLOS, 2013). E que existem interferências midiáticas no cenário religioso (KLEIN, 2006).

As narrativas marcantes dessas igrejas no rádio e na televisão estão vinculadas a curas, sucesso nas relações amorosas e saúde financeira, oferecendo uma mensagem sedutora advinda da “Teologia da Prosperidade” (KLEIN, 2006).

Outro movimento que surgiu no seio das igrejas evangélicas históricas (Presbiteriana, Batista e Metodista) e na Católica, foi o carismatismo. Com isso, houve uma aproximação entre os evangélicos históricos e o segmento de orientação pentecostal. Um dos personagens desses movimentos carismáticos é o Padre Marcelo Rossi, da Renovação Carismática Católica sendo ele um “sacerdote multimídia, presente na TV, cinema e rádio” (KLEIN, 2006, p. 19).

2.2 *Religare*: aspectos sociais e antropológicos em comunicação

O aspecto social da religião é diretamente afetado pela comunicação como tema das Ciências Sociais, porque mesmo sendo uma questão de “fé individual, a religião é vivida em público” (MARTINO, 2016, p. 9). Em seu livro *Mídia, religião e sociedade*, Martino (2016, p. 9) aborda o sentido de religião “como uma prática social, algo que acontece na relação entre as pessoas”. Sua abordagem é focada nas práticas sociais religiosas ligadas à mídia e à comunicação. Abordagem social e antropológica semelhante faz Jorge Miklos em sua tese doutoral ao expor suas referências teóricas sobre o *religare*, envolvendo a relação de vínculos na internet - cibercultura. Assumindo um conceito de *religare* bastante abrangente e contundente, em sua pesquisa ele afirma que:

O termo *religare* é distinto do termo religião muito embora eles possam caminhar juntos. Embora as religiões procurem abarcar a dimensão do *religare*, essa experiência não é privilégio exclusivo das religiões. Dito de outra forma, a experiência do *religare* não é algo do outro mundo, do além como muitos líderes religiosos consideram. Diferente disso, a experiência religiosa existe como dimensão intrínseca do ser humano. A experiência do *religare* é antropológica e não sobrenatural. A palavra *religare* é formada pelo prefixo *re* (outra vez, de novo) e o verbo *ligare* (ligar, unir, vincular). O *religare*, nesse sentido, é a forma primeira de vínculo, concedida não só como vínculo entre os homens e seus deuses, mas especialmente entre os próprios homens. Embora a religião ambicione ligar, unir os homens, ela foi e é muitas vezes motivo de separação e guerras entre os homens. A religião une os iguais e é pretexto para separar os diferentes (MIKLOS, 2010, p. 20).

Nesta mesma direção é dito que a “religião é um dos grandes marcadores da identidade de indivíduos, grupos e comunidades” (MARTINO, 2016, p.13). Seu pensamento é de que a religião define quem está dentro e quem está fora, isto é, quem pertence ou não ao grupo religioso. O autor informa que “ao longo da história, diversas respostas foram experimentadas – respeitar, acolher, converter, ignorar, eliminar” (p. 13). A questão mais importante que o autor levanta é a política e que se torna um problema religioso, mais do que uma diferença entre as crenças: Como viver com quem pensa diferente de nós?

Percebemos que desde os tempos arcaicos o ser humano tem necessidade

de transcendência e pertencimento. Isso envolve o aspecto espiritual e o social.

Em tempos de processos comunicacionais percebidos nas mídias impressas, visuais, audiovisuais e hipermidiáticas, surgem novas formas de interação, sincronização social e cultural nos ambientes midiáticos.

Em seu livro ‘Ciber-religião – a construção de vínculos religiosos na cibercultura’, Miklos (2013), estuda o termo *religare*:

[...] o modo como as formas de religação, originalmente relacionadas às religiões, na modernidade, migraram para o espaço dos meios eletrônicos de comunicação, transformando-se em uma versão diluída: o vínculo comunitário, viabilizado pela comunicação. Apesar de não tratar diretamente da questão nem da transcendência nem do sagrado, é impossível que essas questões não ecoem no texto, na medida que a transcendência é decorrência do *religare*. No *religare*, há uma amplificação da consciência que fatalmente lança o ego para além da sua condição de indivíduo isolado e limitado. Esse além é a transcendência. O sagrado, oriundo do sacrifício – *sacro officio* -, acaba sendo evocado, por sua vez, na medida em que todo o tema do trabalho, a cibercultura, trata do ambiente virtual das comunidades religiosas, ambiente que se estabeleceu historicamente a partir de um sacrifício: o do corpo e do espaço concretos. Esses elementos excluídos reaparecem, às vezes, sem ser convidados, como todo excluído da cultura (p. 6)

O objeto de estudo de Miklos em sua pesquisa “é a mídia, em particular os meios de comunicação eletrônicos interativos [...] que atualmente servem de suporte para a manifestação de experiências religiosas” (2013, p. 6). Segundo o autor, “a mídia é uma configuração sociotécnica culturalmente ampla, que abarca parte da vida social”, “artefatos culturais” e “produtos de nossas intenções e nossos propósitos” (p. 6)

O que é relevante nesse conceito de Miklos para esta pesquisa é o fato de que através do *religare* pode-se ir além de nossa experiência ordinária. Seres finitos e limitados podem experimentar os benefícios da transcendência, tanto no relacionamento com aquilo que é sagrado e superior aos mortais, como também através da experiência do compartilhar a vida com outros indivíduos da mesma espécie. Dessa forma, apreendem-se orientações através de intercâmbios na vida real ou por meios de experiências vividas nos meios eletrônicos de comunicação e rede.

Miklos ainda afirma que “os meios de comunicação eletrônicos interativos, aproveitando-se da necessidade do homem de vincular-se por meio do rito [...], procura desenhar um ambiente no qual essa vinculação possa acontecer num espaço nulodimensional” (2013, p. 8).

Mas não será possível explorar todo o tema nesta dissertação. A análise do contexto social envolve a cultura que um indivíduo vive, onde foi educado, o conjunto das pessoas e instituições com que ele interage, seja individual ou coletivamente. No contexto tecnológico, refere-se aos fatores, tendências e condições gerais que afetam todas as organizações tendo em vista que as organizações são sistemas abertos.

A pesquisa está relacionada a imbricação entre cultura, sociedade, mídia e religião. A busca por um ‘espaço sagrado’ na mídia televisiva envolve aspectos religiosos, portanto, sociais e midiáticos, onde eles se misturam e se amalgamam. Na busca por um ‘espaço sagrado’ na mídia, a religião se entrelaça com a mídia televisiva unindo-se quase que perfeitamente a ponto de se confundirem uma e outra, de se contaminarem.

2.3 Mídia e Religião: campo híbrido

Historicamente, as pesquisas na Europa e nos Estados Unidos sobre os efeitos da mídia sobre a religião despertaram interesses e contornos importantes. Tratam de buscar responder a perguntas a respeito dessas intersecções, mesclas e sobreposições entre comunicação, mídia e religião. São perguntas que inquiram não só a respeito de como as religiões usam os meios de comunicação, mas como as religiosidades se articulam com o ambiente das mídias (WHITE apud MARTINO, 2016).

Algumas religiões tradicionais observam com preocupação uma queda no número de fiéis à medida que outras religiosidades aparecem, e muitas vezes de forma bem diferente do que se entende por religião. Segundo Martino (2016), é possível observar o surgimento de inúmeras religiosidades. O que o autor quer dizer é que existem “maneiras de viver experiências religiosas fora das igrejas, grupos ou denominações estabelecidas” (p. 16).

Em relação ao argumento desenvolvido, há o pensamento de que ao invés de usar a ideia de ‘dissolução’ do religioso como ‘fim’, deve-se usá-lo como algo que espalha (MARTINO, 2016). Resta saber se haverá benefícios ou não na ‘dissolução’ do religioso entre religiosidades. Mas a despeito de todas essas preocupações no mar das interrogações, os estudos no Brasil, segundo o autor, começaram ainda nos anos 1960. “A partir da virada do milênio, houve um considerável crescimento no número de estudos a respeito de mídia e religião nos estudos de comunicação”. (p. 16). Com o surgimento dos televangelistas e dos programas religiosos na televisão, a academia voltou suas atenções ao tema. (BRUCE apud MARTINO, 2016, p. 19).

A partir de 1990, o campo religioso já estava diretamente relacionado com a mídia. Parece que a manifestação do sagrado havia encontrado seu espaço novamente na modernidade, mas agora por meio da teia da técnica, das máquinas e da mídia. Em seu estudo pioneiro sobre o pentecostalismo em São Paulo, Beatriz Muniz de Souza destacava o espaço na mídia, principalmente das publicações impressas e programas de rádio, das igrejas evangélicas:

[...] a mídia passava a ser uma parte central de suas atividades, seja mantendo laços estabelecidos com os fiéis, seja como parte da divulgação de sua mensagem [...] era o início de uma relação institucional e econômica que se tornaria mais e mais complexa com o tempo (SOUZA apud MARTINO, 2016, p. 21).

Com essa expansão da igreja eletrônica na América Latina e no Brasil, o televangelismo introduziu um novo *modus operandi*, um novo modo de viver a religião no contexto latino-americano. Com isso começaram a nascer as multinacionais da fé. Naturalmente, isso chamou a atenção de pesquisadores da área de comunicação a partir de 1980 (MARTINO, 2016). Neste período surgem igrejas, como a Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja da Graça que se utilizaram desse ‘espaço sagrado’, fazendo dos meios de comunicação, especialmente da televisão, um elemento central de suas atividades. Ao mesmo tempo, a Igreja Católica revia seus conceitos sobre a forma comunicativa de investimento na mídia para divulgar a sua mensagem (MARTINO, 2016).

Nesta época, as pesquisas em mídia e religião se dirigiram, em boa parte, a estudar a chamada “mídia religiosa”, ou seja, o uso da mídia pelas igrejas – quais eram seus objetivos, suas características, limites e possibilidades. Ou, em outras palavras, pesquisas sobre “Comunicação Eclesiástica”, concentradas em estudos a respeito do Catolicismo, em suas diversas manifestações e movimentos, nas igrejas protestantes tradicionais (MARTINO, 2016, p. 22)

Hoje, mídia e religião se tornaram mais interdependentes. Com a consolidação das igrejas evangélicas neopentecostais e da Renovação Carismática Católica, o cenário religioso mudou consideravelmente desde 1990. As mídias eletrônicas digitais, as linguagens, os ambientes e redes, trouxeram novas perspectivas para o estudo das relações entre mídia e religião a partir de um referencial comunicacional. Um país que contempla vários movimentos religiosos possui uma mescla de perfis de toda natureza.

O Brasil é considerado um país cristão, mas tem aumentado o número de outras religiosidades. A religião sempre estará atrelada à cultura de um povo ou nação. As raízes e origem estão ligados a ela, como uma espécie de cordão umbilical. Crê-se ser muito pertinente a abertura de um espaço para aspectos da religiosidade nos ambientes midiáticos, uma vez que nossa natureza é também espiritual.

Nossa atenção se volta para a intensa busca das igrejas evangélicas por um ‘espaço sagrado’ em vias de contaminação ou já contaminado nessa hibridização entre mídia e religião.

Compreendendo o novo cenário religioso, Klein (2006, p.18) menciona os “problemas comunicacionais advindos da relação entre igreja e televisão”. Ele diz que há “interferências notáveis desta mídia no modo atual de construção do espetáculo religioso”. Alberto Klein em seu estudo acrescenta:

Diferentemente de enfatizarmos a fome dessas igrejas pelos meios de comunicação de massa, avaliaremos principalmente as influências exercidas pela TV sobre a construção do espaço religioso, ou melhor, a fome que a mídia manifesta pelo sagrado. (p. 18)

Outro fato importante, é que se torna extremamente complexo definir a religião evangélica, uma vez que há uma diversidade de perfis denominacionais

diferenciados em aspectos históricos, doutrinários, sociais, étnicos e outros (KLEIN, 2006). O pesquisador argumenta que o termo “evangélico” é insuficiente para identificar essas igrejas. As mutações nesse cenário passam pela “ascensão de igrejas nascidas nas últimas décadas, que se tornaram visíveis para população brasileira pela intensa utilização dos meios de comunicação de massa, principalmente o rádio e a TV” (KLEIN, 2006, p. 19).

As igrejas como a Renascer em Cristo, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, a Igreja Internacional da Graça de Deus, a Igreja O Brasil para Cristo e a Igreja Universal do Reino de Deus são exemplos de construção de um verdadeiro império de comunicação eletrônica (KLEIN, 2006).

De fato, assim como as experiências positivas do passado recente, a quebra de tabus lança olhares para um futuro que se apresenta diante dos desafios do século XXI. Pode-se voltar os olhares na busca de significados e obter respostas para situações que dão sentido à vida. Não tem como negar a revalorização de aspectos religiosos em espaços midiáticos. As narrativas midiáticas evangélicas têm recebido certo destaque por fazer parte de um fenômeno significativo na sociedade midiática contemporânea. Percebe-se um resgate (ou pelo menos, uma tentativa de resgate) por meio do espaço midiático televisivo para manifestação do sagrado. O que se questiona é: O sagrado tem se manifestado?

Segundo Martino (2016), ainda existe muito campo para pesquisa sobre o tema de mídia e religião e muitas fronteiras a serem exploradas. Na cultura da convergência, narrativas religiosas têm sido utilizadas para a interação social entre grupos e comunidades, inclusive pelos meios de comunicação de massa, de maneira mais específica, a televisão.

2.4 Impacto da modernidade

O “fenômeno religioso é, antes de tudo, um produto da cultura” diz Alberto Klein (2006, p. 23).

Citando T.S. Eliot, Llosa em seu livro *A civilização do espetáculo* menciona como a cultura se transmite:

A cultura se transmite através da família e, quando esta instituição deixa de funcionar de maneira adequada, o resultado é a deterioração da cultura. Depois da família, a principal transmissora da cultura ao longo das gerações foi a igreja, não a escola. Não se deve confundir cultura com conhecimento. Cultura não é apenas a soma de diversas atividades, mas um estilo de vida, uma maneira de ser em que as formas têm tanta importância quanto o conteúdo. O conhecimento tem a ver com a evolução da técnica e das ciências; a cultura é algo anterior ao conhecimento, uma propensão do espírito, uma sensibilidade e um cultivo da forma, que dá sentido e orientação aos conhecimentos. Cultura e religião não são a mesma coisa, mas não são separáveis, pois a cultura nasceu dentro da religião, e, embora com a evolução histórica da humanidade tenha ido se afastando parcialmente dela, sempre estará unida à sua fonte nutridora por uma espécie de cordão umbilical. A religião, 'enquanto dura, e em seu próprio campo, dá sentido conveniente à vida, proporciona o arcabouço para a cultura e protege a massa da humanidade do tédio e do desespero' (ELLIOT apud LLOSA, 2013, p.14).

Para Contrera (1996, p.24), "quando nos referimos aos termos cultura e não-cultura, ergue-se uma voz por parte da Antropologia, da Sociologia e da intelectualidade do nosso século a dizer que não existe não-cultura, e que tudo é cultura".

A nossa herança cultural, no ocidente, é simbólico-religiosa, e veio por intermédio de duas vertentes: hebreus e cristãos por um lado e dos gregos e romanos por outro.

[...] no processo histórico através do qual nossa civilização se formou, recebemos uma herança simbólico-religiosa, a partir de suas vertentes. De um lado, os hebreus e os cristãos. Do outro, as tradições culturais dos gregos e dos romanos. Com estes símbolos vieram visões de mundo totalmente distintas, mas eles se amalgamaram, transformando-se mutuamente, e vieram a florescer em meios às condições materiais de vida dos povos que os receberam. E foi daí que surgiu aquele período de nossa história batizado como Idade Média. Não conhecemos nenhuma época que lhe possa ser comparada. Porque ali os símbolos do sagrado adquiriram uma densidade, uma concretude e uma onipotência que faziam com que o mundo invisível estivesse mais próximo e fosse mais sentido que as próprias realidades materiais. Nada acontecia que não fosse pelo poder sagrado, e todos sabiam que as coisas do tempo estão iluminadas pelo esplendor e pelo terror da eternidade (ALVES, 1984, p. 39 e 40).

Essa herança simbólico-religiosa encontra eco no comportamento

comunicacional das religiões no espaço midiático televisivo na contemporaneidade. Na idade média a visão era bem definida no aspecto religioso:

Tudo girava em torno de um núcleo central, temática que unificava todas as coisas: o drama da salvação, o perigo do inferno, a caridade de Deus levando aos céus as almas puras. E é perfeitamente compreensível que tal drama tenha exigido e estabelecido uma geografia que localizava com precisão o lugar das moradas do demônio e as coordenadas das mansões dos bem-aventurados (ALVES, 1984, p. 40- 41).

Havia uma compreensão muito clara de que tudo fazia sentido porque o ser humano era obra prima de Deus e que havia um propósito para tudo na vida humana.

Se tudo havia saído, por um ato de criação pessoal, das mãos de Deus – e era inclusive possível determinar com precisão a data de evento tão grandioso – e se Ele continuava, pela sua graça, a sustentar todas as coisas, concluía-se que tudo, absolutamente tudo, tinha um propósito definido. (ALVES, 1984, p. 41)

Essa concepção influenciou muitos estudiosos da astronomia como Johannes Kepler, astrônomo e matemático alemão. Considerado figura chave da revolução científica no século XVII, “dedicou toda sua vida ao estudo da astronomia na firme convicção de que Deus não havia colocado os planetas no céu por acaso”. (ALVES, 1984, p. 41). Tudo ao redor do ser humano tinha relação “com os planetas, as plantas, as pedras, os animais, os fenômenos físicos e químicos e procuravam saber acerca de suas finalidades estéticas, éticas, humanas [...]” (p. 42).

Como afirma Alves, “o universo inteiro era compreendido como algo dotado de um sentido humano. É justamente aqui que se encontra o seu caráter essencialmente religioso” (p. 42). Mesmo parecendo um mundo encantado de fantasias, a imaginação sempre se apresentava “com a solidez das montanhas” (p. 42). “Para os medievais não havia fantasia alguma. Seu mundo era sólido, constituído por fatos, comprovados por inúmeras evidências e além de quaisquer dúvidas” (p. 42).

Segundo Alves, pode-se dizer que a atitude deles era uma atitude daqueles que, com suas fantasias, sobreviveram por séculos, construindo cidades, fazendo

música, pintando quadros e erguendo catedrais. O autor acrescenta dizendo que é “curioso este poder das fantasias para construir teias fortes o bastante para que nelas os homens se abriguem” (ALVES, 1984, p. 42). Menciona ainda que, poucos foram os que duvidaram, porque são receitas que produzem bolos gostosos. Neste caso, não são questionadas. Quando um determinado sistema de símbolos funciona de maneira adequada, as dúvidas não podem aparecer.

Num período de transição, “aconteceu, entretanto, que aos poucos, mas de forma constante, progressiva, crescente, os homens começaram a fazer coisas não previstas no receituário religioso” (43). Quem começou a mudar a receita do bolo “não eram aqueles que ficavam na cúpula da hierarquia sagrada” (p. 43). “Foi de uma classe social que se encontrava no meio que surgiu uma nova e subversiva atividade econômica, que corroe as coisas e os símbolos do mundo medieval” (p. 43). O capitalismo invadiu o espaço sagrado quebrando o sistema de símbolos no mundo medieval. O pensamento se inverteu:

Em oposição aos cidadãos do mundo sagrado, que haviam criado símbolos que lhe permitissem compreender a realidade como um drama e visualizar seu lugar dentro de sua trama, à nova classe interessavam atividades como produzir, comerciar, racionalizar o trabalho, viajar para descobrir novos mercados, obter lucros, criar riquezas (ALVES, 1984, p. 44).

O homem religioso era definido por sua origem sagrada, por suas marcas divinas advindas de seu nascimento. Por outro lado, eram definidos os profanos ou dessacralizados que pensavam: “Por nascimento nada somos. Nós nos fizemos. Somos o que produzimos” (p. 44). Essa divisão entre o sacro e o profano se evidenciou de forma bem definida e culminou com a separação entre fé e razão.

E assim contrastava a sacralidade inútil dos que ocupavam os lugares privilegiados da sociedade medieval com a utilidade prática daqueles que, sem marcas de nascimento eram, entretanto, capazes de alterar a face do mundo por meio do trabalho (p. 44).

Substituiu-se a tradição pela utilidade. Em nome do princípio da utilidade, sacrificou-se a tradição e incentivou-se a produção de riquezas. “A partir daí processou-se uma enorme revolução no campo dos símbolos” (ALVES, 1984, p.

44). O ser humano deixa de ter uma atitude mais passiva e passa a manipular a natureza a fim de submetê-la. Não queriam entendê-la, mas transformá-la.

O homem medieval desejava contemplar e compreender. Sua atitude era passiva, receptiva. Agora a necessidade da riqueza inaugura uma atitude agressiva, ativa, pela qual a nova classe se apropria da natureza, manipula-a, força-a a submeter-se às suas intenções, integrando-se na linha que vai das minas e dos campos às fábricas, e destas aos mercados. E silenciosamente a burguesia triunfante escreve o epitáfio da ordem sacral agonizante: os religiosos, até agora, tem buscado entender a natureza; mas o que importa não é entender, mas transformar. (ALVES, 1984, p.45)

Segundo Alves (p. 45), “o universo religioso era encantado. Um mundo encantado abriga, no seu seio, poderes e possibilidades que escapam às nossas capacidades de explicar, manipular, prever”. O autor afirma: “Trata-se, portanto, de algo que nem pode ser completamente racionalizado e organizado pelo poder do trabalho” (p. 45). Os símbolos da imaginação estavam reservados às chamadas. A imaginação perde sua aura sagrada. O retrato desse momento histórico revela uma inversão dos valores:

No mundo medieval, por mais desvalorizados que fossem, o seu lugar era absoluto, pois lhes era conferido pelo próprio Deus. Agora alguém vale o quanto ganha, enquanto ganha [...] A religião cuidava das realidades espirituais e das coisas materiais a espada e o dinheiro se encarregam!” (ALVES, 1984, p. 47).

O pensamento muda. “Conhecer é saber o funcionamento. E quem sabe o funcionamento tem o segredo da manipulação e do controle” (p. 48). E essa nova maneira de pensar surge ambicionando o seu próprio espaço. “E assim é que esse tipo de conhecimento abre o caminho da técnica, fazendo a ligação entre a universidade e a fábrica, a fábrica e o lucro” (p. 48). A conclusão que se impôs foi: “a ciência está ao lado da verdade. O conhecimento só nos pode chegar através da avenida do método científico” (p. 48). Alves disse que este período trouxe consigo uma ordem social totalmente secularizada e profana. O autor menciona o retrato mais fiel desse momento citando o que disse Rickert:

[...] com o triunfo da burguesia Deus passou a ter problemas habitacionais crônicos. Despejado de um lugar, despejado de outro

[...] progressivamente foi empurrado para fora do mundo. Para que os homens dominem a terra é necessário que Deus seja confinado aos céus. (RICKERT apud ALVES, 1984, p. 50).

Deus é desalojado pelo homem moderno, tiram-lhe o espaço na Terra e só lhe permitem habitar os céus.

2.5 Trânsitos religiosos e a imagem

O interessante, contudo, é que Klein ressalta que “o cenário religioso atual parece desmentir as ambições positivistas do final do século XIX, de que o progresso da ciência emanciparia o homem da tutela divina”. Ele acrescenta: “No lugar disso, assistimos a uma verdadeira rebelião de anjos, demônios e deuses que se materializam em um mercado de ofertas religiosas” (KLEIN, 2006, p. 20). Desde então, começa a surgir uma nova modalidade de experiência religiosa mediada por um veículo de comunicação. A partir daí surgem as implicações na constituição do tempo e espaço na religião.

A missa e os cultos da TV passam a ser dirigidos aos telespectadores e quebram a noção de comunidade local (KLEIN, 2006). É dito por Alberto Klein que essas celebrações midiáticas promovem quebra entre “palco e plateia, transformando a liturgia em show e reduzindo a participação comunitária às reações de uma plateia perante um espetáculo” (p. 20). O culto passa a ser percebido como show televisivo.

Antes dedicados à pregação da Palavra, cantar hinos e fazer orações, agora muda-se a ênfase, estendendo-se para além do campo auditivo. Agora é a vez da imagem se exhibir diante do olhar:

A guinada perceptiva deve-se, sobretudo, à intensificação da visão operada no século XX com o desenvolvimento de mídias visuais como fotografia, TV, cinema e, mais recentemente, a internet. Esta sobrecarga sensorial nos empurrou, na entrada do século XXI, para uma civilização da imagem, caracterizada por sucessivos choques e condicionamentos sobre o olhar” (KLEIN, 2006, p. 21).

Segundo Klein, o fenômeno religioso nas mais diversas culturas “revela a necessidade humana de dar forma específica ao sagrado, a fim de apreendê-lo

através dos sentidos e não somente pela razão” (KLEIN, 2006, p. 29). Há uma intensa participação dos sentidos na experiência religiosa. Podemos sentir o aroma, a sua presença, ouvir a voz, ser tomado por transe etc., mas sobretudo, afirma Klein, é através de imagens que o sagrado toma forma.

Isto quer dizer que as imagens, frutos da imaginação simbólica humana passam a demandar culto no universo da magia e da religião (KLEIN, 2006). A raiz cristã de culto aos ícones expressa o valor ritual das imagens e passam a tomar parte no sentido do sagrado. Klein, refere-se a esse conceito ao que Ernst Cassirer chama de “símbolo”, um sinal da parte do mundo físico do ser que se torna parte do mundo humano do significado.

Mencionado por Klein (2006), Gilbert Durand afirma que há uma inadequação do símbolo no caráter epifânico quanto ao objeto representado. É como se não fosse possível figurar a infigurável transcendência. Para ele a imagem simbólica é a transfiguração da representação concreta de um sentido para sempre abstrato.

De acordo com Klein (2006), “é justamente no domínio do simbólico que se inscrevem as imagens religiosas” (p. 30). Embora no Judaísmo e Islamismo seja feita dura restrição ao uso das imagens em suas tradições religiosas, essas imagens são substituídas pela Palavra escrita que manifesta a presença divina na Torá e no Corão. Existe uma encarnação simbólica dos textos neste caso. Porém, no início do Cristianismo verificou-se durante muito tempo a veneração a ícones.

No seu livro ‘Imagens de Culto e Imagens da Mídia’, Klein fala das interferências midiáticas no cenário religioso. Ressalta que nas investigações da pré-história das imagens pode-se enxergar vestígios de uma apropriação mágica da imagem pelo homem. Seria algo que sempre lhe provoca encantamento no êxtase ou no assombro. É próprio do ser humano desde os primórdios criar seus deuses, monstros e heróis e ser seduzido por eles. O domínio desse universo simbólico é chamado por Ivan Bystrina de ‘segunda realidade’ e por Edgar Morin de ‘segunda existência’ (KLEIN, 2006; BAITELLO JUNIOR, 2005).

As narrativas midiáticas estão incorporadas nesta dissertação aos processos comunicacionais. Ao trabalhar a interface entre mídia e religião interessa analisar a relação da imagem e seus processos de visibilidade, interação, subjetividade,

identidade e sociabilidade. Para o estudo das narrativas midiáticas televisivas, nos chama atenção a definição de o que é imagem.

Para iniciar nossa discussão sobre o tema, nos apropriaremos do conceito de Klein sobre imagem:

[...] imagem pode ser tudo que se dirige ao olhar. Qualquer sinal que incide no globo ocular passa por processos químicos e nervosos até a formação visual de um determinado objeto que, em um determinado instante, vemos. Todo universo que se apresenta à visão humana passa a ser absorvido como imagem (KLEIN, 2006, p. 39)

Porém, não podemos, segundo Klein, limitar o uso da palavra imagem ao universo das coisas capturadas pela visão. Porque criamos imagens mentais de objetos invisíveis que muitas vezes nunca irão se materializar diante de nossos olhos. Ele assegura que o conjunto dessas imagens compõe aquilo que chamamos imaginário. Ao mesmo tempo ele expõe a ideia do que Edgar Morin chama de imaginário, isto é, uma “estrutura antagonista e complementar daquilo que chamamos real, e sem a qual, sem dúvida, não haveria o real para o homem, ou antes, não haveria realidade humana” (MORIN, 1997, p. 80 apud KLEIN, 2006, p. 39).

Damásio (2000), neurocientista português, em seu livro ‘O Mistério da Consciência’ diz que o termo ‘imagem’ é empregado no sentido de padrão mental, podendo se remeter a processos conscientes ou inconscientes. Imagens mentais não se restringem à percepção visual; elas podem cobrir todo espectro sensorial. Poderíamos assim falar de imagens táteis ou olfativas.

Vê-se a aplicabilidade disso na arte e na religião, quando o imaginário se faz concretamente visível nos objetos criados pelo próprio homem. Percebe-se isso quando se dá formas às pinturas, esculturas, desenhos, sonhos e pesadelos. Construímos a fisionomia dos nossos deuses de acordo com nossa imagem e semelhança (KLEIN, 2006).

Pode-se sugerir que dentro desse universo do imaginário podem ser produzidas inúmeras imagens, um conjunto delas de naturezas diversas que variam conforme o material ou seu suporte tecnológico. Neste contexto, as narrativas estão

presentes em vários desses suportes. “Assim temos esculturas, pinturas, grafite, bordados, estampas, fotografias, cinema, imagens de TV, infografias, hologramas etc.” (KLEIN, 2006, p. 40).

É importante convidar Harry Pross e o seu conceito de ‘mídia primária, secundária e terciária’, paralelamente a Sitg Hjarvard a fim de trabalhar as ‘narrativas midiáticas’ atreladas ao conceito de ‘mídiatização’ com foco na televisão, e observar a relação entre eles.

Harry Pross apoiado em Dieter Wyss engloba as linguagens corporais como ponto de partida e de chegada de todo processo comunicativo (BAITELLO JUNIOR, 2005). Para Pross, o corpo é o “primeiro suporte dos textos culturais e dos processos comunicativos” (p. 7), chamado de ‘mídia primária’. A abrangência do campo da comunicação, diz Pross, envolve “a abordagem de seus fenômenos como processos culturais e históricos, que procedem de seres humanos vivos e seus corpos e alcançam na outra ponta também seres humanos vivos com seus corpos” (BAITELLO JUNIOR, 2005, p. 8).

Afinal, a comunicação começa muito antes dos meios da comunicação de massa, muito antes da imprensa, do rádio, da televisão. Antes mesmo da invenção da escrita. A mídia começa muito antes do jornal, da televisão e do rádio. A primeira mídia, a rigor, é o corpo – e por isso chamamos o corpo, portanto, de mídia primária. Quando duas pessoas se encontram existe uma intensa troca de informação, e, portanto, um intenso processo de comunicação por meio de inúmeros vínculos, inúmeros canais, inúmeras relações, conexões e linguagens. Quando dois corpos se encontram existe uma troca de informações visuais, olfativas, auditivas, táteis, gustativas dependendo do tipo de encontro (p. 32).

Segundo Baitello, o processo de comunicação é extremamente complexo e acontece através dos sentidos de distância como audição e a visão, e dos sentidos de proximidade como olfato, paladar e tato. As linguagens corporais constituem a primeira mídia ou mídia primária. E nosso corpo é de uma riqueza comunicacional incalculável.

Porém, o homem em sua inquietude aprendeu a deixar marcas em objetos, deixando registrada a sua presença quando de sua ausência. Assim, começou a “fazer desenhos em pedras em ossos, em árvores, deixando seus sinais e, portanto,

usando objetos fora do seu corpo para a comunicação” (BAITELLO JUNIOR, 2005, p. 33). Surge então a ‘mídia secundária’, onde há um corpo que emite um sinal e outro que recebe o sinal. E entre esses dois corpos “existe um objeto, um meio de campo, uma mídia” (p. 33), ou seja, uma pedra, uma árvore, um osso, um papel, a parede de uma caverna ou qualquer objeto que pode ser usado para transmitir sinais. O homem consegue através desses sinais “criar a presença na ausência, conseguindo perpetuar-se no tempo, criando um tempo virtualmente infinito” (33). Todos os produtos da escrita sobre suportes materiais fixos ou transportáveis são, portanto, ‘mídia secundária’. A ‘mídia primária’ não é suprimida, mas a ela se soma um segundo meio.

Portanto, “imagem, as representações imagéticas, dentre elas a escrita, são dessa natureza” (BAITELLO JUNIOR, 2005, p. 33), isto é, ‘mídia secundária’. As imagens interiores, as imagens endógenas (BELTING; KAMPER, 2000), imagens produzidas por imaginação, sonhos não são casos desse tipo de mídia. A limitação da mídia secundária é o limite de sua transportabilidade. O espaço é um obstáculo (BAITELLO JUNIOR, 2005). Por outro lado, permite um fator temporal novo, “o tempo lento da escrita, da decodificação e da decifração. O tempo da imagem registrada sobre materiais permanentes permite o tempo lento da contemplação” (p. 33).

O surgimento da ‘mídia terciária’ acontece com o advento da eletricidade:

[...] desenvolvem-se sistema de mediação mais sofisticados utilizando um aparato de emissão e um aparato de captação da mensagem. É aqui que surge a mídia terciária. Desde o telégrafo, o telefone, o rádio, a televisão até as atuais redes de computadores. A mídia primária mais o aparato do emissor que se utiliza de imagem e de escrita ou que transforma o seu próprio corpo em imagem ou escrita, e as transporta imediatamente via eletricidade para outro aparato que as capta e as apresenta a um outro corpo que está lá do outro lado da rua, da cidade, do mundo. É isto a chamada mídia terciária, que hoje nos facilita a aproximação com o outro e o acesso à informação disponibilizada pelo outro (BAITELLO JUNIOR, 2005, p. 34).

É importante frisar que a mídia primária é o começo e o fim, sempre, de todo processo de comunicação, sempre dentro da mídia secundária e terciária. A mídia

primária é presencial, a mídia secundária é lenta e limitada pela transportabilidade, a mídia terciária é acelerada de forma vertiginosa. Não há limite de tempo e espaço. Segundo Baitello, o que ocorre com as imagens na mídia terciária é a eliminação do “tempo da decifração e da contemplação em favor de uma sonoridade e uma visualidade em ritmos acelerados” (2005, p. 34).

Esse aspecto da mídia primária, secundária e terciária tem implicado na forma como a midiatização tem acelerado o processo de alteração na atuação das igrejas à lógica da mídia e no imaginário das pessoas.

2.6 Fome de mídia e sede de visibilidade

Nossa percepção da sede das igrejas por evangelizar encontra-se no fato de que há uma crescente presença de programas religiosos no rádio e na televisão. Isso é respaldado pela ordem imperativa de Cristo “Ide e pregai o evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15).

Klein (2006) diz que houve um “fortalecimento da presença das igrejas nas mídias eletrônicas” (2006, p. 146), tendo a possibilidade de reger o tempo social. Segundo Klein, “antes do fortalecimento da Indústria Cultural e do surgimento das mídias eletrônicas, a determinação do campo social estava sob o poder eclesiástico, que regulava os ritmos culturais” (p. 147).

Este poder foi gradualmente sendo transferido para as mídias. Exemplo disso foram os sinos da igreja que ditavam o ritmo da cidade. Klein diz:

[...] foi a proliferação dos meios eletrônicos, particularmente com o rádio e com a televisão, que presenciamos o estabelecimento dos suportes técnicos do tempo mais sólido do século XX. O sino e o trem cederam diante do horário do Jornal Nacional (2006, p. 147).

A corrida desenfreada das igrejas para as mídias eletrônicas se justifica pelo reconhecimento de seu poder ritmizador e sincronizador de apropriar-se em alguma medida, o tempo da cultura (KLEIN, 2006).

Klein diz que se já não podemos ouvir mais os sinos da igreja nas manhãs de domingo, por outro lado, podemos assistir à missa televisiva do padre Marcelo Rossi.

Um dos primeiros trabalhos publicados na década de oitenta foi do sociólogo católico Hugo Assmann (1986), que publicou seu livro *A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina*, “colocando no centro de seus estudos a invasão dos pastores eletrônicos na programação televisiva brasileira” (KLEIN, 2006, p. 149).

Dentre os pastores que se destacaram neste movimento estão: Rex Humbard, Jimmy Swaggart e Pat Robertson. Estes três tiveram passagem pela televisão brasileira. Um traço característico desses cultos na televisão era o espetáculo religioso centrado na figura de um ídolo de massa (KLEIN, 2006).

O programa de Rex Humbard, ‘Alguém ama você’, foi em rede nacional em 1978, pela Rede Tupi e dois anos mais tarde transmitido pelo *SBT* até 1984. Na década de setenta, o ‘Clube 700’, de Pat Robertson, estreou na Rede Record. Permaneceu por pouco tempo e depois só retornou na década de noventa. O Clube 700 foi considerado um dos programas religiosos mais antigos em andamento até 2006. Pat Robertson, chegou a ter uma audiência média em seu programa de um milhão de telespectadores nos Estados Unidos diariamente e exibido em 90 países em 50 idiomas (KLEIN, 2006).

No caso de Jimmy Swaggart, seu sucesso foi abalado depois de confessar ter mantido relações sexuais com uma prostituta. Isso tomou conta de grande espaço na mídia em todo o mundo. (KLEIN, 2006).

Por outro lado, havia outros formatos de programas no Brasil que já aconteciam “restringindo-se a uma mensagem pastoral ou entrevistas com personalidades evangélicas, fiéis ou novos convertidos” (p. 151).

Klein, apresenta em seu livro ‘Imagens de culto e imagens da mídia: interferências midiáticas no cenário religioso’, um estudo que fez um levantamento histórico da presença evangélica na mídia, especialmente na TV e que a utilização da televisão por evangélicos brasileiros remonta à década de sessenta.

[...] a *Seventh-Day Adventist Encyclopaedia*, em sua edição de 1996, no dia 18 de novembro de 1962 foi ao ar em São Paulo o programa adventista *Fé para Hoje*, com apresentação do pastor Alcides Campolongo e sua esposa. Tratava-se do primeiro programa evangélico a ocupar o espaço televisivo no Brasil, sendo logo em seguida transmitido para o Rio de Janeiro (KLEIN, 2006, p. 152).

Nessa mesma década, o programa 'Café com Deus', na TV Tupi Rio, é apresentado por um pregador pentecostal da Igreja Nova Vida, o bispo Robert McAlister. Outros pastores se descaram nessa década – o pastor presbiteriano João Campos, de Recife, e o pastor batista Rubens Lopes, do bairro de Vila Mariana em São Paulo (KLEIN, 2006).

Mas a história religiosa no rádio tem uma ligação muito íntima com a história dos programas de TV religiosos. A busca desse espaço religioso iniciou-se com o padre Roberto Landell de Moura, inventor e pioneiro da ciência da telecomunicação.

Tudo indica que ele demonstrou publicamente em 1984 como poderia ser feita uma transmissão de voz entre a Av. Paulista e a Santana. Ele chegou a fazer uma experiência de transmissão radiofônica em Campinas, segundo Eugênio de Meneses (MENEZES, 2002 apud KLEIN, 2006, p. 152).

A invenção do padre Landell de Moura foi considerada diabólica, coisa de bruxaria, para a população na época, devido à possibilidade da voz viajar a distância, sendo por isso intitulada de "maquina infernal". A violenta reação do povo levou as autoridades religiosas a transferir o padre de um lugar para outro até finalmente enviá-lo para Porto Alegre (KLEIN, 2006, p. 152-153).

Nos Estados Unidos a união entre rádio e religião já estava selado desde 1909, a partir de uma transmissão experimental com a leitura bíblica pelo pioneiro Reginald Fersenden.

O rádio foi inaugurado em novembro de 1920 de maneira viável e comercialmente falando. Em dois meses a programação religiosa invade o espaço com transmissões de cultos. A Calvary Episcopal Church e no ano seguinte a National Presbyterian Church colocavam no ar a primeira emissora protestante. (KLEIN, 2006).

No Brasil, muito cedo, o rádio passou a ser utilizado por igrejas evangélicas. A mesma igreja que foi pioneira evangélica no uso da televisão no Brasil já havia sido a primeira a ter um programa de rádio. Dia 23 de setembro de 1943, *A Voz da Profecia*, apresentada pelo pastor Roberto Rabelo foi transmitida a várias cidades por 17 emissoras. A Congregação Cristã no Brasil, já havia recebido a influência do rádio e a Igreja do Evangelho Quadrangular já ocupava, na década de cinquenta,

os espaços do rádio. Nesta época, a Brasil para Cristo, primeira igreja pentecostal nascida em solo brasileiro, demonstra seu apetite sobre os meios de comunicação de massa (KLEIN, 2006).

O programa de rádio *A Voz do Brasil para Cristo*, antecedeu em um ano a formação da Igreja em 1956 na pessoa de seu líder e fundador Manuel de Mello. Seguindo a tendência de curas e milagres por ondas radiofônicas, veio a Igreja Pentecostal Deus é Amor, do missionário David Miranda, que demonstra extremo repúdio pela televisão.

A experiência da Igreja Universal do Reino de Deus lança mão da estratégia proselitista e começa a entrevistar demônios usando esse expediente adotado por David Miranda no rádio. E faz sua experiência usando a televisão. Em meados da década de noventa, “os exorcismos povoam a grade de programação da Rede Record, já nas mãos da Igreja” (KLEIN, 2006, p. 156).

O investimento mais audacioso em mídia no Brasil por igrejas foi o da Universal do Reino de Deus. Após cinco anos de existência Edir Macedo adquiriu em 1989 a Rede Record de televisão pela cifra de 45 milhões de dólares (KLEIN, 2006).

Algo curioso é que houve uma crescente participação dos evangélicos na mídia eletrônica com influência da política sendo moeda de troca nas concessões de Rádio e TV. Outro fator determinante foi o fortalecimento das igrejas em suas bancadas no Congresso Nacional.

A igreja Católica não ficou para trás:

A esta lei que rege a comunicação de massa a Igreja Católica Romana nunca deixou de estar atenta. A investida em mídias eletrônicas não é uma exclusividade das denominações evangélicas, afinal é na conquista de espaços do rádio e da televisão que se mostra uma das facetas da disputa pelo religioso atual (KLEIN, 2006, p. 159).

Com essa mentalidade deu-se a abertura da Rede Vida, em São José do Rio Preto, a TV Horizontes em Belo Horizonte, a TV Canção Nova fundada pelo padre Jonas Abib em 1997, tornando-se o primeiro canal de televisão católico carismático do país, com sede em Cachoeiro Paulista. Em 1999, foi estabelecida em Valinhos,

no interior de São Paulo, a TV Século 21, dirigida pelo padre Eduardo Dougherty.

2.7 A TV Novo Tempo

No dia 02 de novembro de 1920, operando na frequência de 833 kc, com 50 watts de potência, KDKA, entrou no ar a primeira estação de rádio da América do Norte. Nos dez anos seguintes, a radiodifusão cresceu rapidamente.

De acordo com Arthur Spalding, o uso do rádio pelos adventistas teve início numa estação local dos Estados Unidos da América em 1920, ou seja, no mesmo ano em que o rádio começou a operar (CONCEIÇÃO, 2014). Em 1924, a Igreja Adventista começou a usar uma emissora com potência de 500 watts, na cidade de Berrien Springs – Michigan. Mas foi em 1928, que começou a planejar como poderia usar o rádio como meio de evangelização.

Foi Harold Marshall Sylvester (H.M.S.) Richards, um jovem evangelista da Califórnia quem começou a pensar em rádio. Ele pensava que poderia alcançar milhares de pessoas, quando na verdade, estava alcançando apenas algumas centenas (CONCEIÇÃO, 2014). Sua primeira apresentação no rádio foi em 1926, na Califórnia Central, em Fresno e Bakersfield, apresentando algumas vezes um programa de adoração familiar.

Em 1930, mudou-se para a região de Los Angeles e lá continuou seu objetivo de evangelizar. Foi oferecido a ele um horário na KNK para um programa diário a que deu o nome de *Family Worship*. Richards enfrentava um forte preconceito de alguns bons e sinceros membros da Igreja Adventista que consideravam o rádio uma ferramenta do diabo e que não deveriam utilizá-lo. Mas segundo Jonathan Conceição (2014), em seu livro 'Fé, coragem e vidas transformadas', Richards não se abateu e continuou seu sonho de evangelizar através do rádio.

A partir de 1930, muitos esforços foram feitos por Richards, porém, em 25 de julho de 1936, foi transmitido pela rádio KNK, pela primeira vez, o programa com o título 'The Voice of Prophecy' (A voz da profecia). "Ele havia escolhido esse título porque a folha de rosto do livro que trazia tinha a seguinte apresentação: A resposta da história para a voz da profecia" (CONCEIÇÃO, 2014, p. 17). Esse nome foi muito importante para a história do sistema de rádio e TV da Igreja Adventista do Sétimo

Dia.

Em 1937, Richards teve a oportunidade de colocar o programa em 18 estações da rede de rádio *West Coast (West Coast Mutual Network)*. A partir desse momento o programa *The Voice of Prophecy* estava em rede, sendo transmitido às quartas-feiras, às 17h e aos domingos às 9h30 da manhã. O primeiro programa teve como título “Deus, um ser pessoal” (CONCEIÇÃO, 2014). Nos dias 15 e 16 de outubro a Divisão Norte-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, se reuniu para oficializar o programa *The Voice of Prophecy*, transmitindo-o em rede nacional para todo o país. E o pastor Richards foi votado para ser o orador oficial do programa.

Em 1942, já eram 120 emissoras transmitindo o programa nos Estados Unidos. Richards foi pioneiro mundial de programas religiosos no rádio. Ele conseguiu “que o programa fosse transmitido em 36 outras línguas, em mais de 1.100 estações e, ainda, na elaboração de cursos bíblicos em 80 línguas, oferecidos em cerca de 144 Escolas Rádio Postais” (CONCEIÇÃO, 2014, p. 24).

Nesse período transcorria a II Guerra Mundial. E com a metade do mundo envolvido na guerra, o escritório geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia (Associação Geral) decidiu investir na América Central e América do Sul. Escolheram 22 emissoras de rádio com recursos da própria instituição.

Nesse interim, o pastor Roberto Rabello já estava estudando no Pacific Union College, uma instituição no norte da Califórnia que pertencia a Igreja Adventista. Esse pastor brasileiro foi convidado para fazer um teste de voz na sede de *A Voz da Profecia*, em Glendale, próximo de Los Angeles. Tinham a intenção de conseguir um orador para *A Voz da Profecia* no Brasil (CONCEIÇÃO, 2014).

Em 26 de setembro de 1943, foi ao ar o primeiro programa *A Voz da Profecia* em terras brasileiras. “São Paulo foi a primeira cidade a transmitir o programa, no domingo, dia 26 de setembro de 1943, às 11h” (p. 33). No mesmo dia foi transmitido em Belo Horizonte, Vitória, Aracaju, Curitiba, Ribeirão Preto e Rio de Janeiro. Depois foi transmitido em Juiz de Fora (28 de setembro); Santos (01 de outubro); Recife (02 de outubro); Fortaleza, Salvador e Belém (03 de outubro); e Porto Alegre (04 de outubro); todos no mesmo ano - 1943. Há dois detalhes importantes em relação ao programa brasileiro:

O primeiro deles é que o programa *A Voz da Profecia* não foi o primeiro programa adventista no rádio brasileiro. De acordo com J.R. dos Passos, a Associação Paraná-Santa Catarina foi a pioneira no evangelismo pelo rádio aqui no Brasil [...]. Segundo, é que o programa *A Voz da Profecia* em língua portuguesa foi apresentado primeiramente nos *Estados Unidos da América do Norte*. Tinha o objetivo de alcançar brasileiros e portugueses que lá viviam. O programa foi apresentado em junho de 1943, na cidade de Berkeley, Califórnia (CONCEIÇÃO, 2014, p. 35).

Em 1951, já eram cerca de 825 emissoras que transmitiam o programa em diversos países no mundo. Neste mesmo ano “a Revista Adventista anunciou que três estações de TV também estavam anunciando semanalmente a mensagem de esperança, nos Estados Unidos” (p. 44). A TV havia chegado recentemente no Brasil nesta ocasião.

O pastor Roberto Rabello em 1958, deixou *A Voz da Profecia* por 4 anos, retomando em 1962, na inauguração da nova sede – Auditório Guanabara no Rio de Janeiro. O programa tinha o quarteto *King’s Herolds* “considerado o mais antigo quarteto gospel dos Estados Unidos ainda em atuação” (p. 50). Mas já em 1963, surge a primeira formação do quarteto Arautos do Rei, no Brasil, que atua até hoje tendo passado por diversas formações.

Rabello passou a ser diretor e orador do programa e permaneceu nessa função até se aposentar. Outra figura importante do programa *A Voz da Profecia* foi Alcides Campolongo, nomeado orador associado do programa.

A TV começou a ser usada pela Igreja Adventista no dia 21 de maio de 1950, na cidade de Nova York, com o programa *Faith For Today (Fé para hoje)*, que era apresentado por William e Virginia Fagal. Depois passou a ser transmitido nacionalmente nos Estados Unidos, sendo o primeiro programa religioso a cobrir todo o país (CONCEIÇÃO, 2014).

“A TV no Brasil teve sua pré-estreia no dia 03 de abril de 1950”. Em 18 de setembro desse mesmo ano, “foi inaugurada a primeira emissora de TV no Brasil, a TV Tupi de São Paulo” (p. 69).

No Brasil, o programa *Fé Para Hoje*, teve início em 25 de setembro 1962, seguindo o modelo americano. Transmitido pela TV Tupi de São Paulo, foi o primeiro programa evangélico transmitido no Brasil. Os apresentadores foram

Alcides Campolongo e sua esposa, Neide Campolongo (CONCEIÇÃO, 2014).

Em 1979, o Departamento de Comunicação da Igreja Adventista no Brasil sonhava com outro programa na TV, além do *Fé Para Hoje*. Um programa que fosse nacional, pois o *Fé Para Hoje* tinha um caráter mais regional.

No dia 23 de novembro de 1980, a administração de A Voz da Profecia começou a testar candidatos a diretor-produtor do programa e o pastor José Irajá da Costa e Silva foi escolhido.

Em 21 de setembro de 1981, foi gravado o primeiro programa de TV *A Voz da Profecia* “*Encontro Com a Vida*” nos estúdios da QUADRICOM (Canal 4 – TV Iguaçu), de Curitiba. No mesmo ano foi apresentado o primeiro programa *Encontro Com a Vida*, pela TV Bandeirantes, no Rio de Janeiro (CONCEIÇÃO, 2014). Tudo era gravado fora porque A Voz da Profecia não tinha estúdio próprio.

Em 1983, o pastor Roberto Conrad foi nomeado apresentador do programa. Foi orador do programa também, o pastor Ronaldo de Oliveira.

Com o crescimento do trabalho foi necessário estabelecer uma rede de rádios no Brasil. “A história da Rede de Rádios Novo Tempo começa no Espírito Santo. Em Afonso Cláudio foi adquirida a primeira emissora (1300 AM)” (p. 130). O pastor Alcy Tarcísio de Almeida, presidente da Igreja Adventista na região, investiu no sonho que se transformou em realidade. A inauguração da rádio se deu em 12 de agosto de 1989.

Segundo Conceição (2014), o sermão de inauguração foi feito pelo pastor Rabello mencionando a razão da Rádio Novo Tempo. A sugestão do nome foi do próprio pastor Alcy que havia feito um concurso para a escolha. Em razão de não encontrar um nome que julgava ser adequado, sugeriu o nome Novo Tempo para a rádio. Em pouco tempo foi adquirida a Rádio Novo Tempo de Vitória, na capital (730 AM e 95.9 FM) e mais tarde em Nova Venécia (100.3 FM).

Quando em 1992, foi adquirida uma emissora em Novo Hamburgo (99.9 FM), o presidente da Igreja Adventista no Rio Grande do Sul pediu autorização para utilizar o mesmo nome e, com isso, o nome Novo Tempo foi se espalhando pelo Brasil. Em 2014, essa emissora já alcançava “5 milhões de pessoas na região metropolitana de Porto Alegre, em Caxias do Sul e litoral norte gaúcho”:

Com o aumento de emissoras em todo o país, decidiu-se trabalhar em rede em alguns horários do dia. A primeira transmissão em rede nacional ocorreu em 1º de junho de 1995, ao meio dia, a partir de Vitória, ES. Nascia a *Red Sat Novo Tempo*, ou seja, a *Rede de Rádios Novo Tempo*. As transmissões foram feitas a partir de Vitória até a inauguração do Sistema Adventista de Comunicação, quando as transmissões em rede passaram a ser feitas a partir de Nova Friburgo, RJ. No início, os locutores da Rádio Novo Tempo, quando em rede, a chamavam de *Rede ADSAT de Rádios e Televisão*, mas, posteriormente, o nome *Novo Tempo* voltou com força total. (CONCEIÇÃO, 2014, p. 131)

Em 1996, a sede da Rede Novo Tempo foi transferida para Nova Friburgo - RJ, onde ficou até setembro de 2005. Desde então, as transmissões via satélite são realizadas a partir dos novos estúdios localizados em Jacareí - SP.

Um destaque especial, ao Dr. Milton Soldani Afonso, pois foi ele quem comprou a Rádio Novo Tempo FM de Vitória que alcançava parte de Minas Gerais. Comprou também posteriormente emissoras em Florianópolis - SC; duas no Paraná (Curitiba e Maringá); Novo Hamburgo - RS; duas em Campo Grande - MS; Salvador - BA; Maceió - AL e Belém - PA.

Ao todo foram 25 estações de rádio no Brasil doadas pelo Dr. Milton Afonso e 16 emissoras continuam na Rede Novo Tempo de Rádios (CONCEIÇÃO, 2014). Ele ainda ajudou a adquirir 68 emissoras de rádio fora do Brasil. Dentre vários outros, esse foi “um dos motivos pelos quais recebeu o título de Patrono da Comunicação Adventista” (p. 132).

Este foi um período de muitas mudanças, especialmente no departamento de TV. Com a saída do pastor José Irajá da Costa e Silva veio o pastor Sérgio Rios.

Em 1991, já havia acontecido um encontro em Serra Negra –SP, onde se criou a F.E. (Federação de Empresários, Executivos e Profissionais Adventistas do Brasil). Cerca de 200 empresários, executivos e profissionais liberais se reuniram em março de 1991 com o objetivo de colocar um programa evangelístico de alcance nacional. Estiveram presentes nessa reunião Pr. George Vandeman (fundador e orador do programa de televisão *It is Written (Está Escrito)*, nos Estados Unidos e Henry Feyerabend, que na época era conferencista e apresentava o mesmo programa no Canadá. Estava presente também o Dr. Milton Afonso e ali foi definida a decisão de “estabelecer no Brasil uma rede nacional de evangelismo pela TV. E

isto a curto prazo” (CONCEIÇÃO, 2014, p. 139). No mesmo ano, o programa *Está Escrito* no Brasil estava no ar em rede nacional.

A princípio o programa americano foi apresentado com dublagem feita pela ADSAT. Eventualmente, a voz e imagem de George Vandeman seriam substituídas no programa brasileiro.

Estava nascendo em 1996 o SISAC (*Sistema Adventista de Comunicação*).

O governo brasileiro tinha recentemente feito um acordo com a *Intelsat*, proporcionando a venda de espaço no satélite para empresas privadas. Uma empresa havia desistido, e a Embratel estava procurando outro cliente para preencher aquela vaga (p. 164)

A partir desse momento a Igreja Adventista passava a ter um canal no satélite *Intelsat*. No mês de setembro do mesmo ano, foi assinado um contrato de dez anos com a companhia de satélite *Intelsat 709*, para levar o sinal de TV para as três Américas. O vice-presidente mundial da Igreja Adventista, pastor Follet, deu a ideia de dar o nome para essa rede de TV Adventista no Brasil de ‘Adventist Satellite Services’. Passou a ser chamada de ADSAT. A primeira transmissão da TV ADSAT foi em 1º de novembro de 1996.

Tornou-se um impasse o nome que seria utilizado: SISAC (Sistema Adventista de Comunicação) ou ADSAT. Ficou Rede ADSAT de Rádio e Televisão. Durante algum tempo o programa *A Voz da Profecia* e o programa *Está Escrito* se dividiram com administrações distintas. *A Voz da Profecia* cuidava do programa nas rádios e o *Está Escrito* era o carro chefe da TV.

Em 03 de março de 2002, *A Voz da Profecia* vai à TV pela primeira vez com o tema sobre a volta de Jesus. Agora a Igreja tinha dois programas para reforçar a presença adventista na TV. Em 22 de maio de 2002, houve uma mudança estratégica e a liderança da igreja na América do Sul decidiu que o Pr. Neumuel Stina seria o orador de *A Voz da Profecia*, rádio e TV e do programa *Está Escrito* e não seria mais o diretor do SISAC. No seu lugar foi nomeado o pastor Milton Souza (CONCEIÇÃO, 2014). E ele tinha um sonho:

O sonho do pastor Milton era colocar o programa *Está Escrito* disponível em todo o Brasil através de uma TV aberta e não apenas em algumas emissoras e no satélite, como estava ocorrendo naquela época. Portanto, no início de janeiro de 2003, foi feito um contrato com a Rede TV para que o programa fosse ao ar aos domingos, 9h30 da manhã, tornando-o disponível em grandes capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Fortaleza e outras grandes cidades (CONCEIÇÃO, 2014, p. 203).

Em 2003 foi definido o novo nome para a TV Adventista que passaria a chamar-se TV Novo Tempo. Nessa ocasião foi criado um departamento para expansão do alcance da TV, tornando-a disponível não só no satélite, mas também em TVs a cabo e aberta. A TV Novo Tempo chegou para ficar. A cobertura da TV foi ampliada e vários municípios brasileiros passaram a receber o canal por TV aberta e por assinatura. Em 2004, a TV Novo Tempo estava presente em 21 municípios, além do satélite.

“O Sistema Adventista de Comunicação englobava a Rede Novo Tempo de Rádios, TV ADSAT, Gravadora A Voz da Profecia, TV e Rádio Nuevo Tiempo e os ministérios de pregação, *Está Escrito* e *A Voz da Profecia*” (CONCEIÇÃO, 2014, p. 212).

Novo Tempo era um nome forte, por causa das emissoras de rádio já identificadas dessa forma. Por isso, pouco a pouco, o nome Novo Tempo passou a ser usado para as TVs, Gravadora, Departamento Comercial e outros, e o nome SISAC foi ficando de lado, embora continuasse como razão social. A TV ADSAT passou oficialmente a ser a TV Novo Tempo – O Canal da Esperança, a gravadora deixou de ser Gravadora VP para ser Gravadora Novo Tempo. Em Espanhol, a TV Nuevo Tiempo já havia iniciado usando esse nome, e a rede de rádios em espanhol também adotou oficialmente o nome Rádio Nuevo Tiempo (p. 213).

A sede havia ficado pequena para as pretensões de crescimento e evangelização. Precisavam encontrar outro lugar maior para a sede da Novo Tempo. Havia necessidade de construir novos estúdios e estrutura ideal para o que seria chamado futuramente de Rede Novo Tempo de Televisão e do SISAC.

A nova sede foi comprada em Jacareí – SP. O local deveria favorecer as constantes viagens da equipe de funcionários e aqueles que precisavam estar lá para as gravações. O sonho do pastor Milton Souza tomou forma em 23 de abril de

2006. “O Pr. Jan Paulsen, presidente mundial da Igreja, veio pessoalmente para participar da cerimônia de inauguração da nova sede do Sistema Adventista de Comunicação” (CONCEIÇÃO, 2014, p. 222).

Com a saída do pastor Montano de Barros de *A Voz da Profecia*, o pastor Fernando Iglesias assumiu a dupla função de orador do *Está Escrito* e também de *A Voz da Profecia*. Em 2007, a TV Novo Tempo teve nova direção. Com saída de Tenison Shirai recebendo um chamado para trabalhar na Bolívia como missionário, Jonatan Conceição assumiu a responsabilidade.

A negociação com uma TV por assinatura, permitiu que em 2008 a programação da Novo Tempo estivesse disponível para 1,7 milhão de telespectadores no canal 141 da Sky. Em 2008 a TV Novo Tempo passava a ser distribuída pelo satélite IS-10, cobrindo a Angola, Moçambique e São Tomé (CONCEIÇÃO, 2014). “A TV em português contava com 60 profissionais para gerir e manter os 12 programas semanais inéditos que eram produzidos” (p. 236). Nesta época o Pr. Ivan Saraiva era o evangelista da TV Novo Tempo.

Em 2009, a TV Novo Tempo “estava presente em 175 cidades brasileiras por canal aberto, e na maior TV por assinatura do país: Sky, canal 141 e, ainda, com 105 operadoras a cabo que veiculavam a programação da emissora” (p. 239). O crescimento era surpreendente desde que fez o contrato com a Sky e devido a abertura de várias concessões em várias cidades para a TV aberta:

Em 2010, a *Novo Tempo* estava produzindo 35 horas de programação inédita a cada semana, sendo dez horas de transmissão ao vivo [...] e estreou um telejornal diário e ao vivo, com duração de meia hora [...]. A TV Novo Tempo estava presente como emissora aberta em 350 cidades brasileiras e, somados aos telespectadores da Sky, alcançava mais de trinta milhões de brasileiros, sem computar a programação voltada para os hispânicos (CONCEIÇÃO, 2014, p. 247).

Entre 2002 e 2017 a Rede Novo Tempo de Comunicação teve como diretores, os pastores Milton Souza, Marlon Lopez e Antônio Tostes, subsequentemente.

A TV Novo Tempo conta hoje com modernos estúdios distribuídos em um prédio de aproximadamente 6 mil m². O prédio recebeu o nome de Milton Soldani Afonso. São amplos e modernos estúdios que são utilizados para gravação dos

programas de jornalismo, programas ao vivo, gravados e programas com audiência, oferecendo todas as condições para a produção de uma programação diversificada e com qualidade para a TV (CONCEIÇÃO, 2014).

A Novo Tempo está em mais de 500 cidades em canal aberto no Brasil; em 19 capitais.³

Os programas que compunham a grade até o final de 2017 eram: 180 Graus; Adoração; Além dos Fatos; Anjos da Esperança; Arena do Futuro; Armarinho da Arte; Bíblia Fácil; Caixa de Música; Claramente; Código Aberto; Conexão; Consultório de Família; Educação; Evidências; Escola Bíblica NT; Está Escrito; F.E. em Ação; Fé Para Hoje; Feliz Sábado; Hiperlinkados; Identidade Geral; Jornal da Novo Tempo; Lar e Família; Lições da Bíblia; Lugar de Paz; Maranatha; Minha Vez; Missão 360; Na Mira da Verdade; Origens; Perfil Musical; Reavivados por sua Palavra; Redação NT; Revista Novo Tempo; Saldo Extra; Sem Tabus; Séries Evangelísticas; Teólogos; Tia Cecéu; Viaje Comigo; Vida e Saúde.

³ Para localizar os canais, acessar: <http://novotempo.com/tv/onde-assistir/>.

3 NARRATIVAS, MITOS E HISTÓRIAS DE VIDA

Intenta-se neste capítulo, trabalhar o conceito de narrativas midiáticas atrelado ao conceito de midiatização com foco na televisão e observar as relações entre as narrativas televisivas, o mito e as histórias de vida.

3.1 Narrativas da TV

Vivemos em um mundo onde as imagens, reais ou ficcionais, fazem parte do nosso cotidiano e pautam nossa percepção e sentidos. Segundo Gomes (2011), nesse contexto imagético ou por seu alcance geográfico ou pelo papel que desempenha na contemporaneidade, a televisão se mostra como um objeto que traz a nós motivo de reflexão.

Em 1920 a televisão iniciou suas primeiras transmissões nos Estados Unidos, com a RCA (Radio Corporation of America). Após três décadas a TV chega ao Brasil com a tecnologia trazida por Assis Chateaubriand, fundando a PRF-3 TV Tupi-Difusora, em São Paulo, a quarta emissora do mundo e a primeira da América Latina. O grande momento de expansão no Brasil se deu na década de oitenta. Atualmente a televisão atingiu um alcance geográfico admirável estando presente em 87% dos domicílios brasileiros. De acordo com os dados da PNAD (IBEGE), realizada em 2010 (95,7%) dos domicílios brasileiros possuíam aparelho de televisão, superando a presença de rádio (87,9%) e da geladeira (93,4%). Esse percentual de domicílios representa algo em torno de 145 milhões de telespectadores. Esses dados segundo Gomes (2011), refletem apenas parte do fenômeno. Ainda existe a televisão móvel e até a narrativa transmídia.

As narrativas televisivas devem ser observadas, estudadas e compreendidas pelas condições históricas e relações sociais que as moldam em épocas e cenários distintos.

Como qualquer outro produto social, a televisão deve ser entendida olhando-se para condições históricas e relações sociais que as moldam em épocas e cenários distintos, não só transnacionalmente como também nacionalmente. A natureza da imagem produzida, sua “qualidade” e sua lucratividade dependem de uma série de

fatores que acabam por criar unidades especializadas com atribuições e métodos diferentes. Existem canais de TV especializados em esportes, dramaturgia, curiosidades, vendas, culinária, animais e, porque não, produção de história, como o *History Channel*. As diferenciações não se dão somente de canal para canal, mas também internamente, dentro da própria grade de programação por um recorte de audiência e sob a lógica do comercial. A televisão comunica imagens, apresenta modelos, formas de agir e se inserir no mundo, padrões de comportamento que podem ou não ser aceitos pelos telespectadores (GOMES, 2011, p. 3)

Esther Hamburger argumenta que “a TV capta, expressa e constantemente atualiza representações de uma comunidade nacional imaginária” (HAMBURGUER, 1999, p. 441 apud GOMES, 2001, p. 3). Gomes, em seu artigo ‘Entre narrativas: literatura, televisão e memória’, menciona que “produtos midiáticos, como telenovelas, séries, minisséries, documentários, *reality shows* etc.; fornecem padrões de referência” (GOMES, 2011, p. 3).

No contexto das narrativas televisivas evangélicas percebe-se os mesmos efeitos e implicações sobre os telespectadores. Em seu livro ‘Imagens de culto e imagens da mídia’, Alberto Klein cita as missas e os cultos da TV que são dirigidos aos telespectadores ou tele fiéis em forma de espetáculo. Ele acrescenta que esse culto que passa a ser percebido como um *show* televisivo promove com muita frequência “o estabelecimento de um poderoso vínculo entre um meio de comunicação e a nova experiência religiosa [...] num tempo em que a civilização da imagem impôs uma série de condicionamentos ao olhar” (KLEIN, 2006, p. 21). Talvez a televisão esteja fornecendo padrões de referência, “programas televisivos que devem ser entendidos como prática social que produzem efeitos concretos no mundo empírico” (GOMES, 2011, p. 3), fornecendo modelos de como agir e estar no mundo.

Gomes ainda acrescenta que:

Constantemente na mídia nacional e internacional deparamo-nos com narrativas que evocam lembranças, impressões, textos históricos e cronologicamente determinados, de modo a formar uma ponte entre presente e passado com vista para o futuro (p. 3)

As questões trazidas por Klein (2006) são: Que tipo de referência o culto televisivo tem trazido aos tele-fiéis? O que as narrativas evangélicas trazem no bojo midiático? Para ele “o desenvolvimento de mídias visuais como fotografia, TV, cinema, e, mais recentemente, a internet” (p. 21), tem trazido uma sobrecarga sobre os telespectadores; “essa sobrecarga sensorial nos empurrou, na estrada do século XXI, para uma civilização da imagem, caracterizada por sucessivos choques e condicionamentos sobre o olhar” (p. 21). Klein está falando sobre o perigo da inflação das imagens.

3.2 Narrativas: mito e realidade

Há muita controvérsia em relação ao sentido da palavra mito hoje em dia, especialmente, no meio não-erudito, diferentemente do meio acadêmico onde o termo encontra duas vertentes que se divergem. Sobre a diferença entre essas duas vertentes Eliade diz:

Há mais de meio século, os estudiosos ocidentais passaram a estudar o mito por uma perspectiva que contrasta sensivelmente com a do século XIX, por exemplo. Ao invés de tratar, como seus predecessores, o mito na acepção usual do termo, i.e., como “fábula”, “invenção”, “ficção”, eles o aceitaram tal qual era compreendido pelas sociedades arcaicas, onde o mito designa, ao contrário, uma “história verdadeira” e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo. Mas esse novo valor semântico conferido ao vocábulo “mito” torna o seu emprego na linguagem um tanto equívoco. De fato, a palavra é hoje empregada tanto no sentido de “ficção” ou “ilusão”, como no sentido – familiar sobretudo aos etnólogos, sociólogos e historiadores de religiões – de “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar”. (2016, p. 7- 8).

Este termo se revestiu na história de diferentes significados no mundo antigo e cristão. Ainda nos anos de 656-470, Xenófanés já rejeitava e criticava as expressões “mitológicas” da divindade utilizadas por Homero e Hesíodo (ELIADE, 2016). Segundo Eliade, a partir daí os gregos foram despojando progressivamente o *mythos* que acabou por denotar tudo o que não pode existir realmente.

Com isso, o Judaísmo e, mais tarde, o Cristianismo passaram a relegar o termo para o campo da “falsidade” ou “ilusão” tudo o que não fosse justificado ou

validado por um dos dois Testamentos (ELIADE, 2016).

Para as considerações desta pesquisa o que nos interessa é o sentido mais arcaico desse termo, não no sentido histórico em que se tornou sinônimo de “ficção” ou “ilusão”.

Segundo Eliade (2016) a melhor forma de estudar os mitos não é a partir da mitologia grega, egípcia ou indiana porque a “maioria dos mitos gregos foi recontada e, conseqüentemente, modificada, articulada e sistematizada por Hesíodo e Homero, pelos rapsodos e mitógrafos” (p. 10). O estudioso da mitologia diz que “as tradições mitológicas do Oriente Próximo e da Índia foram persistentemente reinterpretadas e elaboradas por seus respectivos teólogos e ritualistas” (p. 10).

Segundo o autor é preferível começar a estudar os mitos nas sociedades arcaicas e tradicionais, porque eles refletem com mais precisão um estado primordial.

Com base nisso, Eliade nos pergunta se de fato podemos chegar a uma definição ideal de mito que fosse aceita por eruditos e não-eruditos. Uma definição que abrangesse todos “os tipos e funções dos mitos em todas as sociedades arcaicas e tradicionais” (p. 11). Por ser uma realidade cultural e extremamente complexa e que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares, ele expõe a que acha menos imperfeita, julgando ser a mais ampla:

A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo, algo foi produzido e começou a ser. O mito fala somente do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestimoso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo.

É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das invenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural (ELIADE, 2016, p. 11)

Fica evidente que do ponto de vista de muitos eruditos, inclusive Eliade, o mito é uma história primordial e verdadeira considerada sagrada “uma história verdadeira, porque se refere a realidades” (p. 12).

A existência de algumas coisas que presenciamos e vivemos nos atesta de que alguns mitos são de fato realidades concretas. “O mito cosmogônico é “verdadeiro” porque a existência do Mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente “verdadeiro” porque é provado pela mortalidade do homem” (p. 12).

A principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação, como o casamento, o trabalho, a educação, a arte e a sabedoria. Essa concepção é a compreensão do homem das sociedades arcaicas e tradicionais (ELIADE, 2016).

Percebe-se, portanto, que as narrativas míticas podem nos orientar, ensinar e fazer compreender muitos aspectos de nossa vida e do comportamento. Por meios de histórias narradas pode-se encontrar sentido para a existência.

Sabe-se que pode haver muita divergência nesse tema que é tão complexo. Mas a pesquisa se vale da natureza prática dos mitos para que possamos aprender e fazer relações com a experiência de nossos antepassados e obter conhecimento sobre realidades que revelam aos indivíduos o sentido dos atos rituais, morais e modos de vivência. Ainda no contexto da função dos mitos Eliade expressa:

[...] após a cosmogonia e criação do homem, ocorreram outros eventos, e o homem, *tal qual* é hoje, é o resultado direto daqueles eventos míticos, *é constituído por aqueles eventos*. Ele é mortal porque algo aconteceu *in illo tempore*. Se algo não tivesse acontecido, o homem não seria mortal – teria continuado a existir indefinidamente [...]. Mas o mito da origem da morte conta o que aconteceu *in illo tempore*, e, ao relatar esse incidente, explica *por que* o homem é mortal (ELIADE, 2016, p. 16).

Há uma diferença no olhar do homem moderno em relação ao homem das sociedades arcaicas, porque este último é obrigado não somente a rememorar a

história mítica de sua tribo, como também a reatualizá-la periodicamente em grande parte. É aqui, segundo Eliade, que está a diferença do homem moderno. Enquanto que para o homem moderno a nota característica é a história “somos fruto de descobertas e da própria civilização”, isto não é evidência para o homem das sociedades arcaicas.

A pesquisadora Martinez (2008, p. 34) diz que em “paralelo, o processo é enfatizado com a introdução da historiografia. Com as ‘Histórias’, de Heródoto (484-426 a.C.), a preocupação em registrar os feitos de humanos” enfatizou as “nações de destaque relegando os frutos da mentalidade coletiva ao segundo plano”.

Por outras palavras, para os homens das sociedades arcaicas, eles se consideravam frutos do que se passou em tempos míticos que constituem uma história sagrada (ELIADE, 2016). “E os rituais tinham como premissa reviver a origem, a primeira vez em que aquela história supostamente havia sido encenada”, sendo o mito uma “parte integrante e formadora da realidade” (MARTINEZ, 2008, p. 34).

O mito como narrativa ou relato de uma história verdadeira ajuda a compreender a noção de crenças e comportamentos de uma dada comunidade. E seus rituais servem como uma forma de reatualizar momentos significativos dessa mesma comunidade e seus antepassados. Assim expressa Eliade:

Numa forma sumária, poderíamos dizer que, ao viver os mitos, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo qualitativamente diferente, um tempo sagrado, ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável (2016, p. 21)

A história dos mitos é considerada absolutamente verdadeira por se referir a realidades. É sagrada porque envolve seres sobrenaturais e porque o mito se refere sempre a uma criação contando como algo veio a existir. Mostra como surgiram os padrões de comportamento, as instituições e formas de trabalho. Os mitos se tornaram os paradigmas de todos os atos humanos significativos (ELIADE, 2016).

O mito, quando estudado ao vivo, não é uma explicação destinada a satisfazer uma curiosidade científica, mas uma narrativa que faz reviver uma realidade primeva, que satisfaz a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a

imperativos de ordem social, e mesmo a exigências práticas. Nas civilizações primitivas, o mito desempenha uma função indispensável: ele exprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem. O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática [...] revela ao homem o sentido dos atos rituais e morais, indicando-lhe o modo como deve executá-los (p. 23).

A pesquisadora Martinez (2008) fala sobre o poder das narrativas e estabelece uma proposta de estrutura narrativa mítica para a construção de histórias de vida em Jornalismo.

Em sua abordagem, o sentido das histórias de vida construídas com base na ‘Jornada do Herói’, ao contrário do que muitos pensam, não é a captação de acontecimentos imaginários, ilusórios ou hipertrofiados pela imaginação, esse argumento não se sustenta, pois, as narrativas de histórias de vida não são fatos mais próximos da ficção do que da realidade. (MARTINEZ, 2008).

Conceitos equivocados como esses não se incluem na proposta desta pesquisa, que visa “compreender a jornada humana de uma forma aprofundada” (MARTINEZ, 2008, p. 37). Martinez ainda ressalta as contribuições que podem advir da arte, religião e da filosofia para a narrativa mítica à área de comunicação:

Portanto, a aplicação dessa estrutura narrativa mítica à área da comunicação não pressupõe o afastamento do pensamento lógico ou científico, porém, soma a estes as contribuições das artes, religião e da filosofia. Ela agrega à razão atributos subjetivos, como as sensações, os sentimentos e as intuições para a produção de relatos mais integrais (p. 38).

É provável que, as narrativas midiáticas televisivas do programa 180 Graus, observadas com a lente da estrutura mítica das histórias de vida, possam ajudar na compreensão das etapas da jornada humana na busca de satisfação e felicidade.

Complementando o que o mitólogo Joseph Campbell diz a respeito da função pedagógica do mito, Martinez diz que a estrutura narrativa mítica “por extensão, permite ao leitor que imerge na história de vida de um indivíduo, relacioná-la à

própria trajetória, tirando ensinamentos que pode utilizar em sua própria existência” (2008, p. 38-39).

A estrutura narrativa mítica foi idealizada pela mitólogo norte-americano Joseph Campbell no final dos anos 1940 (Jornada do Herói) foi aplicada ao cinema norte-americano nos anos 1980 pelos estúdios Disney por meio do analista de roteiros Christopher Vogler. E no Brasil, Edvaldo Pereira Lima, pesquisador e docente do ‘Núcleo de Epistemologia do Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo’, foi pioneiro em aplicar o método ao ensino e práxis jornalísticas a partir da década de 1990.

Em 1998 a estrutura mítica de Jornada do Herói foi apresentada como método e utilizado na tese de doutorado da pesquisadora Monica Martinez na Escola de Comunicações da Universidade de São Paulo (USP).

3.3 Estrutura narrativa mítica: Jornada do Herói

Monica Martinez (2008), cita em sua pesquisa a uniformidade das narrativas míticas. Ela diz que “ao longo dos milênios, essa forma estrutural facilitou ao ser humano compreender em alguma medida os mistérios do universo e os enigmas de sua própria espécie” (p. 48). Ao citar Samira Nahid de Mesquita ela reforça sua ideia:

Contar, narrar passam a ser formas de ordenar a desordem, de dominar o desconhecido, de repensar o caos. Uma frase de um ensaísta contemporâneo, Roland Barthes, sintetiza bem esta ideia. “O mundo deixa de ser inexplicável quando se narra o mundo”. Ao organizarem-se frases, organizam-se sentidos, articula-se uma ordem, cria-se um mundo logicamente estruturado (MESQUITA, 1994, p. 9 e 10 apud MARTINEZ, 2008, p. 48).

Mencionando a ‘Jornada do Herói’, Martinez fala sobre os efeitos didáticos dos seus doze passos baseados na Jornada proposta por Campbell dizendo que essa sequência “não precisa ser necessariamente linear, pois cada plano pode ser posto em relação a qualquer outro” (MARTINEZ, 2008, p. 50).

Segundo Martinez, a construção cinematográfica é na prática um exemplo, ou seja, “não é necessariamente feita de forma cronológica, ainda que seja uma forma

de edição viável” (p. 50). A pesquisadora ainda afirma que:

Dentro desta premissa, a estrutura mítica, antes de ser um modelo fechado, é um mapa de direções, de possibilidades. Como se sabe, o mapa, em si, não é a viagem. Um exame prévio de seu conteúdo pode sinalizar eventuais trajetórias. A checagem durante a viagem pode alertar sobre pontos que valem a pena ser conhecidos e de eventuais desafios. Realizado o caminho, sua leitura continua útil, pois permite avaliar se não ficaram espaços a serem visitados. É preciso perceber que este mapa não é autoexplicativo, nem possui um ponto de começo e fim. Antes é uma somatória de conjunções, um *continuum* de possibilidades formado por muitas interrogações e inúmeras exclamações. Até porque ele não tem a pretensão de mapear o complexo caminho da existência humana, mas puramente servir de lanterna para iluminar algumas paragens desta bela e tortuosa trilha pela qual caminha a humanidade (p. 51).

A Jornada do Herói propõe um padrão narrativo ao qual os seres humanos estão habituados há milênios. Joseph Campbell ao analisar mitos, contos populares e de fadas de todo o mundo, percebeu que havia uma estrutura básica que permeava as narrativas e que se dividia em três fases: 1) Partida; 2) A iniciação e 3) O retorno. (MARTINEZ, 2008).

Essa estrutura foi batizada por ele mesmo de “monomito” em sua obra ‘O herói de mil faces’ (1992). Para Campbell a ‘Jornada do Herói’ ilustra o caminho que leva a pessoa a empreender vivências que a fazem mudar padrões de comportamento conscientes e inconscientes (MARTINEZ, 2008). Na mesma direção expressa-se outro estudioso do tema:

Os estágios da Jornada do Herói podem ser identificados em todos os tipos de história, não apenas naquelas que apresentam ação física “heroica” e aventuras. O protagonista de toda história é o herói de uma jornada, mesmo que o caminho leve apenas à sua mente ou ao reino dos relacionamentos pessoais (VOGLER, 2015, p. 45).

Os elementos básicos do padrão arquetípico da Jornada do Herói de Joseph Campbell são divididos em 17 etapas. Monica Martinez assim apresenta em seu livro ‘Jornada do Herói’:

Quadro 1- As 17 etapas da Jornada do Herói em suas três fases

A PARTIDA

- a) **O chamado da aventura:** evento que mudará a vida do herói da narrativa.
- b) **Recusa do chamado:** o protagonista pode hesitar em aceitar ou até declinar ao chamado.
- c) **O auxílio sobrenatural:** é comum nesta fase a presença de figuras-mestras, que dão ao herói segurança e conselhos para atingir sua meta.
- d) **A passagem pelo primeiro limiar:** a figura do guardião do limiar, comum nas narrativas míticas, tem a função de guardar o portal que separa o herói da experiência.
- e) **O ventre da baleia:** exilado de seu cotidiano, o herói passa por um processo de internalização.

A INICIAÇÃO

- a) **O caminho das provas:** no processo de metamorfose, o herói vivencia inúmeras provações.
- b) **O encontro com a deusa:** a assimilação dos atributos do sexo oposto é a última prova do herói.
- c) **A mulher como tentação:** o herói deve buscar o equilíbrio, sem cair no extremo de ver o sexo oposto como um mero elemento carnal ou sublimá-lo.
- d) **A sintonia com o pai:** momento em que ocorre uma ruptura decisiva com os valores passados.
- e) **A apoteose:** após as ideias parentais terem sido atualizadas, o herói se torna finalmente livre para sedimentar a mudança de seu nível de consciência.
- f) **A benção última:** ultrapassado os limites das imagens terrenas, o herói se confronta com o desafio final de transcender a simbologia dos ícones.

O RETORNO

- a) **A recusa do retorno:** o herói deve voltar e transmitir o conhecimento a seus pares.
- b) **A fuga mágica:** alguns heróis precisam de auxílio para retornar ao cotidiano.

- c) **O resgate com auxílio externo: o que pode envolver a presença ativa de outra personagem da narrativa.**
- d) **A passagem pelo limiar do retorno: ocorre a passagem do reino místico à terra cotidiana.**
- e) **Senhor de dois mundos: a mentalidade ampliada do herói leva-o a ter papel benéfico entre seus contemporâneos.**
- f) **Liberdade para viver: renascido, o herói pode agora desfrutar de uma nova biografia pessoal e abrir-se para novas experiências.**

Fonte: MARTINEZ, M. Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008. p. 55-56

Essa estrutura foi transposta para o cinema por Christopher Vogler em 1980 procurando entender o mecanismo de uma boa história e a sensação de ter vivido uma experiência completa e significativa (MARTINEZ, 2008).

Pouco tempo depois de ter contato com o trabalho de Joseph Campbell, Vogler decide traçar um memorando de sete páginas que tinha o título “Guia prático d’O herói de mil faces”. Seu trabalho é publicado pela *Michael Wiese Productions* como ‘The Writer’s Journey’. E no Brasil, o livro é lançado em 1997 pela Ampersand Editora, do Rio de Janeiro, com o título ‘A Jornada do Escritor: estruturas míticas para contadores de histórias e roteiristas’ (MARTINEZ, 2008).

Vogler, “humaniza o herói, caracterizando-o como o protagonista da narrativa, ou seja, o personagem principal em torno do qual gira a história”. Ele também “elimina a questão das forças mágicas inerentes aos mitos e contos, deixando claro que o herói precisará contar com seus próprios atributos, com determinação e ousadia” (MARTINEZ, 2008, p. 58). Martinez diz que a maior contribuição do roteirista foi a simplificação da metodologia para 12 etapas, divididas nos clássicos três atos dos roteiros como segue:

Quadro 2 - Comparação entre a Jornada do Herói proposta por J. Campbell e de C. Vogler

JORNADA DO ESCRITOR PROPOSTA POR CHRISTOPHER VOGLER	O HERÓI DE MIL FACES DE JOSEPH CAMPBELL
PRIMEIRO ATO	PARTIDA, SEPARAÇÃO
1. Mundo Comum	
2. Chamado à aventura	Chamado à aventura
3. Recusa do chamado	Recusa do chamado
4. Encontro com o mentor	Ajuda sobrenatural
5. Travessia do primeiro limiar	Travessia do primeiro limiar O Ventre da Baleia
SEGUNDO ATO	DESCIDA, INICIAÇÃO, PENETRAÇÃO
6. Testes, aliados, inimigos	Estrada de provas
7. Aproximação da caverna oculta	
8. Provação suprema	Encontro com a deusa A mulher como tentação Sintonia com o pai
9. Recompensa	A grande conquista
TERCEIRO ATO	RETORNO
10. Caminho de volta	Recusa do retorno Vôo mágico Resgate de dentro Travessia do limiar Retorno
11. Ressurreição	Senhor de dois mundos
12. Retorno com elixir	Liberdade para viver

Fonte: MARTINEZ, M. Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008. p. 59)

No final dos anos 1990, Vogler faz adaptação do padrão universal de Campbell, a fim de construir as obras cinematográficas de ficção. O docente Edvaldo Pereira Lima, do Núcleo de Epistemologia do Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, “busca incorporar à prática jornalística recursos narrativos que deem sustentação a uma forma aprofundada de retratar a realidade” (MARTINEZ, 2008, p. 60).

Martinez diz que Edvaldo Pereira Lima, ao “perceber o potencial da Jornada do Herói como ferramenta para construção de histórias de vida de pessoas reais,

agrega essa estrutura narrativa mítica à sua proposta de Jornalismo Literário Avançado” (p. 60). Afirma Martinez que, “esta modalidade visa a uma abordagem transdisciplinar, complexa, integral e sistêmica da realidade, e emprega outros recursos inovadores – como a Escrita Total e a História de Vida” (p. 60 e 61).

A proposta de Vogler “é flexível, permitindo variações dentro do modelo referencial”. Por isso mesmo, “pode-se aplicar para levantar os elementos presentes em cada jornada individual” (MARTINEZ, 2008, p. 61).

Martinez menciona que Pereira Lima ressalta um dos diferenciais desta metodologia, isto é, traz à “tona além dos contextos sociais e históricos, os elementos da trajetória humana que muitas vezes não estão visíveis, o que ajuda a elucidar os jogos de força que constroem cada história em particular” (p. 61).

No quadro a seguir verifica-se a sintetização por Pereira Lima, da Jornada do herói, em oito etapas:

Quadro 3 - Comparação entre a Jornada do Herói proposta por J. Campbell, C. Vogler e Pereira Lima

O HERÓI DE MIL FACES DE JOSEPH CAMPBELL (17 etapas)	JORNADA DO ESCRITOR DE VOGLER (12 etapas)	JORNADA DO HERÓI DE PEREIRA LIMA (8 etapas)
Partida, separação	Primeiro ato	Partida
	Mundo Comum	1. Cotidiano
Chamado à aventura	Chamado à aventura	2. Chamado à aventura
Recusa do chamado	Recusa do chamado	3. Recusa
Ajuda sobrenatural	Encontro com o mentor	
Travessia do primeiro limiar	Travessia do primeiro limiar	4. Desafios
Barriga da baleia		5. Caverna profunda
Descida, iniciação, penetração	Segundo Ato	

Estrada de provas	Testes, aliados, inimigos	7. Testes
Aproximação da caverna oculta		
Encontro com a deusa	Provação suprema	
A mulher como tentação		
Sintonia com o pai		
A grande conquista	Recompensa	8. Recompensa
A Benção Última		
Retorno	Terceiro Ato	
Recusa do retorno	Caminho de volta	
Vôo mágico		
Resgate de dentro		
Travessia do limiar		
Retorno		
Senhor de dois mundos	Ressurreição	
Liberdade para viver	Retorno com elixir	9. Retorno

Fonte: MARTINEZ, M. Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008. p. 62.

Em seu livro, Martinez apresenta sua proposta da Jornada do herói dizendo que é a combinação dos três modelos ou estruturas em 12 etapas:

[...] ao se adotar a concepção da Jornada do Herói enquanto um mapa que transmite a experiência adquirida, esta metodologia pode ser aplicada a uma vida inteira ou a um episódio mais importante que se queira contar aos leitores, telespectadores, ouvintes ou internautas (2008, p. 62).

Veja a comparação dos quatros modelos:

Quadro 4 - Comparação entre a Jornada do Herói proposta por J. Campbell, C. Vogler, Pereira Lima e Monica Martinez

O HERÓI DE MIL FACES DE J. CAMPBELL (17 etapas)	JORNADA DO ESCRITOR DE C. VOGLER (12 etapas)	JORNADA DO HERÓI DE PEREIRA LIMA (8 etapas)	JORNADA DO HERÓI DE MONICA MARTINEZ (12 etapas)
Partida, separação	Primeiro ato	Partida	Partida
	Mundo comum	Cotidiano	1. Cotidiano
Chamado à aventura	Chamado à aventura	Chamado à aventura	2. Chamado à aventura
Recusa do chamado	Recusa do chamado	Recusa	3. Recusa
Ajuda sobrenatural	Encontro com o mentor		
Travessia do primeiro limiar	Travessia do primeiro limiar	Desafios	4. Travessia do primeiro limiar
Barriga da baleia		Caverna profunda	
Descida, Iniciação, Penetração	Segundo Ato		Iniciação
Estrada de provas	Testes, aliados, inimigos	Testes	5. Teste, aliados, inimigos
	Aproximação da caverna oculta		
Encontro com a deusa	Provação suprema		6. Caverna profunda
A mulher como tentação			7. Provação suprema
Sintonia com o pai			8. Encontro com a deusa
A Grande conquista	Recompensa	Recompensa	9. Recompensa
Retorno	Terceiro ato		Retorno

Recusa do retorno	Caminho de volta		10. Caminho de volta
Vôo mágico			
Resgate de dentro			
Travessia do limiar			
Retorno			
Senhor de dois Mundos	Ressurreição		11. Ressurreição
Liberdade para viver	Retorno com elixir	Retorno	12. Retorno com elixir

Fonte: Fonte: MARTINEZ, M. Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008. p. 64

A proposta da Jornada do herói baseada nas histórias de conversão é o nosso foco. A história de conversão de uma pessoa pode ser um momento significativo, marcante e singular. Com esse acontecimento, se inicia um processo que durará toda uma vida para que seja concluído.

Com foco nas histórias de conversão, a pesquisa concentra-se em duas fases da estrutura mítica proposta por Martinez (2008) – ‘caverna profunda’ e a ‘provação suprema’. Ocorre nesses estágios um “intenso processo de internalização, visto que o protagonista está vivenciando um processo de metamorfose – o que pode colocar em xeque-mate atributos psicológicos do protagonista (p. 89).

Segundo Martinez, o “quadro de aliados pode mudar radicalmente quando a pessoa decide assumir a empreitada. Nesta hora, amigos do peito podem desaparecer e oponentes recrudescer as forças” (p. 89).

A verdade é que nesse momento precisa-se entrar no jogo e jogar a partida. Mesmo que torçam pelo herói na arquibancada da vida, a decisão é de total responsabilidade do protagonista. Ele ou ela, entram no jogo por conta e risco (MARTINEZ, 2008). Neste momento crucial o herói está diante da ‘caverna profunda’.

É dito por Martinez que na construção de uma história de vida, esta etapa, introduzida por Vogler (2015), representa o acontecimento central da narrativa:

De algum modo, em toda história, os heróis enfrentam a morte ou algo semelhante; seus maiores medos, o fracasso de um empreendimento, o fim de uma relação, a morte de uma personalidade velha. Na maioria das vezes, os heróis sobrevivem, magicamente, a essa morte e renascem – literal ou simbolicamente – para colher as consequências de terem derrotado a morte. Passaram pelo teste principal, aquele que sagra um herói (VOGLER, 1997, p. 214 apud MARTINEZ, 2008, p. 92).

Muitas histórias conduzem os heróis a uma jornada interior “que acontece na mente, no coração, no espírito. Em qualquer boa história, o herói cresce e se transforma, empreendendo uma jornada de um modo de ser para outro” (VOGLER, 2015, p. 45). Segundo Vogler, a jornada vai do “desespero à esperança, da fraqueza à força, da tolice à sabedoria, do amor ao ódio e vice-versa. Essas jornadas emocionais têm a preferência do público e fazem valer a pena acompanhar a história” (VOGLER, 2015).

3.4 *Sagrado e profano: codificação binária na TV*

Para Eliade (2001 p. 18), “o homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o máximo possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados”. Ele ainda afirma que a “tendência é compreensível, pois para os ‘primitivos’, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência” (p. 18).

O ser humano desde as sociedades arcaicas via a oposição sagrado e profano muitas vezes como uma oposição entre real e irreal ou pseudo-real (ELIADE, 2001). Em decorrência disso, o homem primevo sente o desejo profundo de “ser, participar da realidade e saturar-se de poder” (p.19).

O homem religioso busca manter-se o máximo de tempo possível em um universo sagrado em relação ao homem privado de sentimento religioso em um mundo dessacralizado e, portanto, profano. A ideia de profano em Eliade é o homem natural que através de processos históricos, modificando seu comportamento espiritual, é dessacralizado pela modernidade.

Em outras palavras, o homem moderno dessacralizou seu mundo e assumiu uma existência profana. Isso, segundo Eliade (2001), fez com que o homem não religioso das sociedades modernas sentisse cada vez mais dificuldade em reencontrar as dimensões existenciais do homem religioso das sociedades arcaicas.

A compreensão do conceito de profano e sagrado para Eliade é o entendimento de que “[...] o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas existências assumidas pelo homem ao longo da sua história” (2001, p. 20). Desta forma, “o homem das sociedades tradicionais é, por assim dizer, um *homoreligiosus*” (p. 20). O mundo é carregado de valores religiosos e por isso a religião sempre teve um destaque na vida dos seres humanos.

Ivan Brystrina (apud KLEIN, 2006) diz que o processo de codificação mais arcaico é o binário – masculino e feminino, noite e dia, prazer e dor. Dividir o mundo em dois fez com que o homem começasse a organizar todo o aparato simbólico que o envolve:

No Cristianismo, a ideia do mal, contrapondo-se a Deus, encarna-se na figura do diabo, no cinema e nas novelas, nas narrativas que possuem um acirrado dualismo são as que fazem maior sucesso, pois facilitam a absorção da mensagem pelo telespectador (KLEIN, 2006, p. 36).

Estes conceitos estão muito encrustados nas narrativas midiáticas televisivas evangélicas. Harry Pross, trata dessa experiência do homem – claro e escuro, dentro e fora como experiências pré-predicativas semelhante ao que Brystrina colocou como constituindo as raízes da experiência do homem. Por se tratar da forma mais arcaica, a divisão binária é o mais forte modo de codificar a realidade (KLEIN, 2006).

3.5 Narrativas midiáticas

Um aspecto importante das narrativas televisivas evangélicas é o uso que as igrejas fazem da mídia. A religião tem sido introduzida na vida e no cotidiano através de todos os meios possíveis de comunicação, seja rádio, televisão, cinema e outros

instrumentos midiáticos. Stig Hjarvard, esclarece que uma “importante área de estudos de midiatização diz respeito à influência dos meios de comunicação sobre instituições, crenças e práticas religiosas” (HJARVARD, 2014, p. 26).

Vemos esse fenômeno também em narrativas midiáticas televisivas seculares e cinematográficas quando:

[...] a programação de todas as redes solidificou um produto que torna a televisão inseparável do cinema. São filmes, nacionais e estrangeiros, que alimentam a parceria das duas indústrias, a televisiva e a cinematográfica. Nos Estados Unidos, a produção de filmes para a televisão é um negócio à parte da indústria hollywoodiana de longa-metragem. Vendidos para o mundo todo, em séries ou capítulos, os filmes estão presentes em todas as redes e carregam a história da televisão atrelada aos modismos. Com isso, lançam músicas, roupas, penteados, carros, comportamento e chegam a influenciar a produção nacional de ficção (SOUZA, 2004, p. 108)

A mídia religiosa segue o mesmo caminho sendo influenciada e recebendo de todos os lados, contornos midiáticos seculares de toda natureza.

Hjarvard diz que “o resultado geral da midiatização da religião não é um novo tipo de religião em si, mas antes, uma nova condição social em que o poder de definir e praticar a religião mudou (p. 27).

Hjarvard faz referência sobre um estudo de Winfried Schulz (2004) que fala de “uma tipologia dos processos de midiatização a partir de instituições ou campos sociais distintos” (WINFRIED, 2004 apud HJARVARD, 2014, p. 27). Vejamos a ideia de Schulz sob o olhar de Stig Hjarvard:

Ele identifica quatro tipos de processos pelos quais os meios de comunicação alteram a comunicação e a interação humanas. No primeiro processo, *estendem* as habilidades de comunicação humana no tempo e no espaço; no segundo, *substituem* atividades sociais que anteriormente se realizavam frente a frente. Por exemplo, para muitos, as operações bancárias *on-line* substituíram o encontro físico entre o banco e o cliente. No terceiro processo, estimulam uma *fusão* de atividades, com a comunicação face a face combinando-se com a comunicação mediada e os meios de comunicação infiltrando na vida cotidiana. No último, atores de segmentos diversos tem de adaptar seu comportamento para acomodar as valorações, os formatos e as rotinas dos meios de comunicação (p. 27)

De acordo com Magali Cunha há um novo conceito de cultura massiva na nova conjuntura da comunidade global:

[...] a história recente dos estudos comunicacionais revela a noção da cultura das mídias, onde o conceito de cultura massiva já não tem sido suficiente para expressar o que se vivencia na nova conjuntura da comunidade global. A ideia de cultura de massa foi construída a partir da compreensão de que havia um conjunto de objetos produzidos para as massas e consumidos de forma complexa e indiscriminada, subordinadas à indústria cultural, e, conseqüentemente, às classes dominantes que fabricaram produtos sob estratégias de poder econômicos e ideológico (CUNHA, 2007, p. 19).

Percebe-se que há instituições religiosas que depositam todas as fichas em uma estratégia midiática colocando fé na mídia, e por outro lado, programas seculares que aproveitam a mídia para provocar um certo encantamento religioso através de filmes, jornalismo, programas de entretenimento e outros.

Hjarvard (2014) diz que “a representação do mundo sobrenatural pelos meios de comunicação adquiriu uma riqueza de detalhes, personagens e narrativas tal, que faz o sobrenatural parecer natural” (p. 129). O sobrenatural toma uma proporção importante e não há limitação. Vejamos a hibridização no campo religioso com a presença de ligações covalentes de muitos gêneros:

O mundo sobrenatural não se limita, contudo, aos gêneros de ficção da mídia. *Reality shows* como *Caçadores de fantasmas*, do Discovery Channel, estão entre os primitivos de uma série de programas televisivos a lidar com o sobrenatural, o paranormal e outros temas (quase) religiosos. Foram seguidos pelo britânico *Most Haunted* e pela série norte – americana *Ghost Hunters*. Na Dinamarca, por exemplo, a televisão nacional tem lidado com fantasmas, exorcismo e reencarnação em programas como *O poder dos espíritos* e *Viajando com a alma*. Em programas de entretenimento como *The Sixth Sense*, astrólogos e quiromantes dividem o espaço com psicólogos e especialistas de moda. Não apenas essas formas populares de religião adquiriram maior proeminência nos meios de comunicação de diversos países, como também as religiões institucionalizadas (cristianismo, islamismo, etc.) passaram a chamar mais atenção nos noticiários e em outros gêneros factuais (HJARVARD, 2014, p. 130).

Em vários países “não só as formas institucionais da religião têm recebido maior cobertura nos noticiários, o tratamento tem privilegiado mais as opiniões e os debates [...] fazendo uso de um leque mais amplo de gêneros jornalísticos” (p. 130).

Uma evidência desse encantamento religioso e fé na mídia tem sido sinalizada de algumas maneiras nos círculos evangélicos e católico. Isso se percebe na sua forma de apresentação e por meios de suas narrativas midiáticas e na reorganização da nova composição arquitetônica do espaço de culto:

Para que haja aproximação entre os fenômenos midiático e religioso, uma nova composição arquitetônica do espaço de culto torna-se necessária: templos tradicionais cedem lugar para galpões, antigos cinemas e teatros para que os critérios televisivos sejam obedecidos [...] a nova arquitetura midiática dos templos (KLEIN, 2006, p. 24).

Klein explora a face midiática dos novos movimentos religiosos, focalizando um aspecto ainda pouco explorado neste universo: a apropriação da mídia pelo sagrado e do sagrado pela mídia.

Diante dessa realidade, Miklos (2013) levanta a hipótese de uma dupla contaminação entre a esfera do religioso e a midiática, isto é, os formatos midiáticos se apropriam de elementos do ritual religioso arcaico estabelecendo sua própria estética, ao passo que, a religião midiática se. Neste caso, a mídia é sacralizada. Surge, portanto, as experiências religiosas de midiática. Segundo Miklos, esse fenômeno nada mais é do que a busca por um território encantado.

As narrativas evangélicas (especialmente os movimentos pentecostais, neopentecostais e carismáticos) giram em torno dessa perspectiva da *imagem*, da *estética* e de *visibilidade* neste novo cenário religioso midiático televisivo.

3.6 Narrativas e interatividade social

O que é importante ressaltar é que “na medida em que os meios de comunicação cada vez se tornam parte da vida cotidiana dos indivíduos, textos, imagens e discursos midiáticos tornam-se parte da construção da identidade individual” (HJARVARD, 2014, p. 28).

Supõe-se que as narrativas têm uma relação com a interatividade social. Outro aspecto é que “a lógica da mídia influencia as formas sociais de interação e comunicação [...] influencia também a natureza e a função das relações sociais, bem como as relações entre o emissor, o conteúdo e o receptor da comunicação” (p. 36). Segundo Stig Hjarvard, o “grau de dependência em relação aos canais de comunicação irá variar entre as instituições e os setores da sociedade” (p. 36)

“Mediação diz respeito à comunicação realizada a partir de um meio, cuja intervenção pode afetar tanto a mensagem quanto a relação entre o emissor e o receptor” (p. 39). A interação parte do pressuposto de que as pessoas querem e precisam se “orientar sendo vital para a sociedade como um todo” (p. 49). As narrativas através dos meios de comunicação podem viabilizar a interação social:

[...] a lógica que orienta os meios de comunicação não pode ser reduzida a uma lógica exclusivamente de mercado. Sim, os meios de comunicação vendem produtos aos consumidores, mas também prestam serviços a seus usuários, quer como público em geral, quer como indivíduos pertencentes a contextos institucionais específicos. Assim, as famílias utilizam os meios de comunicação em busca de orientação quanto a regras para a educação de seus filhos e conselhos práticos para a decoração do quarto das crianças, tanto quanto para comunicar-se entre seus membros” (p. 50)

Os vínculos se estabelecem a partir do momento em que há a interação social, que produz não só informação, mas comunicação e ação. Dito de outra forma, seria um intercâmbio cultural que é reconfigurado a cada momento em que se vive a experiência interacional.

Interação social consiste em comunicação e ação. As mídias, evidentemente, são meios de comunicação, isto é, constituem um intercâmbio de sentido entre duas ou mais partes [...] a comunicação pode ser vista como uma forma de ação: comunicando-se, as pessoas não só trocam informações, mas também influenciam umas as outras e suas relações mútuas, por exemplo, ao prometer, confirmar, rejeitar, decidir, e assim por diante. Além dos atos de comunicação, os meios de comunicação permitem formas de ação social que antes exigiam a presença física das partes: pode-se comprar ou vender, trabalhar ou divertir-se. (HJARVARD, 2014, p. 52)

Hjarvard apresenta três funções que os meios de comunicação desempenham:

[...] em primeiro lugar, eles constituem um domínio de experiências compartilhadas, no sentido de que oferecem contínua exposição e interpretação do “modo como as coisas são” e, fazê-lo, contribuem para o desenvolvimento de um senso de identidade e de comunidade. Em segundo lugar, proporcionam uma interface para as relações estabelecidas dentro das instituições e entre elas: os noticiários televisivos levam a política às salas de estar, e a publicidade constitui uma importante plataforma de comunicação das empresas privadas com clientes potenciais. Finalmente, os meios de comunicação ajudam a criar uma esfera pública política, no âmbito da qual podem as instituições buscar e defender seus próprios interesses e estabelecer sua legitimidade [...] os meios de comunicação no nível macrossocial consistem em proporcionar uma estrutura interpretativa para compreender a sociedade, um *nexo* entre as instituições e um *espaço* onde possam os membros de uma sociedade debater e decidir assuntos de interesse comum (2014, p. 67).

Na compreensão de Hjarvard, “a influência dos meios de comunicação sobre a experiência das pessoas consiste, fundamentalmente, na capacidade desses meios de se apresentarem como centro da sociedade” (p. 69). Os meios oferecem três coisas importantes: 1) “uma posição interpretativa que dá sentido ao mundo” (p. 69); 2) permitem “ações formalizadas através dos rituais midiáticos” e 3) organizam-se “em torno de categorias e limites essenciais relacionados aos meios de comunicação” (p. 70).

3.7 Cultura Gospel

Nas últimas décadas, surgiu um “novo modo de vida em meio a um grupo social brasileiro” (CUNHA, 2007, p. 9), os adeptos das igrejas evangélicas. Chamado de *cultura gospel*, foi iniciado com o “avanço do capitalismo globalizado e à consolidação das culturas midiática e urbana, filhas da modernidade” (p. 9). Cunha, chama esse fenômeno de Explosão Gospel, título de seu livro publicado em 2007.

Analisou-se no seu estudo o “fenômeno contemporâneo em curso” e sua influência na ação das igrejas e em “função do lugar da mídia e do mercado de consumo no processo” (CUNHA, 2007, p. 10).

O gospel passa a ser classificado como uma cultura híbrida, por resultar do entrecruzamento de aspectos tradicionais do modo de ser protestante construído no Brasil com as manifestações de modernidade presentes em propostas pentecostais, no fenômeno urbano brasileiro, no avanço da ideologia do mercado de consumo e na cultura das mídias (p. 10).

O que identifica esse fenômeno está vinculado a elementos que o caracterizam - música, consumo e entretenimento (CUNHA, 2007). Em outras palavras, na “articulação desses aspectos – música, mídia e consumo – que aliados ao entretenimento, formam o gospel como expressão cultural” (p. 11).

A mola propulsora foi a música religiosa e a mídia que revestiu de poder cantores e grupos musicais. Consumo e entretenimento tornaram-se ritos produzindo “sentido à experiência religiosa dos evangélicos transformando-os em segmento de mercado” (p. 12).

Assim, Cunha, em diálogo com Hjarvard (2014) traduz o que a cultura das mídias e as novas tecnologias fizeram com as interações sociais:

A cultura das mídias não deve ser concebida apenas como uma versão atualizada da cultura de massa, um estado mais avançado no intercâmbio de produtos culturais com o aprimoramento das tecnologias e instituições dedicadas à produção e mensagens e ao uso e consumo dessas tecnologias e meios. Deve ser compreendida, isto sim, como um novo quadro das interações sociais, uma nova forma e estruturação das práticas sociais, marcada pela existência dos meios. Nesse sentido, a midiatização da sociedade, fenômeno da sociedade global, precisa ser reconhecida como a reconfiguração do processo coletivo de produção de significados por meio do qual um grupo social se compreende, se comunica, se reproduz e se transforma, a partir das novas tecnologias e meios de produção e transmissão de informação (CUNHA, 2007, p. 19)

Talvez a narrativa televisiva evangélica tenha uma relação direta com a cultura gospel. Porque ela permite a interação social e produção de significado por meio do

qual um grupo se compreende, se comunica, se reproduz e se transforma a partir das narrativas.

Segundo Cunha (2007), na cultura das mídias não há diferenciação ou padronização; esses elementos convivem simultaneamente, e no âmbito do mercado os grupos constroem suas identidades, “partilham expectativas de vida, modos de ser, e o poder se torna virtualizado” (p. 19).

A pesquisadora ainda expressa a interlocução que há entre cultura das mídias e midiatização estando interligadas e sequenciadas em suas origens. A cultura das mídias e a midiatização, de certa forma, são processos de um fenômeno que se dedica à produção e recepção de mensagens e ao uso e consumo de tecnologias e meios.

Quando as pessoas se relacionam partilhando expectativas de vida, modos de ser e interagem socialmente por meios midiáticos, verifica-se uma interação que é explorada pela cultura da imagem que explora a visão e a audição trabalhando ideias, sentimentos e emoções.

Cunha faz menção sobre o argumento de Douglas Kellner:

Douglas Kellner caracteriza a cultura das mídias como aquela veiculada por meio de imagens, sons, espetáculos, informações, que medeiam a construção do tecido social, ocupando o tempo de lazer das pessoas, fornecendo opiniões políticas, oferecendo formas de comportamento social. É uma cultura da imagem que explora a visão e a audição e com isso trabalha com ideias, sentimentos e emoções [...] a cultura das mídias não é um sistema de doutrinação que faz com que as pessoas concordem com o capitalismo existente e seus promotores, mas trabalha sim com os prazeres propiciados pela mídia e pelo consumo. (KELLNER, 2001 apud CUNHA, 2007, p. 20)

Segundo Douglas Kellner, “a cultura da mídia e a de consumo atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes” (KELLNER, 2001, p. 11).

Cunha (2007) menciona uma matriz religiosa brasileira que favorece o senso comum. Essa matriz religiosa do protestantismo brasileiro se estabeleceu como somatória de vários conceitos. Esses “conceitos têm em comum a noção de que há

toda uma cosmovisão que alimenta um sistema de crenças e valores religiosos, que perpassam horizontalmente as diversas expressões religiosas brasileiras” (p. 34).

O contexto religioso do protestantismo brasileiro surge de forma complexa, plural, desde suas origens e está relacionado ao contexto britânico e estadunidense, bem como por “missionários norte-americanos protestantes, financiados por suas igrejas e por sociedades missionárias autônomas, para a América Latina, África e Ásia a partir do século XIX” (CUNHA, 2007, p. 35).

A princípio chegaram e foram instalados nos Estados Unidos: “congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas e episcopais” (p. 35). No início do século XX, chegaram os grupos pentecostais. A chegada no Brasil revela o comportamento dos missionários que vinham para evangelizar:

A primeira função dos missionários passou a ser o convencimento dos ouvintes de que a religião e a cultura deles eram pagãs e os levariam ao inferno. O anticatolicismo passa a ser uma das grandes características da pregação missionária. Pode-se dizer que a base da construção do jeito de ser evangélico foi a negação das manifestações culturais populares e do catolicismo, a qual pode ser compreendida levando-se em conta duas de suas bases: a herança europeia puritana de reforma da cultura popular e o destino manifesto (p. 37).

Com a queda do Muro de Berlim (1989), que separou por muitos anos a Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental, representadas pelo “símbolo da divisão do mundo nos dois sistemas sociopolíticos e econômicos de poder, o capitalismo e o socialismo” (CUNHA, 2007, p. 45), houve a decadência do modelo socialista imposto pela União Soviética após a Segunda Guerra Mundial. A partir daí as políticas do capitalismo globalizado configuraram-se no ajuste político –econômico do livre mercado e o mundo começa a experimentar a partir dos anos 90 um processo de globalização.

Segundo Cunha, três coisas aconteceram: 1) uma revolução tecnológica. A informação e os canais de comunicação passam a ter espaço privilegiado. No século XXI, a indústria da comunicação e informação se tornaria a maior do mundo; 2) surge a necessidade no atual sistema de que os indivíduos sejam capazes de consumir e ter domínio dos aparatos tecnológicos e 3) surgimento de um número

significativo de igrejas pentecostais a partir dos anos 80. Esse “fenômeno passou a ser denominado neopentecostalismo, chamado por Cunha de Pentecostalismo Independente³.

O símbolo do Pentecostalismo Independente no Brasil é reconhecidamente percebido pela força do movimento neopentecostal da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Nesse período de plena expansão do processo de globalização a IURD acumulou capital tornando-se proprietária de imprensa especializada e secular, emissoras de rádio, redes de TV em canais abertos e fechados e gravadora (CUNHA, 2007).

Logo em seguida, na esteira dessas inovações do mundo evangélico surge outras igrejas com propostas de cura e de prosperidade privilegiando as classes média e a juventude brasileira usando a música como recurso comunicacional. Nessa ocasião surgem as Comunidades (Evangélica, da Graça e Igreja Renascer em Cristo).

Duas características são destacadas nessas igrejas: 1) alto investimento em espaços na mídia e 2) presença no poder público estabelecendo bancada evangélica (CUNHA, 2007).

Um dado importante que retrata essa realidade é o crescimento numérico dos evangélicos no Brasil em 2000. O censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelou que os evangélicos crescem de forma significativa. E o motivo alegado é o projeto de expansão dos evangélicos no Brasil e a acirrada competição pelos fiéis (CUNHA, 2007). A tabela seguinte demonstra o crescimento constatado:

³ O pentecostalismo Independente é diferente do Pentecostalismo de Missão. Ambos têm ênfases na dimensão mística e emocional da expressão religiosa. O de missão tem raízes fora do Brasil e suas doutrinas estão ligadas a doutrinas baseadas no batismo do Espírito Santo, santificação, restrição de costumes. O Pentecostalismo Independente caracteriza-se por inúmeras igrejas autônomas que foram instituídas e organizadas por líderes que enfatizam propostas de cura, exorcismo e prosperidade.

Tabela 1 – Demonstrativo do crescimento das Igrejas nos últimos 30 anos

Anos	Produção Total	Católicos	Evangélicos de Missão	Evangélicos Pentecostais	Evangélicos Total	Outras Religiões	Sem religião
1970	93.470.306	85.775.047 91,80%	-	-	4.833.106 5,20%	2.157.229 2,50%	704.924 0,80%
1980	119.009.778	105.860.063 89,00%	4.022.330 3,40%	3.863.320 3,20%	7.885.650 6,60%	3.310.980 3,10%	1.953.085 1,60%
1990	146.814.061	122.365.302 83,30%	4.338.165 3,00%	8.768.929 6,00%	13.157.094 9,00%	4.345.588 3,60%	6.946.077 4,70%
2000	169.870.803	125.517.222 73,90%	8.477.068 5,00%	17.975.106 10,60%	26.452.174 15,60%	5.409.218 3,20%	12.492.189 7,40%

Fonte: CUNHA, M. do N. A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Myterium, 2007. p. 50)

Segundo Cunha, a tabela revela um crescimento de 6,6 pontos percentuais dos evangélicos em geral em relação ao censo de 1990, e de 10,4 pontos percentuais em relação ao censo de 1970 que ainda não distinguia os evangélicos de missão dos evangélicos pentecostais.

Em 1980 com a distinção percebe-se que os pentecostais já não eram minoria entre os evangélicos. Há um equilíbrio de força numérica sendo 3,4% evangélicos de missão e 3,2% de pentecostais. A percepção do crescimento se tornou mais visível no censo de 1990, quando os evangélicos pentecostais atingem uma marca de 6% contra 3% dos evangélicos de missão. A mesma percepção de crescimento se manteve no censo de 2000 sendo 5% de evangélicos de missão e 10,6% de pentecostais.

A taxa de crescimento dos pentecostais se mostra superior ao dos evangélicos de missão. São 4,6% contra 2%. A pesquisa revela que o crescimento evangélico trouxe reflexos no Catolicismo, isto é, um decréscimo de 8,4 pontos percentuais.

As análises da pesquisa revelaram que dois dos motivos da diminuição de fiéis católicos foram: 1) a dificuldade em relação às transformações que acontecem no cenário brasileiro religioso e implicações do fruto da sua institucionalização, 2) O projeto de expansão das igrejas observada na “formação da bancada evangélica no Congresso Nacional e o lançamento de Anthony Garotinho como candidato evangélico à presidência da República no pleito de 2002” (CUNHA, 2007, p. 51).

3.8 Narrativas religiosas na TV

Em dez anos de pesquisa sobre a programação da TV brasileira, José Carlos Aronchi de Souza (2004), nos dá informações curiosas e de importância salutar para a atual pesquisa. Esses estudos realizados de 1994 a 2003 demonstraram que as narrativas religiosas foram predominantemente importantes na grade horária de algumas emissoras de TV em canal aberto em 1996. Como disse Souza (2004, p. 16), “os conceitos essenciais sobre programação da TV não mudaram desde sua invenção”, fazendo com que sua pesquisa permaneça “atual por muito tempo”.

Em sua pesquisa, Souza identificou “31 formatos aplicados em 37 gêneros distribuídos em cinco categorias (p. 17). O pesquisador diz que seu estudo “justifica-se pela necessidade de organizar os conceitos sobre televisão para contribuir com o desenvolvimento do veículo de comunicação de massa mais influente e cada vez mais presente na vida do brasileiro” (p. 17).

A televisão tem seu papel no universo lúdico das pessoas e é comparado por Marques de Melo à meta definida por Adorno:

[...] a televisão ocupa um papel excepcional, pela possibilidade que tem de cercar e capturar a consciência do público por todos os lados, aproximando-se daquela meta que Adorno define como “a totalidade do mundo sensível em uma imagem que alcança todos os órgãos, o sonho sem sonho” (MELO, 1985 apud SOUZA, 2004, p. 23)

Vogler (2015), desenvolveu conceitos como consultor de histórias da Disney e como professor de construção narrativa e diante dos desafios do mundo real em seu livro *A Jornada do Escritor*, propôs ideias que continuaram a evoluir em torno do conceito da Jornada do Herói de Joseph Campbell. Vogler fala da “força vital que age nas histórias, sobre o mecanismo de polaridade que comanda a narrativa, sobre a sabedoria do corpo, a catarse e outros conceitos” (p. 9), que ele desenvolveu nos últimos anos nas suas palestras e na prática em Hollywood e na Europa.

Tendo Vogler, trabalhado com os melhores cérebros criadores da área – “entre eles, principalmente, a fundadora da Fox 2000, Laura Ziskin – e também com muitos

executivos, roteiristas, diretores e produtores talentosos”, nos disse, o que Adorno já havia mencionado sobre o alcance de uma imagem, história ou narrativa:

Uma das coisas que aprendi na Fox 2000 foi ouvir o meu corpo como um juiz da eficiência de uma história. Percebi que boas histórias afetavam os órgãos do corpo de diversas formas, e as realmente boas estimulavam mais de um órgão. Uma história eficaz toma seu estômago de assalto, aperta sua garganta, faz o coração palpitar e os pulmões bombearem, traz lágrimas aos olhos ou uma explosão de risos. Quando eu não tinha algum tipo de reação fisiológica com uma história, sabia que estava sendo afetado apenas no nível intelectual e que, portanto, ela provavelmente seria um balde de água fria para o público (VOGLER, 2015, p. 10-11).

Vogler afirma que, “a espinha de uma história é como a quilha, os principais pontos do roteiro são as costelas e as cenas individuais e diálogos são às tábuas e cordas que completam a embarcação” (, p. 12). Uma narrativa assim diz ele, é “um veículo para a visão que, assim se espera, navegará nos mares da atenção pública” (p. 12).

Um exemplo da influência da TV pode ser percebido pelo seu sucesso entre os brasileiros. A Globo é comparada aos maiores sucessos da cultura popular americana como a McDonald’s, e tem produzido um padrão nacional, familiar e cultural (SOUZA, 2004).

A pesquisa de Souza (2004, p. 13), “aponta os caminhos da televisão brasileira com um estudo sistematizado da programação da TV e da identificação das categorias, gêneros e dos formatos dos programas das redes nacionais”.

O estudo foi realizado com sete redes que transmitiam para o Brasil por satélite sem codificação e retransmitiam a programação para a região da grande São Paulo em canal aberto VHF: Rede Cultura (Cultura), Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Rede Globo de Televisão (Globo), Rede Record (Record), Rede TV! (ex-Manchete), Rede Gazeta (Gazeta), Rede Bandeirantes de Televisão (Band), (SOUZA, 2004).

Seu objetivo era: “identificar as categorias, os gêneros e os formatos dos programas” (SOUZA, 2004, p. 31), obter “um panorama das características dos programas e dos objetivos de cada gênero” e “identificar os elementos e as etapas de produção de TV que caracterizam cada formato de programa” (p. 32).

Souza, traçou um perfil da programação e mostrou uma visão abrangente de todas as emissoras e suas produções apresentando uma pesquisa da grade horária da programação das sete redes nacionais de TV aberta com base na terceira semana do mês de outubro de 1996 (14 a 20 de outubro), tendo por base a metodologia com essa estrutura:

Pesquisa da grade de programação diária de sete redes (Cultura, SBT, Globo, Record, Manchete [atual Rede TV!], Gazeta e Band) durante a terceira semana de outubro de 1996, tendo por base o boletim de programação distribuído pelas emissoras e o jornal *O Estado de São Paulo*. Montagem da grade horária de emissoras pesquisadas e identificação dos gêneros dos programas distribuídos por horário, conforme o boletim de programação. Classificação dos gêneros por emissora e identificação das principais características de cada gênero e de seus formatos. (SOUZA, 2004, p. 35)

Na hipótese de Souza, “a classificação dos gêneros dos programas de televisão no Brasil não acompanha um padrão internacional e é flexível, conforme os interesses de cada rede”. Ele percebeu que as emissoras definiam os gêneros e formatos com o “objetivo principal de atrair o telespectador, em vez de se restringir à essência do gênero” (p. 36).

Marques de Mello citado por Souza (2004) revela que para cada 10 programas exibidos, 8 se classificam na categoria de entretenimento. A televisão dedica 1 hora a programas informativos (jornalísticos) e 1 hora a programas educativos ou especiais.

Souza cita que nessa pesquisa existem “três categorias que abrangem a maioria dos gêneros: entretenimento, informativo e educativo” (p. 39). Uma quarta categoria é apresentada como ‘especiais’. A pesquisa classifica na categoria especiais os programas infantis, de religião, de minorias étnicas, agrícolas e outros.

No Brasil, os “especiais” são produções exclusivas e inéditas apresentadas pelas emissoras como programas diferenciados, que podem ser de vários gêneros. Musicais, minisséries e entrevistas são algumas dessas produções chamadas “especiais” pelas redes brasileiras” (SOUZA, 2004, p. 39).

Outro ponto importante é a diferença entre gênero e formato. Souza, compara a diferença com a biologia, onde “várias espécies constituem um gênero, e os gêneros agrupados formam uma classe. Em televisão, vários formatos constituem um gênero de programa, e os gêneros agrupados formam uma categoria” (p. 45). Isso significa que, em um gênero pode-se ter vários formatos de programa.

Nos últimos anos, tem havido uma explosão de formatos de TV no mundo. Um fenômeno extraordinário. Cada dia é maior o número de canais que trocam programas que não funcionam por outros mais interessantes para ter audiência. Isso provoca uma concorrência violenta entre os formatos. No mundo todo, as emissoras procuram um formato mágico que resolva o problema de audiência em toda a temporada da programação (SOUZA, 2004).

Citada por Anamaria Fadul, no livro de José Carlos Aronchi de Souza, a estudiosa Olga L. Bustos Romero diz que “é importante lembrar que considerar o entretenimento “inofensivo” ou “neutro” é sofrer de ingenuidade, pois é bastante conhecido o efeito dessas produções televisivas, com alta incidência na esfera do afeto e do desejo” (SOUZA, 2004, p. 50).

Hoje, os gêneros no cinema, na televisão e na literatura não se expressam de forma pura, sem alterações e se encontram em constante mudança e redefinição (SOUZA, 2004).

Constata-se que as emissoras vivem uma dicotomia. As emissoras comerciais precisam atender às necessidades dos anunciantes, ao contrário das educativas, que buscam as necessidades do público. Nos países de televisão estatal a programação é mais cultural e mais preocupada com o conteúdo; e nos países onde a televisão é comercial, ela é cada vez mais preocupada com a forma e menos com o conteúdo (SOUZA, 2004).

“Cada emissora tem sua personalidade e cada programa, seu *status*, seu poder maior ou menor de prender a atenção” (p. 53)

José Carlos Aronchi de Souza menciona que “os objetivos de cada emissora variam de acordo com a cultura do telespectador, seus costumes e expectativas” (p. 58). Souza, apresentou em seu estudo a seguinte distribuição de gêneros na programação:

**Tabela 2 – Os gêneros na programação da TV brasileira*
(Semana de 14 a 20 de outubro de 1996)**

GÊNERO	REDES						
	CULTURA	SBT	GLOBO	RECORD	MANCHETE (ATUAL REDE TV!)	GAZETA	BAND
AUDITÓRIO	-	-	2%	1%	-	-	-
CULINÁRIO	-	-	-	1%	-	2%	2%
DEBATE	-	-	-	4%	2%	3%	5%
DESENHO	-	-	-	-	1%	4%	-
DOCUMENTÁRIO**	-	1%	-	-	-	-	-
EDUCATIVO	15%	3%	1%	2%	0,5%	-	-
ENTREVISTA	-	11%	-	1%	1%	6%	4%
ESPECIAL	-	-	-	1%	1%	-	-
ESPORTIVO	3%	-	7%	7%	4%	3%	18%
FILME	4%	12%	24%	4%	3%	12%	13%
HUMORÍSTICO	-	2%	4%	-	-	-	3%
INFANTIL	31%	25%	12%	8%	14%	3%	3%
INFORMATIVO	-	-	1%	-	-	3%	1%
INTERATIVO	-	-	1%	-	-	-	-
MUSICAL	5%	1%	1%	-	1%	1%	-
NOVELA	-	10%	18%	-	3%	-	2%
POLÍTICO	-	-	-	-	-	1%	-
RELIGIOSO	-	-	-	35%	20%	9%	14%
SÉRIE	24%	9%	3%	7%	4%	16%	8%
SÉRIE BRASILEIRA	-	-	-	-	-	-	0,5%
SORTEIO	-	-	-	-	-	0,5%	-
PUBLICIDADE***	-	-	-	2%	15%	6%	3%
TELEJORNALISMO	13%	15%	22%	8%	16%	5%	8%
VARIEDADE	5%	12%	3%	14%	4%	16%	13%
WESTERN (FAROESTE) ****	-	-	-	5%	-	-	-
OUTROS*****	-	2%	-	1%	9%	12%	2%

*Porcentagem semanal de cada gênero transmitido, conforme a classificação dos boletins de programação de cada emissora.

** Nesta categoria, foram classificados os programas com no mínimo 30 minutos.

*** Publicidade também apresenta a denominação Telecompra.

**** Vários programas do gênero Western foram classificados como séries.

***** A categoria outros abrange os programas não classificados pelas emissoras ou sem informação.

Fonte: SOUZA, J.C. A. de. Gêneros e formatos na televisão brasileira. São Paulo: Summus, 2004. p. 78)

A pesquisa revelou que a maior parte da programação da Rede Cultura (31%) era do gênero infantil. Que seu investimento era no público infantil que seria seu telespectador do futuro. Outro destaque foi para as séries que “preencheram 24% do tempo da programação semanal e várias delas são do público infantil” (SOUZA, 2004, p. 80). Além disso, a Cultura era a emissora que mais transmitia programas da categoria educação. No total, “a programação da Rede Cultura dedicava 72% à

categoria entretenimento, 13% à categoria informação, 15% à categoria educação” (p. 81).

No *SBT*, 25% era dedicado ao gênero infantil, importante segmento da rede. O Telejornalismo se destacou com 15% do tempo da grade horária. No total, a programação do *SBT* dedicava 71% à categoria entretenimento, 27% à categoria informação, 2% à categoria outros. Não teve nenhum programa classificado na categoria educação (SOUZA, 2004).

A Rede Globo, líder de audiência no Brasil, usou o gênero filme a maior parte da programação (24%) no período pesquisado. A produção própria da emissora concentrava-se em dois gêneros, telejornalismo (22%) e novelas (18%). Dado importante é que a Fundação Roberto Marinho, ligada às Organizações Globo recebia na época investimentos públicos e privados para a produção e transmissão de programas educativos, mas dedicava ao gênero apenas 3% da programação. Segundo Souza, além desse dado, no total, a pesquisa realizada em 1996 apontava que a programação da Rede Globo dedicava 74% à categoria entretenimento, 23% à categoria informação, 3% à categoria educação. Nenhum programa foi classificado como outros.

Na Rede Record, apelidada de “TV do bispo”, apresentava já em 1996 a maior parte da programação dedicada ao gênero religioso (35%). Pertencendo a um bispo evangélico e carismático tinha uma porcentagem bem baixa do gênero variedades, sendo (14%) da grade. Em telejornalismo e infantil (8%), as séries (7%) da programação e (7%) do gênero esportivo. No total, “a programação da Rede Record dedicava 48% à categoria entretenimento, 13% categoria informação, 1% à categoria educação. A categoria outros, na qual se incluiu o gênero religioso, ocupava 38% da programação” (p. 86).

A rede de televisão, ligada à igreja evangélica neopentecostal Universal do Reino de Deus, não poderia deixar sua grade de programação fugir às origens. Em 1996, os programas religiosos apareciam na grade em grande número. Após sete anos, apesar da diminuição de programas explicitamente religiosos, o que se via em 2003 eram programas de caráter religioso formatados como debate, variedades, musical, entrevista, docudrama, entre outros

que mostravam o aperfeiçoamento das produções, porém sem se desviar dos fiéis e dos adeptos da religião (SOUZA, 2004, p. 86)

A Rede Manchete, esteve em poder do Grupo Bloch. Mas a partir de 1999, passou a estar sob o poder de um grupo que lhe deu um novo nome – Rede TV!. Essa emissora agonizou economicamente. Durante esse período, ela praticamente sobreviveu graças a venda de espaços na programação. Havia muitos “programas de terceiros principalmente grupos religiosos” (p. 86).

Isso deu à Rede Manchete o segundo lugar na pesquisa de Souza. No gênero religioso chegou a alcançar (20% do tempo) da grade horária, perdendo somente para a Record. Outros 16% para telejornalismo, 15% publicidade que também comprava espaço da rede. Para os infantis 15%, outros 9% e 4% para (séries, programas esportivos e variedades cada um).

Antes de mudar de dono, a Rede Manchete dedicava 44% da programação ao gênero outros. Somados os espaços vendidos para a publicidade e religioso, dava um total de 1/3 do horário total da programação. Esse espaço era comercializado para exibição de programas de terceiros. Era chamada de “TV de aluguel” (SOUZA, 2004).

Pode-se entender que essa abertura às igrejas pentecostais e evangélicas, contribuiu para o crescimento midiático televisivo dessas igrejas. A igreja Católica ao perceber e sentir a perda de fiéis, elaborou estratégias semelhantes de evangelização de forma mais intencional e para a manutenção dos seus fiéis.

Em 1996, o gráfico da emissora mostrava que o gênero religioso sustentava a maior parte da grade, em duração e em dinheiro, o que ocorre até hoje, com poucas alterações. Os programas religiosos e de televentas compram horários e ficam horas no ar. São gêneros alternativos para a falta de patrocinadores, de produções próprias, uma saída para a crise da mídia do início do século XXI (SOUZA, 2004, p. 88)

A Gazeta distribuía seu espaço na grade horária sendo séries e programas de variedades com 16% cada gênero, ocupando quase um terço da programação juntos. Filmes e programas classificados como outros empataram na mesma proporção (12%) e “os espaços eram vendidos para programas religiosos, com 9%

do tempo da grade, somados aos 6% para programas de publicidade. Entrevista aparecia com 6%” (SOUZA, 2004, p. 88).

No total, “a programação da *Rede Gazeta* dedicava 61% à categoria entretenimento e 14% à categoria informação. Os gêneros religiosos, publicidade, sorteio e político cobriam 25% da programação” (p. 89 - 90).

A *Bandeirantes* era chamada de “o canal do esporte”. Esse *slogan* da rede refletia o período da pesquisa, segundo Souza. O quadro da Band mostrava que a maior parte da programação da emissora se distribuía em 18% do gênero esportivo e 14% do gênero religioso.

Semelhantemente a outras redes, “eram programas de grupos religiosos que compravam espaço na programação” (p. 90). Filmes e variedades detinham, cada um, 13% da grade.

Vê-se aqui, o mesmo fenômeno da maioria das outras emissoras:

Apesar da diminuição da dose de esportes na programação da Band nesses últimos sete anos, em 2003 ainda se podia identificar a importância do gênero no perfil da emissora. Os programas religiosos também são a base do faturamento, equilibrando a distribuição das produções em filmes e também variedades (SOUZA, 2004, p. 90 e 91)

A finalidade de apresentar esse estudo feito por Souza é mostrar como isso revela a incidência da procura por espaços na grade horária das TVs brasileiras nesse período pelas igrejas evangélicas, principalmente, as pentecostais e neopentecostais.

3.9 Produção de sentidos

Estudar narrativas televisivas diante do grande desafio de viver em um mundo globalizado, urbanizado, interconectado faz-se necessário a fim de compreender melhor a dinâmica da existência humana. Fazer uma leitura adequada da vida dos indivíduos é estudar o cotidiano das pessoas entendendo melhor o que elas pensam. Existem tentativas de se reconhecer as necessidades de uma comunidade ou sociedade.

Estudar a televisão é uma espécie de provocação no sentido de fazer um “esforço reflexivo para compreender o papel que os meios de comunicação de massa têm na vida contemporânea” (SENA, 2013, p. 133).

Há certa resistência por parte de alguns em relação à televisão considerada “fútil e apta a provocar o rebaixamento cultural” (133).

No entanto, “os meios de comunicação, em particular a televisão, existem para o consumo e estão em relação permanente com a demanda de uma sociedade que se organiza em torno deles” (p. 133).

Os meios não são mais importantes do que os sujeitos que os consomem e nem podem ser reconhecidos fora dessa relação (SENA, 2013). Eles criam um ambiente de intercâmbio. Há aqui uma troca num ambiente dialógico, onde o meio requer dominação e os sujeitos a expectativa por bens simbólicos. Magali Cunha (2007), cita:

De acordo com este sistema, acessar o aparato eletrônico e sua programação e circular pelos espaços de oferta de bens e cultura é encontrar conforto para o estresse das lutas diárias, ao mesmo tempo em que também incluir-se na modernidade e produzir sentidos para a existência tanto na esfera privada quanto pública. Ter acesso à tecnologia e consumir é ser cidadão. (CUNHA, 2007, p. 137)

A produção midiática acontece com objetivo de atender aos interesses do público e assim ficam condicionadas. Isso significa que a televisão, por exemplo, pode projetar e realizar trabalhos importantes e pertinentes como também comprometer-se. Na esteira onde caminham alguns pesquisadores, surge a crítica sobre a banalização da literatura nos estudos sobre a televisão (SENA, 2013).

No argumento de Sena, deve-se ter cuidado sobre a crítica “na discussão sobre recursos e qualidade da produção televisiva e, com isso, destacou o incômodo com a simplificação de algumas análises sobre o papel da tevê” (SENA, 2013, p. 134).

Ele destaca a sua força gregária e papel na vida social. “Estudar televisão por sua importância na sociedade brasileira, suas formas de produção de sentidos é

olhar de um lugar privilegiado para compreender a vida das pessoas desse tempo” (p.134). Ana Puntel, diz que educação em mídia é

[...] ajudar as pessoas a entenderem que a mídia não deve ser usada apenas como uma extensão neutra de nosso corpo enquanto um instrumento, e sim que, na verdade, está inserida no contexto da construção da sociedade e da criação e recriação de significados (PUNTEL, 2008, p. 11).

Sena, reconhece que há uma “linguagem que constrói e constitui o sentido de humanidade, as articulações significativas orientadas para a produção simbólica e sua mediação com o mundo” (p. 134). Ele afirma ser a maneira por onde se consegue a ampliação de sentidos que a relação com o meio de comunicação possibilita.

A mente humana se nutre de símbolos linguísticos, palavras que descrevem e contribuem para a manutenção de uma realidade comum a todos. Mas as palavras não servem apenas para comunicar. Não existe discurso neutro ou desinteressado. É importante saber que as narrativas de comunicação de massas não são neutras. Toda narrativa massiva expressa uma linguagem de poder ou de dominação. A linguagem produz a realidade quando há um processo de decodificação, onde se obtém a produção de sentidos.

Cunha novamente expressa essa ideia ao expor a cultura *gospel*:

A cultura *gospel*, conforme já referido, acompanha esse fluxo. Ela está aqui sendo compreendida como um modo de vida religioso evangélico, configurado a partir das vivências construídas com base na expressão musical, mas também do entretenimento e do consumo. No *gospel*, o duo consumo-entretenimento leva a expressão cultural para além da música e a transforma num modo de vida, cuja forte marca é a inserção no mundo moderno (CUNHA, 2007, p. 137)

“A mídia é um megafone que desempenha um papel pedagógico na sociedade mesmo não sendo esta a sua função. Através da mídia muitos comportamentos são aprendidos e o modo de olhar o outro e o mundo, sofrem uma certa influência” (LIMA, 2013).

Nas palavras de Sena (2013) podemos verificar o que uma mídia pode influenciar na construção da realidade:

Pode-se afirmar que não há movimento ou organização social em uma sociedade moderna que não tenha a argúcia de definir suas estratégias sem levar em conta as melhores condições de difusão de suas ações por meio da mídia (p. 135).

“A maior parte do conteúdo da televisão é formada por situações cotidianas, inscritas no senso comum”. Ercio Sena diz que os expectadores podem viver a realidade em sua forma mediada:

... a ação da televisão contribui para organizar e tornar inteligível os acontecimentos provenientes do mundo externo. No âmbito doméstico, o discurso da televisão atua de modo a recompor, facilitar e tornar inteligíveis situações provenientes de outros lugares. Essas diferenças irão compor o cotidiano dos telespectadores que poderão experimentar esta realidade em sua forma mediada. Os produtos da televisão são fontes de informação, entretenimento e experiência. Sem ela não seria possível a compreensão do mundo contemporâneo que se referencia também na partilha de significações que acontecem apenas na experiência midiática. A televisão se apresenta como lugar privilegiado para o consumo, não só porque oferece produção para fruição dos telespectadores, mas também porque seu cotidiano é construído com valores vividos em conflito na sociedade [...]. Não é possível constituir-las sem partilha de valores e significações idealizadas. Na televisão, esses sentidos são trabalhados como panos de fundo do tecido social nos quais indivíduos e comunidade irão se instruir em modos de convivência (SENA, 2013, p. 135-136).

O pesquisador diz que a televisão por ser o meio de comunicação mais popular no Brasil merece ser observada pelo seu papel social, em função de sua articulação com a vida das pessoas e suas relações construídas neste terreno (SENA, 2013).

No caso específico dos evangélicos pode-se dizer que “o consumo e o entretenimento são elementos constituidores de um modo de vida – um modo de ser *gospel*” (CUNHA, 2007, p. 137). A televisão religiosa tem parte na construção de significados e na produção de sentidos. A televisão religiosa segue a lógica do mercado. Cunha ainda diz que:

Na lógica da cultura do mercado, consumir bens e serviços é ser cidadão; na lógica da cultura *gospel*, consumir bens e serviços religiosos é ser cidadão do Reino de Deus. Nesse caso, o consumo não é apenas uma ação que responde à lógica do mercado, mas constitui elemento produtor de valores e sentidos religiosos (p. 138).

O evangélico consome produtos religiosos porque esses mesmos produtos estão ligados a um valor religioso, que tem para ele um valor simbólico. “O mercado, portanto, funciona como pano de fundo para algo que é considerado maior: o cultivo da fé” (p. 140).

Além disso, está embutida na prática do consumo a produção de sentidos – consumir não é pecado, já que o produto é religioso. O fato de pensarem que a aquisição dos produtos os coloca mais próximos do divino é um incentivo para consumirem. Porque “os produtos são consagrados por Deus e para Deus” (p. 141)

Outro aspecto da produção de sentido é a ideia de que “no consumo religioso cristão há um valor simbólico para empresários, que reside na propagação da fé por meio dos produtos, ou seja, a realização da missão” (p. 141). A produção de sentido neste caso é a sociedade com Deus.

3.10 Histórias de vida: narrativas humanizadas

Monica Martinez (2008), reforça a importância do aperfeiçoamento na arte de tecer o passado e o presente trazendo reflexões sobre o ato de narrar e como incorporar ao jornalismo. Christopher Vogler menciona que as histórias podem se tornar nossos modelos de vida.

Boas histórias nos fazem sentir como se estivéssemos passando por uma experiência completa e satisfatória. Rimos, choramos ou fazemos os dois ao mesmo tempo. Terminamos a história com a certeza de que aprendemos algo sobre a vida e nós mesmos. Talvez até tenhamos encontrado uma nova percepção, uma nova índole ou atitude para tomar como modelo de vida (VOGLER, 2015, p. 32).

Outras áreas do conhecimento como a história e a sociologia pesquisam as histórias de vida usando a metodologia da história oral. Há um canal no YouTube da Editora Contexto , em que o professor pesquisador José Carlos Sebe B. Meihy, fala sobre a história oral como um recurso moderno estando dividido em quatro gêneros ou ramificações: 1) história oral de vida; 2) história oral temática; 3) tradição oral; e 4) história oral testemunhal.

A história oral de vida é aquela que rearranja a narrativa a partir da trajetória existencial de uma pessoa. A temática é aquela que se tem um tema central e as entrevistas se endereçam ao desenvolvimento desse tema. Tradição oral é uma prática que deriva de contatos com grupos onde as tradições superam o espaço biográfico, como tradições míticas, receitas culinárias e medicinais que carregam uma memória e tem uma certa antiguidade. Por fim, a história de vida testemunhal, que mistura traços da biografia testemunhal com a existência de um (MEIHY, 2015a)

Segundo Meihy, há um certo estranhamento em relação a questão do pertencimento na área da História, ou seja, a quem pertence a história oral e quem faz. Ela acontece na academia dentro das universidades ou de forma mais ampla em outros ambientes como clubes de futebol, sindicatos, instituições de trabalho e outros? No Brasil, tem crescido a “história pública”, que se refere a uma história que transita por diferentes segmentos, inclusive acadêmico e com acolhida em diferentes plateias (MEIHY, 2015).

Segundo Martinez (2008), “o ato de narrar é antiquíssimo”, e “muito tempo se passou desde as histórias transmitidas ao redor de fogueiras até a categorização dos gêneros jornalísticos”. Ela menciona que “dentro os gêneros, a reportagem é a que tem registros mais antigos” (p. 24).

Martinez ainda faz referência à entrevista, um gênero jornalístico constituído pelo “comentário ou opinião fornecida a entrevistadores para ser divulgado em jornal, revista, ou por meio do rádio ou televisão” (FERREIRA, s/d apud MARTINEZ, 2008, p. 24). A origem desse gênero em 1836, ocorreu “quando o repórter norte-americano James Gordon Bennet teria feito perguntas à proprietária de um prostíbulo nova-iorquino no qual ocorrera um assassinato” (p. 24).

O início e a consolidação do jornalismo contemporâneo se deram entre a metade do século XIX e a segunda metade do século XX, com o surgimento das grandes agências de notícias e redes de jornais, na América do Norte. Desde então, jornalismo convencional e jornalismo literário coexistem no mercado americano especialmente, com predominância para o primeiro (MARTINEZ, 2008).

A partir de 1960, com “transformações sociais sem precedentes na história da humanidade”, o jornalismo literário é revigorado “dando origem ao *new journalism*, corrente que abrange mais recursos na tentativa de retratar a realidade de forma

fiel”. O escritor Graciliano Ramos é referência nacional e destaque cruzando “os recursos do jornalismo e da ficção” e “imprimindo veracidade e sabor à história” (p. 26).

Muita importância é dada ao gênero (entrevista), especialmente nos Jornais:

O primeiro grande paradoxo atual da comunicação social é que, ainda hoje, por mais que o processo produtivo industrial conte com o veloz avanço tecnológico, reportagens e entrevistas são feitas muito mais de forma empírica do que por meio de procedimentos testados e comprovados, um dos preceitos básicos da ciência. Ainda que esses gêneros, caso da entrevista, continuem sendo um dos pilares do segmento (MARTINEZ, 2008, p. 26).

Não existe em relação a entrevista um protocolo sobre a metodologia, mas existem recomendações na área da comunicação por meio da experiência de profissionais no sentido de obter informações previamente sobre o assunto.

A metodologia da história oral, abordagem da sociologia e história vai além da “visão clássica de resgate de informações via documentos, abrindo espaço para a coleta de depoimentos, com toda a riqueza, bem como limitações que a oralidade implica” (MARTINEZ, 2008, p. 27).

Martinez menciona que o ponto positivo da história oral é o fato de ela dar voz às minorias até então invisíveis, como os migrantes e homossexuais. Ela diz que há limitações no processo, isto é, “captação dos depoimentos + transcrição literal + transcrição”, especialmente na última etapa.

A pesquisadora expõe algumas questões em relação à história oral: 1) há limitação porque fazem restrição e eliminação apenas de repetições ou ruídos de linguagem – uma limitação do ponto de vista jornalístico; 2) A polêmica de quem é autor da entrevista – historiador ou outras vozes. Para os mediadores sociais não existe este estranhamento. O autor da narrativa é indiferente.

Por outro lado, há grandes contribuições na metodologia da história oral, fatos considerados por Martinez e aqui mencionados: 1) escuta atenta e sem interferência do depoente – método pouco utilizado hoje nas redações; 2) transcrição literal do material gravado – recurso altamente fiel à fala do personagem, “permitindo utilizar diálogos e expressões pessoais que deixam a narrativa saborosa, ajudando a

compor a persona do indivíduo ou grupo social” (p. 28); 3) a conferência do texto pelo entrevistado – parceria entre duas ou mais pessoas com a finalidade de contar uma história verdadeira, seja pessoal, grupal, temática ou sobre um momento histórico e 4) uma visão mais humanizadora - o foco passa a ser o narrador que narra a sua própria história relacionada a um tema ou fato.

Embora a transcrição seja vista por estudiosos de outros campos de estudos como o jornalismo, como método que possa empobrecer o texto jornalístico, já existe uma consciência de boa parte dos historiadores de que uma entrevista dispõe de visões mais amplas, como a teoria de entrevista dialógica proposta por Cremilda Medina, pesquisadora do Núcleo de Epistemologia do Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (MARTINEZ, 2008).

Outro ponto importante além da humanização é a subjetividade ressaltada em uma entrevista com o professor pesquisador José Carlos Sebe Bom de Meihy (MEIHY, 2015b) Segundo Meihy a *história oral* tem características importantes a serem consideradas:

... tem como base a subjetividade narrativa, a construção do argumento, a performance. E isso exige sempre uma dimensão subjetiva como contribuição para estudar o comportamento não apenas na manifestação externa, mas nos moldes pessoais [...] O interesse da história oral é exclusivamente a construção de memória da pessoa e a sua organização expressiva, trabalho de expressão oral, e o disparo da narrativa oral é completamente diferente da escrita, e é nesse sentido que se diferencia a história oral da chamada história convencional, porque o protagonismo do narrador é essencial para se explicar (MEIHY, 2015b).

Em seu livro, Martinez ainda reitera o pensamento de Cremilda Medina:

A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta – fria nas relações entrevistado-entrevistador – não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo. Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo (MEDINA, 1990 apud MARTINEZ, 2008, p. 28-29).

Compreende-se que há dois caminhos na pesquisa científica dentro dessa discussão: ou se caminha no sentido de esmerar-se em dar um cunho científico às pesquisas com ênfase positivista ou se pondera sobre os resultados de uma experiência em que a presença de um entrevistador, observador e intérprete veja a realidade de maneira subjetiva, utilizando suas impressões, seus pontos de vista e suas plataformas socioculturais.

Para Martinez, podemos avançar muito nessas questões de estudos do gênero (entrevista) em comunicação:

Em outras palavras: enquanto os comunicadores sociais ainda defendem a busca de uma verdade absoluta, outros especialistas empregam conceitos mais avançados como o de ucronia, validando o fato de que cada pessoa tem sua própria versão da verdade, o que não pode ser entendido como uma mentira, porém como uma interpretação individual do evento (MARTINEZ, 2008, p. 30-31)

Certamente o melhor caminho não é propor um modelo fechado, mas sugerir metodologias que possam contribuir para o entendimento e a leitura de um contexto complexo onde se buscam diretrizes a fim de compreender, interpretar e transmitir a realidade. Não existe um único caminho para a obtenção da realidade.

A realidade pode ser observada por vários ângulos, de tal forma que, a verdade possa ser concebida de maneira multifacetada considerando o ponto de onde se está observando e para quais propósitos. Pensando assim, tornaremos a pesquisa mais ampla como sugere Martinez (2008, p. 32):

Por mais que o mundo esteja em mutação, a realidade é que a comunicação social é feita por humanos e para seres humanos. Assim, seja nas *action stories* (reportagens) ou nas *quote stories* (entrevistas), as histórias e os depoimentos centram-se nas narrativas de seres humanos. Nada mais natural que a defesa da humanização da narrativa para atingir um público em potencial que a cada dia está mais perplexo diante de um novo mundo, globalizado e sistêmico.

Quando as pessoas ouvem e assistem a histórias de outros, as histórias se tornam mais humanizadas e isso pode disparar um elemento vinculatorio que pode permitir a identificação e empatia. Quando uma história é narrada pela pessoa que vivenciou o fato ou a experiência de vida, torna-se uma história relevante, pois se

trata de uma história verdadeira, a história de alguém de carne e osso, que se torna uma referência positiva ou negativa.

4 PROGRAMA 180 GRAUS O PONTO DA VIRADA

4.1 O histórico do programa

Em entrevista ao programa *Identidade Geral* no *Youtube*, Creriane Lima, apresentadora do programa *180 Graus O Ponto da Virada*, falou sobre como o programa chegou até os dias atuais.⁴

O programa *180 Graus: O Ponto da Virada*, surgiu de uma ideia da atual apresentadora e professora universitária do curso de Letras (Português e Inglês) e Tradutor e Intérprete do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), Creriane Lima. Seu esposo, pastor e professor Valdecir Lima, ajudou-a na concepção do programa, que é uma parceria entre UNASP e TV Novo Tempo.

Antes de o programa ser veiculado pela TV Novo Tempo, era apresentado na Rádio UNASP - Engenheiro Coelho. A diretora desse programa era Celinha Grace. O programa de rádio chamava-se *Perfil*, apresentado pela cantora evangélica Regina Motta todas às quintas-feiras por volta das 18h. Era um programa que contava histórias de vida com ênfase na história de conversão dos entrevistados.

Creriane se identificou tanto com o programa que marcava horário para ouvi-lo, debruçada na cômoda de seu quarto. Ela se encantava ouvindo as histórias de vida das pessoas.

Quando Creriane ouviu a história de conversão do pastor Renato Groger, ficou encantada mais uma vez. Ela o conhecia apenas de vista no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP).

Mas ao ouvir sua história no programa de rádio, pensou: “A história é tão forte que precisa ir para a televisão”. Ficaram então o desejo e a vontade guardados no coração.

Quando compartilhou sua vontade e desejo ao pastor e professor Valdecir Lima, encontrou total apoio e incentivo para elaborar uma ideia de um programa em formato televisivo. Ele sabia da facilidade e gosto que Creriane tinha para conversar

⁴ Entrevista no *Youtube* no canal *NT JORNALISMO*

com as pessoas e ouvir suas histórias. Ele disse: “Eu acho muito legal. Vamos levar essa história para frente”.

Segundo Creriane, nem todas as histórias são histórias naturais de conversão no programa *180 Graus*, mas muitas são histórias sofridas e difíceis. Ela se diz muitas vezes emocionada pelas histórias do programa, e que precisa trabalhar essa questão porque acaba assimilando muito das histórias que ouve. Ela afirma que “são histórias profundas que despertam muitas emoções”.

Creriane é escritora, publicou um livro intitulado *Caixinha de Surpresas*, pela Casa Publicadora Brasileira. A apresentadora diz que o programa é uma iniciativa e parceria entre UNASP e TV Novo Tempo com o propósito de levar a força do evangelho apresentando a história de vida de uma pessoa que passou por uma experiência de conversão.

Ela menciona que o programa *180 Graus O Ponto da Virada* tem esse nome, porque há uma ideia por trás. Para que não pudesse ser confundido com temperatura, acrescentou-se a expressão *O Ponto da Virada*. Segundo Creriane, o programa revela uma “virada de vida”. É uma mudança de vida, uma mudança de direção.

Mas ela explica que uma virada de 360 Graus nos leva ao mesmo ponto, enquanto a virada de 180 Graus, muda a direção. Se estava indo para o leste, agora você passa a ir para o oeste. No primeiro momento eles convidavam pessoas mais conhecidas na Universidade, mas depois as pessoas começaram a enviar para a equipe de produção outras histórias.

4.2 Estrutura, formato e gravações

O programa *180 Graus O Ponto da Virada* foi inspirado no programa de entrevista de Marília Gabriela que é jornalista, entrevistadora, atriz, cantora, apresentadora de televisão e escritora brasileira. Marília Gabriela teve alguns programas de entrevistas em redes de televisão brasileiras. Dentre eles estão: *Marília Gabi Gabriela e Cara a Cara* da TV Bandeirantes; *Marília Gabriela Entrevista* na GNT; *De Frente com Gabi* no SBT.

O programa de *Frente com Gabi*, foi o que teve maior exposição, sendo exibido em canal aberto pelo SBT. Recebia grandes nomes e tratava de assuntos de interesse nacional. Alguns temas abordados envolviam: política, economia, medicina, cultura e temas como pedofilia, eutanásia, bioética, sexo, entre outros, que estavam na pauta do programa.

Em entrevista cedida ao autor desta pesquisa, Creriane Lima fala da influência do Programa da Marília Gabriela em seu programa na TV Novo Tempo.

Creriane Lima menciona que chegaram a pensar em uma sala de estar, um jardim ou algum lugar em que houvesse o contato com a natureza, mas acharam que seria mais conveniente e prático encaixar a ideia no formato do programa da Marília Gabriela, *De Frente com Gabi*.

A produção do programa é dividida entre Rianne Junqueira, Letícia Caron e pelo diretor Gleik Max. A equipe escolhe as histórias que são mais adequadas para o programa. Creriane faz questão de estudá-las e não somente ler sobre elas. Após ler e tirar as dúvidas, a equipe entra em contato com a pessoa três meses antes da data marcada para as gravações.

Creriane é quem seleciona as histórias previamente. O passo seguinte é fazer um cronograma de gravações que acontece duas vezes ao ano, durante uma semana. Em média são 27 a 30 entrevistas gravadas por cada temporada.

Letícia Caron faz os contatos e passa as orientações explicando os padrões da Novo Tempo. Na semana da gravação a equipe precisa cuidar também do cabelo, da roupa, maquiagem da entrevistadora e da maquiagem dos entrevistados.

Há muitos entrevistados que a apresentadora apenas encontra pela primeira vez antes da gravação do programa. Então, há um momento de conversa para estabelecer um bom clima para que a entrevista possa transcorrer de forma natural.

O objetivo do programa, segundo Creriane, pode ser dividido em duas intenções pelo menos: 1) atingir pessoas que são simpatizantes da Rede Novo Tempo, mas que não são membros de nenhuma igreja. Ela afirma que se uma pessoa dessas se sente sensibilizada em algum momento, se está passando por alguma fase da vida, um momento de decisão, a ponto de tomar realmente uma decisão que vai mudar a vida, possa se simpatizar com uma dessas histórias sendo

uma força para que tome sua decisão pessoal; 2) alcançar muitos cristãos que gostam de ouvir experiências que servem para o fortalecimento da fé.

Rianne Junqueira diz que eles costumam gravar em média por dia, entre seis e sete programas. Enquanto os entrevistados são maquiados, a apresentadora está gravando. E quando ela sai da gravação para retocar a maquiagem, o próximo entrevistado entra no estúdio de gravação.

A partir do momento em que o entrevistado entra no estúdio, o diretor do programa, Gleik Max, gerencia todo o processo de gravação. Além do entrevistador, ficam no ambiente outros membros da equipe para fazer o teleprompter (TP); e os câmeras que carregam os cartões e fazem as imagens.

Do lado de fora, há um cronograma e o diretor do programa precisa cumprir esse horário. Isso envolve o momento em que chega o convidado, o momento quando ele vai para o estúdio e quando sai da gravação. O diretor dá orientação para o entrevistado e diz qual é o formato do programa e qual o objetivo. Diz que é um bate-papo.

Depois da gravação, o diretor fica extremamente atento a tudo que a apresentadora e o entrevistado falam. Se houver alguma incoerência ou algum erro, o diretor é quem pede para parar a gravação e em que ponto devem recomeçar.

O programa tem o tempo de 28 minutos, mas 26 gravados. No final da gravação o diretor avalia se eles têm o produto final que o programa precisa para cumprir seu papel. Até o final de 2017, foram gravados 205 programas e todos foram publicados no canal do *Youtube* na internet. O quadro 5 apresenta o formato do programa.

Quadro 5 - Configuração da estrutura do Programa 180 graus O ponto da virada

SEQUÊNCIA DOS EVENTOS	TEMPO DE DURAÇÃO
Fala com a vinheta - Creriane Lima	1'15"
Introdução e Sinopse	43"
Entrevista	26'28"
Encerramento e finalização da entrevista com Creriane Lima	16"
Descrição na tela a respeito da atual situação do entrevistado	16"

Fonte: Elaboração própria

O programa é transmitido pela TV Novo Tempo canal aberto em várias cidades e por TV a cabo na Oi 214; NET 184 ou 684; Claro 184 ou 684; e até 2017 na Sky canal 14, sendo esta última, a primeira a retransmitir o sinal da TV Novo Tempo. Os horários (de Brasília) de veiculação do programa pela TV Novo Tempo são: Inédito aos sábados às 18h. Reprise 1: segunda-feira às 00:30; Reprise 2: quarta-feira às 17:30; Reprise 3: quinta-feira às 23:00; Reprise 4: sexta-feira às 6:30; Reprise 5: sábado às 4:00.

No Youtube o programa inscreveu-se em 12 de setembro de 2012. Até 30 de janeiro de 2018, tinham recebido 646.260 visualizações e contavam com 6,3 mil inscritos no canal da internet.

4.3 Introdução do programa

O programa começa com a fala introdutória da apresentadora Creriane Lima, que se repete na introdução de todos os programas gravados: “Pessoas que tiveram a vida transformada por Deus. Verdadeiras histórias de conversão rumo à vida. É isso que você encontra aqui, no programa 180 Graus O Ponto da Virada que começa agora”.

4.4 Vinheta

A vinheta apresenta a imagem de utensílios que estão sendo limpos e restaurados. Durante a vinheta a trilha sonora dá a sensação de algo dinâmico estar acontecendo enquanto os utensílios são lustrados por mãos de alguém que cuida. A voz da apresentadora entra no meio da trilha sonora: “Quando sentimos o toque de Deus na vida, uma mudança acontece”. Aparecem na imagem os utensílios e na tela aparece escrito: manchado. Subsequentemente, aparece uma imagem com os mesmos utensílios, com a escrita: brilhante.

Claramente revela o contraste da mudança. Revela a transformação por meio do ato de limpar, pelo lustrar das mãos utilizando-se uma flanela.

A próxima cena se dá com outra fala de Creriane Lima: “Surge à nossa frente possibilidades de felicidade plena. O toque de Deus restaura, renova, refaz”. E

durante a imagem apresentada aparecem duas palavras que se contrastam como na primeira imagem: inserto e resolvido.

A vinheta já revela o propósito do programa de oferecer certezas para as dúvidas e orientação para a existência humana. A cena se desenrola mostrando mãos de alguém que prepara um prato em uma cozinha. A imagem passa a informação de que podemos experimentar sabor em nossa vida ao permitir sermos tocados pelas mãos de Deus.

Uma terceira imagem mostra pedaços de vasos quebrados que são unidos pelas mesmas mãos restauradoras e a voz da apresentadora surge novamente dizendo: “Hoje conheceremos uma pessoa que experimentou essa graça maravilhosa”.

Finalmente, aparece na imagem as palavras em contraste: impossível e possível. É a ideia transmitida do milagre da restauração espiritual, que diante da impossibilidade humana, se transforma na possibilidade de Deus. A apresentadora termina: “ (Ele/Ela) vai nos contar sobre essa mudança de 180 Graus que lhe trouxe paz”.

A vinheta termina mostrando uma lâmpada colocada no bocal com o auxílio de uma mão. A geração de luz é proporcionada pela união da lâmpada com a energia. A cena parece dar a noção de que a paz e a felicidade que ilumina nossa vida, são a junção da humanidade com a divindade. A felicidade plena e a paz podem-se achar em Deus. Finalmente, aparece o logo do programa estilizado escrito: 180 Graus O Ponto da Virada.

Segundo Dorneles (2011, p.51), as vinhetas de abertura fornecem a primeira imagem de um programa. Ele as chama de “embalagens para os programas”. Elas são a primeira exposição, geram a primeira impressão, servem para preparar o público e assim sendo, podem servir para transmitir de forma condensada o conceito do programa através das imagens e sons.

Após a vinheta tem-se uma visão geral da entrevista, um breve relato em forma de síntese ou sinopse.

4.5 Entrevista no ar

A entrevista é a parte principal do programa, onde a entrevistadora conversa com seus convidados, a fim de extrair as lições mais importantes das histórias de vida. A entrevista é semiestruturada, tem uma sequência lógica e intencional. Geralmente, Creriane Lima começa perguntando sobre a infância, período em que se iniciam as primeiras experiências na vida.

Toda entrevista é realizada visando a transformação de vida dos convidados. Essa mudança de vida, geralmente é retratada como o ponto da virada, quando a vida muda de direção.

Creriane Lima, trabalha muito bem essa ideia, buscando encontrar nas histórias de vida essa sequência. Ela procura enfatizar e dar um brilho especial em momentos da entrevista. Basicamente, trabalha a sequência: 1) Como era a vida antes desse encontro?; 2) Como aconteceu a mudança de vida em 180 graus? Onde foi o ponto da virada?; 3) E o que você faz hoje?

Durante a entrevista ela dá liberdade para que os entrevistados fiquem à vontade para expor seus pensamentos e narrar suas histórias de vida. A entrevista é semiestruturada por haver uma certa flexibilidade, porém, girando em torno de um tema – conversão.

Ao final, sempre vem um momento do pingue pongue, onde o entrevistado responde a perguntas rápidas sobre temas da vida cotidiana.

4.6 Propagandas e anúncios

A TV Novo Tempo não tem anúncios comerciais durante seus programas. A TV é mantida pelos recursos financeiros da própria organização. Os recursos vêm de sedes administrativas regionais, que administram as igrejas em todo o Brasil. Esses recursos são provenientes das doações dos fiéis. Portanto, é direcionada uma porcentagem dos recursos que são enviados para este projeto evangelístico da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. A TV Novo Tempo é administrada pela Igreja Adventista, através de representantes que são nomeados para exercerem tais funções.

Os comerciais são, portanto, de caráter institucional e denominacional apenas. Eles ressaltam a filosofia adventista e promovem instituições da própria denominação. Áreas como educação (escolas e faculdades), saúde (hospitais, clínicas e fábricas de alimentos), editora de livros, bem como departamentos e ministérios da igreja. Todos administrados pela igreja.

Outro recurso importante é proveniente do programa Anjos da Esperança que tem como um dos objetivos a arrecadação de doações para manter o canal. Os telespectadores doam sistematicamente para manter a rede de televisão adventista.

A doação é feita por meio de contato com a própria Rede Novo Tempo. E qualquer um pode ser um Anjo da Esperança.

No início havia um intervalo durante a entrevista no programa exibido na TV Novo Tempo. Mas atualmente, o programa é gravado e transmitido no tempo de 28 a 30 minutos, sem intervalo.

4.7 Disponibilidade e alcance

O programa 180 Graus O Ponto da Virada é transmitido pela TV Novo Tempo e retransmitido para diversos estados através de emissoras locais.⁵

No quadro abaixo encontramos descrição da TV Novo Tempo e de seu alcance:

Quadro 6 - TV Novo Tempo – Fundação Setorial de Radiodifusão Educativa de Sons e Imagens

TIPO	REDE DE TELEVISÃO ABERTA ADVENTISTA
País	Brasil
Fundação	09 de novembro de 1996
Pertence a	Rede Novo Tempo de comunicação
Proprietário	Igreja Adventista do Sétimo Dia
Antigo Proprietário	Sistema Adventista de Comunicação – 1996 a 2005
Presidente	Antônio Tostes
Cidade de Origem	Nova Friburgo, RJ
Sede	Jacareí, SP
Estúdios	Jacareí, SP
Slogan	O canal da esperança
Formato de vídeo	1080i (HDTV)

⁵ Para acesso ao programa, acessar: <<http://novotempo.com/tv/onde-assistir/>>.

Canais irmãos	<i>Al-Waad TV; Esperanza TV; Hope Channel; Red Nuevo Tiempo; Speranta; Rádio Novo Tempo</i>
Cobertura	78 % do território nacional
Emissoras próprias	<i>TV Cachoeira (Cachoeira do Sul); TV Setorial (Pindamonhangaba)</i>
Emissoras afiliadas	<i>TV Olinda (Recife)</i>
Cobertura internacional	Por meio de canais por satélite disponíveis em diferentes idiomas
Nomes anteriores	<i>TV ADSAT (1996-2005)</i>
Página oficial	novotempo.com/tv/
Disponibilidade aberta e gratuita	Analógico; digital; <i>Claro TV</i> (canal 184; canal 684 - espelho do canal 184); <i>Oi TV</i> (canal 214 - Satélite SES-6); <i>StarOne C2 Analógico</i> (1020 Mhz, Polarização Vertical);
Disponibilidade por cabo	<i>NET</i> (canais diferentes); <i>RCA</i> (canais diferentes); <i>TV Litorânea</i> (canal 45); <i>SGC A cabo</i> (canal 29); Techcable (68); <i>Supercabo TV</i> (canal 1); TCM (canal 147)
Disponibilidade digital	<i>TV Novo Tempo</i> (programação ao vivo)

Fonte: TV Novo Tempo. Wikipedia. disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/TV_Novo_Tempo>. Acesso em: 18 out. 2017.

5 ANÁLISE DO PROGRAMA: O QUE DIZEM AS NARRATIVAS?

Como foi dito na introdução da pesquisa, tem-se a intenção de analisar seis entrevistas do programa 180 Graus O Ponto da Virada, sendo o segundo programa de cada ano, captados da internet por meio de download através do canal que leva o mesmo nome do programa, disponibilizado pela plataforma do *youtube.com*.

Os programas analisados, respectivamente foram:

- 1) A história de vida de Renato Groger, publicado em 17 de setembro de 2012, programa nº 02 com 7.460 visualizações.
- 2) A história de vida de Zezinho Djú, publicado em 09 de janeiro de 2013 programa nº 17 com 3.521 visualizações.
- 3) A história de vida de Marquinhos Maraial, publicado em 16 de fevereiro de 2014, programa nº 69 com 19.708 visualizações.
- 4) A história de vida de Joseph Skaf, publicado em 02 de janeiro de 2015, programa nº 108 com 2.044 visualizações.
- 5) A história de vida de Helbert Roger, publicado em 14 de fevereiro de 2016, programa nº 139 com 1.996 visualizações.
- 6) A história de vida de Hugo Santana, publicado em 27 de janeiro de 2017, programa nº 182 com 2.889 visualizações.

Todas as entrevistas realizadas pelo programa foram de pessoas que haviam se convertido ao cristianismo e pertenciam à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Alguns dos entrevistados já eram cristãos de outras denominações e contam como aceitaram a fé adventista.

Para a análise, foram transcritos segmentos das entrevistas do programa com o *link* do conteúdo integral nas referências e no apêndice ao final desta pesquisa.

As narrativas foram observadas a partir dos programas gravados, levando em consideração os objetivos da pesquisa. As narrativas foram transformadas em redação e a análise foi feita considerando a teoria que melhor ilustrava as narrativas, de maneira que pudéssemos responder aos objetivos da pesquisa. Por último, expomos nossos comentários sobre o resultado de cada extrato analisado.

Outra intenção que se teve, através das falas relativamente espontâneas da entrevistadora e entrevistados foi aferir por meio de suas palavras o momento de transformação e mudança de vida. Pretendeu-se também utilizar-se da narrativa mítica da Jornada do Herói (monomito) para identificar o momento de destaque na história do protagonista em que se encontra na fase da ‘caverna profunda’ e ‘provação suprema’. Martinez diz:

Como num jogo de xadrez, a pessoa está a um lance do xeque-mate, ou seja, do momento mais crítico da partida (a Provação Suprema). É hora, portanto, de verificar se está preparada, pois em breve enfrentará aspectos que até então tinham sido negados na própria personalidade, áreas movediças nas quais o confronto pode ter sido cuidadosamente evitado (MARTINEZ, 2008, p. 89).

Vogler define como sendo a “hora dos preparativos finais para a provação central da aventura. A essa altura, os heróis são como os alpinistas que já subiram até um acampamento básico, por meio de trabalhos dos testes, e agora vão fazer o assalto final ao ponto culminante” (VOGLER, 1997, p. 197 apud MARTINEZ, 2008, p. 89).

Ocorre aqui “um intenso processo de internalização, visto que o protagonista está vivendo um processo de metamorfose – o que pode colocar em xeque-mate atributos psicológicos do protagonista” (MARTINEZ, 2008, p. 89).

Martinez menciona o fato de que a pessoa perderá algo muito significativo para si mesma e para sua comunidade. Diz que quando “o relógio anuncia que é chegada a hora de fazer o próximo lance, por mais indivíduos a favor que a pessoa tenha cativado – e que podem até estar torcendo por ela na arquibancada” (MARTINEZ, 2008, p. 91), a verdade é que a pessoa entra no jogo por sua própria conta e risco. Só mais à frente o momento se mostrará revelador.

A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo baseada em Laurence Bardin procurando conhecer o que está por trás do significado das palavras e imagens.

Bardin, aponta para a responsabilidade de avaliar o material com ética, critério e com cuidado as categorias que serão o alvo das análises. Esse método de pesquisa de Bardin (2016) é muito usado nas ciências sociais aplicadas, em particular na área de comunicação. As etapas desse método consistem em:

1) Pré-análise: nesta etapa, segundo Bardin (2016, p.125) o objetivo é “tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais de maneira a conduzir um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise”. É o momento de se observar o material a ser pesquisado de maneira inicial, com a intenção de verificar a sustentabilidade das hipóteses elencadas anteriormente. A organização da análise é a fase inicial da pesquisa, onde são formuladas as hipóteses e elaborados os objetivos que devem nortear a interpretação final. Na organização da análise desta pesquisa, foram pinçadas 6 entrevistas do programa, *180 Graus O Ponto da Virada*, que são produzidos especialmente para atingir pessoas que são simpatizantes da Rede Novo Tempo. O público alvo do programa são pessoas que não são membros de nenhuma igreja. Outro público a ser alcançado, são os cristãos de outras denominações que gostam de ouvir experiências que servem para o fortalecimento da fé, conforme dito em entrevista por Crieriane Lima, neste capítulo. Foi considerado também para análise a entrevista realizada pelo autor da pesquisa com Crieriane Lima.

2) Exploração do material (codificação): nesta fase é realizada a administração sistemática dos dados identificados. Para Bardin (2016), é a transformação dos dados brutos do material agregado em unidades que contribuem para caracterizar o conteúdo do objeto analisado.

A codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da expressão; suscetível de estabelecer o analista acerca das características do texto (BARDIN, 2016, p. 133).

O processo de codificação dos dados restringe-se à escolha de unidades de registro, ou seja, é o recorte que se dará na pesquisa. Nessa etapa, procura-se não apenas compreender o sentido da fala da apresentadora e participantes dos programas, mas também buscar outra significação ou mensagem junto a inicial. Para Bardin (2016), uma unidade de registro significa uma unidade a ser codificada, podendo ser este um tema, uma palavra ou frase. Nesta pesquisa, foram elencadas como unidades de registros as palavras e as expressões que:

a) revelam aspectos da midiatização no programa *180 Graus O Ponto da Virada*;

b) remetem a um substrato ideológico doutrinário do adventismo;

c) revelam a correlação sagrado/profano e mídia/religião.

d) mostram a relação existente entre conversão cristã e a Jornada do Herói, em duas de suas etapas: a 'caverna profunda' e a 'provação suprema'.

Esses foram os códigos determinados e observados por entender que eles aparecem com maior frequência nas narrativas do programa. A presença desses elementos foi considerada nos conteúdos estudados para possibilitar a inferência.

3) Categorização: essa etapa compreende o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação com base no referencial teórico que norteia essa pesquisa. De acordo com Bardin (2016), a análise de conteúdo revela mais do que se pode medir quantificando palavras ou expressões. Isso porque, enquanto “a linguística estuda a língua para descrever o seu funcionamento, a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras (expressões) sobre as quais se debruça” (p.50). Portanto, nessa etapa da análise, onde há interpretação dos dados ou informações coletadas, o pesquisador precisa retornar ao referencial teórico para embasar a análise dando sentido à interpretação.

A metodologia proposta por Bardin foi aplicada ao corpus da pesquisa. A transcrição literal dos seis programas de entrevistas pode ser conferida nos Apêndices A-G. Passaremos à análise do material estudado à luz do referencial teórico escolhido.

5.1 Midiatização: De Frente com Crieriane

Em entrevista concedida, Lima (2018), falou sobre seu programa veiculado pela TV Novo Tempo.

Ao perguntar-lhe onde se inspirou para elaborar o programa *180 Graus O Ponto da Virada*, disse que o programa da Marília Gabriela foi a referência para seu programa que na ocasião teve início no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), em Engenheiro Coelho.

Figura 1 - Hebe Camargo sendo entrevistada por Marília Gabriela no programa *De Frente com Gabi* no SBT.



Fonte: <https://portalquem.wordpress.com/2013/01/09/sbt-nao-fara-mudancas-no-de-frente-com-gabi-para-2013/>

Ao perguntar para *Creiane Lima* sobre aspectos da produção do programa, confidenciou-nos que houve algumas alterações durante o tempo de funcionamento do programa. E mencionou o fato de que inicialmente a intenção do programa era também unir a faculdade de jornalismo e publicidade. Disse que hoje já existe uma faculdade Rádio e TV no UNASP, campus Engenheiro Coelho. Revelou também que isso daria mais oportunidade para os estagiários. E que esses alunos teriam a possibilidade de trabalhar com eles. Conforme segue abaixo, percebemos a influência do jornalismo e da publicidade (mídia) na concepção de um programa religioso evangélico de entrevistas com o perfil do programa do SBT, *De Frente com Gabi*:

Helbert Almeida: Uma curiosidade que tenho é: O programa sofreu muitas alterações na produção durante estes quase seis anos?

Creriane Lima: Olha pastor, o programa começou com a vontade de unir a faculdade de jornalismo e publicidade. Na época ainda não tinha a faculdade Rádio e TV no colégio e oportunidade de estágio para os alunos na época. Só eram dois funcionários do colégio que participávamos mesmo. O restante eram alunos. Mas o que acontece?... Com o passar do tempo as faculdades foram crescendo, os departamentos foram se solidificando e apesar de não ter mudado visualmente em si, uma mesa e uma cadeira..., por trás dos bastidores, a questão da produção do programa foi a cada programa rendendo mudanças para melhor. Então a gente teve, por exemplo, que ter uma equipe mais estruturada pra ir buscar os convidados... Buscar os convidados no aeroporto, por exemplo, um lanchinho pros convidados, uma grade de programação. No início eu é que transcrevia todas as histórias e participava da edição dos vídeos. Mas com o passar do tempo, isso também foi sendo delegado e o meu papel ficou mais mesmo só o de apresentadora. Mas daqui a 15 dias, no início de abril de 2018 a gente vai fazer a primeira gravação na Novo Tempo, porque o programa agora saiu do UNASP e ele passa a ser um programa da TV Novo Tempo. Agora com essa mudança pra Novo Tempo, então, agora eu estou mais distante ainda do programa e eles é que estão cuidando de tudo. Eles é que estão escolhendo os convidados. Isso nunca tinha acontecido antes. Eu sempre participei do processo de seleção das histórias ativamente, mas agora dessa vez, eles é que estão escolhendo os convidados e só me mandam as histórias, e eu vou só preparar o meu roteiro de perguntas. Então, a ideia mudou, pois é... agora vai ser uma equipe lá mesmo da Novo Tempo. Eles construíram cenário novo lá e um estúdio novo... não cenário... o cenário vai continuar com essa filosofia preta porque no final das contas também a gente acha que é favorável esse cenário. Então vai ter uma equipe nova, produção nova. Eu imagino que a questão de iluminação também a gente deva mudar alguma coisa, como a gente vai ter mais espaço lá no estúdio.... Talvez colocar uma câmera mais de longe, jogo de câmeras... sei lá, coisas assim, néh?... mais estruturais e não exatamente filosóficas com relação ao programa.

Pode-se confirmar essa realidade na fala do estudioso Alberto Klein (2006) que afirma que “ao longo do século XX, firmou-se um sólido casamento entre a mídia e diversas denominações religiosas” (p. 17). Ao mesmo tempo que houve uma evolução técnica dos meios na sociedade, intensificou-se “a presença religiosa na mídia especialmente no rádio e na televisão” (p. 17).

Como Souza (2004) citou, as narrativas midiáticas evangélicas encontraram espaço importante no cenário brasileiro tornando-se relativamente bem representadas na grade horária da televisão brasileira. “Os objetivos de cada emissora variam de acordo com a cultura do telespectador, seus costumes e expectativas” (p. 58).

Figura 2 – Cenário do programa *De frente com Gabi*



De Frente com Gabi. No cenário do programa, apenas um fundo preto, duas cadeiras e uma bancada de acrílico, a fim de que apenas o entrevistado e a entrevistadora prendam a atenção do telespectador durante uma hora de informação e entretenimento da melhor qualidade.
Fonte: <https://www.sbt.com.br/defrentecomgabi/programa/>

A teoria da midiatização (HJARVARD, 2012) que ao mesmo tempo, permeia todos esses conceitos, revela toda a influência que a mídia exerce sobre as instituições (família, ensino, política, lazer, religião e outras) na contemporaneidade, transformando a própria cultura.

De acordo com Souza vemos que a emissora no Brasil, normalmente:

[...] não acompanha um padrão internacional e é flexível, conforme os interesses de cada rede – o que leva a concluir que a definição dada pelas emissoras tem como objetivo principal atrair o telespectador, em vez de se restringir à essência do gênero. “ (2004, p. 36)

Hjarvard (2015, p. 240) diz que as religiões “tentam adaptar algumas de suas práticas à lógica da mídia”.

Alberto Klein concorda que nós assistimos em um século à “proliferação de

mídias visuais, o espetáculo do sagrado, sempre presente nos ícones religiosos” e segundo ele “parece ter como destino a tela de TV” (KLEIN, 2006, p. 17)

Miklos (2012) passa a ser um interlocutor com Hjarvard (2012) e Klein (2006) ao afirmar:

Sob a justificativa oficial da conversão, as religiões passam a usar os meios eletrônicos de comunicação. Meios de comunicação eletrônicos e religião passam a formar um conglomerado complexo – uno e diverso – em uma relação de interdependência (MIKLOS, 2012, p. 7).

Essa teoria caracteriza-se pela influência que a mídia exerce sobre uma série de fenômenos. Stig Hjarvard diz que “a adaptação à lógica da mídia, no entanto, não significa que as instituições ou os indivíduos percam suas características próprias” (HJARVARD, 2015, p. 240)

Pode-se notar que igrejas estão investindo cada vez mais na evangelização por meio da TV. Esse fenômeno acontece, principalmente, a partir de 1990.

No caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o programa *180 Graus O Ponto da Virada* é um exemplo de como a igreja tem adaptado intencionalmente sua forma de evangelizar utilizando-se de práticas à lógica da mídia. O programa *180 Graus* é um exemplo claro dessa nova estratégia. Assim como outras igrejas, a Igreja Adventista do Sétimo Dia investe na sua estratégia evangelística por meio dos programas da TV.

Neste caso, deixa-se o púlpito, outrora utilizado para as pregações evangelísticas e ministração em igrejas e templos e admite-se um estúdio de TV, onde só há uma bancada de acrílico com duas cadeiras e o fundo em tecido preto, a fim de que entrevistado e entrevistadora fiquem em destaque e prendam a atenção dos telespectadores proporcionando orientação espiritual e entretenimento.

A missa e os cultos da TV passam a ser dirigidos aos telespectadores e quebram a noção de comunidade local (KLEIN, 2006). Embora isso seja uma verdade, sob o aspecto técnico, é importante considerar que essa mesma estratégia pode ser um meio de se criar vínculos ideológicos e atrair pessoas que pensam de forma semelhante sobre determinados temas a respeito da religião. E isso é para o adventismo uma oportunidade de evangelização e proselitismo.

Figura 3 - Ana Caram, ex-cantora da música popular brasileira e agora cantora evangélica fala de sua conversão



Caram é entrevistada por Creiane Lima no Programa *180 Graus O Ponto da Virada*.

Fonte: <https://www.facebook.com/search/top/?q=180%20graus%20o%20ponto%20da%20virada>

Antes dedicados à pregação da Palavra, cantar hinos e fazer orações, agora, muda a ênfase em detrimento do campo auditivo. Como já havia dito Alberto Klein, agora é a vez da imagem se exibir diante do olhar:

A guinada perceptiva deve-se, sobretudo, à intensificação da visão operada no século XX com o desenvolvimento de mídias visuais como fotografia, TV, cinema e, mais recentemente, a internet. Esta sobrecarga sensorial nos empurrou, na entrada do século XXI, para uma civilização da imagem, caracterizada por sucessivos choques e condicionamentos sobre o olhar” (KLEIN, 2006, p. 21).

O programa *180 Graus O Ponto da Virada*, procura incentivar o telespectador a consultar os programas gravados e publicados no canal do youtube.

Figura 4 - O programa 180 Graus O Ponto da Virada está no youtube.com



Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UCWXomiXUiANiKAKHyGP9jg>

Pode-se perceber a influência que o programa *De Frente com Gabi* - SBT, exerceu sobre o programa da TV Novo Tempo em parceria com o UNASP-EC. Ao fundo nota-se as mesmas cores. Um fundo azul em dégradé até chegar ao preto com letras em branco. As mesmas cores são representadas na publicidade do programa *180 Graus O Ponto da Virada*.

Figura 5 - Publicidade do Programa *De Frente com Gabi* no site [sessão.tv.com](http://sessao.tv.com)



Fonte: <http://sessao.tv.br/2012/10/08/de-frente-com-gabi-entrara-no-ar-mais cedo-a-partir-desta-quarta-feira-10/>

Em entrevista concedida, Lima (2018) responde sobre os motivos das histórias de conversão no programa:

Creriane Lima: Eu penso assim, que nossa igreja tem muita exposição, né, tem muita dissertação, mas pouca primeira pessoa na nossa igreja. E eu penso assim, que a primeira pessoa é justamente o que traz vida para o evangelho. Então, eu pensei nisso, em nossa história de conversão... Gente que coisa legal isso! Com relação às histórias de vida...então... porque eu acho que a história de vida... ela é como uma música... porque ela entra por outro caminho. No cérebro lógico, a gente precisa da razão, da argumentação, da lógica da razão e tudo, mas a gente precisa também da música, da arte e a gente precisa também do impacto da primeira pessoa... então aquilo pra mim, quando alguém chega lá na frente e começa a falar comigo o que aconteceu, entra direto na veia. E com relação ao porque das histórias de conversão, eu acho que é porque... justamente isso, é o que o evangelho tem de mais forte. Se a gente olha pra igreja com toda a gente... tem um chamado... ide e pregai o evangelho... Ora, esse pregai o evangelho é o seguinte: Não é o Senhor Jesus Cristo que veio 2.000 anos atrás que você vai acreditar. E daí? Eu quero saber da sua vida... você que está pregando o evangelho pra mim. Cadê a vida transformada? Como você experimentou essa verdade do evangelho na sua vida... eu sempre tive essa curiosidade... "nossa como é que uma pessoa acreditava em uma coisa e agora não acredita mais... É uma questão pessoal... é uma busca pessoal minha e ao mesmo tempo achei que isso estava de acordo com a nossa filosofia de igreja.

Esse é um exemplo muito importante de como a mídia exerce influência sobre uma série de fenômenos. Aqui o programa se revela como uma adaptação à lógica da mídia a fim de que o programa cumpra o seu propósito – a pregação do evangelho. Ela compara as histórias de vida como a imagem que penetra sem barreiras no cérebro lógico, da razão e da argumentação. E ressalta a importância de se usar todos os recursos possíveis para atrair o telespectador – música, arte e impacto da primeira pessoa.

O objetivo é claro. A evangelização como foco do programa. Isso é colocado de forma contundente por *Creriane Lima*:

Creriane Lima: Se a gente olha pra igreja com toda a gente... tem um chamado... ide e pregai o evangelho... Ora, esse pregai o evangelho é o seguinte: Não é o Senhor Jesus Cristo que veio 2.000 anos atrás que você vai acreditar. E daí? Eu quero saber da sua vida... você que está pregando o evangelho pra mim. Cadê a vida transformada?

A fala de Creriane revela que o método deve ser adaptado a uma nova lógica. E essa lógica está atrelada à lógica da mídia, em que o telespectador recebe em

sua sala de estar um programa de orientação e entretenimento e fica “De Frente com Creirane”.

5.2 Substrato ideológico e doutrinário do adventismo

A ideia de substrato é aquilo que se torna a essência ou a natureza íntima de algo. Também pode ser considerado como o que resta após uma transformação, resíduo ou resto.⁶

As narrativas analisadas do programa *180 Graus O Ponto da Virada*, parecem reproduzir um substrato ideológico doutrinário, onde podemos ver algo sobre a natureza íntima da cosmovisão do adventismo.

A ideologia, definida em filosofia como ciência proposta pelo filósofo francês Destutt de Tracy (1754-1836) atribui a origem das ideias humanas às percepções sensoriais do mundo externo.⁷

Ideologia em sentido amplo, significa aquilo que seria ou é ideal. O termo possui diferentes significados, sendo que no senso comum é tido como algo ideal, que contém um conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas ou visões de mundo de um indivíduo ou de determinado grupo, orientado para suas ações sociais e políticas.

A sociologia descreve uma ideologia como uma associação de representações e ideias que um determinado grupo social produz a respeito do seu meio envolvente e da sua função nesse meio. Existem ideologias políticas, religiosas, econômicas e jurídicas. Uma ideologia se distingue de uma ciência porque não tem como fundamento uma metodologia exata capaz de comprovar essas ideias.⁸

Em entrevista que se encontra no apêndice G dessa pesquisa, encontramos uma fala da entrevistadora do programa que analisamos:

Creirane Lima: Deus existe, Deus atua e Ele trabalha individualmente. Ele não trabalha por fórmulas... não dá pra categorizar a forma como Deus trabalha na vida das pessoas. A forma como Deus trabalha na vida das pessoas é individual... ele faz um trabalho de

⁶ Definição de substrato no google.com.br

⁷ Definição de ideologia no google.com.br

⁸ Definição sociológica de ideologia no site *Significados.com.br*

transformação de vida, de transformação de visão de mundo, de cosmovisão. Isso é o que eu destacaria; que ressaltaria nas histórias. Se a gente colocar numa peneira, tudo o que fica é o seguinte: Deus existe e ele transforma e ele atua.

Essa explicação de Creriane Lima sobre o que mais ressalta nas narrativas das histórias de vida de seus convidados na entrevista, leva-nos a perceber que os convidados falam de suas experiências. Portanto, relatam suas experiências individuais com Deus. Todavia, há um convívio experiencial ligado a um grupo social que permite o acesso às ideologias e a uma cosmovisão, através de suas doutrinas e crenças. Podemos, portanto, por meio das entrevistas, tocar uma ponta do *iceberg* ideológico e doutrinário adventista.

O substrato ideológico e doutrinário, está muito ligado em como o membro se visualiza como parte de uma coletividade. E isso se pode notar nas entrevistas.

Na entrevista com Joseph Skaf (Apêndice D), percebe-se a crença dos adventistas na guarda do sábado, na crença de uma orientação profética e o dom de profecia manifestado na vida e ministério de Ellen White. Uma ideologia percebida é a prática que uma parte dos membros da igreja seguem a respeito de um regime alimentar ovo lacto-vegetariano ou vegetariano, evitando alimentos cárneos, bebidas fortes, entre outras. Outra ideologia é o chamado para as missões.

Creriane Lima: Se de fato, Joseph, esse era o contexto, o que foi que aconteceu, com a cabeça daquele garoto... que de repente, ele teve tempo para se interessar por religião, e acabou seguindo por um outro rumo na vida?

Joseph Skaf: [...]. Ela era uma menina muito bonita, e depois a minha irmã falou: Olha é muito inteligente. E eu me interessei por aquilo. No que eu me interessei, eu fui conversar com ela. Adicionei ela, é... nas minhas redes sociais, no facebook, e... aí eu olhei... fui olhar o facebook e vi lá que no campo dela de religião tinha uma tal de Igreja Adventista do Sétimo Dia. (Risos) [...]. Despertou. Eu queria saber o que era essa tal religião, né? Adventista do Sétimo Dia. [...]. Eu fui pesquisar. Pesquisar..., mas eu não tinha entendido nada. Na verdade, eu achei aquilo um negócio, uma coisa meio louca... guardar o sábado? Com assim? Ellen White? Uma tal profetiza? Como assim? Existe esse tipo de coisa nos dias de hoje? [...]. E eu fui um dia e peguei o endereço da igreja na internet; era próximo da minha casa mesmo [...].

Creria Lima: E você gostou?

Joseph Skaf: Gostei do pessoal né, achei todo mundo muito diferente. Uma menina que tinha passado um ano na África, outro menino que que não comia carne. Tudo isso era muito novo pra mim.

Joseph Skaf revela em entrevista que durante muito tempo acreditou no evolucionismo, mas que começou a ver sentido no criacionismo. O quadro abaixo apresenta parte da conversa com *Creriane Lima*.

Creriane Lima: Essa verdade te abalou?

Joseph Skaf: [...] eu ia na bíblia e era realmente aquilo que estava escrito e eu pensei: “Gente, isso aqui é muito poderoso. Isso aqui é muito sério. Essa é a verdadeira história da humanidade”. Não uma história que eu cria antes. Como cresci aprendendo sobre as doutrinas evolucionistas... sobre os princípios é... é... teóricos de que nós fomos evoluindo com milhões e bilhões de anos.... Eu ainda cria nisso, mas eu pensava que... puxa... agora a humanidade é... a humanidade tal como ela está estruturada hoje, essa é a história da gênese da humanidade. [...]. Então, eu fui começar a estudar o que os cristãos falavam sobre o evolucionismo do ponto de vista científico, se isso tinha... se isso era plausível ou não. Se tinha credibilidade científica ou não. Eu descobri que sim. Que tem. Fui pesquisar na arqueologia pra ver se o background, né, o pano de fundo histórico bíblico, se tinha credibilidade, então, essa teologia dele podia também, eu podia dar ouvidos pra ela. Fui estudar um pouco sobre um ramo da apologética que mostra quais são as defesas lógicas da fé cristã. E quando eu fui estudando tudo sobre todos esses assuntos vendo que os intelectuais, né, cristãos expunham sobre isso, eu descobri que a fé cristã não é apenas racional, mas muito mais racional do que a fé que eu tinha antes; num Deus que é meio que onisciente..., mas que não é muito ativo. Ou, ou alguma coisa diferente da fé bíblica. Eu descobri que tinha muita fundamentação racional e lógica.

Percebe-se aqui que Joseph Skaf ressalta várias vezes o fato de ter encontrado razão lógica para acreditar no criacionismo bíblico em detrimento das doutrinas evolucionistas. Observamos uma pista a mais sobre as crenças narradas no programa através do discurso do entrevistado.

Na entrevista concedida por Helbert Roger (Apêndice E), é apresentada a razão porque ele deixou sua carreira profissional. A fala revela que a mudança de 180 graus em sua vida se deu pelo fato de ter conhecido uma verdade que até então não conhecia. E essa verdade é definida como um dia de guarda ensinado com base na bíblia sagrada.

Mais uma vez, aparece aqui parte do substrato ideológico e doutrinário do adventismo. Duas crenças aparecem em destaque na narrativa por meio do discurso do entrevistado: a crença na bíblia sagrada e a guarda do sábado.

A apresentadora do programa aproveita a oportunidade para enfatizar as duas crenças novamente: a crença num livro antigo e um dia de adoração. Ao ser perguntado sobre outra paixão que lhe fez abandonar o mundo do futebol a resposta foi direta:

Creriane Lima: Que paixão maior, foi a que você encontrou pra poder desistir desse mundo e desse futuro tão glamoroso que você sonhava pra você?

Helbert Roger: [...]. Então, quando eu comecei a estudar a bíblia, eu descobri muitas verdades que até então eu não conhecia. Né? E dentre essas verdades, eu descobri uma verdade que é a verdade sobre o sábado. Eu era cristão, mas sempre observei o domingo, né? ...como dia de guarda. Mas estava entrando ali agora um novo elemento que eu desconhecia. Que era a verdade sobre um dia especial que a bíblia menciona, que Deus reservou para o nosso descanso e para a adoração dEle.

Creiraine Lima: E agora você está me dizendo que você se depara com um livro antigo, chamado bíblia, e ali você encontra um dia de adoração e isso vai mudar o rumo da sua história? Como é que pode?

Em entrevista com Hugo Santana (Apêndice F), Creriane Lima faz menção do dia de guarda observado pelos adventistas. Hugo conta sua história de vida trazendo os momentos de dificuldades com seus pais para permanecer firme aos princípios da igreja. Ressalta a dificuldade que tinha de ir à igreja. Parece mais uma vez que a entrevistadora enfatiza o sábado para mostrar a sua importância.

Creriane Lima: Eu imagino. Por exemplo, no dia principal que um adventista vai à igreja, que é o sábado.... Se os filhos não querem, não querem, não querem, não querem ir para a igreja. Que alternativa eles davam pra vocês? Eles chegavam a ter alguma opção pra vocês? O que que eles faziam?

Outros extratos das entrevistas analisadas, revelam o substrato ideológico doutrinário do adventismo. Na entrevista com Renato Groger aparecem outras doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia: O Grande Conflito, Batismo, Dízimos e Ofertas. Veja abaixo:

Creriane Lima: E tudo fazia sentido para você?

Renato Groger: Tudo. Eu li este livro e na sequência eu li o Grande Conflito, o original mesmo com o texto integral.

Creiriane Lima: Como você disse que gosta de história, você ia lendo. O Grande Conflito é um livro que tem história, baseado na história né, e você acreditava em tudo aquilo?

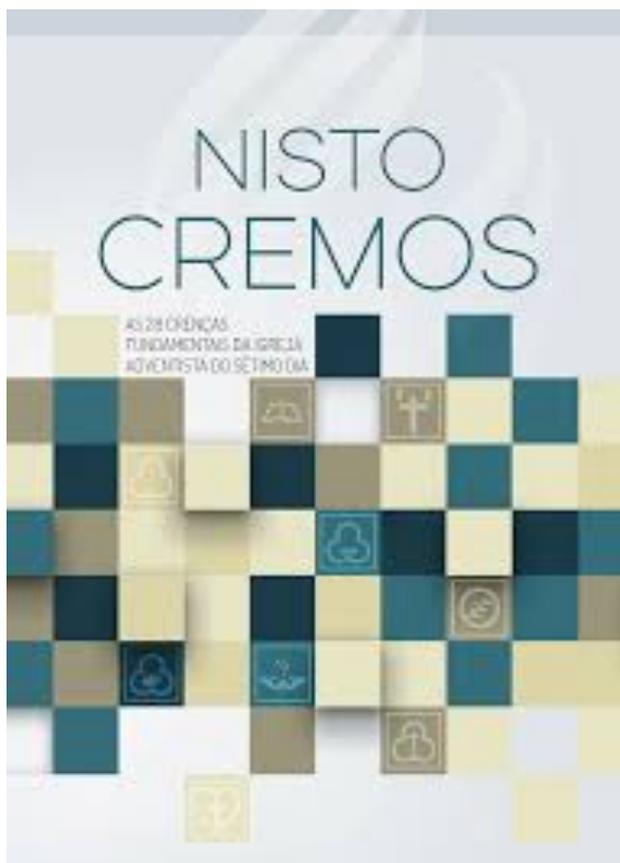
Renato Groger: Sim. Eu fazia marcações no livro. Eu ia à biblioteca da cidade e fazia pesquisa. Os nomes que iam aparecendo, eu ia marcando do lado ou colocando ali, preenchendo os verbetes todos ali. Quer dizer... o meu livro Grande Conflito, ele é todo marcado ali. E eu decidi que eu tinha que me batizar depois daquilo. Eu tinha que tomar uma decisão.

Creriane Lima: Você sentiu isso?

Renato Groger: É. Ele nunca me convidou, nunca fez apelo para o batismo, sabe? – O Antônio Rios. Nunca tratou do tema de dízimos e ofertas em nenhum estudo, né? Eu comecei a devolver automaticamente quando eu comecei a frequentar a igreja. Porque eu via as pessoas dizimando.

No livro *Nisto cremos*, uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, contém todas as doutrinas fundamentais da denominação religiosa.⁹

Figura 6 – Capa do livro “Nisto cremos”, da Igreja Adventista do Sétimo Dia



Fonte: <http://www.verdadeonline.net/textos/nisto-cremos-adventista.pdf>

⁹ O livro *Nisto cremos*, contém as 28 doutrinas fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

No quadro abaixo colocamos todas as 28 crenças fundamentais do adventismo e separamos todas as frases e expressões que remetem a uma doutrina ou crença dos adventistas do sétimo dia. Nesta tabela relacionamos os entrevistados que usaram essas expressões ou frases.

É curioso que, das 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia, apenas 6 não foram ressaltadas pelos entrevistados ou entrevistadora, no corpus analisado. Foram mencionadas 22 crenças fundamentais da igreja. No livro *Nisto Cremos*, publicado pela Casa Publicadora Brasileira (editora oficial da igreja), são descritas as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Isso revela que o programa *180 Graus O Ponto da Virada* reproduz um substrato ideológico e doutrinário do adventismo. Veja:

Quadro 7 – Doutrinas

Nº CRENÇA	NOME DA CRENÇA	EXPRESSÕES E FRASES	APÊNDICES ENTREVISTAS
1	As Escrituras Sagradas	“[...] eu saí de lá da casa do Antônio Rios naquela noite acreditando que Deus existe, acreditando que a bíblia é a Palavra de Deus ”	Renato Groger (Apêndice A)
1	As Escrituras Sagradas	“A partir de hoje a minha vida vai ser guiada pelos princípios bíblicos ”.	Creiane Lima (Apêndice D)
1	As Escrituras Sagradas	“Então, quando eu comecei a estudar a bíblia , eu descobri muitas verdades que até então eu não conhecia [...]”	Helbert Roger (Apêndice E)
2	Trindade	“[...]nenhum momento foi mais importante, mais significativo, na minha vida, como no dia em que eu aceitei a Jesus e fui batizado em nome do Pai,	Helbert Roger (Apêndice E)

do Filho e do Espírito Santo”.			
3	O Pai	“[...] eu saí de lá da casa do Antônio Rios naquela noite acreditando que Deus existe [...]”	Renato Groger (Apêndice A)
3	O Pai	“Esse foi sim, um marco importante... que me faz sentir que Deus existe ”.	Zezinho Djú (Apêndice B)
3	O Pai	“Na hora que eu li aquilo foi como direto, assim, na minha mente e na resposta que eu pedi pra Deus, né, eu pedi pra Ele [...]”	Hugo Santana (Apêndice F)
4	O Filho	“[...] eu acreditava nessas coisas quando eu saí dali. Né? E que Jesus Cristo é uma pessoa real ”.	Renato Groger (Apêndice A)
4	O Filho	“E aí eu entendi o que aconteceu na queda e mais adiante eu comecei a entender o que Cristo tinha que ver com essa história toda [...]”	Joseph Skaf (Apêndice D)
5	O Espírito Santo	“Eu não saberia explicar, mas Deus invadiu meu coração naquela noite. É uma coisa inexplicável mesmo. É de Deus. É do Espírito Santo. Minha vida mudou”.	Renato Groger (Apêndice A)
5	O Espírito Santo	“Até que houve um momento em que eu fui assistir a um batismo da <i>Igreja Adventista</i> , e nesse batismo o pastor estava falando sobre.... é.... o Espírito Santo e a maneira como o Espírito Santo atua na vida das pessoas”.	Helbert Roger (Apêndice E)

6	A Criação	“E eu li esse livro e aí comecei a entender ali qual era o propósito de Deus em ter criado o homem. Porque Deus tinha criado a Terra e o homem pra habitar na Terra [...]”	Joseph Skaf (Apêndice D)
7	A Natureza do Ser Humano	“E aí eu entendi o que aconteceu na queda [...] Como o próprio Deus tinha decidido entregar sua própria vida e absorver a nossa.... A minha própria culpa, a culpa de todo mundo pelos pecados, pelas transgressões, pelos erros que nós cometemos [...]”	Joseph Skaf (Apêndice D)
A DOCTRINA DA SALVAÇÃO			
8	O Grande Conflito	“Eu li este livro e na sequência eu li o Grande Conflito , o original mesmo com o texto integral”	Renato Groger (Apêndice A)
8	O Grande Conflito	“Mas nesse momento algumas coisas um pouco sobrenaturais começaram a acontecer”.	Hugo Santana (Apêndice F)
8	O Grande Conflito	“[...] a grande guerra no final entre o bem e o mal. Entre a besta e Cristo. E os seguidores de Deus. A marca da besta.... Tudo aquilo fez muito sentido pra mim”.	Hugo Santana (Apêndice F)
9	Vida, Morte e Ressurreição	“E todos os símbolos foram fazendo sentido e eu comecei a ver a história da igreja; a história da salvação. O que Jesus fez ”.	Hugo Santana (Apêndice F)

10	A Experiência da Salvação	“Foi só depois que eu estudei a graça de Deus, o tema da graça, o tema da justificação pela fé , é que isso aí ficou claro para mim, o quanto Deus nos ama”.	Renato Groger (Apêndice A)
10	A Experiência da Salvação	“E todos os símbolos foram fazendo sentido e eu comecei a ver a história da igreja; a história da salvação . O que Jesus fez”.	Hugo Santana (Apêndice F)
11	Crescimento em Cristo	“E essas dificuldades a própria bíblia menciona coisas nesse sentido, né, as próprias dificuldades e problemas que vem devem ser encaradas de maneira positiva pelo cristão. Faz parte do crescimento dele. As vezes nos leva a depender mais de Deus. Não foi o mar de rosas”.	Renato Groger (Apêndice A)
A DOCTRINA DA IGREJA			
12	A Igreja	“Você sentiu necessidade? Agora preciso pertencer a uma religião, uma igreja? Eu preciso me batizar”?	Creriane Lima (Apêndice A)
12	A Igreja	“Eu queria muito estudar a bíblia e ter certeza de que eu tava no lugar certo. De que eu tava na igreja certa . Eu queria saber qual era a verdade antes de decidir aonde frequentar ”.	Hugo Santana (Apêndice F)
13	O Remanescente e sua Missão	“Gostei do pessoal né, achei todo mundo muito diferente. Uma menina que tinha passado um ano na África ”	Joseph Skaf (Apêndice D)

14	Unidade no Corpo de Cristo	-	-
15	O Batismo	“Exatamente. Agora dessa decisão até o batismo levou um tempo”.	Renato Groger (Apêndice A)
15	O Batismo	“Aí as duas, a Marília e a Vitória decidiram o batismo e em seguida a minha esposa fez.... Então eu vou marcar o meu batismo pra batizar as três num dia só”.	Marquinhos Maraial (Apêndice C)
15	O Batismo	“Há alguém aqui que gostaria de tomar uma decisão também de ser batizado? Eu não tinha sido batizado, na Igreja Adventista , e eu pensei, assim: Puxa vida, eu estou sentido o desejo de ser batizado[...].”	Helbert Roger (Apêndice E)
16	A CEIA DO SENHOR	-	-
17	Dons e Ministérios espirituais	-	-
18	O Dom de Profecia	“E tudo aquilo fez tanto sentido pra mim... eu sabia exatamente o que tinha se cumprido na profecia e o que faltava”.	Hugo Santana (Apêndice F)
18	O Dom de Profecia	“Na verdade, eu achei aquilo um negócio, uma coisa meio louca... guardar o sábado? Como assim? Ellen White? Uma tal de profetiza? Como assim? Existe esse tipo de coisa nos dias de hoje?”	Joseph Skaf (Apêndice D)
A DOCTRINA DA VIDA CRISTÃ			
19	A Lei de Deus	“[...] outra coisa é você ter um encontro com Deus,	Joseph Skaf

		você assumir um corpo de doutrinas e de crenças pra dirigir a sua vida e tomar uma decisão. A partir de hoje a minha vida vai ser guiada pelos princípios bíblicos . Que revolução foi essa? Que momento foi esse na sua vida”?	(Apêndice D)
20	O Sábado	“Na verdade, eu achei aquilo um negócio, uma coisa meio louca... guardar o sábado? Como assim? Ellen White? Uma tal de profetiza? Como assim? Existe esse tipo de coisa nos dias de hoje”?	Joseph Skaf (Apêndice D)
20	O Sábado	“E agora você está me dizendo que você se depara com um livro antigo, chamado bíblia, e ali você encontra um dia de adoração e isso vai mudar o rumo da sua história? Como é que pode”?	Creriane Lima Apêndice E)
20	O Sábado	Então, quando eu comecei a estudar a bíblia, eu descobri muitas verdades que até então eu não conhecia. Né? E dentre essas verdades, eu descobri uma verdade que é a verdade sobre o sábado	Helbert Roger (Apêndice E)
20	O Sábado	“Eu imagino. Por exemplo, no dia principal que um adventista vai à igreja, que é o sábado [...] ”	Creriane Lima (Apêndice E)
21	Mordomia	“Gostei do pessoal né, achei todo mundo muito diferente. Uma menina que tinha passado um ano na África, outro menino que não comia carne .	Joseph Skaf (Apêndice D)

		Tudo isso era muito novo pra mim”	
21	Mordomia	“Nunca tratou do tema de dízimos e ofertas em nenhum estudo, né? Eu comecei a devolver automaticamente quando eu comecei a frequentar a igreja. Porque eu via as pessoas dizimando ”.	Renato Groger (Apêndice A)
21	Mordomia	“Então, a dificuldade que tive sempre com ela é a questão da alimentação ”.	Zezinho Djú (Apêndice B)
22	Conduta Cristã	“ Nunca tive vontade de usar drogas [...]”	Renato Groger (Apêndice A)
22	Conduta Cristã	“E.... depois que ela recebeu essa mensagem eu percebi que nossa casa começou a tomar um... respirar um ar diferente, né? O estilo de vida começou a mudar na minha casa”.	Marquinhos Maraiá (Apêndice C)
22	Conduta Cristã	“E aí decidi que tenho que encarar a vida cristã de qualquer custo, de qualquer jeito”.	Zezinho Djú (Apêndice B)
22	Conduta Cristã	“Na verdade, eu me envolvi com.... um pouco com lavagem de dinheiro , eu envolvi um pouco com tráfico , assim, de drogas , não muito, mas um pouco de cada.... Então, são coisas que para mim são ruim ”	Zezinho Djú (Apêndice B)
23	Casamento e Família	-	-
A DOCTRINA DOS ÚLTIMOS EVENTOS			
24	O Ministério de Cristo no Santuário Celestial	-	-

25	A Segunda Vinda de Cristo	[...] são coisas que tem me ajudado muito a sustentar essa fé naquele Deus que prometeu um dia voltar ".	Zezinho Djú (Apêndice B)
25	A Segunda Vinda de Cristo	"E tudo aquilo fez tanto sentido pra mim... eu sabia exatamente o que tinha se cumprido na profecia e o que faltava. E eu vi que a volta de Jesus estava às portas".	Hugo Santana (Apêndice F)
26	Morte e Ressurreição	-	-
27	O Milênio e o Fim do Pecado	[...] é....que ele havia feito um estudo da bíblia na noite anterior e que ele havia aprendido sobre o milênio, os mil anos de paz que a bíblia menciona .	Helbert Roger (Apêndice E)
28	Nova Terra	"Olha, agora eu não tenho como largar o que Deus me deu, porque se perder a vida nestas brincadeiras, de certeza que perderei o reino do céu [...]".	Zezinho Djú (Apêndice B)
28	Nova Terra	"A minha própria culpa, a culpa de todo mundo pelos pecados, pelas transgressões, pelos erros que nós cometemos; para que um dia a gente pudesse tá junto de novo no céu ".	Joseph Skaf (Apêndice D)

Fonte: Elaboração própria.

Denis Morais (2002) ressalta que há um substrato ideológico em todas as comunidades e que este substrato está ligado ao imaginário social composto por um conjunto de relações imagéticas. É uma produção coletiva depositária da memória que as famílias e grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. As

percepções dos atores, segundo Morais, têm relação em como eles se visualizam como partes de uma coletividade.

Bronislaw Baczko assinala que é por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social expressa-se por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Tais elementos plasman visões de mundo e modelam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças (BACZKO, 1984 apud MORAIS, 2002).

A “religião é um dos grandes marcadores da identidade de indivíduos, grupos e comunidades” (MARTINO, 2016, p.13).

Seu pensamento é de que a religião define quem está dentro e quem está fora, isto é, quem pertence ou não ao grupo religioso.

O autor informa que “ao longo da história, diversas respostas foram experimentadas – respeitar, acolher, converter, ignorar, eliminar” (MARTINO, 2016, p. 13). A questão mais importante que o autor levanta é uma questão política e que se torna um problema religioso, mais do que uma diferença entre as crenças: Como viver com quem pensa diferente de nós?

Alberto Klein (2006) diz que um fato importante, é que se torna extremamente complexo definir a religião evangélica, uma vez que há uma diversidade de perfis denominacionais diferenciados em aspectos históricos, doutrinários, sociais, étnicos e outros. Ele argumenta que o termo evangélico é insuficiente para identificar essas igrejas.

A religião adventista tem doutrinas que são distintivas das demais religiões evangélicas. E isso se torna um marcador da identidade desse grupo. O exemplo mais clássico em nossa análise foi a incidência grande de referências à doutrina da guarda do sábado - uma das principais doutrinas da denominação.

5.3 Correlação sagrado/profano e mídia/religião

Parece que as narrativas evangélicas na TV estão permeadas pelo conceito

de sagrado e profano. E pode-se estabelecer uma correlação entre sagrado/profano e mídia/religião. Assim como o sagrado está para a religião, o profano está para a mídia. E isso se torna um paradoxo para os evangélicos.

De acordo com a lógica, inferência é a operação intelectual por meio da qual se afirma a verdade de uma proposição em decorrência de sua ligação com outras já reconhecidas como verdadeiras.¹⁰ É a ação ou efeito de inferir; conclusão, indução.

O Dicionário Online de Português apresenta a seguinte ideia: Raciocínio concluído ou desenvolvido a partir de indícios: a dedução é um tipo de inferência. Também revela que é um processo segundo o qual é possível chegar a uma conclusão a partir de premissas. Seria o raciocínio através do qual uma proposição é considerada verdadeira pela sua ligação com outras já tidas como verdadeiras; a proposição que se assume como sendo verdadeira.¹¹

Em praticamente todas as entrevistas percebe-se o conceito de sagrado e profano nas narrativas do programa *180 Graus O Ponto da Virada*. As entrevistas semiestruturadas giram em torno de um tema, onde as pessoas têm a liberdade de falar da própria experiência de conversão. É perceptível a menção de um código binário envolvendo sempre “dois mundos”, “formas de vivência” ou “modalidades de vida”. Isso é percebido em todas as entrevistas do corpus da análise.

Na entrevista realizada com Renato Groger (Apêndice A), fica evidente a exposição desses dois mundos. Na entrevista Creiriane Lima pergunta sobre o ateísmo. Ela faz a pergunta a fim de que ele fale sobre esse outro mundo contrapondo o sagrado e o profano. Há uma separação de dois mundos – o religioso e o secular.

Creiriane Lima: E quando foi que você se assumiu mesmo como um ateu?

Renato Groger: Foi quando eu fiz Jornalismo. Em 93 eu comecei o curso de Jornalismo na UNESP ... uma instituição pública, não é? Universitária. E ali no contato com os professores e com os colegas, majoritariamente as pessoas acabam abraçando o

¹⁰ Definição de inferência no *google.com.br*

¹¹ Definição de inferência no *DICIO* – Dicionário online de português

ateísmo mesmo, né?... No meio culto, acadêmico, né? Meus professores todos ateus. Não me recordo de nenhum religioso da época.

Creriane Lima: É mesmo?

Renato Groger: Sim. E gradualmente aconteceu, né? Me tornei ateu e me convenci de que não existem coisas sobrenaturais, de que Deus é uma construção simbólica do ser humano, um fruto do imaginário humano, né? ..., mas assim ... gosto de brincar às vezes, é ... eu fui o bom ateu. Aquele que não recrimina, nem critica a religião. Eu via a religião como uma coisa importante pra sociedade, no sentido de ser uma incentivadora de aspectos morais da sociedade, de beneficência social e de coisas positivas pra vida em sociedade.

A apresentadora explora essa questão dos dois mundos perguntando sobre o ateísmo e os vícios e *Renato Groger* explica:

Creriane Lima: Lógico que você entrava em contato com pessoas de diferentes costumes. E como o ateísmo veio gradativamente e naturalmente? E com relação aos vícios?

Renato Groger: Nunca tive vontade de usar drogas, se bem que tive muitas oportunidades, porque ... era assim na época e com certeza é assim hoje também. É amplamente utilizado isso aí, vários tipos de drogas.

Creriane Lima: O ateísmo veio naturalmente e os vícios não vieram naturalmente?

Renato Groger: Ta aí a base religiosa, né, que eu tive. Isso me acompanhou e tem me acompanhado a vida inteira, né? Princípios morais, assim, muito pontuais na minha vida. Eu devo aos meus pais e à criação. Nunca tive vontade de usar um piercing, de fazer uma tatuagem. É ... a coisa mais transgressora que eu lembro dessa época aí foi ter deixado o cabelo crescer porque eu ouvia música *Heavy Metal* nesta época. Foi a única coisa. Mas depois terminei o curso e cortei o cabelo...

Percebe-se no discurso do entrevistado uma postura consciente de que sua vida estava em outro rumo em relação ao que havia herdado de seus pais. Ao mencionar sua educação com princípios morais herdados da família, disse ter cometido algumas transgressões dando a entender que há uma cosmovisão diferente entre dois modelos de vida.

Ao falar sobre sua mudança de vida, *Renato Groger* diz que deixou de falar palavrões, o que em seu conceito, é moralmente errado.

Renato Groger: Sim. É mudou. Começou pelo palavreado. É... eu nunca falei muito palavrão, mas eu tinha umas coisas que eu falava na época assim... e isso teve que parar imediatamente. Eu me policiava. Eu não falei nenhum palavrão depois daquilo.

Creriane Lima: Você se sentia incomodado com aquilo?

Renato Groger: Sim. Eu sabia que era errado. Na verdade, a gente sabe que é errado. Mas agora eu tinha um motivo pra mudar.

A mesma situação nota-se com Hugo Santana (Apêndice F) ao ser apresentado por Creriane Lima no início do programa. Ela fala do mundo do entretenimento. Ao longo da entrevista, a grande ênfase da narrativa refere-se aos conflitos na família em razão do envolvimento de Hugo Santana no mundo do entretenimento. O extrato abaixo é a Sinopse da entrevista (Apêndice F).

Hugo Sant'Ana Baracho Guimarães, irmão do Klauss e da Desiré, desde pequenininho foi instruído no amor de Deus e ouvia falar do sacrifício de Jesus e da sua misericórdia para com a humanidade pecadora. Mas, ainda levaria um bom tempo até ele experimentar por conta própria essas verdades. Na adolescência, mergulhou fundo no mundo do entretenimento e se desviou tão completamente que chegou ao ponto de dizer-se ateu. Mas, Deus havia escolhido esse jovem para um outro propósito e hoje ele está aqui para nos contar da atuação de Deus em sua vida e da virada de 180 graus que ele experimentou.

O próprio Hugo Santana relata a escolha que fez entre os dois mundos. Cita que não conseguia se encaixar no grupo dos amigos da igreja na sua adolescência. Mas ele se encaixou no grupo da escola não religiosa. E destaca a diferença que existe entre esses dois grupos. Nota-se mais uma vez o conceito de sagrado e profano aqui envolvido do ponto de vista de Hugo Santana. Ele menciona a escola adventista e outra escola particular, a quem atribuiu o rótulo de não religiosa, onde havia atividades que eram diferentes.

Hugo Santana: [...] É.... eu passei de uma escola adventista pra uma escola normal, uma escola particular, não religiosa nem nada e a partir desse momento eu comecei a ter outro tipo de amizade que não mais as pessoas vinculadas à igreja, religião, a uma fé específica. Então, nesse momento da minha infância, eu comecei a ter acesso a outros tipos de atividades, a outros tipos de coisas como festinhas, baladas, músicas. Muito entretenimento e amizades que falavam palavrões e não tavam nem aí para igreja, pra Deus.... Isso acabou influenciando a minha vida. E eu comecei a me perder um pouco... de saber onde que eu tava, de que grupo eu fazia parte. Eu queria me encaixar com meus amigos da escola, mas ao mesmo tempo, isso não se encaixava muito bem entre os meus amigos da igreja. E eu acabei preferindo os meus amigos da escola que.... o pecado ele acaba sendo mais divertido, né, um pouco mais é.... prazeroso. Talvez até

demais pro ser humano. Então, eu acho que foi isso que me atraiu pras amizades da escola.

Creriane Lima: [...] E se envolver com este tipo de amigos, né? Que tavam totalmente... Que tinham vindo de uma base diferente da sua, por exemplo com questão de palavrões, de festas, isso não te incomodava?

Hugo Santana: Hum... eu achava isso um pouco libertador, assim, da minha timidez, porque à medida que eu ia lidando com eles, eu ia aprendendo um pouco dessas coisas e à medida que eu falava palavrão também, eu... eu me sentia meio que liberto, assim, sabe, é como se eu tirasse minha timidez naquele momento. [...]. Em relação aos meus irmãos, não muito. É... minha irmã é mais nova e geralmente ficava mais com as amigas, com as minhas primas que moram ao nosso lado. Com meu irmão também não porque ele participava de tudo que eu participava, ele jogava as mesmas coisas que eu, ele tava no mesmo caminho que eu, digamos assim.

O conflito entre os dois mundos é narrado por Hugo Santana em sua experiência.

Hugo Santana: Eu não gostava de ficar muito tempo com eles, porque eu já não gostava nessa época tanto mais de ir à igreja. Já não era o que me dava mais prazer. Não tinha significado pra mim, na minha vida.

Hugo Santana ainda descreve a forma de vida que escolheu contrapondo-se à outra. Veja:

Hugo Santana: Com certeza! É... talvez ir na igreja fosse a última coisa que poderia acontecer, porque em casa eu já não lia a bíblia, já não orava. Eu não lembrava de Deus na hora que eu acordava. Eu não lembrava de Deus na hora que eu ia dormir. Eu não lembrava de Deus em nada do que eu fazia. É... pelo contrário, eu comecei a pensar que talvez tudo não fosse um grande engano da humanidade pra manter as pessoas alienadas é... na época eu me considerava um ateu, e... eu não cria em Deus, absolutamente. Eu achava uma perda de tempo ir à igreja. E eu via pessoas que tentavam ir à igreja, seguir os costumes, seguir a bíblia e eu via como sendo pessoas fanáticas e hipócritas porque elas pregavam uma santidade que elas nunca alcançavam.

Creriane Lima: [...]. Pensa, olha, olha essa pergunta... o que você acabou de me dizer... a história toda que você tava me contando e traçando até agora, que achava aquilo tudo muito patético, ridicularizava os cristãos, achava ridículo, não via razão nenhuma pra ir à igreja, pra ler a bíblia, e hoje você tá se preparando..... tá pronto pra ser um pastor da igreja... O que foi que aconteceu na sua história? Qual foi o ponto da virada na sua vida?

Hugo Santana: Bom... Muita coisa aconteceu na minha adolescência até o ponto da virada. Eu comecei a trabalhar no Banco do Brasil, fui me afundando cada vez mais na minha vida de entretenimento, né, e cada vez mais me afastando de Deus, ao ponto de... com vinte e seis anos, é... já tinha mais de dez anos que eu não pegava, não encostava

na bíblia pra ler, não fazia uma oração.

Na conversa com Zezinho Djú (Apêndice B) de Guiné Bissau, a entrevista toma um tom semelhante. Zezinho diz que se manteria firme na decisão da mudança de rumo na vida e que permaneceria fiel à sua escolha.

Creriane Lima: Zezinho, a medida que você se recuperava daquela cirurgia, um desafio se apresentava, porque os amigos estavam ali no mesmo lugar...aquele pensamento de banalizar a vida, né?... Como você vinha...é.... trazendo, aquilo tava à sua disposição. Eu imagino que deve ser difícil você estar numa mesma.... num mesmo bairro, no mesmo grupo de amigos, e assumir uma vida nova ao lado de Cristo. Como que foi isso para você?

Zezinho Djú: [...]. Os meus amigos... são os mesmos amigo, mas o discurso de encarar a vida mudou também muito, porque.... Eu falei: Olha, agora eu não tenho como largar o que Deus me deu, porque se perder a vida nestas brincadeiras, de certeza que perderei o reino do céu, então eu vi o que Deus fez na minha vida e teria que encarar a coisa a sério.

Creriane Lima: Teve um momento que você teve que se posicionar, alguém ofereceu para você uma oportunidade que você não concordava e você teve que se posicionar. Falar: Olha, eu agora quero levar a vida cristã a sério.... Teve um momento?

Zezinho Djú: Isso. vários. Isso acontecia, vários, porque eu era, assim, um homem de confiança para a maioria. Então, no meu quarto todo mundo estava lá de manhã, à tarde e à noite. E isso acontecia normalmente, mas a posição sempre que eu tomei foi: Olha vou manter firme nesta posição, não importa o que vai acontecer, mas tenho que me manter fiel.

No extrato abaixo fica mais claro o conceito de sagrado e profano quando ele menciona os obstáculos à vida cristã. Em sua narrativa, o mundo é quem oferece os obstáculos. A ideia consiste dos prazeres que o mundo oferece e que são contrários aos princípios de sua fé:

Creriane Lima: Camarada decidido, hein, Você! (Risos). Zezinho, se você pudesse dizer uma coisa só que foi o maior obstáculo pra você, em seguir mesmo, de fato a sua caminhada com Deus, o que você destacaria?

Zezinho Djú: Ah... eu acho os prazeres que o mundo oferece né? É.... para mim foi um dos maiores empecilhos, um dos maiores obstáculos na minha vida. Querer aproveitar o que o mundo dá para todo mundo; querer ser igual a todo mundo, então, isso para mim foi a dificuldade maior, foi.

Mas, é na entrevista feita com Marquinhos Maraial (Apêndice C) que esse

conceito se torna mais evidente, porque se trata de uma pessoa que se converteu deixando uma vida secular muito ativa, como cantor da música popular brasileira. E ele mesmo relata exemplos de dois mundos que ele viveu.

Marquinhos Maraial: E dentre eles o violão. Aí foi quando eu me apaixonei pelo violão. E o violão me mostrou o outro lado, o lado B do... da música secular né? E aí, como todo jovem que tem os seus sonhos, eu também tive os meus sonhos e comecei a gostar e tocar nas festinhas dos amigos. Ao terminar as aulas a gente pegava o violão e ia tocar pra os amigos, aí então, fui tomando gosto, tomando gosto e pegando até escondido do meu pai, pegando as músicas seculares, né? Pra tocar com os amigos, e gostei e saí de casa e chegou a hora de que eu pedi pra voar, e saí de casa ainda adolescente... Foi quando eu comecei nos barzinhos, depois fui convidado pra tocar numa... banda baile. E depois dessa banda baile, fiz um teste profissional de gravação e virei músico de estúdio. E aí foi nesse meio, nesse estúdio que eu comecei a conhecer a.... a.... as pessoas que, que hoje são sucesso, né, no Brasil. E nesse convívio eu conheci o pessoal da banda Calipso.

Creriane Lima: Olha.... Você se encantou com esse mundo, né, você é supertalento, você herdou isso do seu pai e de seus irmãos também e parece que isso deu muito certo pra você também, as portas foram se abrindo, foi, foi tudo dando certo na sua vida [...].

Claramente, Marquinhos Maraial fala de um mundo diferente do que ele estava acostumado. Ele pertencia a uma família religiosa e decidiu sair da igreja. E Creriane reforça a ideia dizendo que ele havia se encantado com esse mundo.

Nota-se, no extrato abaixo, que Creriane Lima reforça o contraste entre estes dois mundos quando fala das atividades que produziam muita adrenalina na vida de Marquinhos Maraial.

O discurso dele revela a proximidade que ele vê entre os prazeres que o mundo oferece e o seu sucesso profissional. Sua fama, seu status estava ligado a um mundo surreal. Veja no extrato abaixo. A ideia dos dois mundos está presente:

Creriane Lima: Se a gente fosse descrever um fim de semana na vida do Marquinhos Maraial nesse auge da sua carreira, como que você descreveria?

Marquinhos Maraial: Ah... o final de semana do Marquinhos Maraial era... era corre corre... era sair de um show e já ir para outro; pegar avião, hotel, farra, muita bebida alcoólica e.... muito êxtase, né?

Creriane Lima: Uhum.

Marquinhos Maraial: Muita, assim, fascinação.

Creriane Lima: Um mundo a base de adrenalina?

Marquinhos Maraial: Pura adrenalina.

Fica evidente aqui a separação feita por Creriane Lima a respeito dos dois mundos – o sagrado e o profano. Ela tem a percepção de que o afastamento de Marquinhos Maraial de seus pais, que lhe deram uma educação cristã, era a separação entre dois mundos – o da igreja e o de fora dela.

Creriane Lima: 20 anos. Então você mesmo estava dizendo que parece que estes dois mundos não se casaram muito bem, né? Num momento você percebeu que sua família tava ficando para trás... [...].

Creriane Lima: No caso por exemplo do seus pais, né, que te deram uma educação cristã, uma educação na igreja, e tudo... é.... você ia visitar seus pais, você voltava a ter contato com aquele mundo ou houve uma separação geral?

Marquinhos Maraial: Não. Houve uma separação geral, assim, eu ia visitar meu pai uma vez por ano.

Marquinhos Maraial confia para Creriane Lima que depois de 25 anos, sua esposa teve contato com a TV Novo Tempo e que isso foi a ponte para que ele entrasse em contato de novo com este mundo sacro e religioso. E conta o conflito que teve ao se ver entre a cruz e a espada, onde deveria escolher voltar ou não ao caminho original de sua educação cristã.

Marquinhos Maraial: Pois é, tanto tempo, mais de 25 anos, sem ter contato e ela recebeu essa mensagem. E.... depois que ela recebeu essa mensagem eu percebi que nossa casa começou a tomar um... respirar um ar diferente, né? O estilo de vida começou a mudar na minha casa. O que antes assistia, era assistido em nossa casa, nossa casa começou a.... a assistir programas da TV Novo Tempo. E foi um dia que a minha esposa pediu para conhecer essa igreja.

Marquinhos Maraial fala de um conflito entre duas formas de encarar a vida. Creriane Lima ressalta a batalha que se trava quando há um impasse na tomada de decisão na escolha de um entre dois mundos, neste caso, o sagrado e o profano.

Marquinhos Maraial: [...] ... e isso começou a mexer comigo, né, eu comecei a entrar num conflito, comecei a lembrar do meu pai, da minha mãe quando me levava pra igreja, quando criança, né, quando meu pai fazia os cultos em casa, então isso vinha à tona, né, toda a minha infância veio à tona. Parecia que tava vivo ali. Eu tava vendo a minha infância traduzida agora nos meus filhos. Minha esposa fazendo o papel que meu pai e a minha mãe fazia. E eu não tava fazendo esse papel. Eu comecei a entrar em conflito.

E quando eu pensava: Eu digo: Poxa, se esse negócio vai vir pra mim eu não quero, vou largar minha vida, essa vida, né, que ganho minha grana, né, já tenho meu nome aí, tal...

Creriane Lima: Que luta né? Imagino que deve ter tido uma luta muito grande aí dentro?

Marquinhos Maraial: Demais! Uma luta muito grande.

O ponto alto da entrevista com Marquinhos Maraial é quando ele fala do seu encontro com Deus e abandona sua vida passada, o seu outro universo.

Creriane Lima: ... que fez você mudar a cabeça... O que era valor pra você antes passou a não ter valor mais. Como que foi esse momento de encontro com Deus?

Marquinhos Maraial: Este momento foi num show que eu fui fazer na Bahia, e como eu não tinha show que eu não bebesse, todo show eu tinha que beber.... E nesse dia...

Creriane Lima: O que você bebeu? Só um parêntese...

Marquinhos Maraial: Eu bebia Whiskey, cerveja, cachaça, bebi tudo. O que botasse eu bebia.

Creriane Lima: E muito?

Marquinhos Maraial: Muito e não era pouco, eu bebia muito. Eu bebia um litro por show.

Creriane Lima: Olha! Um litro de...

Marquinhos Maraial: Whiskey, por show. Então nesse dia eu fiquei com uma angústia, eu num.... não me deu vontade de beber em nenhum momento e foi nesse show que... Deus falou comigo...

Na sinopse da entrevista realizada com Joseph Skaf, que se encontra na íntegra no apêndice D desta pesquisa, revela o quanto o conceito de sagrado e profano aparece nas narrativas do programa. Como você pode ver a seguir, a apresentadora Creriane Lima mostra os dois lados de uma existência no mundo. É perceptível as duas modalidades apresentadas na narrativa.

Sinopse: Joseph Antoine Skaf nasceu e cresceu em São Paulo, capital, em uma família bem estruturada, com pais bastante presentes, que valorizaram muito a boa formação e uma educação sólida com base em valores morais. Bem encaminhado na vida, bem introduzido no mundo dos negócios e sem uma tradição religiosa muito forte, ele se via distante da realidade de uma vida dedicada a Deus e cada vez mais perto de uma vida dedicada, essencialmente, ao sucesso pessoal e profissional. Mas, a verdade é que, um dia, esse jovem descobriu-se alvo do amor de Deus e isso foi desconcertante. E ele não resistiu a essa verdade. A partir daí sua vida passou por uma mudança de 180 Graus e ele mesmo afirma: Foi a melhor coisa que lhe aconteceu.

Outra história de vida onde se torna perceptível a transição entre dois mundos é a de Helbert Roger (Apêndice E). Ao revelar que jogava futebol nas categorias de base do Cruzeiro Esporte Clube, em Belo Horizonte, é inquirido por Creriane Lima sobre quanto tempo jogou na base do clube.

A expressão usada por Creriane Lima nesta entrevista é o mundo do futebol. Embora esta expressão “mundo do futebol” seja muito utilizada, sem o viés dessa análise, a entrevista mostra que há um momento de transição de um mundo para outro.

E a ênfase da entrevista gira quase que integralmente em torno do sonho de vida de um garoto que desejava ser jogador de futebol. Percebe-se, então a mesma lógica utilizada nas demais entrevistas - dois mundos: sagrado e o profano. Embora não se enfatize muito os dois mundos nesta entrevista, pode-se perceber a transição entre eles na história de vida de Helbert Roger.

Creriane Lima: Gente! Durante todo tempo que você ficou.... no mundo do futebol... deu quantos anos?
Helbert Roger: Dois anos e pouquinho...
Creriane Lima: O tempo todo?
Helbert Roger: Isso. Eu comecei bem mais cedo...
Creriane Lima: Começou cedo...
Helbert Roger: Bem novinho, nos campos de várzea... jogava.... Mas, assim, no Cruzeiro mesmo, eu fiquei dois anos e meio.
Creriane Lima: [...]. Quer dizer.... É um grupo.... Você participou de um grupo que tinha o mesmo sonho que você, que sonhava as mesmas coisas que você sonhava. E com essa paixão, toda que você tinha, essa coisa que não dá nem para explicar... o que eu quero saber é o seguinte Helbert: Que paixão maior, foi a que você encontrou pra poder desistir desse mundo e desse futuro tão glamoroso que você sonhava pra você?

A compreensão do conceito de profano e sagrado para Mircea Eliade é o entendimento de que “... o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas existências assumidas pelo homem ao longo da sua história” (ELIADE, 2001, p. 20). Desta forma, “o homem das sociedades tradicionais é, por assim dizer, um homoreligiosus” (p. 20). O mundo é carregado de valores religiosos e por isso a religião sempre teve um destaque na vida dos seres humanos.

Ivan Brystrina (apud KLEIN, 2006) diz que o processo de codificação mais arcaico é o binário – masculino e feminino, noite e dia, prazer e dor. Dividir o mundo em dois fez com que o homem começasse a organizar todo o aparato simbólico que o envolve:

No Cristianismo, a ideia do mal, contrapondo-se a Deus, encarna-se na figura do diabo, no cinema e nas novelas, nas narrativas que possuem um acirrado dualismo são as que fazem maior sucesso, pois facilitam a absorção da mensagem pelo telespectador (KLEIN, 2006, p. 36).

Estes conceitos estão muito encrustados nas narrativas midiáticas televisivas evangélicas.

Em todas as narrativas do programa *180 Graus O Ponto da Virada*, percebe-se o tema do *sagrado e o profano*. Uma das crenças do cristianismo é a existência de um conflito entre duas forças antagônicas. E isso respalda toda a ênfase do programa nesta luta espiritual entre o bem e o mal.

No conceito de Alves (1984), a herança cultural dos cristãos vem de duas vertentes: Hebreus e cristãos por um lado e dos gregos e romanos por outro. Recebemos uma herança simbólica-religiosa a partir dessas vertentes. Daí “vieram visões de mundo totalmente diferentes, mas que se amalgamaram, transformando-se mutuamente, e vieram a florescer em meios às condições materiais de vida dos povos que o receberam” (ALVES, 1984, p. 39-40). Afirma que “os símbolos do sagrado adquiriram uma densidade, uma concretude e uma onipotência que faziam com que o mundo invisível estivesse mais próximo e fosse mais sentido que as próprias realidades materiais” (p. 39-40).

Como afirma Alves, “o universo inteiro era compreendido como algo dotado de um sentido humano. É justamente aqui que se encontra o seu caráter essencialmente religioso”. (p. 42).

O Capitalismo invadiu o espaço sagrado quebrando o sistema de símbolos no mundo medieval. O pensamento se inverteu:

Em oposição aos cidadãos do mundo sagrado, que haviam criado símbolos que lhe permitissem compreender a realidade como um drama e visualizar seu lugar dentro de sua trama, à nova classe

interessavam atividades como produzir, comerciar, racionalizar o trabalho, viajar para descobrir novos mercados, obter lucros, criar riquezas (ALVES, 1984, p. 44).

O homem religioso era definido por sua origem sagrada, por suas marcas divinas advindas por seu nascimento. Por outro lado, eram definidos os profanos ou dessacralizados que pensavam: “Por nascimento nada somos. Nós nos fizemos. Somos o que produzimos” (ALVES, 1984, p. 44). Essa divisão entre o sacro e o profano se evidenciou de forma bem definida e culminou com a separação entre fé e razão.

E assim contrastava a sacralidade inútil dos que ocupavam os lugares privilegiados da sociedade medieval com a utilidade prática daqueles que, sem marcas de nascimento eram, entretanto, capazes de alterar a face do mundo por meio do trabalho (ALVES, 1984, P. 44).

Em oposição aos cidadãos do mundo sagrado, que haviam criado símbolos que lhe permitissem compreender a realidade como um drama e visualizar seu lugar dentro de sua trama, à nova classe interessavam atividades como produzir, comerciar, racionalizar o trabalho, viajar para descobrir novos mercados, obter lucros, criar riquezas (ALVES, 1984, p. 44).

Ao investigar esses aspectos no programa *180 graus O Ponto da Virada*, percebe-se no tratamento do *corpus* analisado, uma grande quantidade de narrativas que nos aproxima da correlação entre o *sagrado/profano* e a *mídia/religião*.

Parece que há uma tendência em pensar que tudo que é secular é profano e, portanto, pecado, sendo demonizado. Neste caso, o sagrado está para a religião assim como o profano está para a mídia.

Talvez, na tentativa de separar o certo e o errado, moralmente falando, as religiões delimitaram de forma muito acirrada esta linha divisória. Pode ser, que nem tudo que seja secular e profano, deva ser demonizado. E que nem tudo que é tido como sagrado, seja moralmente correto e sacro.

E isso atinge diretamente o envolvimento das igrejas nesta relação mídia e religião. Essa influência vem de séculos e envolve a todos em todas as eras.

Como foi mencionado no capítulo 3 dessa pesquisa, Miklos (2013) levanta a

hipótese de uma dupla contaminação entre a esfera do religioso e a midiática, isto é, os formatos midiáticos se apropriam de elementos do ritual religioso arcaico estabelecendo sua própria estética, ao passo que, a religião midiatiza-se.

Neste caso, a mídia é sacralizada. Surge, portanto, as experiências religiosas de midiatização. Segundo Miklos, esse fenômeno nada mais é do que a busca por um território encantado.

É dito que “a relação mídia/religião não é nova na história, remonta ao surgimento do rádio no início do século XX e da televisão, em meados do mesmo século” (GOMES, 2010, p. 16).

Falando sobre o fenômeno religioso que explodiu nas mais diferentes práticas e formas midiáticas sendo objeto de reportagens em jornais, livros, revistas e outros meios, Pedro Gilberto Gomes fala na introdução de seu livro *Da Igreja Eletrônica à Sociedade em Midiatização*, que diferentes Confissões Religiosas possuem programas de televisão, montam redes e impérios televisivos e que se rivalizam com o campo dito profano (GOMES, 2010)

Há um debate, ressaltado por Gomes, que diz respeito às igrejas:

[...] no agir cotidianos das Igrejas, como se dá o debate entre as correntes que defendem uma Igreja Midiatizada, via protocolos do espetáculo, daquelas outras fiéis às dimensões dos conteúdos e dos próprios rituais de comunicação interna, portanto, sem as contaminações com as lógicas da mídia (GOMES, 2010, p. 23).

A questão crucial do debate é: Como as igrejas encaram a mídia? Gomes revela que para as igrejas, os meios de comunicação eram vistos como meros dispositivos tecnológicos. No entanto, ele afirma:

Nem o religioso é só religioso, nem o profano é só profano. As religiões que afirmam uma postura monocular na realidade fecham para si as condições de possibilidade de falar para o ser humano moderno e para dimensionar corretamente a sociedade que emerge nesse início de milênio (p. 27).

As igrejas conhecidas como Igrejas Históricas, possuem uma longa tradição do discurso e da escrita. São igrejas que se movem com desenvoltura na produção de documentos que expressam a sua doutrina e o seu pensamento. Dentre as

Igrejas Históricas mais conhecidas estão: Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, Igreja Metodista, Igreja Presbiteriana e Igreja Batista.

Para essas igrejas há um certo incômodo, porque elas não se sentem muito à vontade com os meios eletrônicos, porque quando a mídia eletrônica surgiu desenvolvendo-se até agora, encontrou essas igrejas já estabelecidas (GOMES, 2010). Algumas dessas tiveram dificuldades para se adaptar e adequar a sua mensagem às lógicas dos processos midiáticos. Por outro lado, esse momento encontrou igrejas que podem ser chamadas de nativas midiáticas, porque nasceram já sob o signo da mídia. Para estas, tanto faz a escrita, a imprensa ou a mídia eletrônica. O mundo já existia quando elas surgiram. O exemplo mais clássico dessa espécie é a Igreja Universal do Reino de Deus.

A igreja Adventista do Sétimo Dia, tem raízes nas igrejas históricas, mas possui um viés evangelístico muito forte e foi uma das pioneiras no rádio, sendo uma das primeiras igrejas a ter um programa religioso de rádio no Brasil. E foi uma das primeiras igrejas evangélicas a ter um programa de TV religioso com o pastor Alcides Campolongo.

O uso da televisão como ferramenta evangelística se desenvolveu primeiro nos Estados Unidos depois da Segunda Guerra Mundial e se estendeu a outros países à medida que a tecnologia se tornava popular nas outras regiões do mundo.

Dentre as iniciativas pioneiras, o projeto mais bem-sucedido foi o do pastor William Fagal, na cidade de Nova Iorque. Tratava-se de um programa televisivo de meia hora, cujo formato girava em torno de dramas curtos que descreviam um problema corriqueiro, seguidos de um breve sermão. O programa se chamava *Faith for Today* [“Fé para Hoje”] e se popularizou rapidamente em todo o mundo como referência para programas evangelísticos.

Por volta de 1958 o programa aparecia gratuitamente em 130 estações com uma audiência televisiva estimada de quatro milhões de pessoas. No início da década de 1970 o programa de Fagal foi substituído pela série ficcional *Westbrook Hospital*, cuja produção de programas inéditos, os episódios foram reprisados por muitos anos adiante. Por volta de 1979, a série se tornou parte da programação da

Rede de Satélite Internacional no Canadá e retransmitido na Europa, Ásia e América do Sul. Os episódios também chegaram a Israel, Líbano, Jordânia, Japão, Nova Zelândia, Filipinas, entre outros países (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009 apud KANYAT, 2017).

Como resultado da ampliação da produção e distribuição de programas televisivos adventistas, a Conferência Geral, órgão máximo da Igreja Adventista do Sétimo Dia, aprovou em 1971 um plano para estabelecer um centro de rádio, televisão e filmes a fim de coordenar os programas de comunicação em massa da denominação – o Centro Adventista de Comunicação localizado na Califórnia. Em 1996 a propriedade do centro foi transferida para a Divisão Norte-Americana (subdivisão da Conferência Geral nos continentes do mundo) ao mesmo tempo em que outras divisões no mundo construíram seus próprios centros de comunicação (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009 apud KANYAT, 2017).

Na Divisão Transeuropeia, a Associação de Locutores Adventistas passou a organizar a produção de programas radiofônicos e televisivos para a região a partir de meados da década de 1990. A serviço da Divisão do Sul do Pacífico, os centros de mídia foram reunidos em 2006 uma única empresa de comunicação chamada Adventist Media. Em 1995 surge na Divisão Sul-americana o Sistema Adventista de Comunicação, que mais tarde viria se chamar Rede Novo Tempo de Comunicação produzindo programação em Português e espanhol (a partir de 2003).

A análise feita permite-nos perceber que a mídia é a expressão de nossa cultura e ajuda a formá-la. Isso implica que nem tudo que é cultural é mau. Isso envolve esportes, música e outros acontecimentos seculares. O que é ruim é o que é moralmente condenável e que infringe uma lei estabelecida.

Rodrigo Follis e Marcelo Dias dão continuidade ao pensamento citam:

É possível traçar quatro modelos de relacionamento entre a religião e a cultura popular: 1) religião na cultura pop; 2) cultura pop na religião; 3) cultura pop como religião; e 4) religião e cultura pop em diálogo. O primeiro modelo aponta o uso de linguagem, temas, imagens e personagens religiosos em filmes, músicas, televisão, esportes etc. O segundo descreve justamente o uso de ferramentas, estratégias, recursos, linguagem e mídia da cultura popular para os propósitos da transmissão da fé. O terceiro modelo sugere que os

interesses seculares subverteram os valores religiosos e os “conversos” são os consumidores. Finalmente, o último modelo permite uma interação, os dois trabalham juntos, mas nenhum “vende a sua alma para o outro”. (FOLLIS; DIAS, 2017, p. 98).

Não há solução em demonizar a mídia. Demonizar a mídia sem diálogo não é o melhor caminho. Isso se mostra razoável pelo fato de que os cristãos, e recentemente, os evangélicos foram os pioneiros no uso da mídia na prensa do século 16 até hoje e das redes sociais no século atual.

Embora a análise da correlação entre o sagrado/profano e a mídia/religião seja mais filosófica, crê-se ser muito importante para estudos futuros, avaliar os benefícios e prejuízos provenientes dessa relação na área da Comunicação, onde a midiaticização da cultura é cada vez mais real nesta interação em que mídia/religião se amalgamam.

5.4 Jornada do Herói e a conversão cristã

A vida humana é feita de experiências. E as experiências permitem entender a vida. Elas permitem ao ser humano buscar sua própria identidade e sua cosmovisão. O ser humano precisa fazer perguntas e encontrar respostas para sua existência. Essa busca constante por respostas é o que o faz ser o que é - um ser pensante. O homem é um ser dotado de capacidades intelectuais que lhe permitem se localizar no mundo. Sua imaginação pode comunicar suas descobertas, lições, princípios e invenções.

Ao verificar estas questões à luz de teóricos que nos emprestam seu capital intelectual, pode-se chegar a reflexões e indagações sobre os mistérios da natureza humana.

Na análise das entrevistas que se encontram nos apêndices nesta pesquisa, vemos que há uma relação muito forte entre a conversão cristã e Jornada do herói do *monomito campbeliano*, especialmente em suas etapas: 1) ‘caverna profunda’ e 2) ‘provação suprema’.

Veja como essa busca por significado inicia um processo de internalização e mudança de vida, o que faz parte da Jornada do Herói e o processo de conversão

cristã. Creriane Lima pergunta a Renato Groger (Apêndice A), sobre os pensamentos que tomaram conta de sua mente. Veja a resposta:

Renato Groger: [...]. Mas lá pelos meus 15 anos de idade eu comecei a sentir uma falta de razão lógica para certos cerimoniais da igreja, certas crenças, é ... e gradualmente eu fui me afastando.

Creriane Lima: [...]. E já formado, já adulto, alguns pensamentos começaram a tomar conta, né?

Renato Groger: Exatamente, a crise existencial se instalou na minha vida ali. Eu comecei a pensar o seguinte, é ... se não existe nada após a morte, nenhuma sobrevivência ou algo do gênero... eu era ateu e acreditava nisso. Eu comecei a sentir falta ... é ... eu comecei a não ver sentido pra existência humana, pra vida, pra os relacionamentos significativos que nós fazemos, pro amor que a gente sente um pelo outro... não é?... As coisas positivas que construímos durante a nossa vida, eu falei, então, não tem sentido.

Creriane Lima: E como você explicava essas coisas?

Renato Groger: “Não explicava, e eu comecei a me sentir muito mal por causa disso”.

Renato Groger almejava explicações que fizessem sentido para ele:

Renato Groger: Eu não tinha evidências, eu precisava de evidências, né, de que as coisas sobrenaturais existem de que Deus em última instância é uma realidade e não uma fantasia humana. Eu não tinha evidência nenhuma disso. Eu achava que tudo era campo da fé humana.

Mais adiante Creriane provoca Renato Groger sobre sua crise existencial:

Creriane Lima: Durante este momento, aqueles sentimentos de crise... aquilo continuava?

Renato Groger: Continuava, Continuava. Mas a amizade dele me fazia muito bem.

Percebe-se a mesma falta de sentido vivenciada por Zezinho Djú. Ele diz que apesar de ter nascido num berço religioso ele não praticava, porque nada daquilo funcionava.

Zezinho Djú: Geralmente lá no nosso país quando alguém nasce, já nasce católico. E isso é bem fundado na nossa teoria e na nossa mente. Mas eu nunca participei assim tanto da igreja. Porque na verdade, eu não era da igreja. Essas coisas da igreja para mim não funcionavam. Mesmo criança, eu não tomava tempo para isso. Eu preferia jogar bola, fazer outra coisa, mas geralmente nascemos e dizemos que nós somos cristãos católicos. E aí nascíamos católicos.

Creriane cita que Zezinho teve contato com a bíblia e com a Igreja Adventista em seu país e lhe pergunta o que ele achava das práticas religiosas e Zezinho responde dizendo que aquilo não fazia sentido para ele:

Creriane Lima: Agora, o que que você particularmente achava? Porque você ia lá, cantava hinos, ouvia das histórias da bíblia, aquilo te envolvia de alguma forma ou você só tava ali...

Zezinho Djú: Não... é... na verdade eu fazia aquilo porque os amigos iam, e então, como todos meus amigos tava lá, eu não podia ser o único que ficava em casa. Então, eu ia ouvir a história que era interessante, interessante foi sempre. Mas nunca, assim, ficou preso em minha mente, porque para mim aquilo não fazia sentido.

Na entrevista com Zezinho Djú (Apêndice B), Creriane pergunta o que mudou em sua vida depois da conversão e ele afirma ter compreendido um sentido para sua existência. Ele passa a ter uma nova visão da vida:

Creriane Lima: Seis anos. Zezinho, nesses seis anos, o que que mudou na sua vida?

Zezinho Djú: Ah, eu... diria que mudou praticamente tudo, porque como falei, mudou a maneira de encarar a vida, o relacionamento com Deus, as coisas que eu vejo e do jeito que eu leio coisas hoje é muito diferente daquilo que eu percebia. Porque me envolvi muito com livros de religião, da igreja, e acabei percebendo que a vida não era aquilo que eu pensava. Então, eu encaro a vida hoje de uma maneira muito diferente de antes. Então, eu acho que a visão da vida hoje é muito diferente do passado. Isso mudou muito.

Hugo Santana (Apêndice F), diz quase a mesma coisa ao afirmar que não tinha mais prazer em ir à igreja e que não havia mais significado nessa prática. Veja:

Hugo Santana: [...]. Eu não gostava de ficar muito tempo com eles, porque eu já não gostava nessa época tanto mais de ir à igreja. Já não era o que me dava mais prazer. Não tinha significado pra mim, na minha vida.

Após encontro com Deus Hugo Santana relata o que aconteceu em seu entendimento:

Hugo Santana: [...] eu comecei a ver a história da igreja; a história da salvação. O que Jesus fez. As coisas que tariam acontecendo. Os impérios que caíam, né, a grande guerra no final entre o bem e o mal. Entre a besta e Cristo. E os seguidores de Deus. A

marca da besta.... Tudo aquilo fez muito sentido pra mim.

Hugo Santana: [...]. E tudo aquilo fez tanto sentido pra mim... eu sabia exatamente o que tinha se cumprido na profecia e o que faltava. E eu vi que a volta de Jesus estava às portas.

Helbert Roger (Apêndice E), afirma que o dia de seu batismo foi o dia mais significativo de todos os que já havia vivido até então. Ao conhecer algumas verdades bíblicas que desconhecia e tomou a decisão de mudar de vida:

Helbert Roger: Mas de todos os momentos felizes, e a seleção brasileira também foi um momento como esse, nenhum momento foi mais importante, mais significativo, na minha vida, como no dia em que eu aceitei a Jesus e fui batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Esse foi, realmente, o dia mais feliz da minha vida!

Percebe-se nas falas dos entrevistados, que a Jornada do Herói tem ligação com as histórias de vida no mundo real. Especialmente, as histórias narradas pelos entrevistados no programa 180 Graus O Ponto da Virada. Através das histórias de conversão dos fiéis contadas no programa, podemos identificar elementos das fases caverna profunda e provação suprema do monomito de Campbell. Christopher Vogler colabora com esse pensamento:

[...] as narrativas construídas segundo o modelo da Jornada do Herói contam com um apelo que pode ser sentido por todos, pois jorram de uma fonte universal do inconsciente compartilhado e refletem as preocupações universais. Elas lidam com questões universais que parecem infantis: Quem sou? De onde vim? Para onde vou quando morrer? O que são o bem e o mal? O que preciso fazer quanto a isso? Como será o amanhã? Para onde foi o ontem? Tem alguém mais lá em cima? (VOGLER, 2015, p. 43)

Ao utilizar a Jornada do Herói em seu livro *A Jornada do Escritor*, Vogler (2015) ressalta que muitas histórias de vida conduzem o herói a uma jornada interior, que acontece na mente, no coração e no espírito.

Em qualquer boa história, o herói cresce e se transforma, empreendendo uma jornada de um modo de ser para outro: do desespero à esperança, da fraqueza à força, da tolice à sabedoria, do amor ao ódio e vice-versa. São essas jornadas emocionais que predomina o público e fazem valer a pena acompanhar a história (VOGLER, 2015, p. 45).

Vogler (2015, p. 45) diz que “os estágios da Jornada do Herói podem ser identificados em todos os tipos de história” e que não apresentam somente histórias de heroicas aventuras e ação física, mas que “o protagonista de toda história é o herói de uma jornada, mesmo que o caminho leve apenas à sua mente ou ao reino dos relacionamentos pessoais” (p. 45).

Isso parece se assemelhar muito com o que percebemos nas histórias de conversão contadas no programa 180 Graus O Ponto da Virada, onde o entrevistado conta suas experiências heroicas ao mudar sua trajetória de vida, empreendendo uma jornada de um modo de ser para outro. Esse aspecto das narrativas acontece em todas as histórias de vida do programa analisado e não somente nas histórias analisadas nesta pesquisa.

Falando de forma específica, sobre as duas fases da Jornada do Herói (caverna profunda e provação suprema), encontramos elementos muito comuns que podemos relacionar com as histórias de conversão cristãs.

Como foi dito por Vogler (2015), muitas histórias narradas são de caráter e de ações heroicas e físicas em suas aventuras. Porém, outras são de natureza emocional e envolvem relacionamentos, como encontramos em alguns filmes, por exemplo.

Você encontra nessas histórias, mudanças que são entendidas por uma aproximação da caverna profunda ou caverna secreta, onde “a aproximação cobre todos os preparativos para adentrar a Caverna Secreta e enfrentar a morte ou um perigo supremo” (VOGLER, 2015, p. 53).

Outro aspecto importante a ser ressaltado por Vogler é que ao passar pela provação suprema ele enfrenta sua maior provação: Ao adentrar na provação suprema “o destino do herói atinge o fundo do poço num confronto direto com o seu maior medo” (p. 53). E é aqui que ele enfrenta a possibilidade de morte e é levado a encarar uma batalha com forças hostis (VOGLER, 2015).

No contexto da conversão cristã, esse momento é a fase em que é relatada por todos os entrevistados do programa 180 Graus O Ponto da Virada. Há um momento de indecisão, de medo, de insegurança quanto ao futuro, um preconceito em relação a aventura etc. Mas percebe-se que a mudança é na maioria das vezes

emocional e envolve relacionamentos - família, colegas de trabalho, comunidade que frequenta e o próprio relacionamento com Deus. Neste caso, portanto, a mudança também acontece no campo espiritual.

Segundo Vogler (2015, p. 53), esse é “um momento de vida ou morte psicológica, pois, se ele desistir, suas chances de mostrar ao destino quem de fato detém a força estarão acabadas”. É dito que a Provação é o momento crucial numa história, pois é aquele em que o herói corre o risco de morrer, ou parece morrer, para que, em seguida, venha a renascer.

Nesta pesquisa foi mencionado no capítulo 3 que a principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação, como o casamento, o trabalho, a educação, a arte e a sabedoria. Essa concepção é a compreensão do homem das sociedades arcaicas e tradicionais (ELIADE, 2016).

O rito do batismo cristão é um exemplo desse argumento, pois o batismo, na compreensão cristã simboliza a morte para o pecado e o renascimento para uma nova vida em Cristo. No livro bíblico de Romanos, o texto de Paulo esclarece o conceito cristão: “Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos em novidade de vida” (Romanos 6:4).

É a ideia de um novo nascimento, que significa nascer do alto, nascer do Espírito, para que se ande em novidade de vida.

A bíblia cristã que contém os ensinamentos evangélicos de João 3: 1-8 revela que Jesus disse: “Em verdade em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode entrar no reino de Deus”. E Nicodemos pergunta: “Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer uma segunda vez”?

Aqui o novo nascimento envolve um nascimento espiritual e não físico. em outras palavras, Jesus parece desejar esclarecer que, se o novo nascimento é uma impossibilidade física, por outro lado é uma necessidade espiritual.

Percebe-se, portanto, que a estrutura da narrativa mítica parece concordar com os ensinamentos cristãos ao nos orientar, ensinar e fazer compreender muitos

aspectos de nossa vida e de nosso comportamento. Por meios de histórias narradas pode-se encontrar sentido para a existência.

Eliade (2001) fala das civilizações primitivas onde o mito desempenha uma função indispensável: ele exprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem.

Por isso, vemos que a Jornada do Herói é muito pertinente quando consideramos as histórias de vida, porque ela nos permite codificar a crença salvaguardando e imprimindo os princípios morais tão importantes para a convivência e orientação humana.

Para Campbell, a Jornada do Herói ilustra o caminho que leva a pessoa a empreender vivências que a fazem mudar padrões de comportamento conscientes e inconscientes (MARTINEZ, 2008).

O mitólogo Joseph Campbell, endossado por Martinez, fala a respeito da função pedagógica do mito. A autora diz que a estrutura narrativa mítica “por extensão, permite ao leitor que imerge na história de vida de um indivíduo, relacioná-la à própria trajetória, tirando ensinamentos que pode utilizar em sua própria existência” (p. 38-39).

Através desses fatos analisados percebemos que há uma relação entre as histórias de conversão e a Jornada do Herói. Porque a jornada cristã possui os mesmos elementos que encontramos na estrutura narrativa mítica dos heróis. Não é por acaso, pois apesar de ter uma variedade infinita, a história de um herói é sempre uma jornada. E a jornada cristã não se constitui numa exceção.

Um herói abandona seu ambiente, que pode ser uma tradição religiosa, um estilo de vida, um comportamento, uma ideologia ou um ambiente confortável para se aventurar em um mundo desafiador e desconhecido. Pode ser uma “jornada ao exterior” (VOGLER, 2015, p. 45), um lugar de verdade: “um labirinto, uma floresta ou caverna, uma cidade ou país estrangeiro” ou até mesmo um novo local, ambiente ou circunstâncias onde “se converte em arena para seu conflito com forças antagônicas, contestadoras” (p. 45).

Toda história de conversão envolve conflitos internos e forças antagônicas e

contestadoras especialmente no âmbito emocional e familiar. No que diz respeito aos relacionamentos íntimos e pessoais vemos:

De algum modo, em toda história, os heróis enfrentam a morte ou algo semelhante; seus maiores medos, o fracasso de um empreendimento, o fim de uma relação, a morte de uma personalidade velha. Na maioria das vezes, os heróis sobrevivem, magicamente, a essa morte e renascem – literal ou simbolicamente – para colher as consequências de terem derrotado a morte. Passaram pelo teste principal, aquele que sagra um herói (VOGLER, 1997, p. 214 apud MARTINEZ, 2008, p. 92).

A entrevista com Renato Groger (Apêndice A), parece descrever essa mudança de vida - morte e renascimento:

Renato Groger: [...] a minha vida mudou naquela noite.
Creiriane Lima: Mas como pode Renato?
Renato Groger: Eu amo história, eu sou apaixonado. Eu conhecia a história. Eu não imaginava que pudesse haver alguma coisa assim escrita na bíblia. Porque é fácil você dizer assim: Foi escrito depois que tudo aconteceu, mas depois quando? Se detalha um período tão vasto assim até os nossos dias. Acabou comigo aquilo. Sabe? Eu me desmontei aquela noite.
Creiriane Lima: Acabou comigo? Essa frase eu gostei!
Renato Groger: Quer dizer, eu tive que começar de novo.
Creiriane Lima: Você ficou desorientado naquela noite?
Renato Groger: Completamente. É... eu saí de lá da casa do Antônio Rios naquela noite acreditando que Deus existe, acreditando que a bíblia é a Palavra de Deus, eu acreditava nessas coisas quando eu saí dali. Né? E que Jesus Cristo é uma pessoa real [...]. Eu não tinha palavras, estava extasiado. Eu não tinha ação. Eu saí como quem está sonhando da casa dele naquela noite.
Creiriane Lima: Você foi pra casa naquela noite, pensando o que, sobre você mesmo? Sobre sua situação na vida... você já começou a acreditar em Deus naquele momento?
Renato Groger: Era um misto de sentimentos, assim, muito contraditórios sabe... porque eu acreditava em Deus. E eu ficava pensando: Deus está me vendo agora. Deus existe. É uma realidade. Não é? Não é uma invenção humana. É... tá provado. Eu vi ali. A evidência... é demais aquilo! E ao mesmo tempo eu ficava pensando: Tem coisas erradas na minha vida. E agora? Vai ter que mudar. Tem coisas que não vai poder ser a mesma coisa. Eu fiquei pensando essas coisas já.

Creiriane Lima explora muito este momento da conversão no programa, porque enfatiza o ponto da virada, que é parte do slogan e do nome do programa.

Renato Groger fala sobre esse momento em sua entrevista:

Creriane Lima: Você sentiu necessidade? Agora preciso pertencer a uma religião, uma igreja? Eu preciso me batizar?

Renato Groger: Exatamente. Agora dessa decisão até o batismo levou um tempo.

Creriane Lima: Claro, Claro. Renato, você consegue se lembrar assim de alguma coisa de imediato que mudou dentro de você. O que mudou a partir dali? Essa foi uma mudança de 180 graus em sua vida?

Ao perguntar para Renato Groger (Apêndice A), sobre as crises antes da conversão veja a explicação:

Creriane Lima: E aqueles sentimentos ruins. Aquelas crises? Como você lidou com aquilo, assim da noite pro dia?

Renato Groger: Olha, a partir daquela noite, acabou o problema, a crise, acabou as dúvidas, você entendeu? Uma paz invadiu meu coração de uma maneira que só Deus pode explicar.

Creriane Lima: Renato, desculpa se to parecendo meio incrédula. Não quero transparecer assim, mas você estava numa crise, questionando tudo da vida, questionando os relacionamentos... e acabou tudo?

Renato groger: [...] Eu não saberia explicar, mas Deus invadiu meu coração naquela noite. É uma coisa inexplicável mesmo. É de Deus. É do Espírito Santo. Minha vida mudou.

Creiriane Lima: A gente tem que respirar fundo Renato. Porque é impressionante! É demais! Algum tempo já se passou de lá pra cá, Renato. Eu não quero... assim... ficar insistindo nesta tecla, porque a gente sabe que a vida apresenta problemas, a vida apresenta dificuldades, talvez, não sei. Suponho que depois disso você não tenha tido uma experiência tão forte assim, tão marcante assim, não sei, mas o fato é que a gente passa por problemas e decepções. E agora? Depois dessa transformação na sua vida, como você vê essas dificuldades?

Renato Groger: Eu vejo com muita naturalidade. Eu acho que isso faz parte da vida, né, humana. E essas dificuldades a própria bíblia menciona coisas nesse sentido, né, as próprias dificuldades e problemas que vem devem ser encaradas de maneira positiva pelo cristão. Faz parte do crescimento dele. As vezes nos leva a depender mais de Deus. Não foi o mar de rosas.

É perceptível no processo da conversão a ideia de Renato Groger de que o herói continua a ter dificuldades na vida e que não estará isento de problemas. Mas que houve um marco na experiência de vida por meio do encontro com Deus.

A Jornada do Herói envolve lutas contra inimigos e forças contrárias para

impedir que se ultrapasse o limiar de cada etapa da jornada e de uma fase a outra. É nesse momento que surgem as grandes dificuldades e provações na vida do herói, aqui no caso, o cristão. Esta luta é considerada pelo cristão como uma guerra espiritual, que muitas vezes tem a influência direta de um inimigo espiritual chamado de satanás, diabo, enganador, pai da mentira, Lúcifer e outros nomes.

Essa provação ou dificuldade pode partir também de uma pessoa ligada a própria família ou até mesmo por parte de amigos da antiga vida.

A pesquisadora Dra Monica Martinez, especialista no tema diz: “O quadro de aliados pode mudar radicalmente quando a pessoa decide assumir a empreitada. Nesta hora, amigos do peito podem desaparecer e oponentes recrudescer as forças” (MARTINEZ, 2008, p. 89).

Zezinho Djú revela como sua tia tentou influenciá-lo a não deixar sua antiga religião. Ela achava que ele não precisava mudar alguns hábitos como alimentação, por exemplo. Veja o seu relato:

Zezinho Djú: É porque quando eu fui para a capital, morei com a minha tia. Ela influenciou um pouco, porque ela queria que eu mesmo não seguisse a religião, sabe? A igreja, os princípios da bíblia, porque ela na verdade é um católico muito nato. Praticante, praticava e tudo. Então, a dificuldade que tive sempre com ela é a questão da alimentação. Mas graças a Deus ela sempre soube respeitar mesmo se não tiver, ela fazia tudo que podia para respeitar os meus princípios. Mas ela sabia que eu... voltar para trás não tinha como voltar; então acabou respeitando a decisão que eu tomei.

Creriane Lima pergunta a Zezinho Djú sobre sua mudança de vida e reforça que o que aconteceu foi um milagre. Ele afirma em entrevista que não mudará sua decisão. Parece que a conversão é um milagre e algo que se pretende viver de forma definitiva pelo convertido:

Creriane Lima: Quando você olha para aquele Zezinho Djú, lá de 16 anos, 19, 20, e você olha para você hoje, que milagres que Deus operou?

Zezinho Djú: Tudo, e mais um pouco. Eu diria de tudo e mais um pouco. Até hoje eu recebo, por exemplo, mensagens, telefonemas de amigos me convidando ainda para viver a vida normal. Você está no Brasil, as coisas parecem mais fácil. Mas eu já falei que eu não posso, não posso mais. Eu preciso ser uma nova pessoa. Eu acho que estou me crescendo a cada dia, e tenho que ser mais responsável naquilo que eu faço. E eu pretendo chegar lá, então, não posso voltar mais atrás. Então, eu acho que Deus tem me ajudado e estará me ajudando ainda para conseguir este objetivo.

Creriane Lima: [...]. Zezinho, quer dizer que você é uma prova de uma pessoa que duvidava, que questionava, que banalizava a vida e hoje acredita que Deus existe?

Zezinho Djú: Sim.

Creriane Lima: E Deus faz milagres?

Zezinho Djú: Risos. Eu acho que muito mais do que milagres, Ele faz. Se podemos assim dizer, numa linguagem normal, muito mais do que milagres, porque o que aconteceu comigo, foi fato extraordinário. Eu diria... Deus é tudo!

Todos os entrevistados apresentam este momento como um momento extraordinário em suas vidas. Marquinhos Maraial revela o conflito que teve vivendo o momento da caverna profunda e passar pela provação suprema e como isso aconteceu. Ele conta como sua esposa se decidiu pelo batismo com suas duas filhas e sua luta para tomar a mesma decisão:

Marquinhos Maraial: Aí as duas, a Marília e a Vitória decidiram o batismo e em seguida a minha esposa fez.... Então eu vou marcar o meu batismo pra batizar os três num dia só. Aí o conflito foi maior, e digo: Oh, eu já comecei a pensar em mim, né, já comecei a.... a.... me policiar alí, aquele conflito, e digo: Será se vão dá pressão pra mim, pra mim ir batizar... eu não quero me batizar. Eu não vou deixar a minha.... o meu show... vou deixar um nome que já tinha feito, né, uma história de mais de 25 anos, como artista, e tal... mas enfim, a vida traz várias surpresas, né?

Creriane Lima: A vida trás muitas surpresas... eu quero saber amigo, o seguinte: Pra uma pessoa que vivia a adrenalina que você vivia, viciado em êxtase, porque pelo que você disse é uma coisa viciante...

Marquinhos Maraial: Demais...

Creriane Lima: Eu imagino que o encontro que você teve com Deus foi uma coisa tão extraordinária...

Marquinhos Maraial: Incomum.

Creriane Lima: ... que fez você mudar a cabeça... O que era valor pra você antes passou a não ter valor mais. Como que foi esse momento de encontro com Deus?

Martinez (2008) apresenta uma síntese do que acontece no momento quando o herói está para ultrapassar o limiar onde se aproximará das fases da caverna profunda e da provação suprema, que é a provação central de morte e renascimento. Veja o que ela diz:

Neste ponto, o herói ainda não sanou todas as suas dúvidas de que está fazendo a coisa certa e precisa abrir mão de algo que lhe é caro para iniciar uma nova fase da vida, que certamente o colocará no futuro num nível de aprendizado emocional, intelectual ou de vida muito mais amplo do que o que possui (MARTINEZ, 2008, p. 81).

Neste momento, a pessoa “pode travar um contato com seu principal medo – uma fobia, uma doença, um elemento da natureza (uma enchente), um rival, uma crise política, familiar ou amorosa” (p. 93).

No caso de Marquinhos Maraial (Apêndice C), foi uma crise espiritual, devido a sua apostasia ou afastamento de Deus e crise familiar. No caso de Renato Groger (entrevistado 1) foi crise existencial. E Joseph Skaf (Entrevistado 4) e Hugo Santana (Entrevistado 6) foi crise por falta de sentido na vida.

Marquinhos Maraial: Eu sofri muito assim, pressão de... do meu sócio, né, ameaças e tal...

Creriane Lima: Era muita coisa que estava em jogo...

Marquinhos Maraial: Muita coisa em jogo, né, é... e era uma marca. Uma marca em jogo, entende? Uma história de mais de 20 anos em jogo, né, e a gente tava no... chegando no ápice... do glamour... a dupla Edu e Maraial em nossa região...

Creriane Lima: E mesmo assim você teve coragem de bater o pé e falar: Tô mudando de vida?

Marquinhos Maraial: Tô mudando de vida... Foi, bati o pé e disse: Não quero mais, e... foi... uma loucura...

Creriane Lima: Só pelo poder de Deus...

Marquinhos Maraial: Foi uma loucura, que até eu fico pensando, é uma loucura... foi uma loucura... eu não consigo entender como eu tomei uma decisão daquela, naquele momento, porque, é... é natural você tomar uma decisão quando você já tá no final da carreira, e tal, mas eu não consigo entender como eu chutei o balde no.... no.... ápice.

Creriane Lima: Com que palavras, Marquinhos, quando você olha pra você hoje, você olha para a vida que você escolheu, pro rumo que você está seguindo agora pra o rumo que sua vida estava seguindo antes, que palavras você usa pra descrever o que Deus fez na sua vida?

Marquinhos Maraial: Salvação. Em todos os aspectos. Salvação da minha vida, salvação dos meus filhos, esposa, salvação do contexto de vida geral das pessoas que me rodeavam, que me rodeiam, né, e eu fui chamado pra esse momento... como eu entendo que... os profetas, eles eram chamados nos maiores momentos de crise... de apostasia, crise espiritual, de, de um povo, como nós, nós somos chamados num momento de crise também. Às vezes, crises nossas, crise espiritual, crise familiar, crise... eu tava ganhando muito dinheiro, mas vivia em crise financeira, né, crise emocional, saúde, nesses aspectos tudinho, e hoje entendo porque foi que fui chamado nesse

tempo, nesse momento mesmo. No tempo... no momento que eu tava, mesmo chegando no, no ápice, no êxtase, no topo da minha carreira, mas ao meu redor era crise, crise de afeto com meus filhos. Eu não tinha afeto. Os meus filhos não tinham afeto comigo e nem eu com os meus filhos

Na vida de Joseph Skaf (Apêndice D), percebemos que algo semelhante acontece que lhe faz deixar todos os seus planos de vida e seguir uma religião.

Creirane Lima: Agora, Joseph, uma coisa é você ter se interessado por uma moça, querer conhecer melhor essa moça e tal... Até ir à igreja, achar que você pode aplicar um ensinamento ali pra ser uma pessoa melhor; outra coisa é você ter um encontro com Deus, você assumir um corpo de doutrinas e de crenças pra dirigir a sua vida e tomar uma decisão. A partir de hoje a minha vida vai ser guiada pelos princípios bíblicos. Que revolução foi essa? Que momento foi esse na sua vida?

Joseph Skaf: [...] E foi bem nesse período que eu resolvi fazer um download de um dos livros dessa autora da igreja Adventista, Ellen White.

Creirane Lima: Que livro é esse?

Joseph Skaf: É um livro.... eu li.... é.... Espírito.... Na verdade, é Espírito de Profecia, volume 1. Eu peguei na época o livro em inglês. Hoje ele é mais ou menos o Patriarcas e Profetas.... Um livro chamado Patriarcas e Profetas.

Creirane Lima: Em português?

Joseph Skaf: Em português. E eu li esse livro e aí comecei a entender ali qual era o propósito de Deus em ter criado o homem. Porque Deus tinha criado a Terra e o homem pra habitar na Terra.... Pra dividir o amor, pra que o homem pudesse sentir o que é o amor também, para ele compartilhar toda essa criação com o homem. E aí eu entendi o que aconteceu na queda e mais adiante eu comecei a entender o que Cristo tinha que ver com essa história toda. Como o próprio Deus tinha decidido entregar sua própria vida e absorver a nossa.... A minha própria culpa, a culpa de todo mundo pelos pecados, pelas transgressões, pelos erros que nós cometemos; para que um dia a gente pudesse tá junto de novo no céu. Eles iam pagar esse preço. Eu não tinha a menor ideia que, que...era esse o motivo real do sacrifício de Cristo.

Na narrativa de Joseph Skaf, ele se encontra diante da caverna profunda; “como num jogo de xadrez, a pessoa está a um lance do cheque-mate, ou seja, do momento mais crítico da partida (a provação suprema)” (MARTINEZ, 2008, p. 89).

Monica Martinez, diz que “ocorre um intenso processo de internalização, visto que o protagonista está vivenciando um processo de metamorfose – o que pode colocar em cheque-mate atributos psicológicos do protagonista” (p. 89).

Creriane Lima: Joseph, você tinha seus compromissos, sua família, sua tradição, seu ideal de felicidade... tudo isso deveria ser repensado porque você ia colocar sua vida agora para ser guiado por princípios bíblicos.... Que obstáculos você teve que enfrentar a partir dali?

Joseph Skaf: Na verdade eu não... naquele primeiro momento eu não pensei nessas possibilidades. Até mesmo porque eu.... por causa da tradição da minha família, católica, da criação que eu recebi em casa, muitos dos princípios bíblicos eu já aplicava na minha vida. Não foram muitas novidades, muitas coisas eu tive que realmente mudar, mas não pensei na verdade na hora ali. "Puxa, eu vou ter que mudar". Não. Mas a medida em que eu ia me aproximando mais de Deus, a medida que ia conhecendo mais a Deus, eu vi que tinha alguns pontos onde eu teria que abrir mão de certas coisas que eu fazia, porque isso era o que, de fato, seria melhor pra minha vida, isso era o que de fato ia... é... não só me dar mais vida, mas isso ia também agradar a um Deus que eu amava de todo o meu coração. Então, eu não pensei: "O que que eu vou ter que largar"? Foi um processo em minha vida em que eu fui amando mais a Deus e deixei de amar as coisas que eu fazia antes...

O momento da caverna profunda para Helbert Roger (Apêndice E), foi quando teve estudos bíblicos que o levou a um questionamento doutrinário – crise doutrinária. O momento crucial ou provação suprema na sua história de conversão foi quando abandonou sua carreira de jogador de futebol.

Helbert Roger: [...] ... esse membro da igreja, Clério de Brito, e ele passou a nos dar os estudos bíblicos. Então, quando eu comecei a estudar a bíblia, eu descobri muitas verdades que até então eu não conhecia. Né? E dentre essas verdades, eu descobri uma verdade que é a verdade sobre o sábado. Eu era cristão, mas sempre observei o domingo, né? ...como dia de guarda. Mas estava entrando ali agora, um novo elemento que eu desconhecia. Que era a verdade sobre um dia especial que a bíblia menciona, que Deus reservou para o nosso descanso e para a adoração dEle. E isso realmente mexeu muito comigo. E praticamente mudou completamente a direção da minha vida.

Creriane Lima: Mas Helbert, não dá pra acreditar.... Porque uma crença como essa.... Entre você ter uma curiosidade pra aprender sobre a bíblia, e ter conhecimento é uma coisa. Agora, você aceitar uma verdade que tenha que mudar, que né, vai resultar numa mudança de comportamento, uma mudança de rumo na sua vida.... eu não sei se você esperava por isso quando pediu aquele estudo bíblico, né? (Risos).

Helbert Roger: Verdade. Eu não esperava.

Creriane Lima: Não esperava.... Mas pensa bem. Você tinha um futuro todo pela frente. Você tava acabando de chegar de uma viagem pela Europa, com privilégio. Eu inclusive insisti com você aqui querendo saber quantos anos você tinha ficado ali, porque é quase inacreditável que em tão pouco tempo, você ter conseguido realizar tudo isso. E agora você está me dizendo que você se depara com um livro antigo, chamado bíblia, e ali você encontra um dia de adoração e isso vai mudar o rumo da sua história? Como é que pode?

Helbert Roger: É verdade. O que aconteceu foi que Jesus transformou completamente

a minha vida. Eu costumo dizer que... quando as pessoas me perguntam: Helbert, em algum momento você se arrependeu de ter abandonado a sua carreira como jogador de futebol para ser um pastor”? Eu digo assim: “Eu nunca me arrependi”. Porque quando Deus faz uma obra na vida de uma pessoa Ele faz uma obra completa.

A caverna profunda e provação suprema de Zezinho Djú (Apêndice B), foi no momento de sua doença, quando esteve entre a vida e a morte. E ele renasce para a vida após uma cirurgia e experimenta o restabelecimento físico acompanhado da transformação espiritual.

Zezinho Djú: Bissau. A capital de Guiné Bissau é Bissau. Então; e no ano de 2002 eu... bom, eu acho que foi obra de Deus, para mim, eu penso isso, e pensarei até na eternidade, se um dia eu for lá, e graças a Deus eu estarei lá. Então um dia eu levantei para ir à escola, e comecei a sentir dores estranhas. Então, fiquei em casa, durante todo o dia. E falei a minha tia, e ela me levou a casa do doutor Davi e ele me conduziu imediatamente para o hospital e aí fizeram alguns diagnósticos e falaram que era apendicite. Depois, no meio da cirurgia, descobriram um outro tumor aí, quisto renal. Então foi muito difícil, então [...].

Creriane Lima: [...]. Você tinha consciência de que a coisa tinha se agravado?

Zezinho Djú: [...]. Esse foi sim, um marco importante... que me faz sentir que Deus existe. Porque tudo que eu precisava na adolescência, naquela fase da juventude ... para mim era simples utopia... Naquela hora eu pensei: Na verdade, Deus existe, porque se Deus não existisse eu não estaria vivo. Então, aquilo me levou a consciência de que não devo brincar com as coisas de Deus. E aí decidi que tenho que encarar a vida cristã de qualquer custo, de qualquer jeito.

Segundo Christopher Vogler (2015, p.54), “Toda história precisa de um momento em que o herói e seus objetivos estão em perigo mortal [...]. Nunca se estará mais vivo do que quando se encara a morte de frente”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar essa pesquisa, descobro algo que já supunha inicialmente. Agora, tenho mais perguntas do que respostas. Mas sinto que ao remexer neste vasto ambiente do tema mídia e religião, estou mais ávido por continuar pesquisando neste campo tão pouco explorado.

Sinto ter apenas tateado sobre um universo imensurável. Mas entendo que é extremamente necessário nos debruçarmos neste amplo território de pesquisa que trata da análise de processos e produtos midiáticos, observando de forma mais detida a interface entre mídia e religião.

Entendo que a mídia assumiu o protagonismo nesta relação mídia e sociedade. Parece que por alguns instantes, a mídia ensaia o desejo de estabelecer sua carreira solo, impondo a todas as instituições (família, política, religião e outras), sua lógica e seus interesses.

Ao me debruçar neste campo de estudos, percebi que é quase impossível às igrejas evangélicas escaparem dessa tendência midiaticizadora, onde a mídia estabelece suas regras e a sua lógica:

Devido à penetração social e cultural da TV e seu papel na construção de um novo imaginário coletivo, devemos adotar uma nova leitura deste fenômeno: as igrejas precisam ocupar novos espaços como forma de garantir sua visibilidade social. Se a existência social deve hoje legitimar-se pelas aparições televisivas, o sagrado parece buscar a superfície das telas como estratégia de sobrevivência (KLEIN, 2006, p. 161).

Há uma evolução técnica dos meios na sociedade, intensificou-se “a presença religiosa na mídia especialmente no rádio e na televisão” (KLEIN, 2006, p. 17).

Jorge Miklos aproxima-se da perfeição quando resume em poucas palavras essa relação mídia e religião:

Sob a justificativa oficial da conversão, as religiões passam a usar os meios eletrônicos de comunicação. Meios de comunicação eletrônicos e religião passam a formar um conglomerado complexo – uno e diverso – em uma relação de interdependência (MIKLOS, 2012, p. 7).

Parece que há um impasse nessa relação. Pelo menos, do lado mais conservador. Mas, suspeita-se que é um caminho sem volta para as igrejas que se envolvem com a mídia. Mesmo as Igrejas consideradas Igrejas Históricas, pautadas numa herança centrada no texto mais do que a imagem, isso parece se evidenciar.

Não há como resistir aos encantos da mídia. Por outro lado, as Igrejas chamadas nativas digitais, nem se dão conta dessa preocupação. Se existe alguma tensão neste diálogo mediação e midiaticização, elas nunca tomaram conhecimento. Não conhecem o outro “mundo” – o analógico.

Parece imperativo a lógica: seguir em frente com olhos fitos no futuro, caminhando por uma estrada que não há retorno. O ditado se repete: “Se ficar o bicho pega, se correr o bicho come”. Não há alternativa para a imperativa relevância que as igrejas são desafiadas a exercerem no século 21.

Temos dois problemas. O primeiro envolve analfabetismo midiático. Entendes o que lê?

Por outro lado, há saturação, a ponto de haver envenenamento ou intoxicação. Ao utilizar-se dos aparatos midiáticos, é quase irresistível não ceder à lógica da mídia.

A percepção que obtivemos ao observar o programa *180 Graus O ponto da Virada*, é que é inevitável a influência da mídia. E foram detectados o esforço e a intencionalidade, em tornar o programa cada vez mais relevante do ponto de vista técnico. É notável a preocupação com o preparo do programa envolvendo teleprompter, jogo de câmeras, estrutura para o programa, vinhetas, cenários diferentes dos encontrados nas igrejas.

Ambientes mais parecidos com os observados nos programas seculares. A preocupação com a maquiagem e as roupas que são usadas pela apresentadora do programa. Percebe-se a influência da midiaticização quando a apresentadora é patrocinada por lojas e grifes, quando os programas eram gravados no UNASP (Centro Universitário Adventista de São Paulo). Os efeitos da midiaticização são observados quando a TV Novo Tempo estabelece o figurino para a apresentadora e a própria combinação das roupas. A grade de gravação dos programas e o formato quase sempre visando a lógica da imagem.

À medida que as igrejas se tornam mais atuantes no cenário midiático religioso e encontram espaço de atuação, mais vê-se a necessidade de evolução técnica e profissionalismo, a fim de apresentar seus substratos ideológicos e doutrinários. Consciente ou inconscientemente, os programas evangélicos sofrem os efeitos da midiaticização.

Klein (2006), afirma que essa é uma preocupação de muitos líderes evangélicos:

Compreender o potencial da mídia eletrônica, investigar a sua validade para a pregação da Palavra de Deus assim como pesquisar seu melhor uso pelas igrejas são preocupações de estudiosos e líderes evangélicos que percebem perigos em uma utilização irrefletida dos meios, tais como a redução da experiência religiosa a mero entretenimento (p. 148)

Outro aspecto observado no programa é a reprodução de um substrato ideológico doutrinário do adventismo.

O programa vai ao ar seis vezes por semana. É notório nas falas dos entrevistados e da entrevistadora do programa a incidência de narrativas que formulam este substrato ideológico e doutrinário.

Ao analisar as entrevistas observamos várias doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, incorporadas nas falas dos convidados que externaram suas convicções. Este substrato ideológico e doutrinário é confirmado pelas crenças verificadas no livro Nisto Cremos - literatura oficial das crenças da organização adventista.

É constatado nesta pesquisa que o adventista convertido, ao testemunhar de sua fé, se visualiza como parte de uma coletividade e isso o faz querer identificar-se e revelar sua identidade. Observa-se nas falas dos entrevistados e conversos do adventismo, doutrinas distintivas em relação a outras igrejas evangélicas, como por exemplo, a guarda do sábado, a doutrina sobre orientação profética manifestada na vida de Ellen White, bem como orientações sobre um regime alimentar diferenciado.

Das 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia, apenas 6 não foram ressaltadas pelos entrevistados ou entrevistadora, no corpus analisado.

Foram as doutrinas: 1) Unidade no Corpo de Cristo; 2) A Ceia do Senhor; 3) Dons e Ministérios Espirituais; 4) Casamento e Família; 5) O Ministério de Cristo no Santuário Celestial; e 6) Morte e Ressurreição. Foram mencionadas 22 crenças fundamentais da igreja nas entrevistas. Isso revela que o programa *180 Graus O Ponto da Virada* reproduz um substrato ideológico e doutrinário do adventismo. Esse número equivale a 79% de todas as crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Resta saber, o motivo porque as 6 doutrinas não identificadas nas narrativas do programa não aparecem. Fica a sugestão para novos estudos a fim de explicar esse fato.

Fica evidente na análise da pesquisa, a influência que os evangélicos herdaram do judaísmo e cristianismo em relação ao conceito de sagrado e profano. Esse conceito é relevante porque isso afeta diretamente as narrativas dos programas evangélicos. Embora tenhamos percebido de forma pragmática essa relação, a nossa opção avaliatória ficou mais no campo filosófico.

Considerando o conceito de Eliade (2001) de sagrado e profano e as duas formas em que o homem decide viver neste mundo, há um paradoxo enfrentado pelas igrejas. Durante muito tempo, igrejas demonizaram a mídia eletrônica. E hoje parece se entregarem à lógica da mídia. Há uma correlação aqui entre o sagrado/profano e mídia/religião. Podemos dizer que o conceito de Eliade, separa a modalidade de vida do homem sacralizado e do homem dessacralizado.

Há uma diferença entre o sacro e o profano. O paradoxo é observado porque há uma correlação entre o sagrado/profano e mídia/religião. Em outras palavras, durante algum tempo o conceito evangélico era de que o sagrado estava para a religião assim como o profano estava para a mídia.

O desafio das igrejas não é responder o por que a mídia está sendo sacralizada, mas o porque a religião está sendo midiaticizada? Como Miklos (2010) ressalta, percebe-se uma hibridização no cenário e uma contaminação mútua.

Esses dois mundos se encontram, se enamoram e se amalgamam numa aliança sagrada e profana. Resta saber quem está cometendo o maior pecado - a mídia ou a religião.

Na busca por um espaço sagrado, a religião se entrelaça à mídia televisiva unindo-se quase que perfeitamente a ponto de confundirem-se uma e outra, a ponto de se contaminarem.

Algo importante e prazeroso observado nesta pesquisa foi a relação encontrada entre a Jornada do Herói e a conversão cristã.

Durante minhas leituras para esta dissertação, encontrei um pensamento de Lisbeth Kanyat: “Narrar, seja por meio da oralidade, da escrita, das artes visuais ou das artes auditivas, serve para comunicar para uns o mundo imaginado por outros – suas descobertas, lições, princípios e invenções (KANYAT, 2017, p. 117).

Esse tipo de pérola é o que encontramos nas reflexões de pesquisadores do campo das religiões comparadas, cinema e comunicação (CAMPBELL, 1949; VOGLER, 2015; MARTINEZ, 2008).

A relação da Jornada do Herói e a conversão cristã é percebida nas narrativas do programa. Ao analisar as fases da caverna profunda e provação suprema do *monomito campbelliano*, entende-se que a estrutura narrativa mítica se enquadra perfeitamente na história da jornada cristã e onde a provação suprema é a “provação central” (VOGLER, p. 47) e o “momento crucial” (p. 54) da Jornada do Herói.

O herói morre e renasce podendo ser uma “jornada interior, que acontece na mente, no coração, no espírito” (p. 45).

Como qualquer boa história, “o herói cresce e se transforma, empreendendo uma jornada de um modo de ser para outro” (p. 45).

Isso encaixa perfeitamente nas histórias relatadas no programa *180 Graus O Ponto da Virada*, porque a conversão fala de mudança de vida, transformação. A conversão nada mais é do que um novo nascimento, isto é, nascer do alto, nascer do Espírito.

Há na conversão cristã a experiência da morte para o pecado e ressurreição para uma nova vida em Cristo. Na jornada cristã, o herói tem, no momento da sua conversão a provação suprema, é o momento crucial de sua experiência religiosa. É, de fato, o ponto central na vida e jornada de um cristão.

Há aqui uma relação perfeita. A nossa jornada passa por ciclos que identificamos na história de todos os seres humanos. Todos nós nascemos, crescemos, vivemos e morremos. Há um padrão nas histórias de vida. Como diz Vogler (2015), há uma variedade infinita de histórias, mas um herói sempre tem uma jornada, seja ele quem for.

Cada um de nós deve procurar ser um herói, porque de um jeito ou de outro, seremos sempre, os protagonistas de nossas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **O que é religião**. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1984.
- ASSMANN, H. **A igreja eletrônica e seu impacto na américa latina**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BACZKO, B. "Imaginação social". In: Enciclopédia Einadudi, s. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985.
- BAITELLO JUNIOR, N. **A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- _____. Apresentação. In: CONTRERA, M.S. **O mito na mídia**. São Paulo, Annablume, 1996, 17-20.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BELTING, H.; KAMPER, D. **Der Zweite Blick. Bildeggeschichte und Bildreflexion, München**: W. Fink. 2000.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 1992.
- CONCEIÇÃO, J. de O. **Fé, coragem e vidas transformadas**. Nova Friburgo: SD, 2014
- COESÃO. In: Conceito .de [verbete] (online), 2014. Disponível em: <<https://conceito.de/coesao>> Acesso em 02 de nov. 2017.
- CONTRERA, M. S. **O mito na mídia: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação**. São Paulo: Annablume, 1996.
- CUNHA, M. do N. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. In: BELLOTTI, K. K.; CUNHA, M. do N. (Orgs.). **Mídia, religião e cultura: percepções e tendências em perspectiva global**. Curitiba: Prismas, 2016.
- CUNHA, M. do N. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Myterium, 2007.
- DAMASIO, A. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DORNELES, R. **Design na TV: Pensando vinheta**. São Paulo: Schoba, 2011.
- DORNELES, V. *et al.* **Nisto cremos**. 2017.
- ELIADE. M. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- _____. **O Sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOLLIS, R.; DIAS, M. Modernidade, mídia e missão: como ser adventista em um mundo dominado pela comunicação. **O adventista e a cultura pop**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2017, p. 81-101.

GOMES, E. da S. Entre narrativas: literatura, televisão e memória. **Anais**. Simpósio Nacional de História. 26. ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1294866407_ARQUIVO_s_imposioANPUH.pdf>. Acesso em 12 out. 2017.

GOMES, P. G. **Da igreja eletrônica à sociedade em midiatização**. São Paulo: Paulinas, 2010.

HJARVARD, S. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, n. 2, p. 53-91, jan. / jun. 2012.

_____. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2014.

IBGE. **Censo do IBGE 2010 sobre religiões**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticiascenso?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>>. Acesso em: 20 set. 2017.

KANYAT, L. O adventista e a ficção televisiva: redescobrimo a arte de contar histórias. **O adventista e a cultura pop**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2017, p. 105-126.

KELLNER, D. **A cultura da mídia. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: Edusc, 2001.

KLEIN, A. **Imagens de culto e imagens da mídia: interferências midiáticas no cenário religioso**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

LIMA, C. Entrevista concedida a Helbert Roger Almeida, Hortolândia, 18 de mar. 2018.

LIMA, R. O público na TV - PGM 89: Linguagem e produção de sentidos (vídeo). Ouvidoria EBC. Publicado online no canal do Youtube, em 24 jul. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=alJ_-WYvK1U>. Acesso em: 20 set. 2017.

LLOSA, M. V. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MARTINEZ, M. A história de vida como instância metódico-técnica no campo da Comunicação. **Comunicação & Inovação**, v. 16, 2015. p. 75-90. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/viewFile/2622/1669>. Acesso em: 12 de nov. 2017.

_____. **Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2008.

MARTINO, L. M. S. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MEIHY, J. C. S. B. História oral. (Em entrevista feita por Domingos Giroletti). Canal Interconexão Brasil (online). 26 jun. 2015b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5EIX64n6Lvl>> Acesso em: 12 set. 2017

MELO, J. M. de. **Para uma crítica da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1985.

MIKLOS, J. **A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião**. 2010. 145f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, São Paulo 2103. Disponível em: <<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/4251/1/Jorge%20Miklos.pdf>> Acesso em 18 de abr. 2017.

_____. **Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura**. Aparecida: Ideias e Letras, 2013.

MORAIS, D. **Imaginário social e hegemonia cultural**, 2002. Disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>> Acesso em: 02 de nov. 2017.

NT JORNALISMO. Creriane Lima conta seu ponto da virada: Identidade Geral: Jacareí, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4t7ON_hIDvs> Acesso em: 02 abr. 2018.

PUNTEL, J.T. **Cultura midiática e igreja: uma nova ambiência**. São Paulo: Paulinas, 2008.

REDE NOVO TEMPO. Rede Novo Tempo de Comunicação. **Onde Assistir**. Av. Gen. Euryale de Jesus Zerbine, 5876 – Jardim São Gabriel – Jacareí - SP, 1997-2013. Disponível em: <<http://novotempo.com/tv/onde-assistir/>>. Acesso em: 10 de Jan. 2018.

SENA, E. Televisão: uma construção significativa da realidade. **Líbero**, São Paulo, v.16, n.32, p. 132-142, julho/dezembro, 2013.

SOUZA, J.C. A. de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

VOGLER, C. **A jornada do escritor: estruturas míticas para contadores de histórias e roteiristas**. Rio de Janeiro: Ampersand, 1997.

_____. **A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores**. São Paulo: Aleph, 2015.

WUNENBURGER, J. J. As telas do sagrado ou o imaginário religioso da televisão. **Intexto**, Porto Alegre, n.40, set./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline/>> Acesso em: 07 maio 2018.

180 PONTO DA VIRADA, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/NT180graus>> Acesso em: 06 de Mar. 2018.

APÊNDICES

**APÊNDICE A - ENTREVISTA 1 – PROGRAMA 2, ANO 1 - RENATO
GROGER**

Publicada em 17 de setembro de 2012

Sinopse da entrevista:

Ele foi educado, polido e moldado pra ser um perfeito ateu. E foi isso o que aconteceu. Mas um dia desenhando cavalos na porta de um circo, Renato Groger, teve um encontro inusitado e Deus usou esse momento para transformar completamente sua vida. Que caminhos transformaria esse ateu culto em um crente da mais nobre categoria? Conheça agora a virada de 180º na vida de Renato Groger.

Creriane Lima: Onde você nasceu Renato?

Renato Groger: Nasci em São Paulo.

Creriane Lima: E cresceu?

Renato Groger: Cresci em Caraguatatuba. Com 4 anos de idade mais ou menos por aí, meus pais se mudaram para Caraguatatuba, entre 4 e 5 anos.

Creriane Lima: Que base religiosa você teve?

Renato Groger: Católica. Minha família é de ascendência católica.

Creriane Lima: Sei. E por que que em determinado momento você se afastou da igreja Católica?

Renato Groger: Olha, é ... eu tenho recordações muito boas da época que nós íamos à igreja. É ... se eu tenho princípios morais, os quais eu sempre segui, né, mesmo na fase que eu me tornei ateu, né, isso eu devo em grande parte a minha formação religiosa católica. Mas lá pelos meus 15 anos de idade eu comecei a sentir uma falta de razão lógica para certos cerimoniais da igreja, certas crenças, é ... e gradualmente eu fui me afastando. Meus pais nunca me coagiram a ir à igreja, não é, então essa saída foi até natural em casa, ninguém me forçou, ninguém me recriminou por causa disso.

Creriane Lima: E quando foi que você se assumiu mesmo como um ateu?

Renato Groger: Foi quando eu fiz Jornalismo. Em 93 eu comecei o curso de Jornalismo na UNESP ... uma instituição pública, não é, universitária. E ali no contato com os professores e com os colegas, majoritariamente as pessoas acabam abraçando o ateísmo mesmo, né, no meio culto, acadêmico, né. Meus professores todos ateus. Não me recordo de nenhum religioso da época.

Creriane Lima: É mesmo?

Renato Groger: Sim. E gradualmente aconteceu, né. Me tornei ateu e me convenci de que não existem coisas sobrenaturais, de que Deus é uma construção simbólica do ser humano, um fruto do imaginário humano, né ... mas assim ... gosto de brincar às vezes, é ... eu fui o bom ateu. Aquele que não recrimina, nem critica a religião. Eu via a religião como uma coisa importante pra sociedade, no sentido de ser uma incentivadora de aspectos morais da sociedade, de beneficência social e de coisas positivas pra vida em sociedade.

Creriane Lima: Lógico que você entrava em contato com pessoas de diferentes costumes, e como o ateísmo veio gradativamente e naturalmente, e com relação aos vícios?

Renato Groger: Nunca tive vontade de usar drogas, se bem que tive muitas oportunidades porque ... era assim na época e com certeza é assim hoje também, é amplamente utilizado isso aí, vários tipos de drogas.

Creriane Lima: O ateísmo veio naturalmente e os vícios não vieram naturalmente?

Renato Groger: Ta aí a base religiosa, né, que eu tive, isso me acompanhou e tem me acompanhado a vida inteira, né, princípios morais assim muito pontuais na minha vida. Eu devo aos meus pais e à criação. Nunca tive vontade de usar um piercing, de fazer uma tatuagem. É ... a coisa mais transgressora que eu lembro dessa época aí foi ter deixado o cabelo crescer porque eu ouvia música *Heavy Metal* nesta época. Foi a única coisa. Mas depois terminei o curso e cortei o cabelo...

Creriane Lima: Renato, você terminou o curso. Foi trabalhar em São José do Rio Preto?

Renato Groger: Fui trabalhar primeiro em Ilha Bela, e fundei um jornal ali. Existe até hoje.

Creriane Lima: Depois você foi para o interior?

Renato Groger: Fiquei no ano de 98, no ano das eleições presidenciais ali na cidade de São José do Rio Preto, trabalhando num grande jornal, depois voltei no ano seguinte para Caraguatatuba para trabalhar com comunicação visual e freelance em jornalismo.

Creriane Lima: E já formado, já adulto alguns pensamentos começaram a tomar conta, né?

Renato Gorger: Exatamente, a crise existencial se instalou na minha vida ali. Eu comecei a pensar o seguinte, é ... se não existe nada após a morte, nenhuma sobrevivência ou algo do gênero... eu era ateu e acreditava nisso. Eu comecei a sentir falta ... é ... eu comecei a não ver sentido pra existência humana, pra vida, pra os relacionamentos significativos que nós fazemos, pro amor que a gente sente um pelo outro... não é?... as coisas positivas que construímos durante a nossa vida, eu falei, então, não tem sentido.

Creriane Lima: E como você explicava essas coisas?

Renato Groger: "Não explicava, e eu comecei a me sentir muito mal por causa disso".

Creriane Lima: Justamente por não conseguir as explicações?

Renato Groger: Exatamente. Eu olho para esta época à luz daquilo que Paulo fala em Coríntios, né. Se não existe ressurreição o ser humano é o mais miserável dos seres humanos, parafraseando o que ele falou até.

Creriane Lima: Mas hoje você tem essa visão né?

Renato Groger: Hoje eu tenho.

Creriane Lima: Quando você olha pra aquele Renato lá, tinha quantos anos talvez? 20, 22, 23.

Renato Groger: 20... é ... 22 para 23 anos.

Creriane Lima: Quando você olha pra aquele Renato, por que que você acha que era difícil pra aquele Renato se convencer das coisas espirituais, entregar o coração para Deus...

Renato Groger: Eu não tinha evidências, eu precisava de evidências, né, de que as coisas sobrenaturais existem, de que Deus em última instância é uma realidade e não uma fantasia humana. Eu não tinha evidência nenhuma disso. Eu achava que tudo era campo da fé humana.

Creriane Lima: E isso você não estava disposto a exercitar?

Renato Groger: Exatamente. Não.

Creriane Lima: Renato, um dia chegou um circo lá na cidade... O que você foi fazer, você foi assistir alguma sessão lá?

Renato Groger: Eu gosto de desenhar. Eu tenho prazer. Assim como eu gosto de escrever eu gosto de desenhar também. Hoje em dia eu tenho desenhado muito pouco por causa dos afazeres ligado à escrita, né? ... e ao ensino. Mas eu gostava muito de desenhar e eu fui ... fiquei sabendo que haveria um circo, isso foi em fevereiro de 1999, lá em Caraguatatuba. Um circo chegaria, um circo grande, e eu fui dar uma olhada nos animais ali. E eu vi que tinha cavalos maravilhosos ali. Eram cavalos árabes. E eu fui desenhar os cavalos. Numa manhã ali. Eu não sei se era dia de semana, não me recordo o dia exato. Mas enfim, eu estava desenhando ali os cavalos e se aproximou um senhor de uma certa idade ali de mim, e este senhor olhou...

Creiane Lima: Ele tinha que idade mais ou menos?

Renato Groger: Eu acho que ele tinha uns setenta e cinco ... não. É... Setenta anos, por aí. Estava na casa dos setenta anos. E ele olhou que eu estava desenhando ali e falou o seguinte: Se você fizer assim e assim, me mostrou o esboço do desenho, como que fazia. Se você fizer um esboço dessa forma ali, depois ir detalhando, você vai ver que ele não vai ficar desproporcional. Porque tava desproporcional. A perna tava desproporcional com relação ao corpo. Aquela coisa toda de desenho, né? ... E ele começou a me ensinar e eu fiquei surpreso com aquilo. Era uma pessoa muito ... é ... afável ... cordial ... eu gostei dele ali. Então, nós nos apresentamos, conversamos um pouco.

Creiane Lima: Como era o nome dele?

Renato Groger: Antônio Rios. Faleceu a um ano e meio agora. Ele foi muitos anos ilustrador da Casa Publicadora Brasileira. Morava lá, nesta cidade Caraguatatuba.

Creiane Lima: E a despeito de ele ter tanta idade e você ser tão novinho vocês se identificaram?

Renato Groger: Imediatamente. E ele me convidou para ir à sua casa. Um dia que nós marcamos, e eu fui.

Creiane Lima: Pra que?

Renato Groger: Para ver as obras dele. Ele queria me mostrar o que ele produzia. E eu tava muito interessado em saber como era a arte dele. E no dia em que nós marcamos eu fui e ele me recebeu na sua sala. E eu entrei pela porta e já dei de cara com uma pintura de Jesus orando no Getsemani, numa posição olhando para o alto assim e aquela luz em meio a escuridão incidindo sobre ele.

Creiane Lima: E quando você viu aquilo lá te deu uma certa decepção?

Renato Groger: De jeito nenhum. Eu... na hora que eu vi aquela pintura, eu falei: Eu estou diante de um dos maiores artistas que eu conheço.

Creriane Lima: Maravilhoso. Você vê que a arte dele sobressaiu o tema.

Creriane Lima: Mas você percebeu que era um tema religioso.

Renato Groger: Sim.

Creriane Lima: Qual foi sua reação?

Renato Groger: De cara eu já percebi que havia alguma coisa de natureza religiosa na casa porque havia muitas referências ligadas a pinturas religiosas.

Creriane Lima: O que mais você viu neste dia?

Renato Groger: Eu conheci a família dele. Conheci ... é ... a casa, as pessoas que ali moravam.

Creriane Lima: Eu digo, das obras, todas com temas religiosos?

Renato Groger: Havia alguns retratos também. Tinha um retrato na cozinha dele. Ainda tem. Da filha, de um dos filhos dele, de uma filha dele ali. Maravilhoso também. Lindíssimo. Ele, sem dúvida, assim, eu tenho um carinho muito grande, eu gosto de lembrar com muito respeito também. Porque ele era um artista fantástico. Fora de série. Pintura figurativa, assim, incrível.

Creriane Lima: Foi um privilégio muito grande o seu. Poder ver essas obras assim.

Renato Groger: Foi. Sem dúvida.

Creriane Lima: O que mais ele apresentou das obras dele para você naquele dia?

Renato Groger: Eu vi os originais das Belas histórias da bíblia. Algumas pinturas, né, que ele fez. Eu não sei se são todos originais, talvez estejam com a Casa Publicadora aquilo que entrou, mas muitas das pinturas que ele produzia na época ele me mostrou também.

Creriane Lima: Que privilégio! Você nem sabia o tamanho... eu imagino.... Eu gostaria de ver isso.

Renato Groger: Eu fiquei olhando aquelas maravilhas que ele produzia. Fantástico!

Creriane Lima: E aí? Depois desse encontro?

Renato Groger: Aí eu comecei a estudar desenho com ele. Ele não me cobrava nada pelas aulas, né, então eu ia em alguns dias na semana. E ele me ensinava, me dava uns toques. Me ensinou a começar a pintar pelo menos, não é, e paralelamente a isso, foi passando o tempo e ele começou a me fazer convites para estudar a bíblia na casa dele.

Creriane Lima: Lógico, você viu que o tema dele era um tema religioso? Você já percebeu que ele era uma pessoa religiosa?

Renato Groger: Sim, de cara eu percebi. Mas isso foi ficando cada vez mais claro com o tempo.

Creriane: E aquela sua resistência? O fato de você não acreditar nestas coisas da fé e tal ... como que você lidou com essas duas coisas?

Renato: Veja bem. Eu fui arrumando desculpas para não ir a essa reunião de estudos da bíblia durante vários meses. Mas chegou um momento ali que até por uma questão ali, de educação, de reconhecimento, não é? ... Ele era tão gentil comigo e não cobrava as aulas e a amizade era tão gostosa, tão bonita, né?... Ele era uma pessoa fantástica. A religião... ela transforma. Torna a pessoa mais bonita, mais calorosa e o relacionamento ... é ... flui naturalmente, né?

Creriane Lima: Chegou uma hora que você não pode mais negar?

Renato Groger: Não. Aí, eu falei: Pelo menos um dia eu vou pra dizer que fui.

Creriane Lima: Enquanto isso, quanto tempo será que durou essa amizade até você ir pela primeira vez neste grupo de estudos?

Renato Groger: Tá. Foi assim. Em fevereiro nós nos conhecemos. Comecei a frequentar a casa dele em agosto. Foi uma terça feira à noite. Foi este dia que eu fui. Talvez tenha sido mais para o final de agosto.

Creriane Lima: Durante este momento, aqueles sentimentos de crise... aquilo continuava?

Renato Groger: Continuava, Continuava. Mas a amizade dele me fazia muito bem.

Creriane Lima: Renato, você sabia que implicações teria se você aceitasse ir nesse grupo de estudos da bíblia?

Renato Groger: Não. Eu imaginava ir nesse primeiro encontro por uma questão de cordialidade, de educação e depois eu arrumaria mais desculpas para não ir mais.

Creriane Lima: Renato, foi uma noite isso?

Renato Groger: Foi. Terça-feira. Não me lembro que semana que foi, mas provavelmente foi mais para o final do mês de agosto de 1999.

Creriane Lima: Naquela noite Renato, você entrou na casa do Antônio Rios como um ateu.

Renato Groger: Exatamente.

Creriane Lima: O que que você viu quando chegou lá?

Renato Groger: Bom, eu vi um conjunto de jovens ali ... é ... todos muito cordiais e hospitaleiros também, né, sorridentes, me cumprimentaram e já começaram a fazer amizade... é ... perguntas...

Creriane Lima: Então você não se sentiu mal?

Renato Groger: Não, de maneira nenhuma... né... é ... foi bem gostoso esse encontro com eles ali. E eles estudavam a bíblia com o seu Antônio Rios, aquele senhor de setenta anos. E ele muito ... ele tinha uma desenvoltura muito boa com os jovens.

Creriane Lima: E o que vocês estudaram naquela noite?

Renato Groger: Então... é... ele deixou claro ali pro pessoal que em função da minha presença, que era a primeira vez que eu estava indo ali, ele mudaria o roteiro que estava tendo ali com o pessoal. Eles concordaram, não teve problema nenhum e nós estudamos o capítulo 2 do livro de Daniel... o sonho da estátua de Nabucodonosor... aquela coisa maravilhosa ali.

Creriane Lima: O que você foi sentindo à medida que ele ia descrevendo as etapas, aquela estátua?

Renato Groger: O desenvolvimento dos impérios mundiais, a começar com a cabeça que seria Babilônia. O próprio texto interpretando a si mesmo ali. É... Roma, né, posteriormente ali... depois de Roma os impérios da Roma dividida, né... 1.500 anos de história ali em que esses reinos não se unem como está escrito ali no texto. O ferro não se mistura com o barro, não se uniriam e você vê a coisa se cumprindo longo da história... é ... a minha vida mudou naquela noite.

Creriane Lima: Mas como pode Renato?

Renato Groger: Eu amo história, eu sou apaixonado. Eu conhecia a história. Eu não imaginava que pudesse haver alguma coisa assim escrita na bíblia. Porque é fácil você dizer assim: Foi escrito depois que tudo aconteceu, mas depois quando? Se detalha um período tão vasto assim até os nossos dias. Acabou comigo aquilo. Sabe? Eu me desmontei aquela noite.

Creriane Lima: Acabou comigo? Essa frase eu gostei!

Renato Groger: Quer dizer, eu tive que começar de novo.

Creriane Lima: Você ficou desorientado naquela noite?

Renato Groger: Completamente. É... eu saí de lá da casa do Antônio Rios naquela noite acreditando que Deus existe, acreditando que a bíblia é a Palavra de Deus, eu acreditava nessas coisas quando eu saí dali. Né? E que Jesus Cristo é uma

pessoa real. Porque terminou o sonho da estátua com a pedra batendo nos pés da estátua, não é?... E ele emendou isso com a volta de Jesus já. E ele já pincelou isso com a volta de Jesus. Eu não tinha palavras, estava extasiado. Eu não tinha ação. Eu saí como quem está sonhando da casa dele naquela noite.

Creriane Lima: Você foi pra casa naquela noite pensando o que sobre você mesmo? Sobre sua situação na vida... você já começou a acreditar em Deus naquele momento?

Renato Groger: Era um misto de sentimentos, assim, muito contraditórios sabe... porque eu acreditava em Deus. E eu ficava pensando: Deus está me vendo agora. Deus existe. É uma realidade. Não é? Não é uma invenção humana. É... tá provado. Eu vi ali. A evidência é demais aquilo. E ao mesmo tempo eu ficava pensando: Tem coisas erradas na minha vida. E agora? Vai ter que mudar. Tem coisas que não vai poder ser a mesma coisa. Eu fiquei pensando essas coisas já.

Creriane Lima: Um turbilhão de pensamentos. O que você fez na manhã do dia seguinte?

Renato Groger: Eu tava lá de manha na casa dele para pedir para ele continuar.

Creriane Lima: O que você foi fazer lá na manhã seguinte?

Renato Groger: Estudar a bíblia.

Creriane Lima: E as aulas de arte?

Renato Groger: Então, eventualmente nós tratávamos disso assim, mas não era o foco mais. Eu comecei a estudar a bíblia... é ... ele me passou um livro Terceiro Milênio, né, do Alejandro Bullon. Foi o primeiro livro que eu li, né, da igreja assim, foi esse livro.

Ceriane Lima: E tudo fazia sentido para você?

Renato Groger: Tudo. Eu li este livro e na sequência eu li o Grande Conflito, o original mesmo com o texto integral.

Creriane Lima: Como você disse que gosta de história, você ia lendo. O Grande Conflito é um livro que tem história, baseado na história né, e você acreditava em tudo aquilo?

Renato Groger: Sim. Eu fazia marcações no livro. Eu ia à biblioteca da cidade e fazia pesquisa. Os nomes que iam aparecendo, eu ia marcando do lado ou colocando ali, preenchendo os verbetes todos ali. Quer dizer... o meu livro Grande Conflito, ele é todo marcado ali. E eu decidi que eu tinha que me batizar depois daquilo. Eu tinha que tomar uma decisão.

Creriane Lima: Você sentiu isso?

Renato Groger: É. Ele nunca me convidou, nunca fez apelo para o batismo, sabe? - O Antônio Rios. Nunca tratou do tema de dízimos e ofertas em nenhum estudo, né? Eu comecei a devolver automaticamente quando eu comecei a frequentar a igreja. Porque eu via as pessoas dizimando.

Creriane Lima: Você sentiu necessidade. Agora preciso pertencer a uma religião, uma igreja. Eu preciso me batizar.

Renato Groger: Exatamente. Agora dessa decisão até o batismo levou um tempo.

Creriane Lima: Claro, Claro. Renato, você consegue se lembrar assim de alguma coisa de imediato que mudou dentro de você. O que mudou a partir dali? Essa foi uma mudança de 180 graus em sua vida?

Renato Groger: Sim. É mudou. Começou pelo palavreado. É... eu nunca falei muito palavrão, mas eu tinha umas coisas que eu falava na época assim e isso teve que parar imediatamente. Eu me policiava. Eu não falei nenhum palavrão depois daquilo.

Creriane Lima: Você se sentia incomodado com aquilo?

Renato Groger: Sim. Eu sabia que era errado. Na verdade, a gente sabe que é errado. Mas agora eu tinha um motivo pra mudar.

Creriane Lima: E aqueles sentimentos ruins. Aquelas crises? Como você lidou com aquilo, assim da noite pro dia?

Renato Groger: Olha, a partir daquela noite, acabou o problema, a crise, acabou as dúvidas, você entendeu? Uma paz invadiu meu coração de uma maneira que só Deus pode explicar.

Creriane Lima: Renato, desculpa se to parecendo meio incrédula. Não quero transparecer assim, mas você estava numa crise, questionando tudo da vida, questionando os relacionamentos... e acabou tudo?

Renato Groger: Então, tem coisas que são inexplicáveis, sabe Creriane. Eu já dei muito estudo bíblico. Eu estudei o capítulo de Daniel com muitas pessoas, inclusive com pessoas, assim, incrédulas. É... com algumas pessoas é muito mais difícil aceitar, outras pessoas aceitam com alegria, imediatamente assim.

Creirane Lima: Foi o seu caso?

Renato groger: Eu não saberia explicar, mas Deus invadiu meu coração naquela noite. É uma coisa inexplicável mesmo. É de Deus. É do Espírito Santo. Minha vida mudou.

Creiriane Lima: A gente tem que respirar fundo Renato. Porque é impressionante! É demais! Algum tempo já se passou de lá pra cá, Renato. Eu não quero... assim...

ficar insistindo nesta tecla, porque a gente sabe que a vida apresenta problemas, a vida apresenta dificuldades, talvez, não sei. Suponho que depois disso você não tenha tido uma experiência tão forte assim, tão marcante assim, não sei, mas o fato é que a gente passa por problemas e decepções. E agora? Depois dessa transformação na sua vida, como você vê essas dificuldades?

Renato Groger: Eu vejo com muita naturalidade. Eu acho que isso faz parte da vida, né, humana. E essas dificuldades a própria bíblia menciona coisas nesse sentido, né, as próprias dificuldades e problemas que vem devem ser encaradas de maneira positiva pelo cristão. Faz parte do crescimento dele. As vezes nos leva a depender mais de Deus. Não foi o mar de rosas. Eu enfrentei crises depois disso, mas agora eu tenho em quem me apegar quando chegam esses momentos de crise. E a gente passa com tranquilidade, com paz por tudo isso.

Creirane Lima: e aquela noção? Você já tinha uma base religiosa, tinha tido um contato com Deus antes. E a noção que você tinha de Deus antes e esse Deus que você conhece hoje? Qual a diferença?

Renato Groger: É ... esse Deus que eu conheço hoje é um Deus mais próximo ... é ... É um Jesus Cristo, depois de ter lido O Desejado de Todas as Nações, ficou mais claro. É muito próximo, é muito chegado, muito amor, essa questão do amor de Deus mesmo assim, não era muito claro para mim. Foi só depois que eu estudei a graça de Deus, o tema da graça, o tema da justificação pela fé, é que isso aí ficou claro para mim, o quanto Deus nos ama.

Creirane Lima: Esse também foi um tema que te abalou? Isso também foi uma novidade para você?

Renato Groger: Sim.

Creirane Lima: Renato, e com relação ao que você disse, de um Deus mais próximo. Mas como que você sente esse Deus mais próximo? Que situação... Existe algum contexto, algum lugar, alguma coisa que você faz que te faz sentir Deus mais perto de você?

Renato Groger: Eu sinto Deus no próprio andamento da vida da gente. Né? Antigamente eu diria o seguinte: Não, as coisas que acontecem na sua vida é fruto do que você faz, é fruto do contexto, né, no social que você vive, no desenvolvimento da sua vida. São coisas naturais que vão acontecendo, são coincidências, eventuais que acontecem na sua vida. Tudo isso. Hoje em dia eu vejo que Deus... não é? ... opera maravilhosamente na condução dessas coisas.

Creirane Lima: Você tinha dito que era difícil para aquele Renato se converter porque ele precisava de evidências. Que evidências você teve depois?

Renato Groger: É ... a primeira evidência foi o cumprimento profético. Isso foi o que me vinculou a Deus. Que me demonstrou que Deus existe. Depois disso, realmente

foi vendo a ação de Deus nos eventos da minha vida mesmo. Fiz teologia depois. Fui colportar. Coisa que eu nunca tinha feito? Eu jamais colportaria.

Creriane Lima: O que é colportar?

Renato Groger: É ... seria... para se manter na instituição, no caso a faculdade estudando, é uma maneira que a própria organização Adventista ali... é ... arranhou para os alunos, né, através de venda de livros de cunho espiritual ou de livros na área da saúde, bem-estar, né, através da venda desses livros, você tem como manter os estudos, exatamente.

APÊNDICE B - ENTREVISTA 2 – PROGRAMA 17, ANO 2 - ZEZINHO DJÚ

Publicada em 09 de janeiro de 2013

Sinopse da entrevista:

Zezinho Djú, africano nascido em Bolama, Guiné Bissau numa família com mais sete irmãos, teve uma infância difícil porque perdeu o pai aos quatro anos de idade; na adolescência começou a banalizar a vida e tudo ao seu redor. Mas uma conversão de 180 graus em sua vida está relacionada a um problema de saúde que ele teve, e a consequência é que Zezinho se entregou completamente à Deus. O Espírito Santo foi atrás dele e ele teve o privilégio de descobrir os mistérios de uma vida em Cristo. O que aconteceu? Que milagres Deus operou em sua vida? Assista e descubra!

Creriane Lima: Zezinho, muito obrigado porque você está aqui com a gente. É um prazer ter um estrangeiro no nosso programa... fala um pouquinho pra gente, Zezinho, sobre o contexto político lá do seu país da Guiné Bissau quando você nasceu, na sua infância.

Zezinho Djú: Geralmente Guiné Bissau é um país muito pequeno, eu nasci e ouvi muitas histórias sobre a luta da libertação nacional, então, o contexto político do nosso país é meio conturbado como todo mundo sabe e viram na TV, porque outra hora tem presidente outra hora muda, outra tem governo outra cai. Então, a situação é conturbada, mas isso não mexe com o emocional do povo, porque o povo já tá acostumado a isso tornou-se um hábito na vida na vida da população, mas politicamente não está nada tranquilo, mas vamos levando na graça de Deus.

Creriane Lima: Interessante, o povo forte, né?

Zezinho Djú: Pois é.

Creriane Lima: Então, Zezinho, fala pra gente da sua infância. Sua infância foi marcada pelo que?

Zezinho Djú: Oh... eu nasci, praticamente não conheci meu pai, porque ele era um homem de viagem, viajava sempre para Europa e África. Então aos 4 anos, ele faleceu e eu fui vivendo com minha mãe um pouco. Ele teve um segundo casamento e eu fiquei com minha avó e minha irmã. Então passei boa parte da minha vida com minha irmã. Então, minha infância foi criança normal. Podemos dizer criança de rua, que não é né? Porque só vivia com os amigos, colegas aí, então, minha infância, para mim não considero difícil, foi tranquilo porque toda criança gosta de brincar um pouco. Gosta de fazer o que ele pensa, o que ele acha. Então, são coisas que eu fazia sempre.

Creriane Lima: Agora, você disse que seu pai viajava sempre para a Europa, pela África... O que ele fazia?

Zezinho Djú: Ah, ele normalmente ele era político, tava na linha do partido que ocupava o poder, então como ele era o homem de confiança do presidente, então, ele fazia essas viagens tranquilamente.

Creriane Lima: E a profissão de sua mãe?

Zezinho Djú: A minha mãe não tem profissão. Ela é doméstica, usamos assim, ela não estudou, então...

Creriane Lima: E você teve mais quantos irmãos?

Zezinho Djú: Sete.

Ceiriane Lima: Sete irmãos... Mas pelo que entendi, você não viveu com estes sete né?

Zezinho Djú: Não. Eu vivi só praticamente com três.

Creriane Lima: Três?

Zezinho Djú: Porque somos do mesmo pai. Somos três do mesmo pai e as outras não.

Creriane Lima: Certo. Agora Zezinho, quais foram as influências religiosas que você recebeu na sua infância?

Zezinho Djú: Geralmente lá no nosso país quando alguém nasce, já nasce católico. E isso é bem fundado na nossa teoria e na nossa mente. Mas eu nunca participei assim tanto da igreja. Porque na verdade, eu não era da igreja. Essas coisas da igreja para mim não funcionavam. Mesmo criança, eu não tomava tempo para isso. Eu preferia jogar bola, fazer outra coisa, mas geralmente nascemos e dizemos que nós somos cristãos católicos. E aí nascíamos católicos.

Creriane Lima: E a sua mãe? Frequentava a igreja?

Zezinho Djú: Não. Ela não frequentava. Mas ela dizia sempre que é católica, foi batizada quando criança, mas eu não via ela frequentando a igreja.

Creriane Lima: Você morou um tempo com sua avó, né, como você disse... sua avó é a mesma coisa.... Se dizia.... Então quer dizer que na sua casa, por exemplo, você não lia a bíblia, não orava?

Zezinho Djú: Praticamente nunca.

Creriane Loima: Mas você tinha a presença da bíblia na sua casa?

Zezinho Djú: Não.

Creriane Lima: Quer dizer... cresceu numa casa sem uma bíblia?

Zezinho Djú: Lógico...

Creriane Lima: Como que esse rapaz, como que esse garoto foi entrar em contato com a bíblia?

Zezinho Djú: Bom, nos anos 90, chegou um dos nossos pastores que foi fazer teologia em Camarões. Ele chegou lá, então, ele plantou a igreja na cidade onde eu

nasci que se chama Bolama. Começou a convidar as crianças para ir à igreja, contar história e o ano seguinte ele voltou para concluir seus estudos, foi um outro que formou em Togo... então, o método que ele usou, a esposa dele, é que todo sábado convidava as crianças para irem lá. Então...

Creriane Lima: Era um pastor da igreja Adventista?

Zezinho Djú: Era um pastor Adventista de lá, sim. Então nos convidava sempre, então... o método para nos prender a todo sábado, venham aqui, vai ter leite. Toda criança gosta de leite, uma coisa para comer, então, íamos lá atrás de leite, né, então essa é uma filosofia que usaram. E depois daquele tempo ele achou: É oportuno criarmos um coral dessas crianças para começar a cantar e aí criou-se um coral, começou a nos prender, começamos a gostar, a ir toda hora cantar, então...

Creriane Lima: Você tinha quantos anos Zezinho?

Zezinho Djú: Eu praticamente tinha nome anos... nove anos.

Creriane Lima: Por quanto tempo que você ficou envolvido ali com o coral, com o ir à igreja...?

Zezinho Djú: Praticamente três anos. Três anos.

Creriane Lima: Agora, o que que você particularmente achava? Porque você ia lá, cantava hinos, ouvia das histórias da bíblia, aquilo te envolvia de alguma forma ou você só tava ali...

Zezinho Djú: Não... é... na verdade eu fazia aquilo porque os amigos iam, e então, como todos meus amigos tava lá, eu não podia ser o único que ficava em casa. Então, eu ia ouvir a história que era interessante, interessante foi sempre. Mas nunca, assim, ficou preso em minha mente, porque para mim aquilo não fazia sentido.

Creriane Lima: Olha... E neste período você recebeu uma série de estudos da bíblia?

Zezinho Djú: É... aos dez anos o pastor começou a dar estudo bíblico, falou-nos que no ano seguinte vai ter batismo de juvenil e tudo; então, interesse em todo mundo, batizar; vamos saber o que que é batizar. Então tomamos estudo bíblico, cantando no coral, apresentando ali, então foi assim basicamente.

Creriane Lima: Mas então, quer dizer que você foi com a galera, foi com os amigos... os amigos estão indo para igreja então eu também vou. Os meus amigos estão estudando a bíblia eu também estudo. Aqui, agora meus amigos vão se batizar e aí você foi e se batizou também? Risos.

Zezinho Djú: Também... sim.

Creriane Lima: Zezinho, pelo que estou entendendo, esse batismo não foi um marco da conversão na sua vida? Né?

Zezinho Djú: Pois é, porque eu me batizei como falei porque todo mundo tava se batizando e fizeram um Campori, assim, nacional, todo o país estava lá, todo mundo queria batizar na presença de todo mundo, ele ia batizar os membros da igreja.

Então, aquilo não mexeu comigo praticamente, porque após o batismo, parece que minha vida tornou-se mais pior um pouco.

Creriane Lima: Interessante isso, né, porque tem gente que acredita assim, que o batismo é uma coisa meio mística, né, que depois que você se batiza, que o batismo é uma marca de relacionamento com Deus, mas não necessariamente, pelo que você está dizendo.

Zezinho Djú: Pois é.

Creriane Lima: Então você se batizou na igreja Adventista e depois?

Zezinho Djú: E depois surgiu-se o problema, quando eu batizei aí que eu apaixonei ainda mais pelas coisas do mundo, na verdade. É que eu comecei a descobrir que a juventude tinha muita coisa para dar, então, ficar na igreja não fazendo aquilo e acolá é uma coisa muito difícil pro jovem. Então, eu ia a igreja normalmente, cumprir a formalidade. Eu tinha que ir na quarta e no sábado, porque para mim, parecia uma obrigação. Mas depois daquilo eu fazia tudo tranquilamente, normalmente sem me importar com nada. Sem peso de consciência.

Creriane Lima: Que curioso esta história Zezinho. Pera lá. Você se batizou com quantos anos?

Zezinho Djú: Doze.

Creriane Lima: Doze anos. Depois dos doze anos você começou a viver uma vida sem compromissos com os princípios bíblicos, e manteve seu contato com a igreja, e tudo, como se a vida fosse assim? Risos.

Zezinho Djú: Eu me considerava simpatizante. Eu me batizei, mas eu era um simples simpatizante.

Creriane Lima: Zezinho, que que de fato aconteceu que o Espírito Santo te deu um chaqualhão e você teve um encontro com Deus?

Zezinho Djú: Depois de lá eu mudei para capital, vivi na capital um bom tempo, mas nunca me desliguei de igreja. Sempre ouvi, porque tenho amigos lá, conhecidos, colegas, e eu ia sempre, mas...

Creriane Lima: Só uma curiosidade... Qual é a capital de Guiné Bissau? Bissau mesmo?

Zezinho Djú: Bissau. A capital de Guiné Bissau é Bissau. Então, e no ano de 2002 eu... bom, eu acho que foi obra de Deus, para mim, eu penso isso, e pensarei até na eternidade, se um dia eu for lá, e graças a Deus eu estarei lá. Então um dia eu levantei para ir à escola, e comecei a sentir dores estranhas. Então, fiquei em casa, durante todo o dia. E falei a minha tia e ela me levou a casa do doutor Davi e ele me conduziu imediatamente para o hospital e aí fizeram alguns diagnósticos e falaram que era apendicite, depois, no meio da cirurgia, descobriram um outro tumor aí quisto renal. Então foi muito difícil, então...

Creriane Lima: Que dores eram estas que você sentia?

Zezinho Djú: Simples dores de barriga. Para mim eram simples dores de barriga que poderiam acontecer com qualquer um.

Creriane Lima: E você fez uma cirurgia como se fosse uma apendicite comum?

Zezinho Djú: Normal, comum. Sim.

Creriane Lima: E aí, no final das contas?

Zezinho Djú: No meio daquela cirurgia descobriram um outro problema, aí por dentro. E aí agravou-se um pouco a situação. Então, naquele momento, quando eu cheguei mesmo na cadeira da cirurgia eu orei a Deus, e falei: Deus na verdade eu brinquei ao longo da minha vida e se essa é a última vez que eu terei que viver eu peço perdão por todo erro que cometi, se é que você existe. Mas na verdade eu quero viver, falei a Deus: Eu quero viver. Mas se for o caso, eu quero um dia estar no reino dos céus. Então foi a minha oração.

Creriane Lima: Que oração decisiva essa! Zezinho, você tinha consciência de que a coisa tinha se agravado?

Zezinho Djú: É porque tinha na verdade, tinham me sedado. Mas falavam sempre comigo. Me perguntavam: Como você está? Como está se sentindo? No meio da conversa eu ouvi os doutores a falar: Ah!! Descobrimos um outro problema, só que quem tava para fazer a cirurgia de apendicite não era especialista na área. Então, eles na verdade queriam, assim, terminar a cirurgia naquela hora, mas se terminassem, segundo os doutores, no outro dia, não estaria vivo. Então, no meio daquela história, eu sempre como eu falei, foi intervenção de Deus. Doutor Davi, tinha confiança num médico amigo dele, tava na casa dele, dormindo normal, mas só que a mulher dele não lhe deixava dormir. A cada cinco minutos lhe tocava: Homem, vai para o hospital. Você tem jovem lá a fazer cirurgia. Não... eu confio. Ela batia... vai pro hospital, você tem criança a fazer cirurgia. Então, naquele incomodo ele levantou do nada chegou no hospital e viu aquela situação meio agravante, chamou um médico português que estava lá que era especialista na área, e ele chegou lá. Fizeram todo o procedimento normal e graças a Deus deu tudo certo e no outro dia, depois de três dias, acordei consciente e aí me contaram tudo como aconteceu. Falei: Na verdade foi a mão de Deus, porque se não fosse, eu não estaria vivo agora.

Creriane Lima: Olha! Zezinho, você então acredita que esse tenha sido seu momento de intimidade com Deus, de abrir o coração para Deus?

Zezinho Djú: Esse foi sim, um marco importante... que me faz sentir que Deus existe. Porque tudo que eu precisava na adolescência, naquela fase da juventude ... para mim era simples utopia... naquela hora eu pensei: Na verdade, Deus existe, porque se Deus não existisse eu não estaria vivo. Então, aquilo me levou a consciência de que não devo brincar com as coisas de Deus. E aí decidi que tenho que encarar a vida Cristã de qualquer custo, de qualquer jeito.

Creriane Lima: Tem que levar a sério a realidade da vida cristã...

Zezinho Djú: A sério.

Creriane Lima: Zezinho, naquele momento que você estava ali, meio sedado, meio consciente das coisas que estavam acontecendo com você... Você chegou a pensar, em algum momento, que você poderia, de repente, voltar a viver e continuar com a mesma vida que você tinha antes?

Zezinho Djú: Bom, eu fiz algumas promessas a Deus, no meio daquela oração... e quando eu falava com os médicos o que eu tava pensando... eu sei que era mais fácil eu voltar a vida que eu tinha, mesmo depois da cirurgia saindo de lá são. Era mais fácil porque a sociedade, os amigos me impulsionavam para aquilo. A maioria dos amigos que eu tinha, alguns não eram cristão, mas eu sempre falei a Deus eu quero ser na verdade um cristão. Sei que vou enfrentar dificuldades, mas me ajuda a vencer as coisas que já passei lá, não quero voltar.

Creriane Lima: Quer dizer, esta foi uma oração realmente de coração aberto, sincera?

Zezinho Djú: É, pois...

Creriane Lima: Zezinho, a medida que você se recuperava daquela cirurgia, um desafio se apresentava, porque os amigos estavam ali no mesmo lugar...aquele pensamento de banalizar a vida, né?... como você vinha...é.... trazendo, aquilo tava a sua disposição. Eu imagino que deve ser difícil você estar numa mesma, num mesmo bairro, no mesmo grupo de amigos, e assumir uma vida nova ao lado de Cristo. Como que foi isso para você?

Zezinho Djú: Foi difícil como disseste. Foi tremendamente difícil, mas... eu na verdade tenho um espírito muito tranquilo e calmo; eu sabia que vai ser difícil, porque as vaciladas sempre acontecem. Mas tinha coisas que eu fazia que de ruim era muito ruim. Então falei: Olha eu tenho que fazer no máximo para deixar o máximo também aquilo que eu puder e aí vou lutando e Deus vai me ajudar a cumprir com o resto.

Creirane Lima: Ai, Zezinho, agora você me desculpa, mas eu quero saber que que é esse negócio ruim que você diz que é muito ruim?

Zezinho Djú: Na verdade, eu me envolvi com, um pouco com lavagem de dinheiro, eu envolvi um pouco com tráfico, assim, de drogas, não muito, mas um pouco de cada... Então, são coisas que para mim são ruim. Inclusive eu fui até parar na cadeira por causa disso. Então, eu pensei: Olha, essas coisas aí não vão me ajudar em nada, não vão me abonar em nada. Então...

Creriane Lima: Mas foi fácil para você, você não teve oportunidades depois dessa cirurgia de voltar a tá envolvido com esse tipo de coisa?

Zezinho Djú: Não. Os meus amigos... são os mesmos amigo, mas o discurso de encarar a vida mudou também muito, porque.... Eu falei: Olha, agora eu não tenho como largar o que Deus me deu, porque se perder a vida nestas brincadeiras, de certeza que perderei o reino do céu, então eu vi o que Deus fez na minha vida e teria que encarar a coisa a sério.

Creriane Lima: Teve um momento que você teve que se posicionar, alguém ofereceu para você uma oportunidade que você não concordava e você teve que

se posicionar. Falar: Olha, eu agora quero levar a vida cristã a sério.... Teve um momento?

Zezinho Djú: Isso vários. Isso acontecia vários, porque eu era, assim, um homem de confiança para a maioria, então, no meu quarto todo mundo estava lá de manhã à tarde e a noite. E isso acontecia normalmente, mas a posição sempre que eu tomei foi: Olha vou manter firme nesta posição, não importa o que vai acontecer, mas tenho que me manter fiel.

Creirane Lima: Ah... mas é muito interessante...E foi... Pera lá. E esses amigos, eles te respeitaram, é isso?

Zezinho Djú: Ah, respeitaram, porque eu acho que tem um pouco esse princípio. Quando é sério eu faço e todo mundo respeita. Então, isso me ajudou muito.

Creirane Lima: E sua família? Como que reagiu a isso? Porque sua família tava acostumada te ver você indo à igreja esporadicamente, só por turismo, e de repente sua família vê que você está interessado em levar as coisas a sério.

Zezinho Djú: É porque quando eu fui para a capital, morei com a minha tia. Ela influenciou um pouco, porque ela queria que eu mesmo não seguisse a religião, sabe? A igreja, os princípios da bíblia, porque ela na verdade é um católico muito nato. Praticante, praticava e tudo. Então, a dificuldade que tive sempre com ela é a questão da alimentação. Mas graças a Deus ela sempre soube respeitar mesmo se não tiver, ela fazia tudo que podia para respeitar os meus princípios. Mas ela sabia que eu... voltar para trás não tinha como voltar; então acabou respeitando a decisão que eu tomei.

Creirane Lima: Camarada decidido, hein? Você! Risos. Zezinho, se você pudesse dizer uma coisa só que foi o maior obstáculo pra você, em seguir mesmo, de fato a sua caminhada com Deus, o que você destacaria?

Zezinho Djú: Ah... eu acho os prazeres do mundo oferece né? É... para mim foi um dos maiores empecilhos, um dos maiores obstáculos na minha vida. Querer aproveitar o que o mundo dá para todo mundo; querer ser igual a todo mundo, então, isso para mim foi a dificuldade maior, foi.

Creirane Lima: Interessante. Quantos anos você tinha quando passou por essa cirurgia?

Zezinho, Djú: Eu tinha vinte dois ano.

Creirane Lima: Acho que estou te julgando mal, porque eu estou achando que você tem vinte e dois anos... desculpa. Risos. Faz quanto anos que você passou por essa cirurgia?

Zezinho Djú: Seis.

Creirane Lima: Seis anos. Zezinho, nesses seis anos, o que que mudou na sua vida?

Zezinho Djú: Ah, eu... diria que mudou praticamente tudo, porque como falei, mudou a maneira de encarar a vida, o relacionamento com Deus, as coisas que eu vejo e

do jeito que eu leio coisas hoje é muito diferente daquilo que eu percebia porque me envolvi muito com livros de religião, da igreja, e acabei percebendo que a vida não era aquilo que eu pensava, então, eu encaro a vida hoje de uma maneira muito diferente de antes. Então, eu acho que a visão da vida hoje é muito diferente do passado. Isso mudou muito.

Creriane Lima: Você teve oportunidade de ler algum livro que foi marcante pra você?

Zezinho Djú: Ah, li vários. Li entre muitos livros, vários, mas o que me impressionou tanto, tanto me impressionou, Desejado de Todas as Nações inclusive, Vida de Jesus, então foram livros que me marcaram muito.

Creriane Lima: Foram te fortalecendo?

Zezinho Djú: Me marcaram muito.

Creriane Lima: Quando você olha para aquele Zezinho Djú, lá de 16 anos, 19, 20, e você olha para você hoje, que milagres que Deus operou?

Zezinho Djú: Tudo, e mais um pouco. Eu diria de tudo e mais um pouco. Até hoje eu recebo, por exemplo, mensagens, telefonemas de amigos me convidando ainda para viver a vida, normal. Você está no Brasil, as coisas parecem mais fácil. Mas eu já falei que eu não posso, não posso mais. Eu preciso ser uma nova pessoa. Eu acho que estou me crescendo a cada dia, e tenho que ser mais responsável naquilo que eu faço. E eu pretendo chegar lá, então, não posso voltar mais atrás. Então, eu acho que Deus tem me ajudado e estará me ajudando ainda para conseguir este objetivo.

Creriane Lima: Bom, a vida encaminhou, abriu-se uma porta para você vir estudar no Brasil, e você acabou vindo parar no UNASP, Engenheiro Coelho, interior de São Paulo... Que que significou para você essa vinda para o UNASP?

Zezinho Djú: Ah, significou muito, estudar numa faculdade, sobretudo que respeita o princípio que você partilha o mesmo princípio com ele é tudo, porque eu estudava numa faculdade aqui no interior de São Paulo. Eu tinha que perder todas as aulas às sexta-feira, e não repunham as avaliações, então, era difícil. Mas o UNASP tem influenciado muito na minha vida porque esse ciclo de culto toda semana, então, isso ajuda muito. Querendo ou não, você pode ir só para marcar presença aí, mas alguma coisa fica. E aquilo que fica, cria aquela base, aquele alicerce aprofunda para você sustentar a fé que você pretende seguir.

Creriane Lima: Você já estava estudando numa universidade aqui no Brasil, não cristã... como aconteceu essa sua vinda pro UNASP?

Zezinho Djú: Ah, geralmente eu passei aqui só para visitar o amigo, né, amigo irmão, então, falou, “você nunca teve interesse de estudar no UNASP”? Falei, eu tenho, mas sabe é difícil. Eu não tenho, assim, dinheiro suficiente, ou condição suficiente para pagar, mas pode falar com o diretor. Falei: Acho, então... a Ivani uma menina do nosso país que estava aí, consegui o número para mim, então liguei para o diretor e falei tranquilo, e ele marcou um encontro comigo e perguntou o que que eu precisava e expliquei tudo, de boa, ele falou espera, vamos reunir a comissão amanhã e após a comissão eu te ligo. Após a comissão no período da tarde me

ligaram e eu apareci no gabinete dele... você acabou ganhando a bolsa, então, eu vi que na verdade Deus tem me conduzido desde a minha saída lá de Guiné Bissau até aqui. É a mão de Deus que está me guiando até agora.

Creriane Lima: Com que diretor você falou?

Zezinho Djú: Martine, Paulo José Martine.

Creriane Lima: Unhum. Você conseguiu falar com ele, e ele deu a resposta definitiva que você tinha uma bolsa e hoje você estuda aqui no UNASP, com uma bolsa que te dá condições de se profissionalizar... E com relação a vida espiritual, então, isso foi pra você foi decisivo?

Zezinho Djú: É, foi decisivo. E ajuda muito, e tem me ajudado ainda muito. Mesmo que eu tivesse pensado um dia voltar atrás, as coisas que eu fazia outrora, sabe, você acostuma fazer alguma coisa, chega outro loucamente e lhe pede para voltar atrás, mas no ambiente e no ciclo que eu to vivendo, então, não me permite pensar nessas coisas. Tenho que pensar sempre no objetivo, no foco e as mensagens que tenho recebido, as pregações, são muito fundamental para me ajudar a deixar... a sim... aquelas ideias meio que perversas para trás e continuar seguindo a Deus.

Creriane Lima: O que ajuda um cristão, jovem como é o seu caso, a manter o contato com Deus, a manter... porque uma decisão... eu posso tomar uma decisão hoje e daqui a pouco, amanhã eu mudo de ideia e tal, então, o que que vai... que vem acontecendo na sua vida, o que que você faz para se manter conectado com Deus?

Zezinho Djú: Manter conectado com Deus não é fácil, mas eu acho que também não é difícil, porque todo quem procura encontra, a bíblia mesmo falou isso. Então, é orar a Deus, é ler a bíblia e meditar, ler livros assim suplementares que ajuda a fortificar a ter mais certeza de que na verdade aquele Deus existe. Então, isso é coisa que me ajuda, ele tem me ajudado muito, porque se dispensar a leitura da bíblia e oração eu acho que a fé vai cair e você acabará desistindo de acordo com o caminho que passa a nossa mente, aquilo que ouvimos, aquilo que vimos... então, eu acho a leitura da bíblia e oração, são coisas que tem me ajudado muito a sustentar essa fé naquele Deus que prometeu um dia voltar.

Creriane Lima: Zezinho, quer dizer que você é uma prova de uma pessoa que duvidava, que questionava, que banalizava a vida e hoje acredita que Deus existe?

Zezinho Djú: Sim.

Creriane Lima: E Deus faz milagres?

Zezinho Djú: Risos. Eu acho que muito mais do que milagres, Ele faz. Se podemos assim dizer, numa linguagem normal, muito mais do que milagres, porque o que aconteceu comigo, foi fato extraordinário. Eu diria... Deus é tudo!

Creriane Lima: Que bonito!... Zezinho a gente tem um momento aqui no nosso programa, de umas perguntinhas rápidas, umas perguntas assim... de ping pong... eu vou falar pra você uma palavra e você me diz o que vem a sua mente.

Palavra vida?

Zezinho Djú: Vida é Deus para mim.

Creriane Lima: Sucesso?

Zezinho Djú: Sucesso é confiar naquilo, nalgum que te apoia a conseguir aquele sucesso.

Creriane Lima: Beleza?

Zezinho Djú: A beleza é a forma de encarar a vida, viver para que sejas espelho para outras pessoas.

Creriane Lima: Dinheiro?

Zezinho Djú: Dinheiro é complemento... da felicidade que Deus nos propõe né?

Creriane Lima: Perdão?

Zezinho Djú: Perdão é dar tudo aquilo que você recebeu.

Creriane Lima: Educação?

Zezinho Djú: Conhecimento.

Creriane Lima: Pecado?

Zezinho: Pecado é errar o alvo.

Creriane Lima: Futuro?

Zezinho Djú: Futuro... esperar em Deus.

Creriane Lima: Um privilégio?

Zezinho Djú: Viver a vida eterna no reino do céu.

Creriane Lima: Um medo?

Zezinho Djú: De perder o céu.

Creriane Lima: Uma grande verdade?

Zezinho Djú: A verdade... conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. A bíblia e Deus.

Creriane Lima: Um pedido?

Zezinho Djú: A vida eterna para mim.

Creriane Lima: Uma grande mentira?

Zezinho Djú: Ah... uma grande mentira... viver fora daquilo que você acredita, fora do padrão, dos ideais que você sempre preconizou... viver fora daquilo é uma mentira grande.

Creriane Lima: Morte?

Zezinho Djú: Vida depois.

Creriane Lima: Envelhecer?

Zezinho Djú: Confiar mais em Deus.

Creriane Lima: Fracasso?

Zezinho Djú: Não chegar ao céu.

Creriane Lima: Justiça?

Zezinho Djú: Só cabe a Deus.

Creriane Lima: Um sonho?

Zezinho Djú: Falar com Jesus um dia.

Creriane Lima: Um versículo da bíblia que te acompanha?

Zezinho Djú: Se Deus é por mim, quem será contra mim?

Creriane Lima: Olha... já fez a adaptação pra você. Risos. É isso mesmo Zezinho... que linda essa sua entrevista, esse seu testemunho. Deus te abençoe muito, que Deus te proteja, a sua família também, na Guiné Bissau... E a gente termina nosso programa 180 Graus O Ponto da Virada, feliz por essa história tão linda. E como diz o texto bíblico: Era preciso que regozijássemos, e nos alegrássemos, porque este teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. Que Deus te abençoe e até o próximo programa.

APÊNDICE C - ENTREVISTA 3 – PROGRAMA 69, ANO 3 - MARQUINHOS MARAIAL

Publicada em 16 de fevereiro de 2014

Sinopse da entrevista:

Nascido em Catende, PE, filho de família adventista, ex-aluno da Escola Adventista, ele acabou se tornando o único ex-adventista da família. Durante os 25 anos em que esteve afastado de Jesus colecionou um currículo com produção de mais de 200 CDs e DVDs, 4 CDs autorais, mais de 800 músicas compostas para cantores, duplas e bandas de todo Brasil que o levaram a concorrer, inclusive, a 2 prêmios Grammy. Bom, parece que tudo eram flores, né? Mas a verdade é que Marcos Antonio Ferreira Soares, nosso querido, Marquinhos Maraial, nunca ficou um dia sequer sem ser alvo das orações de sua querida mãe e Deus esperou por ele. É por isso que ele está aqui. Hoje, ele abandonou toda a glória do mundo para adorar unicamente o nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Mas o que é que tem em uma experiência religiosa que pode dar mais prazer do que colecionar carros importados, ter mansões, sítios, apartamentos, fama e o calor das multidões? Como pode alguém passar por uma mudança de 180 graus que o leva a ser feliz longe das riquezas, do luxo, do whisky e do glamour dos holofotes? Até ele quando olha para si, fica impressionado. E não é que ele é feliz?!

Creriane Lima: Marquinhos Maraial que prazer enorme ter você aqui com a gente. Muito obrigado!

Marquinhos Maraial: Eu é que agradeço Creriane, seu convite.

Creiraine Lima: Puxa vida... que honra.... Eu preciso confessar para você que quando a gente entrou em contato, pedindo para você tá aqui, a gente pensou: Vai ser muito difícil... esse rapaz não vai sair lá do Recife, para vir aqui, e olha aí você.

Marquinhos Maraial: Amém?

Creriane Lima: Amém!!!

Marquinhos Maraial: Fiquei muito feliz assim, por receber seu convite, é... se bem que a gente conversou pouco porque minha agenda tava um pouco apertada, mas Deus sempre, Ele mostra, né, as saídas e me abençoou em ter vindo para cá.

Creriane Lima: Que benção!

Marquinhos Maraial: Eu vim pra aqui para receber benção viu?

Creriane Lima: Ah... que isso!!!

Marquinhos Maraial: Verdade!

Creriane Lima: Marquinhos Maraial, fala pra gente, porque caminhos você passou, assim, começou cantando no barzinho e aí depois gravou um CD, como que foi sua carreira?

Marquinhos Maraial: É, começou na realidade, eu comecei tocando em banda de música, né, a banda da Fila Harmônica, em Belém de Maria tinha uma banda, a banda Santa Efigênia, e meu pai era músico dessa banda e passou até a ser regente dessa banda e.... passou a arte para todos os filhos, tanto eu quanto os meus irmãos, nós somos músicos. E daí fui crescendo, tal, nos mudamos para Maraial, uma cidade vizinha lá... a minha adolescência eu comecei a descobrir outros instrumentos...

Creriane Lima: Uhum.

Marquinhos Maraial: E dentre eles o violão. Aí foi quando eu me apaixonei pelo violão. E o violão me mostrou o outro lado, o lado B do... da música secular né? E aí, como todo jovem que tem os seus sonhos, eu também tive os meus sonhos e comecei a gostar e tocar nas festinhas dos amigos. As terminava as aulas a gente pegava o violão e ia tocar pra os amigos, aí então, fui tomando gosto, tomando gosto e pegando até escondido do meu pai, pegando as músicas seculares, né? Pra tocar com os amigos, e gostei e saí de casa e chegou a hora de que eu pedi pra voar, e saí de casa ainda adolescente... foi quando eu comecei nos barzinhos, depois fui convidado pra tocar numa... banda baile. E depois dessa bande baile, fiz um teste profissional de gravação e virei músico de estúdio. E aí foi nesse meio, nesse estúdio que eu comecei a conhecer a.... a... as pessoas que, que hoje são sucesso, né, no Brasil. E nesse convívio eu conheci o pessoal da banda Calipso.

Creriane Lima: Uhum.

Marquinhos Maraial: Quando eles vieram de Belém do Pará para Recife e alinos conhecemos e trilhamos uma amizade que já dura treze anos.

Creriane Lima: Olha.... Você se encantou com esse mundo, né, você é supertalentoso, você herdou isso do seu pai e de seus irmãos também e parece que isso deu muito certo pra você também, as portas foram se abrindo, foi foi tudo dando certo na sua vida.... Agora você, lá dentro assim do seu coração, né, você se empolgava com aquilo cada vez mais e ficava cada vez mais empolgado ou chegava um momento em que você se sentia cansado dessa vida? Como é que era?

Marquinhos Maraial: Não. No início eu queria sempre mais, né? Queria sempre mais e cheguei ao ponto de até é.... assim.... esquecer de uma vida que eu estava construindo ao meu redor, construir família, vieram os filhos mais não percebia tanto do que estava acontecendo ao meu redor, porque eu focava muito eu. Eu buscava muito a minha glória, né, a minha fama, o meu status, a minha posição, realizar os meus sonhos, os sonhos do meu eu. Isso aí eu ceguei, passei muitos anos cego e não enxergar o que estava acontecendo ao meu redor.

Creriane Lima: Uhum.

Marquinhos Maraial: E foi assim que...

Creirane Lima: Qual era o ideal de felicidade para você? O que você entendia como felicidade? O que que era o máximo para você?

Marquinhos Maraial: Ah, o máximo para mim, eu sempre falo... é quando eu subia no palco com a minha guitarra e quando eu começava a tocar e que vinha a galera vinha a loucura, ao êxtase, a mulherada gritar assim, isso aí eu ficava fascinado com isso. Mas durava muito pouco, né, que era só o momento do show, duas horas ali e depois quando acabava o show parecia de que tinha que começar tudo de novo. Né? O sonho...

Creirane Lima: Correr atrás...

Marquinhos Maraial: Correr de novo atrás para manter aquele sonho vivo né?

Creirane Lima: Se a gente fosse descrever um fim de semana na vida do Marquinhos Maraial nesse auge da sua carreira, como que você descreveria.

Marquinhos Maraial: Ah... o final de semana do Marquinhos Maraial era... era corre corre... era sair de um show e já ir para outro; pegar avião, hotel, farra, muita bebida alcoólica e.... muito êxtase, né?

Creirane Lima: Uhum.

Marquinhos Maraial: Muita, assim, fascinação.

Creirane Lima: Um mundo a base de adrenalina?

Marquinhos Maraial: Pura adrenalina.

Creirane Lima: Só que você também como você já citou aqui, que você tinha uma família, né? Você está casado a quantos anos?

Marquinhos Maraial: 20.

Creirane Lima: 20 anos. Então você mesmo estava dizendo que parece que estes dois mundos não se casaram muito bem, né? Num momento você percebeu que sua família tava ficando para trás... Quantos filhos você tem?

Marquinhos Maraial: Tenho 5.

Creirane Lima: 5 filhos. Pois é. risos. Uma família com cinco filhos... pelo modo tradicional que a gente costuma ver a família, mereceria um pai junto, um pai presente, né? Um marido companheiro, como é que acabou acontecendo com o seu casamento? O que acabou acontecendo?

Marquinhos Maraial: Bom, meu casamento, na realidade, eu, eu... eu, eu dava presentes pra substituir a presença, né, e quando eu chegava em casa, as vezes era na segunda feira... mas chegava muito cansado, eu não via praticamente meus filhos, e já chegava para dormir e... quando eu estava dormindo, meus filhos estavam acordados. E quando eles estavam dormindo, eu estava acordado. Então, eu vivia muito a noite, né? A noite para mim era como se fosse o dia, né? Eu não cansava à noite.

Creirane Lima: Olha...

Marquinhos Maraiá: E aí... chegava e pegava o dinheiro, pegava parte do dinheiro de dava pra minha esposa... e digo: Oh, vai pro Shopping, vai vai passear, vai fazer alguma coisa... Porque ela ficava muito presa com as com as crianças e não tinha a minha presença. E quando eu chegava, eu achava que isso ia alegrar ela, quando eu chegava com dinheiro, e entregava pra ela; trazia as coisas, presente, tal e tal...

Creriane Lima: E isso substituía sua ausência?

Marquinhos Maraiá: É. Pra substituir a ausência.

Creriane Lima: No caso por exemplo do seus pais, né, que te deram uma educação cristã, uma educação na igreja, e tudo... é.... você ia visitar seus pais, você voltava a ter contato com aquele mundo ou houve uma separação geral?

Marquinhos Maraiá: Não. Houve uma separação geral, assim, eu ia visitar meu pai uma vez por ano.

Creriane Lima: Uhum.

Marquinhos Maraiá: Ele já estava morando em Fortaleza com minha mãe. Então eu tirava uma vez no ano e ia visitar meu pai. Mas era coisa rápida. Ia lá e dava um abraço, passava um dia, dois, e já voltava porque já tinha que fazer show. O show não pode parar... aquela história de que o show não pode parar. Então isso é.... perdi o elo, um pouco da afetividade, tanto do meus filhos, como da esposa, como meus irmãos, do, do, do meu pai e da minha mãe. Se bem que da minha mãe, ela sempre ligava pra mim, quando a gente falava, ela dizia pra mim: filho eu to orando por você, e tal, e.... mas a minha vida foi assim, uma vida louca vida, né?

Creriane Lima: risos. Em algum momento, Marquinhos, tinha aquele momento assim, de reflexão, onde você olhava para seus pais, para seus irmãos, e falava: Poxa, eu fui educado no caminho, eles sonharam alguma coisa para mim.... Tinha esse momento, assim, de nostalgia ou não?

Marquinhos Maraiá: Tinha.... Tinha, principalmente quando.... eu voltava do show que eu ia pro hotel e deitava, ficava um tempo, assim, antes.... Antes do sono chegar, ficava pensando, assim, na vida. Aí ficava pensando na.... Principalmente na minha família, nos meus filhos, na minha esposa, na minha mãe, no meu pai, meus irmãos, ficava pensando.... mas aí dormia e no outro dia já vinha a vontade de novo de viajar, porque eu queria palco, então esse fascínio pela, pela música, pela música secular, pelos palcos, isso.... era como se fosse um doping, eu ficava dopado, me cegava e não queria enxergar mais nada.

Creriane Lima: Se você pudesse dizer, assim, porque era difícil, era praticamente impossível aquele Marquinhos ter um encontro com Deus, ter uma vida transformada, viver uma vida ao lado de Jesus, por que que você diria que era bem impossível de isso acontecer.

Marquinhos Maraiá: Poxa, eu achava que era impossível, porque eu tinha tudo, assim, eu achava que tinha tudo, porque eu não faltava dinheiro no meu bolso, eu tinha os meus automóveis, né, uma casa muito boa, né, tinha.... as viagens que eu queria fazer, eu fazia, então, o que eu queria comprar eu comprava. Então, eu achava que tinha tudo. Então era uma coisa, assim, pra mim, impossível.

Creriane Lima: Não tinha lugar pra Deus na sua vida?

Marquinhos Maraial: Não. Não tinha. Sinceramente falando, não tinha.

Creriane Lima: Marquinhos Maraial, se seu ideal de felicidade era um, e você tava desfrutando de tudo aquilo que era o seu ideal de felicidade, o que que aconteceu na sua cabeça que te fez ter um encontro com Deus?

Marquinhos Maraial: Rapaz... é, é uma pergunta um pouco difícil de responder, mas o que eu posso lhe falar é o seguinte: Quando... eu tive um... estalo, pode-se dizer assim, um cair na real, quando... a minha esposa, ela assistiu a Novo Tempo...

Creriane Lima: Uhum.

Marquinhos Maraial: ... na nossa casa, e aí... e.... e.... recebi uma mensagem. Ela tava passando por um momento muito difícil na vida dela. Ela tinha perdido um pai e ela recebeu essa mensagem e pra minha surpresa foi a mensagem da igreja.

Creriane Lima: Adventista?

Marquinhos Maraial: Adventista.

Creriane Lima: Justamente de onde você tinha vindo.

Marquinhos Maraial: Pois é, tanto tempo, mais de 25 anos, sem ter contato e ela recebeu essa mensagem. E.... depois que ela recebeu essa mensagem eu percebi que nossa casa começou a tomar um... respirar um ar diferente, né? O estilo de vida começou a mudar na minha casa. O que antes assistia, era assistido em nossa casa, nossa casa começou a.... a assistir programas da TV Novo Tempo. E foi um dia que a minha esposa pediu para conhecer essa igreja.

Creriane Lima: Olha!

Marquinhos Maraial: Pois é, e aí eu falei pra ela: E digo, olha, vai ser difícil eu levar você porque vai ser.... é.... a igreja é sempre no dia de sábado. E dia de sábado era o sábado que eu faço show. Não tem como. Só se for o dia que não houver show. E pra minha surpresa, é.... na semana seguinte um empresário ligou e falou: Oh, Marcos, o show foi cancelado...

Creriane Lima: Olha!!

Marquinhos Maraial: ... né, eu fiquei até chateado.... Poxa, porque cancelaram? Eu tava com aquela... aquele prazer de, de, de fazer show, tal. Aí é....ele falou: não vai ter show. Aí eu falei pra minha esposa: Vou te levar no sábado que vem. Aí peguei meus filhos, peguei minha esposa, nós fomos pra Garanhuns, à 100 km de Maraial. Que Maraial não tinha presença adventista. E depois que eu levei minha esposa pra lá, daí ela gostou e todos os sábados ela ia pra lá com meus filhos, e eu.... e sempre ligava pra mim. Ligava antes de ir pra igreja e ligava depois do culto. Pra dizer como tinha sido o culto e tal, e isso começou a mexer comigo, né, eu comecei a entrar num conflito, comecei a lembrar do meu pai, da minha quando m levava pra igreja, quando criança, né, quando meu pai fazia os cultos em casa, então isso vinha à tona, né, toda a minha infância veio à tona. Parecia que tava vivo ali. Eu tava vendo a minha infância traduzida agora nos meus filhos. Minha esposa fazendo o papel

que meu pai e a minha fazia. E eu não tava fazendo esse papel. Eu comecei a entrar em conflito. E quando eu pensava: Eu digo: Poxa, se esse negócio vai vir pra mim eu não quero, vou largar minha vida, essa vida, né, que ganho minha grana, né, já tenho meu nome aí, tal...

Creriane Lima: Que luta né? Imagino que deve ter tido uma luta muito grande aí dentro?

Marquinhos Maraial: Demais! Uma luta muito grande. E pra minha surpresa, depois de um bom tempo, as minhas filhas receberam o convite pra fazer um Campori, pra ir pra participar de um Campori em Natal...

Creriane Lima: Que é um acampamento?

Marquinhos Maraial: Que é um acampamento, né, e quando voltaram ela disse pai, olha, a gente está decidida, nós vamos nos batizar.

Creriane Lima: Olha!!!

Marquinhos Maraial: Aí as duas, a Marília e a Vitória decidiram o batismo e em seguida a minha esposa fez.... então eu vou marcar o meu batismo pra batizar os três num dia só. Aí o conflito foi maior, e digo: Oh, eu já comecei a pensar em mim, né, já comecei a.... a.... me policiar alí, aquele conflito, e digo: Será se vão dá pressão pra mim, pra mim ir batizar... eu não quero me batizar. Eu não vou deixar a minha.... o meu show... vou deixar um nome que já tinha feito, né, uma história de mais de 25 anos, como artista, e tal... mas enfim, a vida traz várias surpresas, né?

Creriane Lima: A vida trás muitas surpresas... eu quero saber amigo, o seguinte: Pra uma pessoa que vivia a adrenalina que você vivia, viciado em êxtase, porque pelo que você disse é uma coisa viciante...

Marquinhos Maraial: Demais...

Creriane Lima: Eu imagino que o encontro que você teve com Deus foi uma coisa tão extraordinária...

Marquinhos Maraial: Incomum.

Creriane Lima: ... que fez você mudar a cabeça... O que era valor pra você antes passou a não ter valor mais. Como que foi esse momento de encontro com Deus?

Marquinhos Maraial: Este momento foi num show que eu fui fazer na Bahia, e como eu não tinha show que eu não bebesse. Todo show eu tinha que beber. E nesse dia...

Creriane Lima: O que você bebeu? Só um parêntese...

Marquinhos Maraial: Eu bebia Wiski, cerveja, cachaça, bebi tudo. O que botasse eu bebia.

Creriane Lima: E muito?

Marquinhos Maraial: Muito e não era pouco, eu bebia muito. Eu bebia um litro por show.

Creriane Lima: Olha! Um litro de...?

Marquinhos Maraial: Wiski, por show. Então nesse dia eu fiquei com uma angústia, eu num.... não me deu vontade de beber em nenhum momento e foi nesse show que... Deus falou comigo...

Creriane Lima: Olha!!!

Marquinhos Maraial: Eu fiquei muito angustiado assim no camarim e... eu... eu gostava de assim, uns 10 minutos ir lá na frente do palco abrir a cortina, assim e olhar a multidão e eu fui olhar a multidão... fiquei olhando um pouco assim... e via lá as pessoas tudo esperando o show, tava todo mundo ainda lúcido, todo mundo bem vestido, tudo bem arrumado... aí eu voltei pro camarim meio assim perdido... aí eu ouvi uma voz dentro da minha mente, duas vezes. Foi assim: Sai daí. Sai daí.

Creriane Lima: Olha!!!

Marquinhos Maraial: Daí foi quando o locutor anunciou e eu peguei a guitarra e a multidão explodiu em alegria e saindo do chão e pulando e eu tocando venda aquela, aquela euforia toda ali eu fui percebendo que quanto mais eu tocava, mais eu cantava, os jovens, as jovens, elas começavam a beber, começavam a dançar... pra e pra cá, e no final é uma destruição. Eu tinha provocado uma destruição ali nas pessoas que estavam ali. Foi nesse ponto que me veio uma culpa muito grande e foi nessa culpa onde eu disse assim, pra mim mesmo: Eu digo, parei aqui. Este é meu último show, não quero mais negócio com isso. Vou voltar para minha casa, vou cuidar do meu filho, vou cuidar da minha esposa, vou voltar pra Jesus, vou, vou dá uma virada de vez na minha vida. Eu sempre fui assim, decisivo. Quando eu digo alguma coisa, já foi. E.... sofri muito, né?

Creriane Lima: Eu imagino.

Marquinhos Maraial: Eu sofri muito assim, pressão de... do meu sócio, né, ameaças e tal...

Creriane Lima: Era muita coisa que estava em jogo...

Marquinhos Maraial: Muita coisa em jogo, né, é.... e era uma marca. Uma marca em jogo, entende? Uma história de mais de 20 anos em jogo, né, e a gente tava no... chegando no ápice... do glamour... a dupla Edu e Maraial em nossa região...

Creriane Lima: e mesmo assim você teve coragem de bater o pé e falar: Tô mudando de vida?

Marquinhos Maraial: Tô mudando de vida... Foi, bati o pé e disse: Não quero mais, e... foi... uma loucura...

Creriane Lima: Só pelo poder de Deus...

Marquinhos Maraial: Foi uma loucura, que até eu fico pensando, é uma loucura... foi uma loucura... eu não consigo entender como eu tomei uma decisão daquela, naquele momento, porque, é... é natural você tomar uma decisão quando você já tá no final da carreira, e tal, mas eu não consigo entender como eu chutei o balde no... no.... ápice.

Creriane Lima: Com que palavras, Marquinhos, quando você olha pra você hoje, você olha para a vida que você escolheu, pro rumo que você está seguindo agora pra o rumo que sua vida estava seguindo antes, que palavras você usa pra descrever o que Deus fez na sua vida?

Marquinhos Maraial: Salvação. Em todos os aspectos. Salvação da minha vida, salvação dos meus filhos, esposa, salvação do contexto de vida geral das pessoas que me rodeavam, que me rodeiam, né, e eu fui chamado pra esse momento... como eu entendo que... os profetas, eles eram chamados nos maiores momentos de crise... de apostasia, crise espiritual, de, de um povo, como nós, nós somos chamados num momento de crise também. Às vezes, crises nossas, crise espiritual, crise familiar, crise... eu tava ganhando muito dinheiro, mas vivia em crise financeira, né, crise emocional, saúde, nesses aspectos todinho, e hoje entendo porque foi que fui chamado nesse tempo, nesse momento mesmo. No tempo... no momento que eu tava, mesmo chegando no, no ápice, no êxtase, no topo da minha carreira, mas ao meu redor era crise, crise de afeto com meus filhos. Eu não tinha afeto. Os meus filhos não tinham afeto comigo e nem eu com os meus filhos.

Creriane Lima: Quer dizer... esse auge pra você ia culminar numa perdição? Ia desmoronar...

Marquinhos Maraial: Totalmente! Ia desmoronar. E hoje eu vejo é.... é.... o carinho, o cuidado e o amor que Deus teve comigo, com meus filhos, porque do que eu já vivi... Eu já vivi cada momento assim, de morte, momentos terríveis na minha vida, mesmo no, no lado artístico, eu vi várias pessoas morrerem na minha frente, assim, de tiro... de de faca e tal, e Deus me preservou minha vida... Hoje eu enxergo isso, mas no momento eu não enxergava. E o ponto da virada foi quando eu enxerguei tudo aquilo ali, o que eu tava provocando com as pessoas e comigo.

Creriane Lima: Que coisa linda!

Marquinhos Maraial: É.... isso aí...

Creriane Lima: Amigo, é só glória a Deus que a gente tem que dá mesmo!

Marquinhos Maraial: Amém.

Creriane Lima: A gente tem um momento de umas perguntinhas rápidas aqui no nosso programa... Vamo lá pro nosso ping pong, então. Fala pra gente o que vem à sua mente, Marquinhos, hoje, quando você pensa na palavra Deus.

Marquinhos Maraial: ... Deus é uma palavra... tão infinita assim de se explicar... mas Deus hoje é.... é o foco da minha vida.

Creriane Lima: Fama?

Marquinhos Maraial: Fama?... Uma ilusão.

Creriane Lima: Dinheiro?

Marquinhos Maraial: ... Dinheiro... uma benção quando é usado para Deus, pros propósitos de Deus.

Creriane Lima: Um medo?

Marquinhos Maraial: Um medo? Um medo é... é eu perder um pouco a... a... minha sustentabilidade em Deus e minha fé fracassar.

Creriane Lima: Uma grande verdade?

Marquinhos Maraial: A volta de Jesus.

Creriane Lima: Uma grande mentira?

Marquinhos Maraial: Uma grande mentira... O entretenimento do Mundo.

Creriane Lima: Família?

Marquinhos Maraial: A família... Uma dádiva... de Deus.

Creriane Lima: Um mistério?

Marquinhos Maraial: Um mistério... A Nova Jerusalém.

Creriane Lima: Um versículo da bíblia que te acompanha?

Marquinhos Maraial: O versículo da bíblia que me acompanha é... "O viver é Cristo, o morrer é lucro". (Filipenses 1:21)

Creriane Lima: Olha só, que coisa linda! Poxa vida, essas palavras vindo de você, então, vem com uma força que... faz a gente se arrepiar.... Amigo, que honra pra gente... eu fico encantada de ouvir essa história de ver o poder de Deus atuando na sua vida. Você é uma prova realmente, de que Deus é poderoso pra transformar qualquer situação...

Marquinhos Maraial: Amém!

Creriane Lima: A gente agradece muito. Tudo de bom pra você e pra sua família...

Marquinhos Maraial: Eu é que agradeço Creriane.

Creriane Lima: ... e a gente termina o programa 180 Graus O Ponto da Virada, feliz, por esse testemunho tão maravilhoso! E como diz o texto bíblico: "Era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos porque este teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado". Um grande abraço pra você! E até a próxima semana!

APÊNDICE D - ENTREVISTA 4 – PROGRAMA 108, ANO 4 - JOSEPH SKAF

Publicada em 02 de janeiro de 2015

Sinopse da entrevista:

Joseph Antoine Skaf nasceu e cresceu em São Paulo, capital, em uma família bem estruturada, com pais bastante presentes, que valorizaram muito a boa formação e uma educação sólida com base em valores morais. Bem encaminhado na vida, bem introduzido no mundo dos negócios e sem uma tradição religiosa muito forte, ele se via distante da realidade de uma vida dedicada a Deus e cada vez mais perto de uma vida dedicada, essencialmente, ao sucesso pessoal e profissional. Mas, a verdade é que, um dia, esse jovem descobriu-se alvo do amor de Deus e isso foi desconcertante. E ele não resistiu a essa verdade. A partir daí sua vida passou por uma mudança de 180 Graus e ele mesmo afirma: Foi a melhor coisa que lhe aconteceu.

Creriane Lima: Joseph, que prazer pra gente ter você aqui em nosso programa! Uma honra. Muito obrigada, viu? Por ter aceitado...

Joseph Skaf: Obrigado Creriane, é um prazer muito grande tá aqui também, e compartilhar essa história com... nossos amigos telespectadores.

Creriane Lima: Legal! Quando você pensa em sua infância Joseph, que boas lembranças marcaram sua história?

Joseph Skaf: Nossa.... Boas lembranças.... Muitas. Na verdade, é... a gente tinha essa.... esse sítio, né... no interior de São Paulo, e.... eu e meus irmãos, meus pais, a gente ia sempre pra lá. Então, eu tenho boas lembranças correndo no meio do mato, brincando de esconde-esconde. Ajudando a rachar lenha, a madeira, sentando à noite com meu pai para ver a luz das estrelas, enfim, é.... é uma das lembranças mais doces que eu tenho é dessa, né, de de passar em meio à natureza junto com minha família.

Creriane Lima: Que legal! Que privilégios você teve, Joseph, por ter nascido numa família que você nasceu?

Joseph Skaf: Foi, foi... foi um privilégio, minha família... eu nasci numa família de pais dedicados, meu pai e minha mãe sempre zelaram muito pela união da nossa casa, os nossos irmãos e.... sempre tiveram o foco muito grande em nosso estudo, em nossa formação profissional, pessoal. E.... e a minha mãe ainda, eu tive o privilegio de ter uma mãe dedicada 100% do tempo a criação dos filhos, a nos ajudar a nos a nos é.... colocar no nosso coração os valores que eles tinham, os valores morais, e... então nunca faltou nada pra gente. A gente sempre teve acesso a.... a boa educação, a boa saúde... e a boas companhias. Então, foi, foi é.... e continua sendo, né, um privilégio muito grande de poder ter... nascido e crescido naquele lar. Nesse lar, na minha casa.

Creriane Lima: Joseph, quando você chegou na sua adolescência, na sua juventude, que ideal de felicidade que você tinha pra você no futuro?

Joseph Skaf: Olha, na minha adolescência a minha ideia de felicidade era.... é.... estar num trabalho, bem remunerado, bem-sucedido, ter uma vida bem estruturada financeiramente, poder ter uma boa família, é.... tempo pra passar com sua família também, tempo pra passar com os filhos. Isso é uma coisa que meu pai sempre valorizou e colocou isso é.... na nossa frente. Essa questão do valor de de de estar em família, do convívio familiar. Então, a minha ideia de sucesso era essa, né, é... é... vamos dizer... é muito atrelado com o sucesso profissional, mas também com o sucesso dentro de casa, com o sucesso familiar.

Creriane Lima: Você via possibilidades disso se concretizar?

Joseph Skaf: Via. Com certeza! É.... com... Logo que eu entrei no mercado financeiro, enquanto eu ia me desenvolvendo na escola, na universidade, é.... isso foi ficando cada vez mais, mais próximo de mim. Vi que tinha chances reais de de realmente me desenvolver bem profissionalmente e de conseguir ter essa estrutura toda pra... é.... suportar essa vida, né, é.... familiar e confortável materialmente.

Creriane Lima: Você estudou o que?

Joseph Skaf: Eu sou formado em Economia pela Universidade de São Paulo.

Creriane Lima: Quando você, é.... volta no tempo um pouquinho, né, e se vê ali, você era um garoto... é.... com sonhos, com possibilidades de concretizar esses sonhos... naquele momento, você sentia necessidade de Deus para dirigir a sua vida?

Joseph Skaf: Nunca senti, na verdade, eu eu sempre achei que de alguma forma Deus me amava muito, porque estava me concedendo tantas possibilidades, me abrindo tantas portas, né, eu nunca parei para ter um relacionamento com Deus. Nunca enxerguei a Deus como uma pessoa que pudesse ser uma pessoa real na minha vida, um amigo com quem eu pudesse conversar, com quem eu pudesse desabafar, com quem eu pudesse dar risada ou compartilhar os momentos, aprender com... Então, eu, eu nunca achei, que na verdade, é.... a minha própria capacidade intelectual, a minha capacidade de influenciar as pessoas, de fazer amigos, o esforço, o trabalho duro, achei que esses eram as condições necessárias e suficientes pra chegar aonde quer que eu quisesse chegar. Nunca tinha é... Não tinha um papel, um lugar exclusivo para Deus nessa história.

Creriane Lima: Dentro desse momento, se alguém chegasse pra você com uma proposta.... vamos estudar a bíblia e.... você pode fazer parte aqui, dessa religião tradicional, com certo grupo de crenças pra você seguir... Por que você diria que no seu contexto era uma possibilidade impossível de acontecer?

Joseph Skaf: Era uma possibilidade bem difícil de acontecer, talvez impossível. Primeiro, por causa das restrições normais de tempo, né, então, aquela vida agitada toda. Eu poderia dizer: Olha estudar a bíblia pode até ser interessante, mas do ponto de vista intelectual, mas por causa do tempo, eu ia falar: Olha.... desculpa, eu não vou conseguir. Sempre enxerguei a religião como uma coisa um pouco

ultrapassada, uma coisa um pouco retrograda, uma coisa que tinha perdido a razão de ser nos tempos modernos. Né? Achei que “Já sei”, vamos dizer. Já, já sei me comportar bem, já sei tratar bem as pessoas... não tenho muito motivo pra pra me envolver com a religião. Não tinha nenhum atrativo. Nada daquilo poderia acrescentar na minha vida.

Creriane Lima: Se de fato, Joseph, esse era o contexto, o que foi que aconteceu, com a cabeça daquele garoto... que de repente ele teve tempo para se interessar por religião, e acabou seguindo por um outro rumo na vida?

Joseph Skaf: Olha, na verdade a história é até um pouco engraçada, porque é... minha irmã tinha acabado... tenho três irmãos. Eu sou o mais velho. E... a minha irmã, a terceira tava se formando no Ensino Médio e nós fomos na festa de formatura dela. Meu pai já era falecido naquela época, então, ela me convidou para poder dançar a valsa com ela, aquela coisa tradicional das festas de formatura em São Paulo e no que a gente tava dançando, é... eu vi uma outra menina, uma garota dançando próximo com o seu pai e... e... eu achei ela... fiquei assim... ela tava até emocionada com lágrimas nos olhos ela me chamou muita atenção. Chamou atenção pela, pela beleza dela. Pela aparência dela. Ela era uma menina muito bonita, e depois a minha irmã falou: Olha é muito inteligente. E eu me interessei por aquilo. No que eu me interessei eu fui conversar com ela. Adicionei ela é... nas minhas redes sociais, no facebook, e... aí eu olhei... fui olhar o facebook e vi lá que no campo dela de religião tinha uma tal de Igreja Adventista do Sétimo Dia. Risos.

Creriane Lima: Você já tinha ouvido falar...

Joseph Skaf: Nunca tinha ouvido falar...

Creriane Lima: Nunca tinha ouvido falar...

Joseph Skaf: Novidade pra mim. Porque eu aprendi ali naqueles dias de pesquisa, eu fui nos sites da internet, no google, na Wikipédia...

Creriane Lima: Mas o que? Porque a partir daquilo ali despertou sua curiosidade, foi isso?

Joseph Skaf: Despertou. Eu queria saber o que era essa religião, né? Adventista do Sétimo Dia. Eu lembro...

Creriane Lima: e você foi pesquisar?

Joseph Skaf: Eu fui pesquisar. Pesquisar... mas eu confesso que é... não tinha entendido nada. Na verdade eu achei aquilo um negócio, uma coisa meio louca... guardar o sábado? Como assim? Ellen White? Uma tal de profetiza? Como assim? Existe esse tipo de coisa nos dias de hoje?

Creriane Lima: Por que que você foi pesquisar isso?

Joseph Skaf: Fui pesquisar por curiosidade. Eu sempre fui muito curioso. E vi isso lá e eu fui pegando, né, Adventista do Sétimo Dia... que tinha se originado num tal de movimento que esperava a volta de Jesus em, 1844... nossa.... e aí continuou e virou uma igreja. E isso pra mim... eu olhei aquilo e falei: Nossa... uma viagem... Eu não entendi o que que era aquilo tudo. E... meu objetivo, meu interesse era poder

conversar com aquela menina pra poder, né, ficar mais próximo dela, conhece-la melhor. E.... mas ela nunca me deu... na verdade ela nunca me correspondeu nesse período. Eu até mandei uma mensagem pra ela; ela não correspondeu e o tempo foi passando e passando... Um dia é.... eu resolvi ir na igreja e pensei: É.... eu servi o exercito por um tempo, né, fiquei dois anos. Vou usar minhas estratégias militares para alguma coisa vai servir (risos). E eu pensei: Olha, eu vou, eu vi que alguns amigos dela frequentavam a igreja Adventista de Moema, e eu pensei: Eu vou.... é.... eu vou nessa igreja, eu vou gravar ali o rosto desses amigos, porque se eu for amigo deles eu posso quem sabe ter chance de ficar próximo dessa menina.

Creriane Lima: Olha!! (Risos)

Joseph Skaf: E eu fui um dia e peguei o endereço da igreja na internet; era próximo da minha casa mesmo...

Creriane Lima: Joseph, que interessante... (risos).

Joseph Skaf: Fui até lá mas eu não gostei Creriane. Foi durante um programa de jovens na parte da tarde, tava tocando um grupo e eu lembro que eu, que eu é... que eu não... assim.... não simpatizei com a música, com a letra e.... aí nesse dia eu realmente tinha desistido de toda essa ideia...

Creriane Lima: Mas pelo menos essa moça estava lá?

Joseph Skaf: Não tava lá. Não tinha ninguém. Eu entrei do jeito que eu saí. Fui embora pra casa falando: Olha, Já vi que esse negócio de religião não é pra mim, e estou falando isso com conhecimento de causa (risos) pensei. E.... passou-se um mês e eu tinha desistido, e.... né, de procurar, de... de... ir atrás, né, de procurar sair com essa garota... E um dia eu tava voltando de uma corrida no parque, um sábado à tarde, é.... e enquanto eu tava tomando banho no chuveiro à tarde... eu... eu... é.... eu comecei a ouvir, não foi uma voz... eu senti meio que uma impressão... alguma coisa na minha mente falando pra mim... “Vai pra igreja, vai pra igreja...” E aí eu pensei: Tô ficando louco né, porque eu tô pensando nisso? Não tem nada pra fazer na igreja, já é tarde, eu sei que o programa da igreja já teria acabado quando eu chegasse lá e não tinha nada pra fazer, se a menina ia tá lá ou não...né? Mas eu resolvi ir, aquele negócio ia martelando na minha cabeça: “Vai pra igreja, vai pra igreja...”... Aí eu falei: Ah, vou obedecer. Botei minha roupa e fui. E quando eu cheguei lá, qual não foi a minha surpresa, entrei em contato... primeiro a mãe dessa menina e depois encontrei com ela. E aí as minhas esperanças reascenderam, e eles foram muito simpáticos comigo. Já, aí já me abraçaram, me apresentaram pra todo mundo da igreja, naquele dia a gente já saiu com o pessoal da igreja...jantaram no restaurante...

Creriane Lima: É mesmo?

Joseph Skaf: Sim. E aí...

Creriane Lima: E você gostou?

Joseph Skaf: Gostei do pessoal né, achei todo mundo muito diferente. Uma menina que tinha passado um ano na África, outro menino que que não comia carne. Tudo isso era muito novo pra mim.

Creirane Lima: (Risos)

Joseph Skaf: E aí ela começou a me convidar pra frequentar a igreja dela, no Riacho Grande, no São Bernardo do Campo.

Creirane Lima: Adventista também? Só que ela não frequentava aquela igreja?

Joseph Skaf: Não frequentava aquela igreja. Não frequentava. Ela ia de vez em quando, mas ela tava lá.

Creirane Lima: Foi uma coincidência você ter encontrado ela lá naquele dia?

Joseph Skaf: Foi. Bem naquele dia.

Creirane Lima: E você foi depois pra igreja do Riacho Grande...

Joseph Skaf: Eu fui... porque aí né, meu interesse ainda era em conhecer mais a menina. E aí eu fui pra igreja do Riacho Grande e eu pensei: "Bom, eu não vou... é... não vou ser inconveniente ao ponto de ficar, né, conversando com ela durante o culto. Vou prestar atenção até pra eu poder ter um assunto pra puxar com ela depois, né? (Risos).

Creirane Lima: Risos.

Joseph Skaf: E aí quando eu fui prestar atenção no pastor falando eu, eu pensei assim: "Nossa, olha... puxa, o pastor fala um português correto, ele não, não tá gritando, não tá pedindo meu dinheiro, falando que eu vou ser abençoado muito mais.... já era uma visão um pouco preconceituosa da igreja que queria só o meu dinheiro, que queriam fazer uma lavagem cerebral em mim. E eu vi que o que ele falava, de fato, eu podia... é.... eu me lembro até hoje. Foi... foi uma parábola... Ele estava contando sobre a parábola do Bom Samaritano.

Creirane Lima: Você se lembra do assunto?

Joseph Skaf: Eu lembro.

Creirane Lima: Olha!!!

Joseph Skaf: E... na verdade, é... eu pensei: "Puxa, isso eu posso aplicar pra minha vida e posso ser uma pessoa melhor com esses ensinamentos. Eu comecei a prestar a atenção. E.... aos poucos eu fui conhecendo melhor, participando é... dos dos das lições da Escola Sabatina, que que, que é um momento no sábado de manhã, onde o pessoal da igreja se reunia pra estudar a bíblia juntos, e como eu gosto de participar muito eu comecei a estudar também pra poder é.... dar os meus comentários, pra poder compartilhar um pouco dos meus pensamentos com todo mundo.

Creirane Lima: Agora, Joseph, uma coisa é você ter se interessado por uma moça, querer conhecer melhor essa moça e tal... Até ir à igreja, achar que você pode aplicar um ensinamento ali pra ser uma pessoa melhor; outra coisa é você ter um encontro com Deus, você assumir um corpo de doutrinas e de crenças pra dirigir a sua vida e tomar uma decisão. A partir de hoje a minha vida vai ser guiada pelos princípios bíblicos. Que revolução foi essa? Que momento foi esse na sua vida?

Joseph Skaf: É.... foi bem interessante, Creriane, na verdade, porque no começo tava me interessando por todas essas coisas, mas à medida que eu ia fazendo mais amizades na igreja, e com essa moça a gente acabou... eu acabei perdendo o contato com o meu foco nas coisas espirituais e meu foco se voltou ali pra minhas amizades pro meu relacionamento. Chegou um tempo que eu não tava indo mais a igreja pra ouvir os sermões pra aprender mais sobre Deus. Eu estava indo pelos meus amigos. E eu lembro que teve um dia que... por algum motivo... o pregador é.... eu coloquei na minha cabeça: “Eu não vou ouvir o que esse homem vai falar”. Por qualquer motivo, um preconceito meu. E vou ficar fazendo de tudo menos prestar a atenção. Mas eu lembro que do meio pro final do sermão ele... ele levantou a voz e ele... eu lembro que que ele levantou a voz mais ou menos assim: “Eu falo aqui em nome do Espírito Santo de Deus que se você estiver vindo pra esta igreja por qualquer motivo que não seja por convicção que você não venha mais pra igreja até que você venha por convicção.

Creriane Lima: Ele disse isso!?

Joseph Skaf: Ele disse isso. E aí eu levantei assim, né... só escutei isso. Aí levantei, olhei e falei assim: “Até parece que eu vou deixar de vir porque esse cara tá falando ou tá deixando de falar né? Ignorei. Mas não é que durante um mês, todos os finais de semana, todos os sábados acontecia alguma coisa e eu não conseguia ir mais para a igreja. Não conseguia. Aconteceu de tudo, de tudo! Eu... eu ter me interessado em outra menina, de ter acontecido de ter ficado sem carro. Cada final de semana tinha uma coisa que me impedia de voltar pra igreja. E foi bem nesse período que eu resolvi fazer um download de um dos livros dessa autora da igreja Adventista, Ellen White.

Creriane Lima: Que livro é esse?

Joseph Skaf: É um livro.... eu li.... é.... Espírito.... Na verdade é Espírito de Profecia, volume 1. Eu peguei na época o livro em inglês. Hoje ele é mais ou menos o Patriarcas e Profetas.... um livro chamado Patriarcas e Profetas.

Creriane Lima: Em português?

Joseph Skaf: Em português. E eu li esse livro e aí comecei a entender ali qual era o propósito de Deus em ter criado o homem. Porque Deus tinha criado a Terra e o homem pra habitar na Terra.... pra dividir o amor pra que o homem pudesse sentir o que é o amor também, para ele compartilhar toda essa criação com o homem. E aí eu entendi o que aconteceu na queda e mais adiante eu comecei a entender o que Cristo tinha que ver com essa história toda. Como o próprio Deus tinha decidido entregar sua própria vida e absorver a nossa.... a minha própria culpa, a culpa de todo mundo pelos pecados, pelas transgressões, pelos erros que nós cometemos; para que um dia a gente pudesse tá junto de novo no céu. Eles iam pagar esse preço. Eu não tinha a menor ideia que, que.... era esse o motivo real do sacrifício de Cristo.

Creriane Lima: Essa verdade te abalou?

Joseph Skaf: Me abalou. Isso me abalou. E me abalou o fato de estar lendo aquelas histórias todas maravilhosas e essa.... Essa escritora... ela viu tudo isso que ela escreveu. Ela de fato teve visões sobre isso; eu ia na bíblia e era realmente aquilo que estava escrito e eu pensei: “Gente, isso aqui é muito poderoso. Isso aqui é muito sério. Essa é a verdadeira história da humanidade”. Não uma história que eu cria antes. Como cresci aprendendo sobre as doutrinas evolucionistas... sobre os princípios é.... é.... teóricos de que nós fomos evoluindo com milhões e bilhões de anos.... Eu ainda cria nisso, mas eu pensava que... puxa... agora a humanidade é.... a humanidade tal como ela está estruturada hoje, essa é a história da gênese da humanidade. É isso que aconteceu.

Creriane Lima: Há um propósito... há um motivo.

Joseph Skaf: Foi uma coisa assim, muito chocante. E a partir desse ponto eu decidi voltar pra igreja e decidi que eu ia querer aprofundar mais e mais no meu conhecimento. Assim, eu não conseguia parar de ler aquilo. Virava a madrugada.

Creriane Lima: Derrubaram as barreiras ali?

Joseph Skaf: Ali naquele momento derrubaram as minhas barreiras. Eu entendi o caráter amoroso de Deus, eu entendi...

Creriane Lima: Joseph, você tinha seus compromissos, sua família, sua tradição, seu ideal de felicidade... tudo isso deveria ser repensado porque você ia colocar sua vida agora para ser guiado por princípios bíblicos.... Que obstáculos você teve que enfrentar a partir dali?

Joseph Skaf: Na verdade eu não... naquele primeiro momento eu não pensei nessas possibilidades. Até mesmo porque eu.... por causa da tradição da minha família, católica, da criação que eu recebi em casa, muitos dos princípios bíblicos eu já aplicava na minha vida. Não foram muitas novidades, muitas coisas eu tive que realmente mudar, mas não pensei na verdade na hora ali. “Puxa, eu vou ter que mudar”. Não. Mas a medida em que eu ia me aproximando mais de Deus, a medida que ia conhecendo mais a Deus, eu vi que tinha alguns pontos onde eu teria que abrir mão de certas coisas que eu fazia, porque isso era o que, de fato, ser melhor pra minha vida, isso era o que de fato ia... é... não só me dar mais vida, mas isso ia também agradar a um Deus que eu amava de todo o meu coração. Então, eu não pensei: “O que que eu vou ter que largar”? Foi um processo em minha vida em que eu fui amando mais a Deus e deixei de amar as coisas que eu fazia antes...

Creriane Lima: Que coisa linda...

Joseph Skaf: que eram contrárias às instruções de Deus para uma vida plena. Então, foi um processo, não foi tudo de uma vez. Foi pouco a pouco, cada dia que eu ia identificando, ia lutando e ia amando mais a Deus, aquilo ia ficando mais fácil de ir jogando pra trás e poder progredir nessa.... nessa, nessa transformação de vida.

Creriane Lima: Que coisa linda!!! Hoje, Joseph, quando você olha pra trás e vê os caminhos, né, pelos quais Deus foi te guiando... Com que palavras você descreve o que Deus fez por você?

Joseph Skaf: Olha.... Deus.... é..... Teve um plano.... Mas assim.... Uma verdadeira operação estruturada, uma missão de resgate e salvação especialmente personalizada pra mim do começo até o fim. Não... assim... eu vejo que Deus precisou de uma maestria tão grande porque... hoje eu olho pra trás e fico pensando: “Se tivesse sido um amigo meu. Se tivesse qualquer outra circunstância, dificilmente eu, eu teria.... é.... sentido vontade de realmente conhecer mais a Palavra de Deus. Eu vi que, dadas as minhas preferências, apesar da minha vida como ela estava, ele soube usar cada pessoa, cada situação, cada momento, pra se mostrar mim. E pra dizer: “Filho, olha só! Eu sou o seu criador. Vem aqui pra gente ter uma amizade juntos. Vem pra gente ter um relacionamento.

Creriane Lima: Que lindo... Joseph, mas e no final das contas lá? E o relacionamento com a moça deu certo?

Joseph Skaf: Ah.... aí nós não namoramos, mas nós somos excelentes amigos até hoje. E a família dela também. Sempre me acolheram muito bem. E foram responsáveis até por me....

Creriane Lima: Mas valeu muito a pena.... (risos).

Joseph Skaf: Valeu muito a pena, com certeza!

Creriane Lima: Joseph, e a questão da sua família e do seu trabalho... depois que você assumiu essa sua nova fé.... Como é que ficou esse caso?

Joseph Skaf: Olha Creriane eu senti que eu tinha que ter uma... uma base. Uma defesa racional pra assumir minha fé dali pra frente. Primeiro pra eu ter certeza que eu não estava entrando numa furada, que eu estava entrando em algo... da minha cabeça. E segundo, porque se eu falasse logo de cara: “Olha, eu sou crente agora, creio em Cristo Jesus”, eu ia... As pessoas iam dizer: “Ou você ficou maluco ou eles fizeram uma lavagem cerebral em você”. Então... é... em I Pedro 3:15 é.... ele... o autor bíblico fala que nós devemos estar prontos para todo momento para apresentar a razão da nossa fé. E eu comecei a estudar porque eu ainda tinha as crenças do evolucionismo. Então, eu fui começar a estudar o que os cristãos falavam sobre o evolucionismo do ponto de vista científico, se isso tinha... se isso era plausível ou não. Se tinha credibilidade científica ou não. Eu descobri que sim. Que tem. Fui pesquisar na arqueologia pra ver se o background, né, o pano de fundo histórico bíblico. Se tinha credibilidade, então, essa teologia dele podia também, eu podia dar ouvidos pra ela. Fui estudar um pouco sobre um ramo da apologética que mostra quais são as defesas lógicas da fé cristã. E quando eu fui estudando tudo sobre todos esses assuntos vendo que os intelectuais, né, cristãos expunham sobre isso, eu descobri que a fé cristã não é apenas racional, mas muito mais racional do que a fé que eu tinha antes. Num Deus que é meio que onisciente..., mas que não é muito ativo. Ou, ou alguma coisa diferente da fé bíblica. Eu descobri que tinha muita fundamentação racional e lógica.

Creriane Lima: E isso te deu mais certeza ainda do caminho que você tava seguindo!?

Joseph Skaf: Isso me deu perfeita certeza de que; olha, esse é o caminho certo, vale a pena seguir.

Creriane Lima: Aí que você foi se apresentar para sua família e pro seu emprego. Foi isso?

Joseph Skaf: Exatamente. Foi nessa fase. Nesse processo também, minha família sempre me questionava, querendo entender o que tava acontecendo. E.... eu fui buscando essas respostas até pra poder conversar com eles com mais propriedade. E.... mas eles sempre me respeitaram muito. Nunca é.... me impediram e colocar qualquer tipo de barreira em minha decisão de me batizar.

Creriane Lima: Que legal isso, né, Joseph? E daí no emprego?

Joseph Skaf: No emprego... as pessoas perguntavam também e aos poucos.... de pouco em pouco eu ia conversando conforme eu ia tendo mais segurança. Ah.... eu ia... é conversando um pouco mais, mas eu nunca cheguei a dizer.... a explorar tanto isso dentro do meu trabalho quanto dentro da minha casa.

Creriane Lima: Impressionante em Joseph!? Que história impressionante! A gente tem aqui um momentinho em nosso programa das perguntinhas ping pong. Vamos lá?

Joseph Skaf: Vamos lá.

Creriane Lima: Vida?

Joseph Skaf: Jesus.

Creriane Lima: Beleza?

Joseph Skaf: Criação.

Creriane Lima: Sucesso?

Joseph Skaf: Espiritualidade.

Creriane Lima: Deus?

Joseph Skaf: Criador, mantenedor e salvador.

Creriane Lima: Felicidade?

Joseph Skaf: Uma vida plena no Espírito Santo.

Creriane Lima: Dinheiro?

Joseph Skaf: É.... algo útil, necessário, mas não o objetivo da vida.

Creriane Lima: Perdão?

Joseph Skaf: Ah.... Uma.... um presente de Deus.

Creriane Lima: Um sentimento constante?

Joseph Skaf: Paz.

Creriane Lima: Futuro?

Joseph Skaf: Esperança.

Creriane Lima: Um privilégio?

Joseph Skaf: Poder.... Conhecer a história do mundo e as engrenagens dos bastidores do mundo que a gente vive.

Creriane Lima: Um medo?

Joseph Skaf: Confiar mais nos meus sentidos, na minha visão do que na Palavra de Deus.

Creriane Lima: Um pedido?

Joseph Skaf: É.... Conversão da minha família e dos meus amigos.

Creriane Lima: Uma grande verdade?

Joseph Skaf: Deus está se preparando pra se encontrar com a humanidade.

Creriane Lima: Uma grande mentira?

Joseph Skaf: A felicidade está no sucesso, no poder, no sexo, na fama, nas coisas.

Creriane Lima: Liberdade?

Joseph Skaf: Poder ter uma mente limpa e pura.

Creriane Lima: Uma pessoa?

Joseph Skaf: Ah.... Josué.

Creriane Lima: Um versículo da bíblia que te acompanha?

Joseph Skaf: Josué capítulo 1, versículo 9, onde Deus fala pra Josué: “Não to mandei eu? Pois sê forte e corajoso, não temas nem te espantes porque o Senhor teu Deus está contigo por onde quer que andares”.

Creriane Lima: Joseph, que história linda, maravilhosa. A gente fica realmente impressionado de ver as formas como Deus tem pra tocar o coração da gente não é isso?

Joseph Skaf: É verdade.

Creriane Lima: E Deus tocou meu coração através de sua história. que Ele continue te usando, usando sua vida pra abençoar muitas outras pessoas.

Joseph Skaf: Amém.

Creriane Lima: E a gente termina o programa 180 Graus O Ponto da Virada, feliz, por este testemunho tão lindo, e como diz o texto bíblico: “Era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado”. Um grande abraço pra você, obrigado pela companhia e até a próxima semana!

APÊNDICE E - ENTREVISTA 5 - PROGRAMA 139, ANO 05 – HELBERT ROGER

Publicada em 14 de fevereiro de 2016

Sinopse da entrevista:

O mineiro Helbert Roger Almeida desde criança já sabia bem o que queria do futuro: ser jogador de futebol. E sabe o que aconteceu? Exatamente isso! Como se fosse num sonho, as portas foram se abrindo e ele foi se destacando em campeonatos locais, estaduais, nacionais e até internacionais. E abriu mão de tudo isso pra seguir um futuro totalmente diferente porque Deus transformou sua vida em 180 graus. Dá pra acreditar? O que será que aconteceu pra mudar tanto a cabeça daquele garoto? Vamos conhecer agora mais detalhes dessa história com o Helbert.

Creriane Lima: Muito prazer Helbert! Muito obrigado por tá aqui.

Helbert Roger: É uma alegria poder participar do programa e Deus tem realmente feito grandes maravilhas na minha vida e não poderia deixar de estar aqui com vocês.

Creriane Lima: Que legal! Contextualiza pra gente um pouquinho, né, a questão da sua infância, como que foi, que que te marcou...

Helbert Roger: Então, Creriane, eu sempre tive uma... uma infância simples. Eu sou de uma família simples, uma família humilde, morava em Belo Horizonte, e eu sempre gostei muito de futebol, né, sempre. Dizia pra minha mãe assim: “Mãe, eu gostaria de ser jogador de futebol”. E minha mãe me dizia assim: “Helbert, não fale assim filho, porque nem todo mundo nasce com a estrela, ela usava esse termo, né, e eu dizia assim: “Não mãe, se Deus quiser, um dia eu quero jogar num time grande e quero um dia também ir pra seleção brasileira.

Creriane Lima: Gente!!!!!! Você já tinha coragem de falar isso?

Helbert Roger: Sim.... Era um sonho acalentado no coração... eu desde criança eu percebi que tinha uma facilidade para a prática desse esporte. E as pessoas me incentivavam muito, né? Quando me viam jogando futebol na rua, numa quadra de futebol, no campo, eles me diziam: “Olha, você precisa fazer um teste num clube maior, porque você tem facilidade, você tem dom, talento pra jogar futebol.... Então quando você tiver oportunidade, vá ao Cruzeiro, vá ao Atlético Mineiro ou América, que eram clubes de expressão em Minas Gerais em Belo Horizonte, e então eu caminhei nessa direção.

Creriane Lima: E você foi mesmo? Se apresentar num desses clubes?

Helbert Roger: Fui. Meu pai, ele sempre gostou muito de futebol também. E ele um dia disse assim: “Helbert, vamos pra... pro Cruzeiro, vamos pra Escolinha do

Cruzeiro, eu gostaria que você fizesse um teste lá. Orientado pelos amigos, e nós fomos ali, ficamos ali a tarde toda. Naquela época, eu estudava no período da tarde, não é? Mas, houve uma ocasião em que ele conseguiu me levar nesse período pra fazer um teste. E eu fui fazer um teste no salão, no futebol de salão da Escolinha do Cruzeiro. Mas como eu estudava à tarde, e os treinos eram só à tarde, eu tive que parar.... Eu fiz um teste apenas. Ele pediu que eu retornasse, mas aí não consegui, não seguiu em frente.... Até um dia em que voltando de férias, nós estávamos na praia, aí, tinha um recado no depósito de material de construção que meu pai tinha... dizendo que... eles gostariam de fazer um teste com os garotos de 73, que era da categoria de 73... Estavam precisando de garotos dessa categoria e me convidaram novamente pra refazer o teste.

Creriane Lima: Olha.... Você se lembra desse dia?

Helbert Roger: Lembro... lembro como se fosse hoje.

Creriane Lima: Deve ter sido uma festa...

Helbert Roger: Muito, muito grande alegria. Eu me lembro que eu cheguei das férias e aí o recado estava lá. Imediatamente a gente foi repetir o teste, que eles chamam de peneira, né, e aí meu pai me levou novamente, mas agora eu já estava estudando na parte da manhã. Naquele ano eu passaria a estudar na parte da manhã. E aí eu fui fazer o teste no Cruzeiro. Eu lembro que foi no 5º Batalhão da Polícia Militar em Belo Horizonte. O Cruzeiro estava reformando a Sede, lá no Barro Preto. Era a Sede do Cruzeiro naquela ocasião... E como estava em reforma, para fazer um clube, eles nos levaram para o 5º Batalhão onde havia um campo de futebol e ali nós fizemos o teste. A partir daquele momento eu passei no teste, me convidou para voltar outras vezes, e aí não saí mais. Foram dois anos na Escolinha do Cruzeiro, treinando todos os dias praticamente, e aí a gente em 88, eu.... subi para o Infantil.... naquela época era a Escolinha, havia o Infantil, o Juvenil e o Junior. E aí a pessoa, o jogador se profissionalizava. Nessa ocasião eu tinha acabado de subir para o Infantil do Cruzeiro.... quando eu tive uma notícia, assim... muito interessante... eu havia sido convocado para participar da Seleção Brasileira de Infantins.

Creriane Lima: Gente....

Helbert Roger: Eu estava indo para o Cruzeiro treinar e eu me recordo como se fosse hoje. Eu tinha acabado de descer do ônibus, ido em direção à sede do Cruzeiro... O ônibus da Escolinha do Cruzeiro, do infantil do Cruzeiro, ficava aguardando todos os garotos que vinham de várias partes da, da, da região metropolitana de Belo Horizonte e nos levava pra Toca da Raposa, onde hoje é a Concentração da... do Cruzeiro. E eu me recordo que o ônibus estava desligado, mas já era hora do ônibus estar saindo... E eu achei estranho. Falei: "Porque que o ônibus não saiu ainda, né"? Quando eu me aproximei, havia vários garotos do lado de fora do ônibus, e o treinador veio em minha direção... estendeu a mão e disse assim: "Helbert, meus parabéns"! E ele nunca havia me dado os parabéns na frente dos meus colegas... achei estranho, fiquei um pouco constrangido... mas disse assim: "Mas... meus parabéns por que"? Ele disse assim: "Helbert, meus parabéns

porque você acaba de receber uma convocação para participar da Seleção Brasileira de Infantis”.

Creriane Lima: Gente...

Helbert Roger: Aí, não sei se você pode imaginar, né, Creriane, a alegria que veio no meu coração.... Eu que sonhava ser jogador de futebol, jogar num time grande, um dia ir pra Seleção Brasileira.... Eu estava realizando um grande sonho... o sonho da minha vida, né?

Creriane Lima: Gente! Durante todo tempo que você ficou.... no mundo do futebol... deu quantos anos?

Helbert Roger: Dois anos e pouquinho...

Creriane Lima: O tempo todo?

Helbert Roger: Isso. Eu comecei bem mais cedo...

Creriane Lima: Começou cedo...

Helbert Roger: Bem novinho, nos campos de várzea... jogava.... Mas assim, no Cruzeiro mesmo, eu fiquei dois anos e meio.

Creriane Lima: Quais foram os pontos, assim, da... de toda sua carreira, os pontos que mais te marcaram. Que mais te deram alegria, e que te deram, assim, a satisfação plena ali naquela fase que você estava vivendo?

Helbert Roger: É.... eu creio que... o fato de viver muitas coisas que hoje o jogadores profissionais vivem, foi uma coisa, assim, extraordinária pra mim, né? Eu tinha apenas 15 anos. 15 pra 16 anos, né, Creriane? Então, eu estava realizando um sonho que eu imaginava realizar somente na fase adulta. Né? Ir pra seleção brasileira, por exemplo. Então, viajar para outros países, viajar para Europa, como foi caso. Eu me lembro que nós treinávamos durante toda semana, não é? E a gente jogava sempre aos domingos. Quando... nas categorias amadoras... na Escolinha. Quando a gente foi para o Infantil, aí os jogos da Federação Mineira de Futebol.... eles eram realizados aos sábados. Então, o que a gente fazia? Era treinar e jogar. Quando eu fui convocado, eu participei de uma coisa, assim... que mexeu muito comigo, né? Eu fui pra Teresópolis na Concentração da Seleção Brasileira, no Rio de Janeiro. Depois da convocação, meu treinador falou assim: “Agora você precisa tirar as fotografias do passaporte, preparar toda a documentação. Tem que ter a autorização dos pais. E você vai viajar para a Europa”. E nós fomos fazer alguns jogos de preparação. É que a ESSO estava completando 100 anos naquela ocasião. Era o Centenário da ESSO, e para promover a ESSO, os 100 anos da ESSO, eles promoveram esses jogos dos meninos do Brasil ali no Reino Unido. Então, nós jogamos em Londres, jogamos em Aberden na Escócia é.... Amsterdam na Holanda, Cardif em País de Gales e Beleafast na Irlanda do Norte. Então, estes jogos tinham o objetivo de promover a ESSO e a gente realizou um sonho de jogar no Estádio de Wembley. Wembley é..... Hoje tá... ele foi demolido, foi reconstruído. É um grande Estádio. Naquela época era o antigo Wembley. E aquele Estádio era aberto poucas vezes ao ano para jogos oficiais da, do campeonato inglês e também da seleção inglesa.

Creriane Lima: Gente....

Helbert Roger: E eu estava realizando com apenas 15 anos um sonho e agora jogando num Estádio de tanta expressão e tão famoso.

Creriane Lima: Escuta.... Com 15 anos?

Helbert Roger: Com 15 anos.

Creriane Lima: Jogando em Wembley?

Helbert Roger: Em Wembley.

Creriane Lima: Noosaaa! Não dá pra acreditar.... Pensa bem, você, como disse, que vem de uma família simples e tudo, de repente as coisas começam a acontecer tão rápido. As portas se abrindo, você que sonhava um dia, quem sabe, daqui uns 10 anos ir pra uma seleção brasileira.... E você olhava pra você mesmo.... Quando esse técnico, por exemplo, chegou pra você e falou: "Olha, tira as fotos, porque você vai pra Europa, porque você vai viajar pra outros países.... Como que você, né, administrava isso? Qual era a sua sensação?"

Helbert Roger: Então, Creriane.... Eu, eu costumo dizer o seguinte: Que "tudo o que aconteceu na minha vida aconteceu de forma muito inesperada. Né? Não imaginava que isso ia acontecer tão cedo. Hoje eu consigo perceber que tudo isso aconteceu tão cedo na minha vida, porque Deus já tinha um plano pra mim. Hoje eu consigo visualizar isso. Naquela ocasião não. Então, o que aconteceu na minha vida, assim, foi muito repentino, então, é.... a sensação que eu tinha, assim, é que eu estava vivendo o clímax da minha como um ser humano, né? E eu imaginava, assim, que aquele era o início de todo um processo que me levaria ao sucesso, a fama, a glória, que era aquilo que eu buscava.... Não pelo fato só de ganhar dinheiro, de ser rico, mas é.... realmente uma paixão. Essa paixão que eu tinha no meu coração, como criança, eu não tinha como explicar. Aliás, é difícil você explicar quando você tem uma paixão por alguma coisa. Ela acontece, ela existe. E.... era aquela coisa. Eu queria ser jogador e agora estava experimentando um pouco daquilo que era o que um profissional poderia... poderia viver. Eu me lembro que nós fomos para alguns hotéis, os hotéis, assim.... Por onde outros jogadores já tinham passado.... Então nós ficamos em hotéis, por exemplo, na Europa, onde jogadores da seleção da Argentina, da seleção brasileira tinham passado também.... Então, de certa forma, experimentar um pouco daquilo que iria experimentar no futuro, só aumentava e aguçava o meu desejo de me tornar um jogador de futebol.... um jogador profissional.

Creriane Lima: E.... fala mais um pouquinho Helbert, pra gente daquele momento de você em Wembley....

Helbert Roger: Sim, sim....

Creriane Lima: que parece até mentira, né? (Risos). Eu em Wembley! Imagina!! Eu jogando uma partida em Wembley!! Você conseguiu, assim, se controlar emocionalmente?....

Helbert Roger: A emoção é muito grande, Creriane, porque eu era um menino de apenas 15 anos. Então, é.... aqueles momentos, por exemplo, do hino nacional brasileiro sendo tocado no momento do início da partida.... É algo que mexe muito com a gente, né? Fazer essas viagens.... é.... a gente teve jantares especiais... então esse momento era um momento único na minha vida. Não é? Eu com.... eu costumo dizer o seguinte: Que “eu já tive muitos momentos felizes na minha vida”. Esse momento, foi um momento especial. Não dá pra esquecer. Tá marcado na mente da gente.

Creriane Lima: Você teve a oportunidade de jogar com outros garotos que depois tiveram reconhecimento nacional?

Helbert Roger: Sim. Eu hoje estou com 41 anos. Né? Isso foi algum tempo atrás. Mas eu ainda tenho amigos... é.... que continuam jogando e que finalizaram recentemente. Porque o jogador profissional hoje, ele com 35 anos ele já está aposentando.... Né? Então, eu tive oportunidade no Cruzeiro de jogar com dois jogadores que se tornaram profissionais. Um deles é o Arley, que foi goleiro do Goiás durante muitos anos. Foi ídolo do Goiás. E o Arley, ele foi revelado pelas categorias de base do Cruzeiro, e era da categoria de 72 e eu era da categoria de 73.... então, ele jogava no meu time e nós treinávamos contra a categoria de 72. Então, todos os treinos no Cruzeiro, eu jogava com o Arley, que foi ídolo do Goiás, o goleiro do Goiás. E também joguei com o Ramon Meneses. O Ramon, ele foi jogador do Atlético Mineiro, foi jogar do Cruzeiro.... foi revelado no Cruzeiro. Ele jogou também no Vitória da Bahia, jogou também no Botafogo, no Fluminense, alguns times do Rio de Janeiro.... Acho que até também o Vasco se não me engano. Botafogo eu tenho certeza. Então, esses foram jogadores que foram revelados pelo Cruzeiro. Agora, na seleção brasileira, eu tive a oportunidade de ser colega de quarto do goleiro Danrley, que foi goleiro do Grêmio durante muitos anos. Chegou também a ir pra seleção brasileira.... O Danrley, ele se tornou também político e.... seguiu essa carreira política. E também o Marques que foi revelado pelo Corinthians e que depois jogou também no Atlético Mineiro.... Aposentou-se no Atlético Mineiro jogando com o Guilherme, fazendo dupla de ataque com o Guilherme que também jogou, né, no Japão. Então o Marques e o Danrley eu fui contemporâneo deles, ou companheiro deles na seleção brasileira.

Creriane Lima: Que dizer.... É um grupo.... Você participou de um grupo que tinha o mesmo sonho que você, que sonhava as mesmas coisas que você sonhava. E com essa paixão, toda que você tinha, essa coisa que não dá nem para explicar... o que eu quero saber é o seguinte Helbert: Que paixão maior, foi a que você encontrou pra poder desistir desse mundo e desse futuro tão glamuroso que você sonhava pra você?

Helbert Roger: Esse é uma parte importante da minha vida, né, Creriane, porque esse foi o momento, assim, da virada. Eu, assim, sempre, sempre fui um menino muito religioso. Minha mãe, sempre foi muito católica. E por ser muito católica e religiosa, meu pai nunca frequentou muito a igreja católica. Ele se dizia ser católico mas não era um católico praticante. Mas a minha mãe era muito católica. E frequentava as missas. Então, eu fiz a primeira comunhão, eu fiz.... é.... eu participei

dos grupos de oração da Renovação Carismática Católica. Então, eu tenho uma herança religiosa. Minha mãe me ensinou muito sobre Deus. E a importância de obedecer a Deus. Então, eu creio que esse sentimento, esse temor de Deus que eu sempre tive, porque minha mãe me passou isso, foi determinante para que, no determinado momento eu pudesse descobrir e pudesse reavivar no meu coração esse sentimento de servir a Deus. Então, numa certa ocasião, eu estava indo para.... já tinha voltado da seleção brasileira, né? Dessa excursão.... eu continuei treinando no, no Cruzeiro, e.... durante uns dois ou três meses eu jogava no Cruzeiro, treinava e aos sábados eu jogava. Né? Mas eu antes de viajar para a Europa, eu havia iniciado um curso da bíblia.

Creriane Lima: É mesmo?

Helbert Roger: Um curso da bíblia com um senhor chamado Clério de Brito que era um.... membro da igreja Adventista e que.... naquele momento ele estava estudando com um amigo meu chamado Otávio e esse Otávio meu amigo foi uma ponte para que ele pudesse também me dar os estudos bíblicos. Uma certa ocasião, eu estava saindo de casa, com o meu colega Otávio.... Nós éramos da mesma sala, e ele começou a me falar da nossa casa até o colégio.... é.... que ele havia feito um estudo da bíblia na noite anterior e que ele havia aprendido sobre o milênio, os mil anos de paz que a bíblia menciona. E ele me contou todos os detalhes desse tema da bíblia. E eu fiquei encantado porque eu eu pensava assim: “Puxa vida! E estou a 15 anos na igreja que eu frequento. Mas eu nunca ouvi falar sobre os mil anos de paz”. Eu falei assim: “Eu gostaria muito, Otávio, de conhecer mais sobre a bíblia. Eu gosto de estudar a bíblia.... Minha mãe também. Será que esse senhor não poderia dar os estudos bíblicos pra nós também lá em casa”? E ele então resolveu perguntar pra esse membro da igreja, Clério de Brito, e ele passou a nos dar os estudos bíblicos. Então, quando eu comecei a estudar a bíblia, eu descobri muitas verdades que até então eu não conhecia. Né? E dentre essas verdades, eu descobri uma verdade que é a verdade sobre o sábado. Eu era cristão, mas sempre observei o domingo, né? ...como dia de guarda. Mas estava entrando ali agora um novo elemento que eu desconhecia. Que era a verdade sobre um dia especial que a bíblia menciona, que Deus reservou para o nosso descanso e para a adoração dEle. E isso realmente mexeu muito comigo. E praticamente mudou completamente a direção da minha vida.

Creriane Lima: Mas Helbert, não dá pra acreditar.... Porque uma crença como essa.... entre você ter uma curiosidade pra aprender sobre a bíblia, e ter conhecimento é uma coisa. Agora, você aceitar uma verdade que tenha que mudar, que né, vai resultar numa mudança de comportamento, uma mudança de rumo na sua vida.... eu não sei se você esperava por isso quando pediu aquele estudo bíblico, né? (Risos).

Helbert Roger: Verdade. Eu não esperava.

Creriane Lima: Não esperava.... Mas pensa bem. Você tinha um futuro todo pela frente. Você tava acabando de chegar de uma viagem pela Europa, com privilégio. Eu inclusive insisti com você aqui querendo saber quantos anos você tinha ficado ali, porque é quase inacreditável que em tão pouco tempo, você ter conseguido

realizar tudo isso. E agora você está me dizendo que você se depara com um livro antigo, chamado bíblia, e ali você encontra um dia de adoração e isso vai mudar o rumo da sua história? Como é que pode?

Helbert Roger: É verdade. O que aconteceu foi que Jesus transformou completamente a minha vida. Eu costumo dizer que.... Quando as pessoas me perguntam: Helbert, em algum momento você se arrependeu de ter abandonado a sua carreira como jogador de futebol para ser um pastor”? Eu digo assim: “Eu nunca me arrependi”. Porque quando Deus faz uma obra na vida de uma pessoa Ele faz uma obra completa. Ele não faz uma obra pela metade. E Deus.... Ele transforma até os nossos gostos, né? Até os nossos desejos, porque há um texto da bíblia que diz assim: Que “Deus opera em nós tanto o querer como o efetuar segundo a vontade dEle. Então, tanto o desejo de fazer a vontade de Deus, como o poder pra cumprir aquilo que Ele nos pede, é Deus quem faz isso por nós. O nosso papel, a nossa.... O que nós temos que fazer simplesmente aceitar a obra de Deus na nossa vida. O restante é Ele que vai fazer. Então, não há nenhum mérito.... não... é difícil você explicar como uma.... Um adolescente de 15, 16 anos pode ter abandonado uma coisa tão importante, que gostava tanto, que era uma paixão, pra servir a Deus e seguir um carreira religiosa. É um milagre. Não é? E milagre você não explica. Milagre você não tem como.... não é algo a ser compreendido. Não é? O milagre é algo a ser experimentado. Só quem experimenta sabe exatamente isso que eu estou falando.

Creriane Lima: Puxa vida! É impressionante mesmo. A gente fica tentando encontrar.... Né?.... Razão ...encontrar lógica ...para uma coisa que é ilógica, né? Não tem como explicar mesmo.... A sua história.... Você está aqui pra provar isso. Agora, é lógico que entre você ter uma compreensão de uma verdade bíblica e você de fato, assumir uma postura diante da sua família, diante dos seus amigos, diante do técnico.... Você se lembra de algum momento, teve algum momento, assim, de entrega, uma oração, assim, de pedir a Deus. “Senhor agora somos nós dois e o Senhor tem que me dar forças...”. Teve esse momento?

Helbert Roger: Teve esse momento. Até que houve um momento em que eu fui assistir a um batismo da igreja Adventista, e nesse batismo o pastor estava falando sobre.... é.... o Espírito Santo e a maneira como o Espírito Santo atua na vida das pessoas. E quinze pessoas foram batizadas na igreja Adventista Bandeirantes, na região metropolitana de Belo Horizonte. E quando foi feito o último batismo, o décimo quinto candidato se batizou, o pastor fez um apelo. E disse assim: “Há alguém aqui que gostaria de tomar uma decisão também de ser batizado? Eu não tinha sido batizado, na igreja Adventista, e eu pensei, assim: Puxa vida, eu estou sentido o desejo de ser batizado...

Creriane Lima: Você se sentiu tocado ali naquele momento?

Helbert Roger: Naquele momento, o Espírito Santo me impeliu a levantar e eu não me contive. Eu me levantei, minha mãe tinha sido convidada para assistir o batismo, mas não pode estar presente...ela não foi, ficou em casa, mas eu fui. E quando o pastor fez o apelo eu me levantei e me ajoelhei na plataforma da igreja.

Creriane Lima: É mesmo?

Helbert Roger: É. Naquele momento, Creriane, eu senti o Espírito Santo trabalhar mais fortemente no meu coração....

Creriane Lima: Ai, ai, ai....

Helbert Roger: E me veio um pensamento assim: “Talvez hoje também seja a minha última oportunidade”. De entregar a minha vida a Jesus. E eu não sei te explicar como isso aconteceu. Mas eu me levantei, e eu procurei o ancião da igreja, um dos líderes da igreja, e eu disse assim para ele: “Será que eu poderia me batizar hoje também”?

Creriane Lima: Olha...!!!

Helbert Roger: E aí ele disse assim: “Mas você não é membro aqui da igreja, não é filho de alguém aqui da igreja!?” Eu falei: “Não, eu não sou. Eu sou da igreja do Barreiro”, que é uma igreja de Belo Horizonte, “Mas eu sinto necessidade de entregar a minha vida agora”.

Creriane Lima: Gente...

Helbert Roger: Ele falou: “Olha, nós temos que conversar com o pastor da igreja.

Creriane Lima: Risos.

Helbert Roger: Quem estava fazendo o batismo era o evangelista, era um pastor que fazia palestras, um convidado de fora, e o pastor que era responsável pela igreja estava ao fundo da igreja. Aí me conduziu rapidamente até o pastor e disse assim: “Pastor”. Era o pastor Antônio Siqueira. “Esse rapaz aqui, esse jovem quer se batizar agora. O que vamos fazer”? E ele disse assim: “Olha, eu conheço esse rapaz, o pastor disse, eu sei quem ele é, está fazendo os estudos da bíblia, ele vai todas as quartas-feiras à igreja fazer o curso do Apocalipse. Pode batizá-lo que assumo toda a responsabilidade.

Creriane Lima: Gente...

Helbert Roger: Então, Creriane, o único trabalho que eu tive naquela tarde de sábado, foi tirar os meus sapatos, as minhas meias.... não deu tempo de pegar uma beca de batismo...

Creriane Lima: Você entrou de roupa e tudo? (Risos).

Helbert Roger: Risos. Com a roupa que eu estava no corpo, né?

Creriane Lima: Gente....

Helbert Roger: E aí, quando eu entrei no tanque foi uma emoção. Porque um homem que já tinha sido membro da igreja estava voltando pra casa. E ninguém esperava que isso fosse acontecer. E agora um jovem também tomava uma decisão de ser batizado e.... ninguém esperava. Então, foi uma emoção muito grande. Eu tenho certeza que o Espírito Santo trabalhou muito fortemente na nossa vida e na vida daquelas pessoas que estavam assistindo aquele seminário sobre o Espírito Santo.

Creiane Lima: Sem dúvida um momento que selou a sua história, a sua entrega...

Helbert Roger: Eu já tive muitos momentos felizes na minha vida, Creriane. Eu me lembro quando eu me casei, foi um maravilhoso, né, quero até aproveitar e mandar um grande abraço pra minha querida esposa.... Foi um dia muito feliz, muito marcante. Eu nunca vou me esquecer o dia em que eu me casei. E hoje nós somos muito felizes, graças s Deus! O dia que meu filho nasceu também foi um dia muito especial. O nascimento dos meus dois filhos, é algo que eu nunca vou me esquecer. Mas de todos os momentos felizes, e a seleção brasileira também foi um momento como esse, nenhum momento foi mais importante, mais significativo, na minha vida, como no dia em que eu aceitei a Jesus e fui batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Esse foi, realmente, o dia mais feliz da minha vida!

Creriane Lima: Puxa, que história linda Helbert... Nossa.... É impressionante a gente vê, né, essa prova de um milagre vivo, a forma como Deus opera, a forma como Ele foi generoso, bondoso com você. Eu sei que a gente poderia continuar ainda. Você tem muitas outras histórias de caminhada com Deus.... Mas nosso tempo é curto e a gente tem um momentinho aqui de umas perguntas rapidinhas. Fala pra gente o que vem a sua mente quando você pensa no tempo?

Helbert Roger: Tempo? É muito curto. A vida passa muito rápida. Temos que tomar uma decisão.

Creriane Lima: Beleza?

Helbert Roger: Beleza é algo que tem a ver mais com o interior, mas que também é importante.

Creriane Lima: Deus?

Helbert Roger: Deus pra mim é tudo.

Creriane Lima: E ser feliz?

Helbert Roger: Ser feliz é aceitar o propósito de Deus pra nossa vida.

Creriane Lima: Uma dica?

Helbert Roger: Aceite a Jesus o mais rápido que você puder.

Creriane Lima: A grande lição da sua história?

Helbert Roger: A grande lição é que.... Deus opera em nós todas as coisas. É.... a gente quer conduzir muitas vezes a nossa vida, mas Ele sabe o que é melhor.

Creriane Lima: Juventude?

Helbert Roger: Juventude é uma fase especial que nós podemos decidir o nosso.... e definir o nosso destino.

Creriane Lima: Um versículo da bíblia que te acompanha?

Helbert Roger: Isaías 42, verso 6. Eu me lembro quando eu estava passando por um momento muito difícil, orei a Deus e nesse momento Deus falou comigo. E lá

diz assim: “Eu o Senhor, te chamei realmente. Eu te guardei e te farei mediador da aliança com os povos, para que eles conheçam a verdadeira religião”.

Creriane Lima: Puxa vida! Helbert, você hoje é um pastor da Igreja Adventista. A gente poderia ficar aqui ainda muito mais tempo e você contando dessa sua caminhada com Deus como foi. Mas eu admiro muito seu ministério. Admiro muito essa força, essa coragem que você tem e teve, já desde a sua adolescência pra decidir mesmo ao lado de Cristo e o nosso desejo é que Deus continue te usando pra abençoar a tantas outras pessoas... muito obrigada!

Helbert Roger: Eu é que agradeço Creriane!

Creriane Lima: E eu quero dizer pra você que está acompanhando a gente, que o pastor Helbert tem um livro publicado pela Casa Publicadora Brasileira. Você pode entrar ali no site e aí você vai ter os detalhes que ficaram faltando desta história. E assim que a gente termina o programa 180 Graus de hoje, feliz por esta história tão linda! E como diz o texto bíblico: “Era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, por este teu irmão está morto e reviveu, estava perdido e foi achado”. Um grande abraço pra você e até a próxima semana.

APÊNDICE F - ENTREVISTA 6 - PROGRAMA 182, ANO 6 – HUGO SANTANA

Publicada em 27 de janeiro de 2017

Sinopse da entrevista:

Hugo Sant'Ana Baracho Guimarães, irmão do Klauss e da Desiré, desde pequenininho foi instruído no amor de Deus e ouvia falar do sacrifício de Jesus e da sua misericórdia para com a humanidade pecadora. Mas, ainda levaria um bom tempo até ele experimentar por conta própria essas verdades. Na adolescência, mergulhou fundo no mundo do entretenimento e se desviou tão completamente que chegou ao ponto de dizer-se ateu. Mas, Deus havia escolhido esse jovem para um outro propósito e hoje ele está aqui para nos contar da atuação de Deus em sua vida e da virada de 180 graus que ele experimentou.

Creriane Lima: Hugo que prazer te conhecer! Prazer receber você aqui no nosso programa! Obrigada!

Hugo Santana: O prazer é meu!

Creriane Lima: Com relação, assim, a o que marcou a sua infância... Que lembranças boas que você tem nesse período da sua vida?

Hugo Santana: Ah... da minha infância eu tenho muitas lembranças da praia, porque a gente morava no litoral, Espírito Santo é... muitas brincadeiras no condomínio dos meus avós ali. Sempre eu tive muitos primos. Eu tenho 11 ou 12 primos. Então, a gente... todo mundo da mesma idade. A gente brincava de bola... essas coisas, e na igreja também tinha muitas amizades, na igreja, bastante na minha infância.

Creriane Lima: E o que foi que aconteceu nessa sua cabecinha, que de repente na adolescência tudo isso mudou?

Hugo Santana: Olha, eu não sei dizer o que aconteceu na minha cabeça, mas eu sei o processo que fez acontecer. É... quando eu entrei no Ensino Médio, é... hoje é o primeiro ano do Ensino... eu não sei como é denominado hoje, mas deve ser o primeiro ano do Ensino Médio ainda. É... eu passei de uma escola Adventista pra uma escola normal, uma escola particular, não religiosa, nem nada e partir desse momento eu comecei a ter outro tipo de amizade que não mais as pessoas vinculadas à igreja, religião, a uma fé específica. Então, nesse momento da minha infância, eu comecei a ter acesso a outros tipos de atividades, a outros tipos de coisas como festinhas, baladas, músicas. Muito entretenimento e amizades que falavam palavrões e não tavam nem aí para igreja, pra Deus.... Isso acabou

influenciando a minha vida. E eu comecei a me perder um pouco.... de saber onde que eu tava, de que grupo eu fazia parte. Eu queria me encaixar com meus amigos da escola, mas ao mesmo tempo, isso não se encaixava muito bem entre os meus amigos da igreja. E eu acabei preferindo os meus amigos da escola que.... o pecado ele acaba sendo mais divertido, né, um pouco mais é.... prazeroso. Talvez até demais pro ser humano. Então, eu acho que foi isso que me atraiu pras amizades da escola.

Creriane Lima: É interessante que você tinha dito, né, que é uma característica sua quando criança, a questão da timidez. Essa coisa te acompanhou na adolescência também?

Hugo Santana: Sim, sempre, sempre.

Creriane Lima: E se envolver com este tipo de amigos, né? Que tavam totalmente.... que tinham vindo de uma base diferente da sua, por exemplo com questão de palavrões, de festas, isso não te incomodava?

Hugo Santana: Hum... eu achava isso um pouco libertador, assim, da minha timidez, porque à medida que eu ia lidando com eles, eu ia aprendendo um pouco dessas coisas e à medida que eu falava palavrão também, eu... eu me sentia meio que liberto, assim, sabe, é como se eu tirasse minha timidez naquele momento. E eu fui perdendo um pouco de timidez pelo menos com os amigos ali é.... Nunca gostei de falar em público. Sempre evitei o máximo que eu pude. Mas... e no geral, assim, eu perdi um pouco da minha timidez em relação a amizades e essas coisas.

Creriane Lima: E quando foi, em que momento desse processo que seus pais começaram a perceber que você tava mudando?

Hugo Santana: Eu acredito que foi no segundo ano do Ensino Médio. Porque esse meu segundo ano eu já tava muito envolvido com jogos, com festinhas e com músicas não cristãs. Meus pais percebiam isso e eu comecei a faltar muito na escola. É.... de cinco dias de aula eu faltava dois, três e no final do ano eu reprovei...eu reprovei não, na época eu fiquei de prova final nas matérias que eu não consegui passar.

Creriane Lima: Ah, tá.

Hugo Santana: Aconteceu que eu fiz as provas e acabei passando naquele ano. Mas nesse contexto todo meus pais perceberam: "Alguma coisa tá errado com esse menino", né?

Creriane Lima: Mas escuta. Você simplesmente não ia pra escola? Dizia assim: Hoje não vou pra escola"!?

Hugo Santana: Era interessante, porque eu acordava, eu me arrumava.... Minha mãe.... ela saia um pouquinho depois da gente.... é pra ir trabalhar.... Então ela ajudava a gente a se arrumar, comer.... Botava a gente num ônibus e a gente ia pra escola. Só que eu não gostava muito de estudar. Eu tava nessa época já muito viciado em jogos de videogame, e jogos de computador. Principalmente aqueles que são online. Hoje é um pouco mais comum isso, mas na época não era tanto. E.... eu tinha vontade de ficar jogando aquilo o tempo inteiro. E quando eu chegava

no terminar pra pegar o segundo ônibus pra ir pra escola, eu decidia voltar pra casa pra continuar jogando e ficar ali mundo do entretenimento. Isso que eu fazia.

Creriane Lima: Gente.... que atrevimento seu.

Hugo Santana: Pra você vê né?

Creriane Lima: Chegava a fazer tudo isso pra driblar a sua mãe e voltar pra casa e continuar jogando. Mas que força, hein? Desses jogos.... Poxa vida! Agora deixa eu te perguntar: Isso, esse tipo de envolvimento com os jogos, com essas amizades que você já citou. Até que ponto isso começou a atrapalhar seu relacionamento com os seus irmãos, com seus pais em casa?

Hugo Santana: Em relação aos meus irmãos, não muito. É.... minha irmã é mais nova e geralmente ficava mais com as amigas, com as minhas primas que moram ao nosso lado. Com meu irmão também não porque ele participava de tudo que eu participava, ele jogava as mesmas coisas que eu, ele tava no mesmo caminho que eu, digamos assim. Mas com meus pais afetou demais, porque os meus pais eles trabalhavam o dia todo e estudavam à noite. Chegavam só de ma... onze e meia noite, assim, em casa. E neste horário é.... eles chegavam e não sabiam o que tinha acontecido durante o dia, né? É.... a gente pouco se falava e geralmente a gente se falava, conversava melhor, no final de semana, e geralmente no final de semana eu não tinha muito tempo pra eles. Eu não gostava de ficar muito tempo com eles, porque eu já não gostava nessa época tanto mais de ir à igreja. Já não era o que me dava mais prazer. Não tinha significado pra mim, na minha vida. Então, eu.... Eu... passei a não gostar muito da companhia deles no final de semana. E ficava sempre que possível no computador, jogando, vendo filmes com os meus colegas e raramente eu ficava em casa. Então, afetou demais o trabalho, assim, que meus pais tinham, porque eles começaram a ficar muito preocupados, né? Minha mãe teve que largar o trabalho e isso atrapalhou muito o nosso relacionamento com certeza.

Creriane Lima: Eu imagino, porque.... É aquela coisa.... O adolescente só quer ficar no computador o tempo inteiro, só quer ficar nos jogos, nas amizades e tal. E qualquer pai não precisa nem a gente colocar aqui a religião em jogo.... Qualquer pai fica preocupado: "Que que esse menino fica fazendo o tempo inteiro.... Você chegava a ficar quanto tempo na frente do computador?"

Hugo Santana: Olha, eu chegava a ficar.... Quando eu não faltava à aula, eu chegava lá em casa entre meio dia e uma hora, e eu ficava até onze horas, onze e meia, meia noite. Direto, sem parar.

Creriane Lima: Gente.... Direto você ficava nesses jogos?

Hugo Santana: Jogos, Seriados. Tudo naquela época já tinha começado. E eu tava sempre lá.

Creriane Lima: Agora, isso também não começou a te afetar? Você disse que te afetou na escola, né? Mas isso não te afetou na vida toda? Não desorganizou a vida? Porque não sei.... Tenho a impressão, olhando pra sua cara, que você é uma pessoa organizada. E esse tipo de vida que você tá me falando parece que se

desorganiza, né? Se você não tem mais horário pra nada.... Como ficou sua vida nesse tempo?

Hugo Santana: Totalmente bagunçada. Na verdade eu perdia hora pra tudo, eu não cumpria mais as minhas tarefas, eu não cumpria minhas obrigações....

Creriane Lima: Então, mas é da sua natureza?

Hugo Santana: Não é. Não é. Pelo contrário, eu sou bem organizado. Talvez eu herdei isso do meu pai. Meu pai é muito organizado. Mas realmente minha vida ficou muito desorganizada naquela época. Totalmente! E eu não.... Como eu falei. Eu reprovei na faculdade, eu não fazia as tarefas, eu não estudava. Eu perdia a hora pra tudo. E é engraçado, porque eu deixava de fazer coisas que pessoas mais gostam, que é jogar bola, ir à praia porque eu achava mais interessante, mais prazeroso ver filmes, ver séries e jogar.

Creriane Lima: Você vê! Bom, se a gente tá falando que você preferia não ir à praia, não jogar bola por causa de computador, imagina então, a sua questão com a igreja.... Como é que ficou?

Hugo Santana: Ah.... Ficou zero! Zero! Nula. Praticamente não tinha espaço nenhum pra ela na minha vida mais. Meus pais como sempre na infância me levavam pra igreja, eles continuaram tentando. Mas.... a adolescência você acha que você tem alguma independência e eu queria fazer valer essa independência e não ir mais pra igreja. Mas eles tentavam me obrigar. Ah.... isso quase todo sábado a gente brigava pra ir pra igreja.

Creriane Lima: Ah.... Que luta hein?

Hugo Santana: Raramente eles conseguiam fazer eu ir pra igreja. Quando eles conseguiam que eu fosse pra igreja eu ia emburrado. Não falava, não fazia nada, não cantava. Não participava de nada. E ficava quieto na minha, é.... mas realmente eles desistiram um certo momento de até me levar para a igreja.

Creriane Lima: Mas, até de te levar pra igreja...? Eu imagino que isso no coração de um pai e de uma mãe, que educou os filhos ali, como você disse, com todo aquele envolvimento com a igreja.... né? Os sonho de todo pai é que os filhos cresçam e mantenham aquele gosto. E isso, porque eu tô falando só da questão de prática religiosa. Não tô falando nem, assim, do que vai dentro do coração; né? Porque se você não tá apaixonado por Deus, se não tá apaixonado por Jesus, então, ir pra igreja não faz sentido nenhum. Isso significa também que você não orava e não lia a bíblia. É isso?

Hugo Santana: Com certeza! É.... talvez ir na igreja fosse a última coisa que poderia acontecer, porque em casa eu já não lia a bíblia, já não orava. Eu não lembrava de Deus na hora que eu acordava. Eu não lembrava de Deus na hora que eu ia dormir. Eu não lembrava de Deus em nada do que eu fazia. É.... pelo contrário, eu comecei a pensar que talvez tudo não fosse um grande engano da humanidade pra manter as pessoas alienadas é.... na época eu me considerava um ateu, e.... eu não cria em Deus, absolutamente. Eu achava uma perda de tempo ir à igreja. E eu via pessoas que tentavam ir à igreja, seguir os costumes, seguir a bíblia e eu via como

sendo pessoas fanáticas e hipócritas porque elas pregavam uma santidade que elas nunca alcançavam. Eu não enxergava isso no testemunho de ninguém. Então, eu pensava: “Olha que bando de hipócritas” Né? “E eu estou acima de tudo isso, eu tô enxergando todo mundo assim, né, de cima. E eu sei realmente como são as coisas. Pobres coitados.... Todo mundo enganado”.

Creriane Lima: Olha só! Você chegou em algum momento falar isso para a sua mãe?

Hugo Santana: Ah, várias vezes. A gente chegou a brigar várias vezes sobre religião.

Creriane Lima: Olha! Gente, eu fico imaginando que até a saúde duma mãe dessas.... A saúde da sua mãe não se abalou?

Hugo Santana: Com certeza! Ela ficou deprimida. É.... teve problemas pra trabalhar. Teve que, que ficar em casa. É.... ela deixou de trabalhar pra cuidar da gente pra ver se conseguia tirar a gente desse caminho porque não era só eu. Meu irmão também tava nessa...nessa mesma história. E.... ela perdeu muito a saúde dela. Ela teve alguns problemas de saúde que se agravaram e hoje ela está um pouco melhor, mas ela colhe os frutos dessa época até hoje.

Creriane Lima: Eu imagino. Por exemplo, no dia principal que um adventista vai à igreja, que é o sábado.... Se os filhos não querem, não querem, não querem, não querem ir para a igreja. Que alternativa eles davam pra vocês? Eles chegavam a ter alguma opção pra vocês? O que que eles faziam?

Hugo Santana: Sim. Eles tinham opção que, na verdade era uma opção pra eles. Porque pra mim nada fazia sentido mais, né? Mas a opção que eles viam era.... é.... bom, já que é tão difícil leva-los pra igreja, e é tão difícil essa questão toda e a gente briga tanto, vamos fazer o seguinte, vamos fazer o culto em casa e dessa forma a gente fica próximo deles e a gente tenta ainda dar um contato de Deus com eles. Então a gente começou a fazer cultos em casa e minha mãe se esforçou demais pra isso. Meu pai também.

Creriane Lima: E aí você fazia com gosto? Levantava cedo? Que que acontecia?

Hugo Santana: Às vezes a minha mãe tentava fazer eu participar, eu ler alguma coisa. Mas eu nunca queria ler. Eu falava que eu não ia ler a bíblia. E ela cantava corinhos e a gente.... Ela queria que a gente cantasse, mas de fato, a gente não cantava e a gente ficava ali com a cara emburrada olhando um pra cara do outro, assim.... e eu achando dentro de mim que tudo aquilo era muito patético, né? Mas a minha mãe realmente se esforçou bastante....

Creriane Lima: Gente.... Hugo, fala pra mim o que que você está fazendo hoje da sua vida?

Hugo Santana: Olha, hoje é.... hoje eu sou um cristão, eu leio a minha bíblia, eu estudo pra.... pra ser alguém na vida. Alguém que eu não era na época. É.... eu não tive planos de ser o que eu sou agora. Eu faço atualmente teologia. É.... e.... eu estou estudando aqui no UNASP....

Creriane Lima: Risos.

Hugo Santana: ...que é uma Universidade aqui de São Paulo, né, adventista....

Creriane Lima: Pensa, olha, olha essa pergunta.... o que você acabou de me dizer.... a história toda que você tava me contando e traçando até agora, que achava aquilo tudo muito patético, ridicularizava os cristãos, achava ridículo, não via razão nenhuma pra ir à igreja, pra ler a bíblia, e hoje você tá se preparando.... tá pronto pra ser um pastor da igreja.... O que foi que aconteceu na sua história? Qual foi o ponto da virada na sua vida?

Hugo Santana: Bom.... Muita coisa aconteceu na minha adolescência até o ponto da virada. Eu comecei a trabalhar no Banco do Brasil, fui me aprofundando cada vez mais na minha vida de entretenimento, né, e cada vez mais me afastando de Deus, ao ponto de... com vinte e seis anos, é.... já tinha mais de dez anos que eu não pegava, não encostava na bíblia pra ler, não fazia uma oração. Nessa época, é... A minha mãe já voltava, já tinha voltado a frequentar a igreja porque ela sentiu necessidade de frequentar a igreja e eu tava indo em baladas, bebendo e tudo isso é.... que a juventude hoje faz, né, a juventude faz. E totalmente! Dentro mesmo, mergulhado no mundo do entretenimento, entretenimento. E, o que aconteceu foi algo inusitado, eu não esperava, ninguém esperava.... é.... Numa certa noite eu tava dormindo no meu quarto, eu tava pra dormir no meu quarto, tinha feito naquele dia tudo o que eu costumava fazer. Eu acordei e fui trabalhar. Voltei do trabalho. É.... joguei meus jogos, vi meus seriados, vi meus filmes e deu meia noite.... mais ou menos meia noite e eu fui deitar pra dormir. Eu tinha que trabalhar no dia seguinte. É.... no momento que eu deitei aconteceu algo que sempre acontecia comigo. Que era.... Acontece com muitas pessoas. Você deita e você começa a pensar nas coisas que aconteceram naquele dia, né? Ah, hoje eu.... Aconteceu isso no trabalho.... Aconteceu isso.... Alguém falou assim pra mim.... Eu poderia ter falado assim. Poderia ter feito de uma maneira diferente. E como sempre eu percebia que a medida que eu colocava as possibilidades na minha mente, das coisas que estavam acontecendo e que eu poderia ter feito, é, vinham respostas à minha mente. Um exemplo: “Ah, se eu tivesse dito isso pra fulano que falou isso pra mim”? Aí vinha uma resposta na minha mente e falava: “Ah, provavelmente isto teria acontecido. Não seria bom por isso, por aquilo”. E nesse dia em especial eu me dei conta de que ou eu era uma pessoa doida ou alguma coisa diferente tava acontecendo e eu pensei: “Como assim? Eu faço as perguntas pra mim mesmo e.... eu mesmo respondo?”

Creriane Lima: Risos.

Hugo Santana: Ou será que existe alguém superior que tá falando comigo agora, né? Que negócio doido. E na hora que eu fiz essa pergunta pra mim mesmo é.... veio uma resposta pra mim. Uma resposta que eu não poderia ter dado pra mim mesmo. E a resposta foi: “Vai pegar a sua bíblia e você vai descobrir”. E eu fiquei, eu fiquei, assim, encabulado: Eu falei: “Como assim? Pega a bíblia que eu vou descobrir? Será que realmente tem um Deus que fala com a gente na nossa mente? Quer saber? Eu vou pegar a bíblia e vou descobrir. E eu já estava pronto pra dormir com as luzes apagadas e tudo. Nesse momento eu tirei a minha coberta e botei os

pés no chão e levantei. Pra pegar a bíblia realmente tirar essa dúvida da minha cabeça. Mas nesse momento algumas coisas um pouco sobrenaturais começaram a acontecer. Eu senti.... Eu me senti muito ofegante, muito cansado, é como se eu tivesse sendo espremido e pressionado. Eu não conseguia andar direito. Eu me sentia muito pesado. E vozes começaram a falar na minha mente e jogar frases e insultos na minha cabeça. “Olha que patético que você é! O que você está fazendo? Você tá dando ouvidos a voz na sua imaginação? Você tem que trabalhar amanhã. Deixa de ser ridículo. Deita e dorme. Amanhã você vê isso. Não precisa ver isso agora. Que que você tá fazendo? Não faz isso. Olha como você é ridículo. Você é patético. E essas coisas vieram na minha mente e eu fiquei muito confuso. É... Dificilmente eu tava conseguindo andar, mas eu.... Hoje eu sei que foi Deus me deu forças pra andar e eu cheguei até o interruptor e liguei a luz. E na hora que eu liguei a luz, tudo dissipou. As vozes sumiram da minha cabeça. Eu me senti de novo leve. É.... eu pude respirar. Enfim, porque eu tava com muita dificuldade de respirar. E eu falei: “Agora que eu tô aqui. Vamo achar uma bíblia”.

Creriane Lima: Gente!!! Olha!!!

Hugo Santana: E no meu quarto não tinha bíblia, né? Eu não lia a bíblia. Então eu fui atrás na casa pra ver se eu achava uma bíblia. Achei uma bíblia. A bíblia da minha mãe. Peguei a bíblia da minha mãe, sentei na cama e.... no momento em que eu assentei na cama me voltou aquela pergunta, né? “Será que Deus está falando comigo aqui agora? Eu vou descobrir isso agora”. E eu abri a bíblia. E... Foi até curioso. Eu abri de novo aqui no texto. Eu marquei, mas abri com os dedos. Mas eu não sabia que ia cair aqui. Eu abri a bíblia com o olho fechado e apontei o dedo assim pra ela e li. Primeiro verso que tava no meu dedo. E o verso era o verso dez de Jeremias 17 e diz assim: “Eu o Senhor esquadrinho o coração. Eu provo os pensamentos. E isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto de suas ações”. Na hora que eu li aquilo foi como direto, assim, na minha mente e na resposta que eu pedi pra Deus, né, eu pedi pra Ele.... Na verdade, a pergunta veio: “Será que Deus existe? Será que Deus fala com a gente? (Emoção na voz) E na hora que eu vi esse verso e esse início desse verso; ‘eu o Senhor esquadrinho o coração, e eu provo os pensamentos’, naquela hora (emoção), eu senti que eu tinha sido respondido, né, e eu fiquei muito perplexo, muito confuso. Eu falei: “Meu Deus e eu neguei a Deus esse tempo todo, né? E Deus existe. E agora? O que eu faço da minha vida”, né? E nesse momento que eu percebi que Deus existia e Ele tava ali naquela hora, falando comigo, Ele tava na minha cabeça, e eu falei: “E agora, Senhor, o que que eu faço”? E.... e a voz disse pra mim: “Leia o capítulo inteiro de Jeremias 17. Aí eu comecei a ler. E à medida que eu lia o capítulo 17 de Jeremias ali, ele introduz duas árvores. Uma árvore, ela tá plantada no deserto. E uma outra árvore, ela tá plantada perto das águas. A aplicação o próprio Jeremias faz. Lá diz, a árvore no deserto é o homem que confia em si mesmo. É o homem que confia no homem. Vem a provação, e os homens falham e ele perece. A árvore que tá plantada junto as águas é o homem que confia no Senhor. Pode falhar qualquer um. Pode falhar você, seus pais, seus irmãos, qualquer um. Mas, a árvore, o homem que confia no Senhor, esse permanece [Corte na Edição]. Uma vontade, de uma sede ler o livro de Apocalipse. Eu falei, eu nunca li, isso daqui. Vou começar

a ler isso daqui. Vou ver o que diz aqui, né? E comecei a ler o livro do Apocalipse. Eu não consegui parar de ler o livro de Apocalipse. Eu li....

Creriane Lima: Cheio de símbolos?

Hugo Santana: Pois é. Cheio de símbolos. E eu li até o final. Mas algo impressionante aconteceu. É, a medida que eu ia lendo os símbolos, e as coisas que estavam escritas ali.... A princípio não fazia sentido nenhum, mas Deus foi me lembrando de coisas da minha infância que eu tinha aprendido em sermões, em estudos. E todos os símbolos foram fazendo sentido e eu comecei a ver a história da igreja; a história da salvação. O que Jesus fez. As coisas que tariam acontecendo. Os impérios que cairiam, né, a grande guerra no final entre o bem e o mal. Entre a besta e Cristo. E os seguidores de Deus. A marca da besta.... Tudo aquilo fez muito sentido pra mim. E eu entendi coisas que a mais de dez, quinze anos eu não tinha condições de lembrar. E eu tenho certeza que Deus me relembrou todas essas coisas.

E tudo aquilo fez tanto sentido pra mim... eu sabia exatamente o que tinha se cumprido na profecia e o que faltava. E eu vi que a volta de Jesus estava às portas.

Creriane Lima: Gente.... Hugo, mas olha isso que você tá me contando! Que aconteceu numa noite na sua história! E no dia seguinte todo mundo estava esperando que você fosse repetir as mesmas coisas que você vinha repetindo a muito tempo e praguejando e desfazendo das coisas de Deus.... Qual foi aquele momento em que seus pais começaram a perceber: “Escuta, eu acho que tá acontecendo alguma coisa com esse garoto...” Chegou no sábado, você quis ir à igreja? O que aconteceu?

Hugo Santana: Olha, não exatamente dessa forma, mas eu.... Quando eu fui trabalhar no dia seguinte, logo depois de acordar eu era uma nova pessoa. Deus tinha.... na noite anterior é.... ao final do livro de Apocalipse eu falei: “Senhor, eu sei que o Senhor está prestes a voltar e eu só quero ser salvo. Eu abandono tudo pra te seguir. E... No dia seguinte eu tinha sido mudado em outra pessoa. Eu não tinha mais os desejos que tinha. Eu não tinha vontade nenhuma de ligar o computador e de acessar as coisas que eu acessava. De jogar o que eu jogava. Eu era totalmente uma outra pessoa. E enquanto eu estava no trabalho.... Olha que curioso, a única coisa que eu queria era chegar em casa e estudar a bíblia.

Creriane Lima: Gente....Você acreditava no que tava acontecendo?

Hugo Santana: Não. Pra mim era tudo muito diferente. Eu falava: “O que que tá acontecendo? Que sede é essa que eu tenho de estudar a bíblia”, né? E eu cheguei em casa.... eu chegava em casa um pouco cedo, entre quatro e meia e cinco horas. E eu peguei a bíblia e comecei a estudar, estudar, estudar, estudar, estudar até meia noite. E em uma semana eu tinha lido todo o novo testamento. Na outra semana eu tinha lido todo o antigo testamento. E tudo aquilo tava acontecendo... E os meus pais perceberam que alguma coisa tava diferente. Mas eu tinha maltratado tanto os meus pais que eles não sabiam exatamente como chegar e como se aproximar de mim, né?

Creriane Lima: Claro.

Hugo Santana: Então eles mantiveram um pouco de distância.... A minha mãe, ela percebeu que tinha alguma coisa diferente, mas nesse momento eu ainda não voltei a frequentar a igreja nenhuma. Eu queria muito estudar a bíblia e ter certeza de que eu tava no lugar certo. De que eu tava na igreja certa. Eu queria saber qual era a verdade antes de decidir aonde frequentar. E... Nesse momento em diante... uma semana, uma semana e meia depois, a minha mãe enfim, assentou-se comigo e eu contei o que tinha acontecido comigo com ela. E ela ficou muito feliz. Foi interessante porque ela chegou do trabalho umas seis horas da tarde e eu falei: "Mãe, vem cá". Eu tava com a bíblia na mão, né? "Vem cá. Senta aqui". Aí ela sentou e eu comecei a fazer perguntas pra ela e ela começou a me responder e a gente ficou, assim, a minha mãe não teve nem como trocar de roupa, tomar banho, nem nada. Ela ficou sentada comigo desde as seis horas até a meia noite só conversando e me respondendo às minhas perguntas.

Creriane Lima: Puxa vida! Que lindo! Com certeza ela não esquece desse dia, né?

Hugo Santana: Com certeza não.

Creriane Lima: Olha Hugo, é justamente por causa de história como essa que esse programa existe. E que benção que é poder te ouvir. Poder saber que existe esperança pra tantas mães, pra tantas.... tantos adolescentes que se encontram numa situação como essa, que você passou de luta. E.... Vamos lá praquele nosso mometo aqui do ping pong, no programa?

Hugo Santana: Vamos.

Creriane Lima: Mãe?

Hugo Santana: Ah, é força.

Creriane Lima: Um sentimento constante?

Hugo Santana: Gratidão.

Creriane Lima: E o futuro?

Hugo Santana: Nas mãos de Deus.

Creriane Lima: Um perigo?

Hugo Santana: O entretenimento.

Creriane Lima: Um privilégio?

Hugo Santana: Conhecer a verdade.

Creriane Lima: Um pedido?

Hugo Santana: Que Deus me conserve assim.

Creriane Lima: Perdão?

Hugo Sanatana: Ah, é muita graça de Deus. Muita bondade.

Creriane Lima: Um medo?

Hugo Santana: De cair novamente.

Creriane Lima: A grande lição da sua história?

Hugo Santana: Que não importa quão longe você vá. Mesmo que você negue ao próprio Deus, Ele ainda vai atrás de você.

Creriane Lima: E seu abraço especial de hoje vai pra quem?

Hugo Santana: Vai pra minha mãe. Com certeza!

Creriane Lima: E o versículo da bíblia que te acompanha?

Hugo Santana: Ah, com certeza foi o verso que me marcou e eu vou ler novamente, Jeremias 17:10. “Eu, o Senhor, esquadrinho o coração e provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas ações”.

Olha Hugo, eu agradeço muito este momento. Agradeço a Deus por essa oportunidade de ter te conhecido, de ter ouvido essas palavras tão bonitas que vieram da sua vida, né, que é a sua história. Que Deus continue te usando, abençoando seu ministério pra você levar essa luz pra muitas pessoas ainda. Obrigada!

Hugo Santana: Eu é que agradeço!

Creriane Lima: E a gente termina o programa 180 Graus O Ponto da Virada, feliz, por este testemunho tão lindo. E como diz o texto bíblico: “Era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque este teu irmão estava morto, mas reviveu, estava perdido e foi achado”. Um grande abraço pra você e até a próxima semana.

APÊNDICE G - ENTREVISTA - *CRERIANE LIMA*

Concedida em 18 de março de 2018

Pergunta 1

Helbert Almeida: Creriane, bom dia! Sabemos que o programa foi idealizado por você e seu esposo, pastor e professor Valdecir Lima. Houve alguma influência de outro programa? Seu programa se espelhou ou se inspirou em algum programa da TV?

Creriane Lima: Bom pastor, com relação a esta pergunta, né, sobre o formato do programa... é, teve a inspiração em outros programas, eu tenho que dizer pra você que sim, porque quando a gente vai criar qualquer coisa a gente busca referências.

Helbert Almeida: Verdade.

Creriane Lima: E o que acontece? Dentre as várias referências que a gente tinha, no final das contas por questão de orçamento, não necessariamente por questão de estrutura e filosofia de programa, mas por questão de orçamento, a gente acabou se adequando ao formato do programa da Marília Gabriela. Porque, o que acontece? É só você colocar um pano preto ali no fundo, uma mesa e duas cadeiras... tá pronto o cenário.

Helbert Almeida: Perfeito.

Creriane Lima: A gente tinha outras referências com programas estilo uma sala de estar ou num jardim, néh?... Ao ar livre, um ambiente assim que pudesse também... essa coisa de contato com a natureza que ajuda a pessoa a se abrir um pouco mais..., mas no final das contas, a gente achou que o mais prático pra realidade que a gente tinha, era encaixar o formato do programa neste estilo mesmo do Marília Gabriela.

Pergunta 2

Helbert Almeida: Seu programa trata de histórias de vida. Por que histórias de vida? E por que histórias de conversão?

Creriane Lima: Bom pastor, com relação a sua segunda pergunta, aqui na verdade se divide em duas: Em primeiro lugar, eu diria pra você que a gente pensou em histórias de vida porque acontece, eu acho, uma preferência pessoal por isso, porque desde criança eu gostava das histórias das cartas missionárias e todas as vezes que alguém ia dar um testemunho na igreja eu gostava muito. Então, depois que eu amadureci, consegui analisar melhor esse nosso formato de igreja. Eu penso assim, que nossa igreja tem muita exposição, né, tem muita dissertação, mas pouca primeira pessoa na nossa igreja. E eu penso assim, que a primeira pessoa é justamente o que traz vida para o evangelho. Então, eu pensei nisso, em nossa história de conversão... Gente que coisa legal isso! Com relação às histórias de

vida...então... porque eu acho que a história de vida... ela é como uma música... porque ela entra por outro caminho. No cérebro lógico a gente precisa da razão, da argumentação, da lógica da razão e tudo, mas a gente precisa também da música, da arte e a gente precisa também do impacto da primeira pessoa... então aquilo pra mim, quando alguém chega lá na frente e começa a falar comigo o que aconteceu, entra direto na veia. E com relação ao porque das histórias de conversão, eu acho que é porque... justamente isso, é o que o evangelho tem de mais forte. Se a gente olha pra igreja com toda a gente... tem um chamado... ide e pregai o evangelho... Ora, esse pregai o evangelho é o seguinte: Não é o Senhor Jesus Cristo que veio 2.000 anos atrás que você vai acreditar. E daí? Eu quero saber da sua vida... você que está pregando o evangelho pra mim. Cadê a vida transformada? Como você experimentou essa verdade do evangelho na sua vida... eu sempre tive essa curiosidade... “nossa como é que uma pessoa acreditava em uma coisa e agora não acredita mais... É uma questão pessoal... é uma busca pessoal minha e ao mesmo tempo achei que isso estava de acordo com a nossa filosofia de igreja.

Pergunta 3

Helbert Almeida: Como foi que conheceu a Cristo e em que momento se sentiu convertida ao cristianismo? E em que momento você percebeu que estava diante de um momento que mudaria toda sua vida?

Creriane Lima: Então, pastor, eu fico até constrangida com essa pergunta. Porque na verdade, as pessoas me fazem essa pergunta e ficam esperando também ouvir uma resposta... né?... à altura das que eu estou acostumada a ouvir, mas na verdade, eu tenho pra dizer pra você o seguinte: que Deus veio trabalhando na minha vida desde que eu nasci. Então, a revelação que eu tenho de Deus hoje, ela veio vindo aos poucos. Então assim que eu fui alfabetizada, que eu consegui ler a bíblia... pegava os livros da minha mãe e folheava e Deus ia se revelando a mim. Já era o momento de encontro com o espiritual. Mas então, no momento do batismo foi um momento muito significativo para mim. Mas eu diria que o que determinou mesmo a minha entrega para esse caminho e a minha escolha de que seria nesse rumo mesmo, que eu ia seguir a vida foram os três anos que eu passei no EDESSA (Educandário Adventista do Espírito Santo). Porque ali... o que acontece?... Longe dos pais, né?... Pela primeira vez então, você fica ausente da sua referência de certo e errado, né?... Agora eu poderia mesmo estando num internato confessional, eu poderia como tive oportunidades lá, ter escolhido outro caminho. Mas o que acontece? Eu me lembro de semanas de oração. Eu não consigo me lembrar exatamente do pastor, da pregação em si, mas eu me lembro de orações que eram feitas a Deus, culto da madrugada... Então pastor, esses três anos no EDESSA, foram determinantes pela fase da vida que eu estava. Não vou te dizer que depois daquilo Deus não continuou se revelando a mim. Depois que eu saí dali e vim para Engenheiro Coelho fazer faculdade de Letras, me lembro de momentos assim, de só depender, de só depender de Deus, de só ter Deus e eu, e aquilo ali, mostrar pra mim que nosso Deus existe mesmo. Deus cuida mesmo de mim, Deus atende mesmo as orações e depois de casada também... A minha vida apesar de ter esse

foco religioso sempre, em vários momentos da minha vida eu tive a minha fé provada, mas eu diria que talvez o momento mais forte tenha sido na adolescência também. Antes de ir para o internato, ali... dos 12 aos 15 anos que foi uma fase em que eu estudava em uma escola estadual lá em Belo Horizonte e os meus amigos já estavam indo pra festas e eu tinha também oportunidade de acompanhar esses amigos. E então... eu ficava muito dividida porque foi nessa fase que eu experimentei cerveja pela primeira vez, que eu experimentei cigarro... uma fase que eu me sentia acovardada de defender minha fé, por exemplo, mas ao mesmo tempo quando eu estava na igreja, com os amigos da igreja, gostava de estar lá. Tinha oportunidade de participar na igreja, que era uma coisa que eu gostava também. Então foi um momento assim de uma divisão e uma indefinição muito grande. Eu até diria que se eu não tivesse ido pro internato nessa época pelo fato de meu pai não ser adventista e eu ir pro bar também com ele e aquele ambiente muito livre, néh? E muito aberto, eu creio que minha vida teria tomado outro rumo.

Pergunta 4

Helbert Almeida: Quando você realiza entrevistas o que você percebe quando as pessoas relatam suas próprias histórias? O que percebe em suas narrativas? Qual é o tema que mais ressalta na fala dos convidados?

Creriane Lima: Olha pastor, pra responder essa pergunta... é... eu nunca parei pra pensar sobre isso... mas agora assim sendo pega de surpresa eu penso o seguinte: eu imaginava antes de ter essa experiência de praticamente seis anos com o programa... eu imaginava que fosse receber, então, pessoas dizendo o seguinte: minha vida era desgraçada, eu sofria muito e depois que encontrei a Jesus minha vida foi aliviada, mas não é isso. E o que eu acho bonito nessa coisa do ser humano é que o ser humano é tão complexo... não existe essa fórmula de que a minha vida era desgraçada e agora fica uma vida boa porque encontrei Jesus. Muitas experiências acontecem exatamente o oposto disso, o que faz a gente descrever daquela lei da recompensa – ah!!!, era ruim a minha vida antes. Então, já que entreguei a vida pra Jesus, a vida vai ficar boa... então vou entregar a vida pra Jesus. Tenho várias histórias de pessoas que dizem: “Olha, eu não tenho o que dizer da minha vida anterior, eu tinha minha família, eu tinha minha profissão, a vida estava sob controle... Eu encontrei a Jesus e esse encontro com Jesus me fez perder família, me fez perder o emprego, me fez ficar sem rumo na vida, perdi a minha religião antiga que eu tinha, enfim, é uma coisa de dar um nó na cabeça. Mas se eu fosse destacar uma coisa que ressalta pra mim, talvez porque a minha mente... já estou viciada a tirar isso, mas a única coisa que eu tiro pra mim... diria o seguinte: Deus existe, Deus atua e Ele trabalha individualmente. Ele não trabalha por fórmulas... não dá pra categorizar a forma como Deus trabalha na vida das pessoas. A forma como Deus trabalha na vida das pessoas é individual... ele faz um trabalho de transformação de vida, de transformação de visão de mundo, de cosmovisão. Isso é o que eu destacaria; que ressaltaria nas histórias. Se a gente colocar numa peneira, tudo o que fica é o seguinte: Deus existe e ele transforma e ele atua.

Helbert Almeida: E quanto à fala dos entrevistados? O que eles dizem?

Creriane Lima: Bom pastor, se a gente pega com relação só às narrativas do programa, néh?, a gente tem hoje uns duzentos programas já gravados e eu diria pra você que o tema que ressalta superficialmente assim... tentando analisar... eu diria... que é o tema do sofrimento, mas vou te dizer uma coisa: isso não significa que Deus trabalhe através do sofrimento. O sofrimento é uma forma de Deus trabalhar. O que acontece é que por ser um programa de televisão... às vezes até na hora de selecionar as histórias... eu tenho essa tendência de pensar que o que é mais chocante e que envolve mais sofrimento vai chamar mais atenção do público. Mas a gente tenta da mesma forma equilibrar as coisas justamente por saber que Deus não usa essa fórmula... Se a gente pegasse esses 200 programas... a gente poderia, eu acho, não seria uma surpresa se a gente percebesse que o que ressalta dali é a questão do sofrimento.

Helbert Almeida: Uma curiosidade que tenho é: O programa sofreu muitas alterações na produção durante estes quase seis anos?

Creriane Lima: Olha pastor, o programa começou com a vontade de unir a faculdade de jornalismo e publicidade. Na época ainda não tinha a faculdade Rádio e TV no colégio e oportunidade de estágio para os alunos na época. Só eram dois funcionários do colégio que participávamos mesmo. O restante eram alunos. Mas o que acontece?... Com o passar do tempo as faculdades foram crescendo, os departamentos foram se solidificando e apesar de não ter mudado visualmente em si, uma mesa e uma cadeira, por trás dos bastidores, a questão da produção do programa foi a cada programa rendendo mudanças para melhor. Então a gente teve por exemplo que ter uma equipe mais estruturada pra ir buscar os convidados... Buscar os convidados no aeroporto, por exemplo, um lanchinho pros convidados, uma grade de programação. No início eu é que transcrevia todas as histórias e participava da edição dos vídeos. Mas com o passar do tempo isso também foi sendo delegado e o meu papel ficou mais mesmo só o de apresentadora. Mas daqui a 15 dias, no início de abril de 2018 a gente vai fazer a primeira gravação na Novo Tempo porque o programa agora saiu do UNASP e ele passa a ser um programa da TV Novo Tempo. Agora com essa mudança pra Novo Tempo, então, agora eu estou mais distante ainda do programa e eles é que estão cuidando de tudo. Eles é que estão escolhendo os convidados. Isso nunca tinha acontecido antes. Eu sempre participei do processo de seleção das histórias ativamente, mas agora dessa vez eles é que estão escolhendo os convidados e só me mandam as histórias e eu vou só preparar o meu roteiro de perguntas. Então, a ideia mudou, pois é... agora vai ser uma equipe lá mesmo da Novo Tempo. Eles construíram cenário novo lá e um estúdio novo... não cenário... o cenário vai continuar com essa filosofia preta porque no final das contas também a gente acha que é favorável esse cenário. Então vai ter uma equipe nova, produção nova. Eu imagino que a questão de iluminação também a gente deva mudar alguma coisa, como a gente vai ter mais espaço lá no estúdio.... Talvez colocar uma câmera mais de longe, jogo de câmeras... sei lá, coisas assim, néh?... mais estruturais e não exatamente filosóficas com relação ao programa.